3 1761 06974567 7

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/pomboscorreiosno00oliv

ALBERTO D'OLIVEIRA

POMBOS CORREIOS

F. FRANÇA AMADO
EDITOR :: COIMBRA

Ao seu velho amigo

affectuosamente

Alb. d' Oliv.

Berlim (Sächsische Str. 69) – Maio 1913

POMBOS-CORREIOS

DO AUTOR

POESIAS (*BIBLIA DO SONHO* E *PORES-DE-SOL*), ED. A. F. VIEGAS, COIMBRA, 1891 (ESGOTADO).

PALAVRAS LOUCAS, ED. F. FRANÇA AMADO, COIMBRA, 1894 (ESGOTADO).

VERSOS DO SUAVE MILAGRE, MYSTERIO EM QUATRO ACTOS PELO CONDE D'ARNOSO, ED. E. FERIN, LISBOA, 1902.

MIL TROVAS (EM COLLABORAÇÃO COM AGOSTINHO DE CAMPOS), 2.ª EDIÇÃO, MAGALHÃES & MONIZ, PORTO, 1908.

PROSA E VERSO, ED. F. FRANÇA AMADO (NO PRELO).

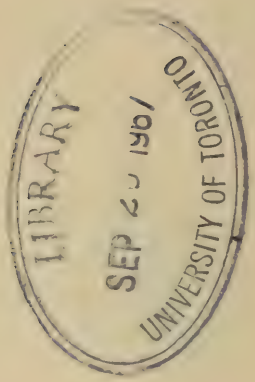
ALBERTO D'OLIVEIRA

POMBOS-CORREIOS

(NOTAS QUOTIDIANAS)

COIMBRA
F. FRANÇA AMADO, EDITOR
—
1913

P
926
.45 P



Composto e impresso na Typographia França Amado
Rua Ferreira Borges, 115 — Coimbra.

O « Jornal do Commercio », do Rio de Janeiro, abriu em 1912, na sua edição da tarde, uma nova secção de notas e impressões quotidianas, sob o titulo « Pombos-Correios » e a assignatura « Castor & Pollux ». Este pseudonymo encobria os nomes de Agostinho de Campos e do autor destas linhas, que alternadamente se encarregaram de aquella secção. As paginas que se seguem representam a minha collaboração no « Jornal do Commercio », de Janeiro a Dezembro do anno passado. Os artigos de Agostinho de Campos serão reunidos em outro volume.

Tenho da arte de escrever e das exigencias e responsabilidades da profissão litteraria uma ideia muito elevada para poder imaginar que nesta

simples obra de amador lhes presto satisfatoria homenagem. As Letras tiveram sempre em mim um devoto. Aos vinte annos cheguei a acreditar que teriam em mim um apostolo. Mas depressa a insufficiencia dos dotes proprios e o novo rumo da minha vida liquidaram mais essa aspiração e illusão.

Pede-se pois toda a indulgencia para este livro. As Letras, como as Religiões, reclamam um culto assiduo e exclusivo. Eu, sem ter deixado de ser um crente, não fui nunca um praticante. De longe a longe, ao passar pelos templos da Arte, entrei e tentei balbuciar a minha fé. São algumas dessas pobres orações, mais sinceras que eloquentes, que aqui se reunem, sem o menor des-

vanecimento pelo seu valor, mas com o carinho que todo o homem consagra á sua obra, ainda quando a sabe mesquinha.

Janeiro de 1913.

POMBOS-CORREIOS

I

Não é sem alguma emoção que os abaixo-assignados soltam as azas timidas a este *pombo-correio,* primeiro de uma serie que se destina a estabelecer uma nova communicação, um novo contacto, entre os escriptores de Portugal e os leitores do Brazil, tradicionalmente ligados pela mais fraternal solidariedade e sympathia.

Possam estes novos mensageiros voar direitos ao coração brazileiro, sem errar o caminho! Possa o seu tino postal ser tão perfeito como o das aves bemfazejas, bussolas vivas, com quem o homem tem em aberto uma conta secular de tão pontuaes e tão leaes serviços! Deus lhes não recuse o dom de acertar e de achar o norte, tanto no endereço que visam como nos conceitos que transportam. E que emfim sejam invariavelmente pombos sem fel,

que é tempêro da maldade mas não da verdade.

Exija o leitor de nós que sejamos assiduos, mas não nos desdenhe por não sermos rapidos. Os pombos-correios são a mala-posta aerea! A velocidade começa de resto, nestes tempos vertiginosos, a não ser uma virtude. E a telegraphia com e sem fio já exhuberantemente informa os leitores do *Jornal do Commercio* das ideias e factos que enchem o mundo. pela ordem e até na desordem em que elles se produzem. Nós vimos atraz, mais lentos e mais cautelosos, para arrumar essas ideias e perscrutar esses factos. De cada um procuraremos extrahir o sumo de moralidade, de philosophia ou de experiencia que porventura contenham. Operaremos como peneira e como filtro. Tentaremos obter alguma luz e alguma regra do cahos quotidiano que é a vida moderna, e procederemos segundo a receita velha, que manda marchar devagar para ir ao longe.

Um dos nossos pombaes é na Allemanha, o outro em Lisboa. Assim, de atalaya ao norte e ao sul da Europa, esperemos que nenhum facto novo rebente neste mundo velho sem que o intercepte a nossa vista. E tambem para a vida brazileira teremos constantemente apurados os olhos e os ouvidos. Estes pom-

bos nos hão de trazer decerto, em carga de retorno, alem do carinho do publico sem o qual depressa perderiamos o folego, o echo vivo e a imagem flagrante das coisas e homens do Brazil, impondo-os cada vez mais á nossa attenção e ao nosso estudo.

Longa é a distancia do caes das Columnas ao caes Pharoux, mas o nosso affecto transpõe-na facilmente a pés juntos, fazendo, nos lençoes de agua que nos separam, a « préga no caminho » de que fala a terna trova popular. As palavras debeis da nossa prosa muita vez hão de colorir-se de orgulho para celebrar os progressos e glorias do Brazil. A partir de certa edade os paes só teem olhos para os filhos, a sua fé e a sua ambição só nelles encarnam. É bastante o nosso caso. A nossa lingua, que não se entende na Europa, enche da sua sonoridade viril o immenso continente brazileiro. O passado de Portugal, o futuro do Brazil, serão mais tarde paginas seguidas de uma só historia. E quando nos forem pedidas as provas da vitalidade e da grandeza da nossa raça, não precisaremos de ir buscal-as ao pó dos archivos, nem de recolhel-as nas pedras velhas de fortalezas ganhas e perdidas. Bastar-nos-á mostrar ao longe, não já mortos pergaminhos e padrões dispersos, não já o mar que de

coisa alguma conserva vestigio, mas terra firme, viva e em plena força qual a desse Portugal transatlantico a que puzemos o ardente nome de Brazil, e cuja existencia e prosperidade são a primeira premissa do syllogismo nacional que, como o de Descartes, nos habilita tambem a dizer: — *Ergo sumus!*

Ao Brazil, pois, a primeira saudação e a continencia amiga das nossas pennas.

II

A Inglaterra acaba de festejar com enternecimento o centenario de Charles Dickens, o grande retratista, o grande poeta da vida familiar ingleza, cujos livros exercem ainda hoje uma tão viva influencia sobre a educação da mocidade naquelle paiz. Se, nestes tempos de feminismo exacerbado e de *nietzscheismo* a todo o vapor, as raparigas, e até as mulheres inglezas, conservam um tão agradavel perfume de verdadeira feminilidade, de virgindade moral, de intacta pureza, Dickens não é talvez estranho a esse resultado. Os

olhos das *misses* ficam ainda mais azues depois de o lerem. As suas obras derramam, nas almas moças, gotas cristallisadas de poesia que são excellentes antidotos contra os varios vitriolos sociaes de que a litteratura de hoje é responsavel. Uma cura de Dickens estaria talvez indicada contra a aberração actual das suffragistas.

As letras portuguezas teem o seu Dickens authentico, que é, como todos sabem, Julio Diniz. Não é um caso de imitação litteraria, mas antes de coincidencia moral e mental bem curiosas. Seria impossivel a um simples imitador escrever obras primas, e alguns dos livros de Julio Diniz merecem este nome. Ahi estão vivos, viçosos, despertando a mesma emoção de sempre no seu publico de mulheres e de gente moça.

Quando em Portugal se jurava pela fé naturalista, não faltou quem visse em Julio Diniz artificio e falsidade. Mas a verdade de então por sua vez parece mentira aos olhos de hoje. O que deve apenas dizer-se é que a visão das coisas se transforma conforme a edade dos olhos que as contemplam. Aos vinte annos vê-se e sente-se a vida tal como a retratou Julio Diniz. Illusão é o pseudonymo da mocidade, como desillusão o é da velhice. As proezas do coração, como as da imaginação,

só parecem inverosimeis áquelles em quem já seccaram essas duas fontes de vida.

Não deixa de ser um bom retrato aquelle a que usa chamar-se um retrato favorecido, porque reproduz e resuscita, entre os mil momentos da mesma figura, o mais equilibrado e agradavel, comtanto que permaneça caracteristico. Por sua vez Julio Diniz descreve a primavera luminosa e fertil da vida e não é tão attrahido pelo seu inverno sombrio e secco. Quem o não comprehenderá e quem não irá com elle de boa vontade aquecer-se ao mesmo sol?

Em geral só leem romances as pessoas que ainda teem imaginação, isto é, os moços e as mulheres. O homem medio, passados os trinta annos, já ganhou sufficiente horror aos desenganos da vida para que ache algum prazer em os tornar a encontrar nos livros. Dizer isto não é desanimar nem condemnar os escriptores amargos. Mas deixem-nos rehabilitar a obra e pôr em relevo a salubre influencia dos escriptores meigos, para cujos livros é tão bom emigrar, como agora, neste dezembro berlinez de chuvas e nevoeiros, para os climas tepidos do Sul! Tão reaes e verdadeiros como as brumas e as neves da Allemanha são o ceu azul e o sol incansavel que neste mesmo instante cobrem e illuminam

a bahia de Cascaes ou os caes de Nice. Está o Natal á porta e eu já me proponho fazer serão ao lado da morgadinha dos Canaviaes e sentar João Semana á minha meza. No seu convivio rejuvenescerei e me consolarei de tantas outras más companhias...

III

A neve e a areia.

Deus fez talvez o mundo para o homem, mas a neve e a areia com certeza as fez para as creanças. Quem alguma vez, numa praia, viu toda uma humanidade pequenina erguendo fortes castellos ou furando profundas minas, terá decerto pensado, como eu penso, que a areia — é um brinquedo nato. E egual impressão nos fica quando vemos, nas cidades do Norte, as creanças das escolas assaltando as primeiras neves, deslisando por ellas como formigas por assucar, com ellas construindo estatuas ou bolas de arremesso, e cahindo sem se magoar, porque neve e areia as fez Deus paternal e carinhosamente brandas e molles para os corpos tenros a cuja alegria as destinava.

Com neve e com areia, doceis e malleaveis, realisam as creanças todos os projectos das suas imaginações impacientes. Rapidamente constroem e destroem, porque areia e neve obedecem á sua voz como á de pequeninos e tyrannicos deuses creadores. Ambas lhes trazem saude e vida, uma no ar tonico do mar seu visinho e namorado, a outra no frio são e vivificante que a creou e no manto de immaculada alvura com que afoga lamas e poeiras. Uma é de oiro e a outra de prata, como sol e luar, e se eu fosse pintor ou poeta sem esforço as representaria como as duas boas fadas postas por Deus ao serviço das creanças para lhes ensinarem, por um abecedario vivo, as primeiras letras da Vida, e lhes pôrem nas mãos armas sem ponta para o ensaio geral dos seus combates de algum dia...

IV

Este anno, ao que parece, teremos um Natal sem neve, o que será forte decepção para as creanças do Norte, que teem agora a sua maior festa. Os abetos do Natal erguem-se em todas as casas, e os allemães

exilados mandam-nos vir expressamente das florestas patrias para os terem junto de si nestes dias de festa do Lar. Nas nossas terras do Sul sempre me pareceu que a arvore do Natal deveria ser, não o pinheiro ou o abeto frio, de agulhas hirtas onde a neve encalha, mas a laranjeira de folhas de esmalte e fructos de oiro, a laranjeira, filha do sol e de que cada fructo é um sol em miniatura, a laranjeira á sombra da qual cantariamos hymnos de agradecimento a Deus pelos thesoiros de luz e riqueza de que prodigamente nos dotou.

Que encanto ha, não é verdade? neste culto de uma arvore symbolica e ritual que os povos do Norte souberam manter atravez de todas as voltas do tempo! A estas horas as florestas da Allemanha despovoaram-se das suas arvores mais novas e como que se mudaram para as ruas das cidades. As multidões ainda as mais rebeldes, eil-as subitamente reconciliadas e pacificas como rebanho de ovelhas ao redor da Arvore que a cada qual traz uma prenda, uma promessa ou uma palavra amiga. Os olhos da gente que cruzo na rua lavaram-se do seu egoismo habitual e reflectem uma luz mais doce. Todos os corações acordaram e vão por um instante florir. E as creanças governam cada Lar, é por

ellas e para ellas que teve ferias a aspera lucta de viver e que soou o minuto senão a hora da tregua universal.

E amanhã, no pobre tugurio como no rico palacio, á roda de um grande pinheiro illuminado e empoeirado de neve ou de humilde arvore pequenina, de um simples galho, todo um povo commungará simultaneamente no mesmo pensamento e sentimento, de olhos voltados para o alto, emancipado das miserias da alma que são ainda as maiores. E paes e filhos dar-se-ão as mãos, desde o Kaiser no seu castello ao mais modesto dos seus subditos, para cantar em côro, em volta da meza de familia e da arvore de festa, a ladainha da *Stille Nacht,* cujas puras melodias parecem balsamos capazes de cicatrisar as mais fundas chagas da vida!

V

Por mais que este pombo vadie e se distraia pelo caminho, estou certissimo que ainda chegará ao Rio antes de se terem acalmado os nervos da Europa, ha tantos mezes em

vibração hysterica por causa das relações anglo-allemãs. Esta inquietação chronica já me parece doença de velhice. Estivemos ou não mais uma vez á beira da guerra? Eis a pergunta bastante sebastianista que governos e governados continuam dirigindo-se a si proprios, e á qual os historiadores futuros não serão mais capazes de responder que os contemporaneos.

Antigamente, para haver uma guerra, parecia indispensavel que ao menos uma das partes em litigio quizesse provocal-a. Ora, se ha coisa certa e provada actualmente, é que nem a Inglaterra, nem a Allemanha, nem a França pensam nisso. Todos estes paizes desejam ardentemente a paz e precisam della tanto como a desejam. Basta ver o preço porque a pagam, armando-se até aos dentes só para assegurarem a propria defeza. Se a qualquer delles a guerra hoje conviesse, por lhe parecer mais barata ou mais lucrativa do que a paz reinante, nem motivos nem pretextos lhes faltavam para pôr a Europa, de um dia para o outro, a ferro e fogo.

Que se receia pois? Evidentemente teme-se uma guerra involuntaria, accidental, por combustão espontanea ou por *court-circuit*. Parecia pois que os governos, sabendo, como lhes

compete, o que querem, e adaptando os meios aos fins, se deviam prevenir contra taes accidentes, abstendo-se cuidadosamente de brincar com o fogo.

Mas não fazem outra coisa. Brincou-se com o fogo quando a Allemanha surgiu de repente em Tanger para dizer á França, qual nova columna de Hercules, de muita cor local naquelles sitios: *Nec plus ultra!* E assim se encetou mythologicamente um drama que veiu a ter por fecho a acta de Algeciras, de tão pouco tangiveis noves-fóra para os paizes que a subscreveram.

Voltou-se agora a brincar com o fogo quando a nau *Panther,* qual outro gigante Adamastor, deliberou inesperadamente guardar de um inimigo, que por acaso as não ameaçava, as costas, já quentes de nascença, da innocente Agadir. A França, na sua qualidade de mais fraca, achou pouquissima graça á brincadeira. Mas a Inglaterra, sem perder o sangue frio que tão vigorosamente lhe aquece as veias, resolveu entrar tambem no jogo e por sua vez encarregou o membro mais carrancudo do seu governo, que vem a ser o sr. Lloyd George, de se mostrar publicamente ao dragão naquella attitude intemerata, de braços cruzados, que classicamente adoptam os domadores deante das feras.

Tudo isto para se chegar porfim, á boa paz, a trocar Marrocos por uma costeleta do Congo, operação de toda a justiça, mas a que se poderia ter procedido com egual exito á meza cordeal de um jantar ou de um *bridge*, e tendo-se talvez substituido com vantagem o episodio de Agadir por duas palavras serias, ditas pela Allemanha ao ouvido da França e sem incommodo para os outros assistentes.

É nossa ideia que, se nas chancellarias europeias houvesse neste momento mais alguns homens de Estado de grande formato, teriamos talvez agora mais paz e menos barulho, ou então a guerra com todo o barulho que lhe é proprio, mas não esta incerteza morbida e enervante que, nas pessoas como nos paizes, é de mais arrastada cura, e exprime quasi sempre decrepitude, impotencia, mediocridade.

Á falta de grande diplomacia e de grande politica poder-se-ia tambem tentar est'outra velha receita: um minimo de politica e nenhuma diplomacia. Já que o jogo vae assim jogado, não vemos senão lucro em recomeçal-o com as cartas na meza. Até agora ninguem pede *bis* — pedir-se-iam Bismarcks, se os houvesse!

Experimente-se pois, em vez de diplomacia, a sinceridade. E a occasião para isso é excel-

lente, pois que á frente da Allemanha e dos negocios externos da Inglaterra se encontram dois estadistas tão sympathicos, e dando a impressão de tão veridicos, como são o chanceller do Imperio germanico e sir Edward Grey. O sr. von Bethmann-Hollweg só attinge a authentica eloquencia, como ainda ha dias no Reichstag, quando lhe é permittido dizer toda a verdade e reflectil-a tão nitidamente nas suas palavras como ella se espelha nos seus leaes e claros olhos. Quanto ao chefe do *Foreign Office,* que é para o seu paiz a virtude, a modestia e a innocencia personificadas — até na sua figura candida como a de um *baby* — todos os seus patricios affirmam que a sua palavra vale oiro sonante e é mais cotada que as proprias notas do Banco de Inglaterra.

VI

Se ha terra bem situada para observatorio do que vae pelo mundo, de onde a vista abranja a orbita em que os povos se movem, e ao ouvido não escape o mais fugidio echo dos seus embates e conflictos, essa terra é decerto a Suissa. Geographicamente ella é o

mirante da Europa. Dos seus Alpes soberanos, tecto e terraço do mundo, dessas alvas cumiadas que, para o norte e para o sul, apartam em risca a cabelleira dos rios, a toda a hora milhares de olhos, binoculos e telescopios procuram com soffreguidão os vastos panoramas e os fundos horisontes. E os poetas e os philosophos, as almas exhaustas e os corpos enfraquecidos, encontram nos majestosos silencios alpestres um contacto directo com a Natureza que a terra, obstruida pelas obras humanas, cada vez lhes offerece com mais difficuldade.

Mas é sob o ponto de vista moral, intellectual, internacional, que a Suissa está sendo um observatorio e até um laboratorio intenso. No systema das communicações com os povos chamaram-lhe já, com razão engenhosa, a *placa giratoria* dos caminhos de ferro europeus. De ali todos partem, por ali todos passam. Assim vae tambem succedendo em todos os ramos do saber, do querer e do sentir humano. Aquelle paiz é já hoje o centro de um numero importante de serviços publicos internacionalisados. As suas cidades, todas provincianas á força de silenciosas e serenas, são no entanto focos vivos de sciencia e inçam-se de escolas frequentadas por estudantes e estudantas do mundo inteiro. Os

perseguidos e os revoltados ali vão respirar o ar sadio da Liberdade. Da Suissa partem tambem, a todo o instante, as palavras de paz, os appellos á arbitragem, os gritos de piedade e solidariedade. Minusculo e escondido na Europa, como o caroço no centro do fructo, esse povo guarda, como o caroço tambem, a semente preciosa dos fructos vindoiros.

No campo da civilisação, da administração, da industria, do commercio, em todos os capitulos da arte delicada de governar os homens, a Suissa, formiga diligente, pequenina, pratica, ao alcance de todas as vistas, é uma especie de microscosmo, de paiz em miniatura e de cima de meza, onde as experiencias de todo o genero se podem acompanhar, na sua marcha e nos seus effeitos, com nitidez maravilhosa. O homem de Estado suisso segue com os olhos o paiz que governa como se o tivesse sobre a sua banca de estudo, dentro de uma vitrina. Não trabalha no vago. Sabe onde acertou e onde errou. Emenda e rectifica com pontaria firme. O povo, largamente instruido e solidamente consciente dos seus deveres civicos, inspira em permanencia a obra dos seus governantes, indicando-lhes, em votações de uma clareza energica, a sua vontade. Ali, com effeito, o

povo governa. Nos seus discursos os homens publicos chamam-lhe, sem outra designação, *o soberano*. A bandeira federal só se desfralda no palacio do governo em Berne quando as Camaras estão reunidas. É o signal que *le souverain est en ville,* representado authenticamente pelo seu parlamento.

Assim aquelle paiz bem arrumado, dirigido á maneira de um instrumento de precisão, cheio de methodo e de bom senso, onde nada de sensacional nem de imprevisto se passa, excita apesar disso o interesse universal. E na sua paz e no seu silencio, que não são de somno nem de ociosidade, como que se apura melhor a nossa observação e se afina o nosso criterio para o exame da agitação, da confusão e da febre que desnorteiam e perturbam meia humanidade.

Muito se engana quem suppozer que na Suissa só se fazem curas de ar. Ella é tambem um sanatorio ideal — para curas de juizo.

VII

Não creio que haja na Europa uma grande capital mais limpa e bem arrumada que Berlim. As ruas, todas de um asphalto liso e escorregadio como o *parquet* de uma sala de baile, manteem-se, ainda nos bairros de mais incessante circulação, num tal estado de aceio que occorre perguntar se cada transeunte é porventura um varredor municipal disfarçado. Ninguem deixa cahir um papel negligente e os proprios animaes devem ser ensinados expressamente a guardar ao pavimento das ruas um respeito supersticioso. Berlim tem ainda est'outra virtude, que deve por certo ao seu solo arenoso, de ser uma cidade sem poeira. As nossas botas não precisariam aqui de engraxar-se mais de uma vez por semana, e já com excesso. O ar dir-se-ia tambem objecto de cuidados especiaes, porque se sente leve e puro. Em Paris volta-se sempre a casa com o nariz sujo. Em Berlim, terra de grandes narizes semitas, nenhum soffre do fumo ambiente ou de maus cheiros.

Pois tal é a ancia de limpeza, ou a preoccupação de recommendal-a e impôl-a, que

ás portas de quasi todas as casas, e até de elegantes palacetes e *villas,* se encontra um letreiro de esmalte que nos pede: *Bitte Füsse reinigen!* (« Faça o favor de limpar os pés! ») Mas que pleonasmo! observei eu da primeira vez, remirando os meus sapatos immaculados e de solas lustrosas. Para se limparem os pés nesta terra seria preciso haver onde sujal-os! Tomei o ascensor e detive-me á porta da residencia que procurava. E logo aos meus pés se offereceu um pequeno e gentil capacho, orlado de vermelho, em cuja trama estava tecida ou estampada, tambem em vermelho, a palavra *Bitte!* (Faz favor!)

« Bitte! Bitte! » Ó bem creado tapetinho, quem te recusaria a poeira dos seus sapatos, que nos sollicitas com tanto tacto, e quem, por mais grosseiro e pouco limpo, deixaria de obedecer ao teu discreto convite! Ao roçar vivamente as minhas solas pelo teu pêlo parecia-me ouvir-te dizer num murmurio doce: *Danke, danke!* (muito obrigado!)

Após o que, como era do estylo, me puz a philosophar sobre o episodio e cheguei á conclusão de que um tal fervor pedagogico em lembrar aceio representa moderada confiança na boa educação do publico. Ha ainda tão pouco tempo que o povo germanico conhece a prosperidade que talvez os seus pés inge-

nuos, saudosos das florestas, se não tenham definitivamente affeito ao piso das salas. No seu corpo como na sua alma ha porventura ainda restos de arreganho e rudeza a que os poderes publicos teem de acudir. Não estranharei, por exemplo, que uma postura da policia obrigue qualquer dia os habitantes desta culta cidade a usar, na copa do chapeu ou a tiracollo, um letreiro que diga: « Pede-se o favor de não empurrar o proximo... »

E assim é, se a minha philosophia está certa, que fica explicado o facto estranho de que até nas entradas nobres das casas de luxo, vedadas escrupulosamente á passagem de creados e fornecedores, seja preciso mandar affixar nas paredes, em quadros de esmalte, as regras da civilidade, para que o visitante as não esqueça; e que se ponham capachos obsequiosos debaixo dos pés impulsivos ou apressados de allemães muito bem vestidos, cujas caras retalhadas e desfiguradas pela espada dos duellos escolares exprimem tambem outro singular aspecto da tão brilhante mas tão recente civilisação que nos rodeia.

VIII

Falleceu ha dias na Suissa um dos mais distinctos membros do seu governo, o lucernez Schobinger, representante no Conselho Federal do partido conservador-catholico. O sr. Schobinger, por mais singular que isto pareça, representava, no governo, — a opposição, isto é, a minoria parlamentar. A Suissa chegou com effeito á perfeição de comprehender que ha *só uma* boa maneira de governar, quaesquer que sejam os principios politicos dos governantes, e o Bom-Senso é o seu verdadeiro chefe de Estado, ao qual todos os partidos prestam egual homenagem. Ali professa-se que, se onde todos ralham, ninguem tem razão, ao contrario a lucta pacifica das ideias é geradora de justiça e constitue o melhor meio de extrahir a parte de verdade que se contém em todo o erro, como o de proteger toda a verdade contra os perigos de errar ou degenerar que sempre a ameaçam.

É tambem em obediencia á mesma regra de bem-viver que os ministros suissos são quasi inamoviveis. O parlamento reelege-os

indefinidamente, entendendo que a experiencia de governar é o mais util talento do governante. Não creio que haja exemplo de que um membro do governo helvetico tenha soffrido a affronta de ser despedido pelo parlamento, contra sua vontade. Em todo o mundo, de resto, e por eguaes razões, as emprezas bem administradas procedem assim com os seus guarda-livros.

A morte vem portanto a ser na Suissa a quasi exclusiva autora das crises ministeriaes. E ás vezes bem prematuramente, como agora com o eminente sr. Schobinger, que só ha quatro annos incompletos — um minimo quando se trata da Suissa — era ministro, e que, « em tão curto praso » (pode ler-se em todos os jornaes suissos dos ultimos dias) não poude naturalmente prestar ao paiz os serviços que havia direito a esperar da sua capacidade e patriotismo, nem deixar da sua passagem pelo poder o duradoiro vestigio que legitimamente ambicionava.

Aqui o meu leitor, brazileiro ou latino, talvez se pergunte se eu estou a falar, quero dizer, a escrever serio. Qual de nós seria com effeito capaz de conceder a um ministro um praso « minimo » de quatro annos, sem exigir delle que salvasse o paiz, pelo menos uma vez cada anno?

A Suissa abre largo credito aos seus governos, mas não em materia de honras ou de proveitos tangiveis. Nesse ponto é inexoravel. Um ministro ganha tres contos annuaes e ninguem dá por elle. Vive como um modesto particular e sem que os jornaes, que naquelle paiz são impessoalissimos, lhe façam a côrte. Não se desloca um soldado nem uma banda de musica para o festejar. O povo suisso, conhecendo as fraquezas universaes da vaidade humana, applica-lhes este regimen preventivo. Nomeia os seus ministros mas logo a seguir ignora-os sob todos os pontos de vista do exhibicionismo. E quando o conselheiro federal passa de ministro a Presidente da Republica, o systema não muda. A Presidencia na Suissa é uma abstracção. Ao chefe do Estado ninguem sabe, ou melhor, ninguem *quer* saber o nome. E o homem mais illustre, dezenas de annos votado de alma e coração ao serviço publico, saber-se-á rodeado do affecto e do respeito nacional sem que um só instante esses sentimentos tomem forma exterior, mesmo a mais innocentemente espectaculosa.

Morre porem no seu posto esse Presidente ou esse ministro, como agora o sr. Schobinger, e a attitude glacialmente severa da nação instantaneamente se humanisa. O seu proprio

enterro — eis a unica ceremonia official e solemne em sua honra a que um homem de Estado suisso pode esperar « assistir »! O paiz concede-lhe então commovidamente todas as homenagens que rudemente lhe recusou em vida. As tropas formam alas á sua passagem, as bandas militares fazem-se ouvir, a população veste-se de lucto e acompanha recolhida ao tumulo o bom servidor da Patria. E parece dizer-lhe: — « Amigo, muito te quizemos sempre e nunca t'o dissemos para teu proprio bem, para que nunca as nossas acclamações tentassem a tua fragilidade possivel e te fizessem trocar o caminho do dever pelo da ambição. Hoje que destas homenagens nem tu, nem ninguem por ti, pode tirar doentia vaidade, hoje que ellas são apenas, para nós e para ti, o justo preito devido á tua vida e á tua obra, aqui as tens, tão abundantes e eloquentes quanto o permitte a simplicidade dos nossos costumes, a indemnisar-te da reserva de hontem, a qual, como vês, não era indifferente nem ingrata! »

IX

Pierre Loti, velho amigo do Oriente e confidente enternecido das *desencantadas* de Constantinopla, acaba de dirigir uma resposta violentamente turcophila a uma revista romana que, com tocante candura, lhe pedira o seu parecer sobre a « gloriosa » conquista da Tripolitana pela Italia. Loti, em seu proprio nome e em nome de todo o mundo civilisado, arranca o tropheu de gloria das mãos italianas e entrega-o sem hesitar aos Arabes e Turcos que defendem heroicamente a terra dos seus maiores contra o assalto estrangeiro.

Até que ponto ratificará a consciencia universal este julgamento? Sem duvida o direito do mais fraco attrae instinctivamente em sua defeza todas as naturezas nobres e generosas. Mas o problema é mais complexo e foge a uma solução apenas sentimental. Decerto só o futuro virá a ser o fiel da balança em que terão de pezar-se imparcialmente as culpas e as desculpas dos dois adversarios.

Não neguemos porem á nossa irmã latina o direito de se justificar. Não esqueçamos que

ella é, entre as nações europeias da nossa raça, a que revela hoje maior vitalidade e a que com mais ardor parece protestar, pelo seu rapido e impetuoso resurgimento, contra as prophecias de decadencia e morte que os povos do norte quotidianamente nos dardejam. A França attingiu a maturidade, e, por mais inexgotaveis que sejam os seus recursos, já não lhe é dado crescer. Bem conservar-se é hoje sobretudo o seu fito e a sua esperança. Mas, de toda a maneira, o tempo trabalha contra ella.

Pelo contrario o tempo trabalha pela Italia moça, nação de hontem, a que um poisio de seculos, não só na immobilidade como entre provações e desditas, restituiu o direito á vida, ou antes a capacidade de reviver. A Italia reappareceu no mundo ha cincoenta annos e toda a sua marcha desde então exprime fé em si, ambição, energia, mocidade. Nas festas de Roma disseram-se este anno palavras que não podiam deixar frio um coração latino. Ter a tal ponto a consciencia dos seus destinos é já bom caminho andado para realisal-os. Nada nos impede de admittir que Roma volte a ser a directora espiritual da nossa raça e é justo reconhecer que a preparação do seu futuro impõe desde já á Italia graves e penosos deveres.

Ora, que vem dizer-nos a Italia, no momento em que os seus navios e os seus soldados tomam o rumo das terras barbarescas? A Italia diz-nos: — Todo o norte da Africa foi da Europa e volta a sel-o. A dominação mussulmana destruiu uma civilisação sem saber crear outra. A sua passagem dir-se-ia amaldiçoada por Deus. Ruinas, esterilidade, miseria, são os seus unicos vestigios. Obra precaria de conquista, não foi legitimada nunca pelos seus resultados. E assim o seu termo está proximo. O Egypto já é inglez, Argel, Tunis e agora Marrocos são da França. Podia a Italia acceitar que a excluissem do unico territorio disponivel que ainda resta no Mediterraneo, em frente das suas costas? Podia a Italia abdicar da sua missão historica que lhe manda recuperar e chamar de novo á vida terras que foram tão felizes e ferteis emquanto foram romanas? Não vamos a Tripolis attrahidos por uma ambição mesquinha de riquezas. Vamos regar as margens do deserto com o nosso sangue que já outr'ora as fecundou. Esperam-nos maiores encargos que proveitos. Mas a fome e sêde de gloria que nos impellem são signaes certos da nossa força como são titulos do nosso direito.

E com effeito a guerra de Tripolis não é uma expedição de mercantes. A Italia toda

estremece da mesma fé patriotica e dá sem contar a vida dos seus filhos para que a victoria corôe o seu primeiro grande esforço de nação mundial. A lucta é feroz e sangrenta mas trava-se por um ideal que não merece talvez todo o nosso applauso, mas ainda menos o nosso desdem.

Observe-se tambem que os Arabes não defendem nesta guerra a sua independencia, de que ha muito fizeram presente aos Turcos, seus despoticos senhores. Defendem apenas a sua fé, que a Italia não mostra o menor desejo de attingir. Neste momento, em plena guerra accesa, as mesquitas e minaretes de Tripolis illuminam-se em festa em honra de Allah, e as tropas italianas associam-se á população arabe na celebração das festas mussulmanas do Bairam. A cruz de Saboya não projecta apagar o islamismo do ceu de Africa.

Com estas palavras não é minha pretenção resolver o melindroso caso de consciencia collectiva provocado pelo acto da Italia. Mas não me permitte o coração condemnal-o duramente, como o está fazendo a opinião germanica, que naturalmente sente mais perto de si e do seu interesse o Turco que o Latino. Nós temos outros deveres. O programma da Italia nova é um pouco de todos nós, que

vemos a nossa raça por toda a parte ameaçada na sua expansão e encaramos com horror a perspectiva de uma humanidade futura a que faltasse a luz clara e doce e a seiva ardente da civilisação occidental.

X

Decididamente a Inglaterra é a unica nação da Europa que achou o segredo de entrar triumphante pelo futuro dentro sem deixar pelo caminho as reliquias abandonadas e inuteis do seu passado. Destruir é um verbo que a alma ingleza detesta conjugar. Para ella a antiguidade só é velhice quando caduca, mófa e se esterilisa. E o seu programma historico e politico continua a ser: *deitar o vinho novo nas vasilhas velhas,* conforme a receita de Lord Rosebery.

Eis porque essa solida nação, que os nossos bisnetos nos invejarão de termos conhecido em todo o seu genial esplendor, celebra como nenhuma outra, ao lado das realisações do progresso realista e pratico, as mais intelligentes apotheoses da tradição. O seu rei

Jorge V, poucas semanas depois de ter defendido briosamente perante um tribunal inglez, como qualquer dos seus subditos, a sua honra de homem enxovalhada por um calumniador, era ungido e coroado como um soberano da Edade-Media na abbadia de Westminster, num sumptuoso quadro ensaiado como o de uma opera, mas a que dava grandeza e vida o consciente orgulho dos seus figurantes, tranquillamente seguros de que a graça de Deus, que universalmente faz os reis, na Inglaterra adivinha a vontade dos povos.

Eis ainda o mesmo rei Jorge V que embarca para a India de Albuquerque e de Vasco da Gama e ali se faz agora sagrar Imperador deante de 163 rajahs resplandecentes de pedrarias, no maravilhoso *durbar* de Delhi. O chefe da livre Inglaterra surgiu aos olhos dos seus fieis vassalos orientaes como um grão-mogol de lenda, na cabeça a corôa e numa das mãos o sceptro, recebendo immovel sob uma umbella doirada as homenagens rendidas do seu povo. Essa figura custa até a identificar com a do modesto soberano para quem a pompa é apenas um dever grave de officio. E o governo que mandou esse rei á India tomar pessoalmente posse do seu Imperio compõe-se de homens tudo quanto ha de mais seculo XX. Um dos seus ministros, o

antigo operario John Burns, nas suas primeiras entrevistas com o rei Eduardo VII, que o nomeou, comparecia de jaquetão e chapeu molle, que era o melhor que tinha no seu restricto guarda-roupa.

A Inglaterra faz pouco caso da logica; mas o que nunca perde de vista é a realidade. O seu edificio nacional não foi construido no fogo das paixões nem no fumo das abstracções; porisso é solido. A sua politica é uma moral, mas ao mesmo tempo é uma arte. O sentimento proprio raras vezes enfraquece o acerto sereno e pratico das suas decisões; mas com o sentimento alheio sabe contar sempre para o aproveitar em seu favor. « O mundo pertence aos frios », é sentença que deve ter sahido de uma cabeça ingleza. Na Europa inteira, por exemplo, a aristocracia vae deixando paralysar a sua acção social e só a esperam as collecções dos museus. Em terra britannica um *lord* continua a ser uma tão activa força motora que ainda ha poucos mezes pareceu necessario deitar alguma agua na sua fervura. E emquanto a maior parte das nações mudou o rumo á sua navegação e perdeu a fé nos lemes de outr'ora, estes ilheus singulares não deixaram ainda de ler pela cartilha dos seus mestres da velha Roma e de apprender com elles a tomar conta do

mundo. Os doutrinarios continentaes reduziram voluntariamente ao minimo os seus meios de acção sobre os homens, e o cahos parece attrahil-os mais do que a creação. Para inglezes, ao contrario, tudo são *instrumenta regni:* tradições, costumes, preconceitos, a peruca archaica de um *chief justice* em Londres como o uniforme constellado de um nizam de Baroda ou de um maharajah de Kashmir.

Por estas e outras fomos nós que descobrimos a India — e são elles que se dão ao trabalho de ficar com ella.

XI

Ao soar a meia-noite do ultimo dia do anno, como a um signal magico, abriram-se bruscamente as janellas de todas as casas de Berlim e assomaram a ellas os seus habitantes de ambos os sexos, gritando para os visinhos, para os desconhecidos que passavam na rua, gritando uns aos outros com alvoroço: *Prosit Neujahr!* (Viva o anno novo!). Quem estivesse desprevenido supporia tratar-se de

fogo ou de tremor de terra. Em geral só um perigo commum approxima tão bruscamente os homens, dispensando as apresentações. Neste caso era um impulso de alegria ou de esperança, era a necessidade inconsciente de materialisar o fim do anno fixado pela convenção e pela tradição, que assim levava os berlinezes a saudarem-se de casa para casa ou a apertarem-se festivamente as mãos se se cruzavam na rua.

Assim acabou 1911 na capital da Germania. Todos lhe ouviram, pode dizer-se, o ultimo suspiro, sublinhado vivamente pelos repiques dos sinos, e todos lhe disseram adeus, com odio, com indifferença ou com saudade, tal qual como se elle fosse não apenas uma data, um minuto fixado pelo ponteiro de um relogio, mas um authentico ancião de barbas fluviaes, vergado ao pezo dos seus trezentos e sessenta e cinco dias de edade e dos desgostos, das catastrophes e das miserias que provocou ou que soffreu. Cada qual se foi deitar nessa noite com o coração mais agitado por um desejo, por um receio ou por um remorso, sentindo que mysteriosamente alguma coisa começava ou acabava na sua vida. Os velhos repararam com mais tristeza na sua velhice, os moços respiraram mais soffregamente a sua mocidade. Quantos não abriram com uma

ponta de febre o seu correio da manhã seguinte, no anceio de uma boa nova, tão innocentemente como a creança que na noite de Natal dispõe os seus sapatos á beira da chaminé por onde virá Jesus recheal-os de prendas!

Mal soubeste, cidadão berlinez, orgulhoso da tua cultura moderna e sacudindo talvez os hombros ás illusões grosseiras do passado, que, ao cumprimentares com um convicto *Prosit Neujahr!* o teu ou a tua semelhante, prestavas fervente homenagem a uma coisa muito antiga chamada o symbolo e a uma coisa de ti muito desdenhada chamada o preconceito. Tu, que te ririas talvez de mim, que tenho incuravel e estupido agoiro com o numero 13, estiveste praticando actos da mais estreme superstição perante a data de 31, a qual é apenas, permitte que t'o recorde, o meu numero treze ás avessas. Tu, que és decerto vagamente atheu, socialista ferrenho e só attento, venerador e creado da infallivel Razão, esqueceste por completo que o calendario a que assim prestas culto é obra de um Papa catholico e só faz lei para uma minoria da humanidade; esqueceste não menos que a meia-noite do teu relogio é o claro meio-dia do teu irmão dos antipodas e que assim nem no tempo nem no espaço o teu fim do anno e

o teu Anno Novo existem senão por obra, creação e illusão tua.

Mas nem porisso deixes de andar neste mundo como vês andar os outros, ó docil ovelha do eterno rebanho a que os nossos maiores assisadamente chamaram a Grei! Nada do que acabo de recordar-te ou revelar-te nos impede de continuarmos a desejarnos, na epoca propria, calorosas e amigas boas-festas, como aqui do coração t'as desejo. Limita-te apenas a reparar de agora em diante que, sem convenções, sem datas, sem tradições e sem preconceitos, a vida seria um cahos e um abysmo de pavorosa esterilidade e escuridão. E quando te sahir pela frente algum sabio doutor mais arrogante, dos muitos que o teu solo produz, dize-lhe ao ouvido que a Sciencia deve ser apenas, para ser prestavel e bemfazeja ao homem, uma ignorancia que se não ignora!

XII

A primeira vez que ha annos me foi dado ouvir uma opera de Wagner, preparei-me naturalmente como para um autor difficil.

Li antecipadamente o poema, estudei os criticos da sua arte, dei toque de reunir aos meus cinco sentidos — e mergulhei.

Afinal os meus receios eram superfluos. A musica é a unica lingua universal que se conhece. Para a entender basta ouvir e ter o coração no seu logar. E a musica wagneriana absorve-nos logo de entrada por tal forma que se não podem tirar mais os ouvidos della, como se não tirarão facilmente os olhos do mar a quem o vir por vez primeira.

Esta imagem do mar acode facilmente quando se trata de Wagner. A sua musica é propriamente oceanica. As ondas sonoras por ella formadas arrebatam-nos, estonteiam-nos, extenuam-nos. O unico sentimento que nos não permittem é o da indifferença. Immensa musica que até então nos distrahia agradavelmente nunca mais nos produz, depois de entrarmos em contacto com Wagner, senão cocegas no ouvido, por vezes quasi enervantes. Orchestras que antes nos pareciam retumbantes passamos a sentil-as baças, sem vôo, de uma indigencia de harmonia que não chega a inspirar piedade. Emfim, quasi tudo é agua morna, quando muito agua fria mas parada, ao pé de aquelle mar fremente, infatigavel, insondavel, que nos aterra tanto como nos attrae.

Conheço no entanto pessoas ditosas que *não entendem* aquella musica, do que naturalmente não pensam em deitar as culpas senão a ella. Outros apreciadores notam em Wagner falta de melodia. Eu então só nelle encontro melodias demais, todas as melodias do Universo, entrelaçadas e por tal forma espessas que é difficil romper por meio dellas, como por entre a vegetação de uma floresta virgem. E, a ouvil-o, revelaram-se-me melodias ineditas, sabendo a irreaes e a extra-humanas, que não só se nos prendem no ouvido como se gravam a agua-forte nas mais intimas moleculas no nosso ser. Os gritos das Walkirias, por exemplo, ouvi-os com um estremecimento, e não creio que sons humanos hajam jamais reboado tão longamente dentro de mim.

Vejamos agora a objecção que consiste em achar Wagner comprido, monotono, os brazileiros diriam *cacete*. Sem duvida. Quem não diria o mesmo ao fim de uma longa travessia por mar? E quantas vezes morreriamos de somno, se tivessemos, como a terra que habitamos, de dar a volta ao sol em 365 dias? O que chamamos mezes ou annos são apenas segundos para folegos maiores que os nossos. Deante das maravilhas da Natureza, entre as quaes temos de incluir os genios, o nosso dever é admirar o que Deus creou tal como

elle o creou, e sem as ridiculas erratas que nos arrogamos a pretenção de introduzir-lhe.

Ouvir uma opera de Wagner não é mais longo, nem mais fatigante, nem mais difficil do que ler e assimilar um canto de Dante ou uma tragedia de Shakspeare. O essencial é poder ouvir, não ter um seixo do lado esquerdo, e, bem entendido, deixar em paz durante a audição as meninas bonitas que se pavoneiam nos camarotes.

Para os leigos e fracos como eu, suggiro um systema com que me tenho dado bem. Como os poemas de cada opera são tambem de Wagner e não são menos bellos do que a musica, que com elles se enlaça e se funde nota a nota, na primeira noite consagro-me só ao poema e á scena e faço o possivel para ficar surdo á orchestra e ao canto. Na segunda noite volto as costas ao palco, fecho os olhos, e sou litteralmente *todo ouvidos*. Com esta racional divisão de trabalho tenho notado que os meus sentidos débeis se desempenham melhor do seu officio.

Resta-me recordar que Wagner « dá na fraqueza ». Depois de um *Tristão e Isolda* ou de uns *Mestres-cantores* conscienciosamente ouvidos, o estomago, que se não sustenta de musica, fica a dar horas e reclama com justiça — uma ceia.

XIII

Emquanto no Senado francez se está espiolhando, com um byzantinismo que não passará despercebido á Historia, quem foi que do lado da França suggeriu ao governo de Berlim a compensação do Congo (como se elle não fosse capaz, sósinho, de se lembrar della) — nos centros coloniaes de todos os paizes discute-se desde já com alvoroço a obra grandiosa da reconstrucção de Marrocos e traçam-se no papel os caminhos de ferro, as minas, as estradas, as pontes, os portos que dentro em pouco, se Allah não mandar o contrario, abrirão aquelle paiz á gula europeia e lhe trarão os proveitos e bem assim os encargos da civilisação.

Esquecida de si propria estaria de todo a gente portugueza se não viesse a tomar interesse nesta empreza e a dar-lhe collaboradores entre os seus filhos. Quem melhor do que as nossas enxadas saberá lavrar aquellas terras que o sangue de Portuguezes durante seculos fertilisou? Marrocos, que tão bem nos conheceu, saberá depressa reconhecer-nos, e é possivel que no fundo dos seus rios ou no cume

dos seus montes venhamos a encontrar, quebrando-lhes o encanto em que viveram durante seculos, como princezas de contos de fadas, tantas forças da alma nacional de que perdemos o rastro desde Alcacer-Kibir. Abençoado sebastianismo seria esse que agora nos levasse pela Moirama dentro, á procura de nós mesmos, não de guitarra em punho gemendo prophecias e fados, mas cheios de audacia e fé viril para cobrar em moeda tangivel o preço sempre devido do heroico esforço de outr'ora.

Pena foi que em tempos mais propicios e de menos feroz concorrencia não cuidassemos de alargar a nossa influencia nessa *Africa fertil e visinha* de que tão bem falava, já com magua de a ver para nós perdida, o Conde da Ericeira, o ultimo governador de Tanger portuguez. Ainda hoje, quando um moiro de Marrocos mostra algum castello em ruina do seu esboroado passado, data-o invariavelmente *do tempo dos Portuguezes,* que é para elle, como para nós o dos Romanos, o de mais remota e gloriosa antiguidade. E se quizessemos ter levado á conferencia de Algeciras, como titulo do nosso direito, um documento que lá não encontrasse rival, bastaria mandar reproduzir as armas portuguezas que ainda hoje, unicas da christandade, guarnecem a fortaleza moira de Çafim, ou mostrar as mesmas nossas famo-

sas Quinas constituindo sempre o brazão de Ceuta, terra nossa com que a Hespanha nos ficou mas a que não cuidou de desmarcar o nome do antigo dono.

Pois é minha fé muito antiga, e vi-a ultimamente partilhada por estrangeiros competentes, que ainda temos um futuro em Marrocos: não já como donos nem como tutores, mas sempre como colonos. Aberto o sultanato á penetração estrangeira, vel-o-emos tornar-se um centro de immigração portugueza, da mesma maneira e pelas mesmas razões symetricas por que a Tunisia se povoou de italianos e a Argelia de hespanhoes: a visinhança, a tradição, a semelhança do clima, a fertilidade da terra, a facilidade da vida. Assim como a Hespanha e a Italia nunca perderam o contacto tradicional e historico com argelinos e tunisianos, tambem nós, pode dizer-se, desde o infante D. Henrique mantivemos sempre relações ininterruptas com a terra marroquina. Algarvios e moiros nunca deixaram de se conhecer. Na primavera a bahia de Tanger coalha-se de barcos de pesca portuguezes, que são já a nossa primeira esquadra de conquista. Nenhuns vão mais longe no exercicio da sua industria ao longo de aquella costa perigosa. Delles se teem destacado os pequenos nucleos de população honesta e

laboriosa que já temos em Marrocos. Que sejam tambem elles que, no dia proprio, levem ás costas de Portugal a noticia de se ter aberto á nossa iniciativa um paiz que todas as investigações mostram ser riquissimo, onde se respira um ar tão benigno como o da nossa terra, e onde até a população indigena está longe de ter comnosco as incompatibilidades de caracter e de coração que a differença de raça e de crença poderia explicar. Nós somos muito mais moiros do que nos julgamos!

E assim os Algarves de alem-mar em Africa virão a ser talvez um dia o prolongamento economico do nosso territorio, e de tanto sangue, que por lá semeamos, farão os nossos netos a colheita compensadora. Oxalá! — palavra moira cuja traducção é: Que Allah o queira!

XIV

Os correspondentes que a imprensa europeia e americana se apressou a mandar a Pekim, para a trazerem informada sobre os dares e tomares da Revolução, não sabem evidentemente a que santos hão de encommendar-se

para exercerem com um resto de consciencia a sua missão. Para perceber a China não basta ir á China; seria preciso entrar na pelle de um chinez e dar tempo ao tempo para nos fazer crescer no corpo e na alma os diversos rabichos de que, segundo as apparencias, deve compôr-se a personalidade complicada de um cidadão do Celeste Imperio. Chegam a ser comicos os telegrammas que de lá nos vém, procurando impotentemente traduzir em lingua e em logica de brancos este singular capitulo da historia da raça mongolica de que estamos sendo contemporaneos.

Phantasiemos pois nós de longe o que se passa e não tenhamos sobretudo o menor receio de nos enganarmos mais completamente do que os collegas que se foram metter no labyrintho. Todos lemos o edito em que, com uma contricção toda christã, o Imperador da China (que tem cinco annos) se confessou humildemente aos seus povos de todos os peccados e crimes, declarando que os males da nação são da sua culpa, da sua grande culpa, da sua maxima culpa, e jurando ao mundo que vae emendar-se. Poucas semanas depois um novo edito assignado pela Imperatriz-mãe concede a demissão ao Regente, proclamando-o *boa pessoa mas ambicioso e inhabil,* e, com prostradas mostras de humildade,

proprias dos tempos bicudos, reparte com os ministros os poderes do throno e cria assim á pressa e á capucha uma especie de monarchia constitucional. Um messias chinez, de nome Yuan Chi Kai, inspirador destas e outras medidas destinadas a fazer a parte do fogo revolucionario, recebe da côrte imperial plenos poderes para promover a paz e a união entre todos os celestes e embrenha-se numa serie de negociaçõos e contra-negociações com os rebeldes no miolo das quaes ainda nenhuma testemunha christã conseguiu penetrar.

Eis senão quando a Revolução, marchando e resistindo com mais intelligivel persistencia, nos reapparece a cavallo na situação, dando as cartas em todas as direcções, acceitando *pro forma* a reunião de uma assembleia nacional que ha de decidir-se pela forma futura de governo, mas começando por proclamar provisoriamente uma republica e por eleger o seu Presidente. E a Europa vae tomando nota destes acontecimentos consideraveis; mas *realisa-os* tão pouco e tão mal como se elles tivessem logar não na China mas na Lua, fóra do alcance dos seus telescopios.

Que pensar desta Republica celeste e da tosquia simultanea de duzentos milhões de rabichos que ella se propõe sem duvida realisar? Comecemos por não perder de vista que

a lingua chineza se escreve da direita para a esquerda, ás avessas das nossas, e que as ideias chinezas devem marchar na mesma symetria em relação ás europeias. Mas, tanto quanto podemos julgal-o, a China, que, como se diz do diabo, sabe muito, não por ser China, mas por ser velha, é um paiz secular ou millenarmente organisado sob uma forma democratica. As suas instituições juridicas e economicas parecem-se sob muitos aspectos com o que o communismo moderno tem concebido de mais realisavel. A familia chineza é uma base social de extrema solidez, com raizes e tradições intactas que se perdem nas noites de todos os tempos. Até agora, ao que parece, o que faltava ao chinez era estabelecer a coordenação entre elle proprio e o seu governo. O Imperador não era o chefe do Estado, era um deus distante, feroz e naturalmente malefico, de quem era preciso supportar a injustiça como se supporta o frio, a fome, a doença e por fim a morte, que tudo são dons dos deuses. Os mandarins eram os delegados dessa divindade longinqua, fatal, inseparavel da vida. Se assim é com effeito, os editos humilimos do Imperador de cinco annos devem ter causado na alma chineza uma impressão de cataclismo. Um deus que se arrepende, se lamenta e pede perdão, é a

vertigem, o fim de tudo, o cahos inominado e pavoroso.

Mas se o chinez descobre que esta divindade não era authentica e se lhe perde o respeito, a sua republica não precisa de recorrer aos nossos moldes para existir. De facto já existe. Basta-lhe desenvolvel-a, estabelecendo entre a familia, a communa e o Estado a correlação necessaria. O chinez até já tem em casa um modelo excellente de constituição democratica. Quem não conhece aquellas lindas caixas de charão que nos vém da China, umas dentro das outras, cada uma contendo no seu seio outra sempre mais pequena até se chegar á ultima minuscula? Essas caixas constituem o symbolo exacto e definitivo de uma nação bem arrumada e bem governada. A caixa mais pequenina é a familia; a seguinte a communa; as outras que se vão succedendo representam os diversos orgãos administrativos desenvolvendo-se em suave harmonia, ajustando-se uns aos outros, nascendo uns dos outros, tão bem medidos e proporcionados que o seu conjuncto forma uma unidade perfeita, isto é, o Estado, de que a caixa maior e exterior é a imagem nitida. Quando a China se parecer com uma dessas caixas chinezas ella será a melhor como já é a maior nação deste planeta.

XV

O grande ministerio que acaba de tomar conta dos destinos da França merece, mesmo da parte de estrangeiros, uma palavra de homenagem. Constituido por alguns dos chefes mais prestigiosos do mundo politico, por antigos presidentes do conselho, por futuros candidatos á presidencia da Republica, é um governo de pilotos, organisado numa hora de perigo senão de panico para fazer face á tormenta e safar do seu encalhe a nau sempre jogada ás ondas de aquelle Estado. Ambições e rivalidades deitaram-se á agua como lastros inuteis. O patriotismo, que em hora tão melindrosa se confunde com o simples instincto de conservação, fez os seus milagres habituaes, e eis por obra e graça delle reunido no mesmo esforço um grupo de homens de nomes Poincaré, Delcassé, Briand, Millerand, Bourgeois, que muito a tempo veem recordar ao mundo como é excepcionalmente rico e variado o *stock* de estadistas moral e intellectualmente capazes de que dispõe a França.

A intellectualidade franceza é com effeito tão inexgotavel como as reservas de oiro dos seus Bancos. Renova-se com uma rapidez e felicidade prodigiosas. Porisso mais singular parece que seja, como é, aquelle paiz, um dos menos governados da Europa. Os seus ministerios, por mais que desejem voltar-se para a nação e cuidar dos seus interesses, apenas acham tempo para defender a sua existencia precaria das investidas do parlamento, perante o qual se encontram na situação de actores perante o seu publico. A Camara franceza pouco se distingue da *Comedia franceza* e o seu ideal byzantino seria decerto parecer-se com a Academia franceza. Um commentador ironico, recordando menos o brilho dos seus debates que as suas frequentes faltas de juizo, chamava-lhe ha dias *les Folies-Bourbon*. O facto é que se assiste ás suas sessões como a um espectaculo. A sala parece a de um theatro. Os camarotes regorgitam de senhoras em apurada elegancia. Os bons discursos saúdam-se com salvas de palmas. Vae-se ouvir o sr. Deschanel como se vae ouvir M.me Bartet ou Guitry. O parlamento escolhe ou derruba os ministros, não pelo que elles fazem, mas pelo que elles dizem, pela maneira como o dizem. Um governo condemnado pelos seus actos salva-se inesperadamente por um movimento

feliz ou audaz de oratoria. A carreira do sr. Briand, por exemplo, tem alguns pontos de contacto com a de Caruso. A todo o instante se ouve falar, com enthusiasmo, do timbre incomparavel da sua voz.

Ha poucos dias ainda assistiu-se na Camara franceza a esta expressiva scena: Um ministro cuja vigilancia patriotica ninguem contestava, o sr. de Selves, foi quasi assobiado por ter dado conta das negociações do accordo franco-allemão com singeleza e sinceridade, preferindo a verdade á habilidade, e abstendo-se de triumphar de um resultado que lhe inspirava mais resignação que alegria. Logo a seguir o sr. Caillaux, chefe do governo, cuja attitude durante essas mesmas negociações era severamente criticada e acaba de provocar a sua queda, conseguia applausos estrondosos por ter no seu discurso entoado a aria da victoria com mais sonoros dós de peito que o seu ingenuo e desastrado collega. No entanto a verdade exposta por ambos era a mesma. Todos comemos palha, parecia querer dizer o parlamento; a questão é que nol-a saibam dar.

A obra parlamentar franceza é essencialmente uma collecção de bons discursos, com logar marcado em todas as bibliothecas. Nenhuma forma de actividade merece melhor

a classificação de aristocratica. A democracia é por sua natureza calada, activa e pratica. Um regimen organicamente democratico não comporta politicos de carreira, como não é, no fundo, compativel com exercitos permanentes. Soldado é toda a gente como politico é toda a gente: isto é, o dever militar e o dever civico competem a todos e não são privilegio nem profissão exclusiva de ninguem. Um parlamento é uma delegação directa das forças vivas e fecundas nacionaes e não uma companhia dramatica subsidiada e vivendo desse subsidio. Um governo é o instrumento executivo das vontades da nação e não um capitolio de laureados. De tudo isto tem a França modelos typicos na casa visinha, na exemplar Suissa, mestra da democracia universal, onde os ministerios são eternos e os parlamentos quasi não falam.

O que vale é que, como observa o *Temps*, os governos caem mas Marrocos fica. O mesmo insuspeito *Temps* assevera que o unico espirito de continuidade de que é susceptivel o parlamento em França é — *a reincidencia na incoherencia.* A composição do gabinete Poincaré faz-nos esperar que o liberalismo culto e tolerante desfará as decepções causadas ao paiz pelo doutrinarismo com antólhos. Que a sua administração seja longa, socegada e fecunda,

devem ser os votos ardentes de nós todos para quem as verdades como os erros vindos da França são contagiosos, e que porisso sempre prosperamos ou decahimos com ella.

XVI

Parece chegado o momento de cada homem culto se pronunciar sobre esta complexa questão, ainda hontem exotica, que se chama o voto das mulheres. Somos assim em 1912, como diria Eça de Queiroz! A Noruega já tem as suas deputadas e na Inglaterra, que apenas se gaba por ora das suas suffragistas, o feminismo encontra agora adeptos entre alguns dos mais poderosos membros do actual governo. Pouco viverá quem o não vir ganhar as suas primeiras victorias, embora parciaes e incompletas.

Em these o problema é simples. Desde que a mulher deixa de ser, para falarmos mathematicamente, uma funcção do homem, e attinge, como rapidamente vae attingir em alguns paizes, a maioridade social, o seu direito de ajudar a guiar, a empurrar ou a puxar o calhambeque do Estado é evidente e

irreprimivel. Uma mulher caminhando pelo seu pé e pensando pela sua cabeça, exercendo profissões independentes e influentes, pagando impostos, intervindo na preparação ou na orientação da opinião publica, deixa de ser apenas a mãe, a ama ou a amante do homem para ser, sob innumeraveis pontos de vista, a sua egual, ou melhor ainda a sua rival, no exercicio de funcções que já não são exclusivamente masculinas como o ar, neste seculo dos aeroplanos, já não é tambem só dos passaros. Por emquanto o numero das supermulheres é minoria e a sua pressão faz-se sentir fraca ou intermittentemente. Deixem porém passar duas gerações formadas pela instrucção intensiva e pela immigração urbana e estejam certos de que teremos pela frente talvez, ai de nós! um terceiro sexo, mas sem a mais ligeira duvida um quinto Estado. E no seu primeiro impeto não haverá remedio senão deixar-lhe tomar varias Bastilhas.

Succede porem que não ha tal immortaes principios e que, se a ideia se faz dogma para mover o sentimento e accender a paixão do homem e assim vencer, a hora da sua victoria é tambem a primeira da sua derrota, neste sentido de que logo é limitada, transformada e canalisada pelo instincto de conservação individual e social sempre acordado em nós

e sempre refractario aos nossos delirios de symetria e logica. Nunca em tempo algum revolucionario algum, antes, durante ou depois de Christo, reconheceria ou deixaria de repudiar, se cá voltasse, as consequencias tiradas pelos seus continuadores das suas doutrinas.

Assim o que se torna urgente examinar é se a intervenção das mulheres na vida publica poderá manter-se sem desequilibrio e em que limites. E claro é que não podemos ir além das conjecturas e que neste terreno corremos o risco de entrar em sabbatina com algumas das gentis leitoras que nos arrogamos a pretenção de possuir.

A mulher é excellente administradora e os ministros de Estado nada perderiam em tomar lições com as donas de casa. Quem sabe equilibrar com firmeza o orçamento de um lar é capacissima de pôr ordem nas contas publicas. A mulher é excellente educadora e nada se vê que objectar á sua acção na escola, na egreja, no proprio tribunal, onde justiça e bondade achariam talvez então a exacta temperatura da sua fusão. A mulher tem bom senso, espirito objectivo e pratico, persistencia e energia doce que não é a peor. A mulher tem tacto e astucia que são dons essencialmente diplomaticos. A mulher é conservadora no melhor sentido da palavra, cujos synonymos

são a regra, a tradição, a disciplina, a continuidade. Não nos repugna admittir que na vida archi-cerebral e hyper-agitada do homem seja um lastro cada vez mais util o instincto ainda forte da mulher.

A politica é porem outra loiça muito mais quebradiça. A mulher está absolutamente deslocada na guerra e a politica não é senão guerra de ambições e de vaidades! E que arma invencivel e temivelmente revolucionaria deixariamos nas mãos da mulher? Nada menos que a sua belleza. Em vez da formula bismarckiana da força dominando o direito, teriamos a fraqueza feminina tyrannisando a nossa força. Uma mulher bonita, ambiciosa do poder, seria um cataclismo social. O amor intervindo nas eleições, nas campanhas parlamentares, na paz e na guerra, anarchisaria rapidamente o Estado mais solido.

Sem duvida a civilisação ameaça-nos de fazer em breve todas as mulheres feias e com oculos. Mas isso seria outro fim do mundo. De modo que não será ainda hoje que decidiremos se os nossos netos terão de impôr ás mulheres, até pela força das armas, o analphabetismo obrigatorio, ou se os espera, pobres Antonios, a desgraça e a ruina sob a forma de um governo de Cleopatras.

XVII

O Conde de Penha Garcia, antigo deputado e ministro portuguez, afastado da politica militante desde a proclamação da Republica, nem porisso deixou de continuar a servir utilmente o seu paiz. Pode mesmo dizer-se que inventou um cargo novo, para o qual se nomeou a si proprio, e que exerce com maior auctoridade e prestigio talvez até por o não dever, nem pelas honras nem pelos proveitos, á mercê de nenhum governo. Propoz-se o Conde de Penha Garcia, em embaixada ás principaes capitaes da Europa, fazer conhecida e apreciada do publico, por meio de successivas conferencias, a notavel obra politica, economica e militar realisada durante os ultimos trinta annos pelo pequenino Portugal nas suas grandes e ricas possessões da Africa, recordando assim com incontestavel aproposito que os seus patricios, rodeados embora de difficuldades e falhos de recursos, ainda projectam ao longe a sua influencia e cumprem com energia á sua vocação historica.

Assisti á conferencia realisada por Penha Garcia na Sociedade Colonial Allemã, em

Berlim. Enchia a sala um publico serio e attento, em boa parte feminino, um publico que vinha para aprender e não apenas para se distrahir e que porisso de antemão folheava com interesse o resumo da conferencia em lingua allemã que lhe fôra distribuido. Todas as personalidades officiaes interessadas, todas as eminencias dos centros coloniaes berlinezes se achavam presentes. Ao lado do actual secretario d'Estado das colonias, o eminente Dr. Solf, o seu predecessor sr. Dernburg, cuja physionomia penetrante me trouxe á memoria a saudosa figura de Oliveira Martins. Altos funccionarios das diversas secretarias do Imperio. Presidindo á sessão o sr. von Loebell, antigo chefe da chancellaria imperial, braço direito do Principe de Bülow durante o seu longo e feliz governo.

Os meus olhos iam sem cessar do conferente ao seu publico. Para a quasi totalidade deste a novidade do espectaculo era completa. De Portugal nunca decerto tinham ouvido falar a ninguem e pouco sabiam ou pensavam. E não menos seguramente era aquelle o primeiro portuguez que viam. Lunetas e binoculos assestavam-se sobre a sua figura, satisfeitos e quasi admirados de a encontrarem desempenada, elegante e moderna. Penha Garcia, com

um sorriso tranquillo na face moça, estudava os que o estudavam, procurando rapidamente estabelecer o contacto, em tanta maneira electrico, que com effeito *suspende,* dos labios de todo o bom orador, a attenção dos seus ouvintes.

A conferencia foi dita num francez claro e facil que constituiu decerto a primeira surpreza da assembleia. A um exordio vivo e eloquente seguiu-se logo o ataque directo do assumpto, nos seus aspectos objectivos e praticos. Quem ali foi calculando ouvir rhetorica do Sul, sublinhada de exuberantes gestos, ficou codilhado na sua desdenhosa expectativa. Penha Garcia alteava a voz só o bastante para a canalisar a todos os ouvidos. Os seus periodos breves e concretos diziam a allemães o que allemães gostam de ouvir: factos, datas, numeros. Mas nem um momento a sua linguagem foi monotona ou a sua exposição arida. O discurso, entremeado com frequencias de projecções luminosas, teve realmente a rapidez, a variedade e o pittoresco de uma viagem. A architectura tão nossa das cidades coloniaes, o movimento dos portos, as escolas e os hospitaes, as tarefas da agricultura, o encanto das paizagens, e por fim, em quadros que bem devem chamar-se vivos, a estatistica do progresso economico, do commercio, dos

correios, dos caminhos de ferro, tudo se desenrolou nitidamente aos nossos olhos como num grande volume illustrado que, ao lado de cada illustração, nos desse com egual relevo a sua explicação e o seu comentario.

O conferente escolhia e doseava, com perfeita adivinhação do seu publico, as projecções e as considerações que lhe expunha, tão luminosas umas como as outras. Falar estatistica em Berlim é como falar em verso no Rio ou em Lisboa. A sala extasiava-se. Mas depois de lhe ter mostrado que sabia numeros, Penha Garcia quiz mostrar-lhe tambem que as musas e os doutores são na nossa terra fieis amigos. A gruta de Camões em Macau, a importancia dos *Lusiadas* — o primeiro poema colonial! — na nossa historia, foram o thema final, communicativo e ardente, dito com alma e com fé, do seu discurso. Thema final? Não inteiramente. Á projecção representando a gruta camoneana succedeu a imagem de um dos grandes guindastes do porto de Lourenço Marques! Era a homenagem ultima a uma nação a quem hoje a prosa impressiona mais do que a poesia. E era dizer-lhe que uma e outra Portugal conhece e pratica com egual exito.

Uma ovação sincera — nem esta gente fria concede outras — mostrou ao Conde de Penha

Garcia que o seu alvo fôra attingido. O auditorio agradeceu-lhe por ter sido a um tempo instruido e encantado. Cada uma de aquellas cabecinhas estudiosas ficou desde essa noite pensando mais e melhor de Portugal e dos portuguezes. Eis o que se chama fazer boa politica e boa diplomacia. Bem haja pois o nosso querido amigo e patricio, que assim deu mais um util exemplo de que os homens de valor valorisam todas as missões de que se encarregam e se sentem tão bem no Poder como fóra do Poder, pòrque de toda a maneira — podem. Só as mediocridades vivem do prestigio que lhes emprestam os titulos e honras de que se revestem, e de que porisso receiam despojar-se, certas ou desconfiadas de que honras e titulos são os unicos algarismos capazes de transformar em unidades apparentes os zeros reaes e verdadeiros das suas pessoas.

XVIII

Um dos problemas da vida contemporanea é a progressiva incompatibilidade entre amos e creados. Uma estatistica que me cae neste instante sob os olhos mostra que o numero

de creadas diminuiu em França, nos ultimos trinta annos, quasi de metade, proporção que ainda mais se aggrava quando a pomos em confronto com o augmento da população e a generalisação do conforto e de mil commodidades e necessidades novas da vida, no mesmo praso.

Se a quantidade de servos se reduz a olhos vistos, da sua qualidade que diremos? O inquerito ou o congresso internacional que qualquer dia terá de reunir as donas de casa para estudar tão grave assumpto, decidirá por certo unanimemente que ás creadas não pertence mais o titulo de *bonnes,* a não ser que nelle se subentenda: *bonnes... à rien faire.* A creada dedicada aos seus amos, embutindo-se pouco e pouco no quadro da familia até vir a fazer insensivelmente parte della, só existe hoje como raro phenomeno. O estado de espirito reinante entre servidores e servidos é de paz armada. E o mal-entendido nasce menos de razões materiaes que de melindres sentimentaes, visto ser a profissão domestica, cada vez mais, uma das poucas que asseguram aos seus membros casa e comida gratis, isto é, noventa ou mais por cento do indispensavel á vida, tornando-se portanto o salario, accrescido de gorgetas, presentes e outros beneficios, em simples *argent de poche*

destinado ás despezas de representação e luxo. Poucos orçamentos de gente pobre terão tão ampla verba para acudir ao superfluo. As creadas das nossas avós, fartamente teúdas e manteúdas, (para falar portuguez do tempo dellas) compravam corações de filigrana e cordões de oiro com o que lhes sobrava, que era quasi tudo, das suas modestas soldadas de seis moedas ao anno. As de agora, estipendiadas na Europa á razão de muitas dezenas de francos mensaes, vão ao theatro, andam de automovel, pagam os charutos dos seus namorados, e vestem-se ás vezes na mesma costureira das suas amas. Compare-se esta situação com a de qualquer operario de mina ou fabrica, onde no entanto a offerta continua a ser maior do que a procura, e verificar-se-á definitivamente que nem só de pão vive o homem, incluindo a creada de servir.

Não ha com effeito a menor duvida que as relações entre amos e creados exigem da parte de uns e de outros, para se não azedarem, uma diplomacia permanente e difficil. Que é, nos tempos de hoje, um creado, sobretudo nos grandes centros de civilisação? É um nosso semelhante, educado quantas vezes na mesma escola, lendo os mesmos jornaes, vestindo saias ou calças do mesmo figurino que

nós proprios, e a quem, sem de qualquer modo o conhecermos, sob a fé de vagas informações ou de incertos attestados, abrimos instantaneamente de par em par todas as portas da nossa casa e todos os segredòs da nossa vida. Este thesoiro escondido que é um Lar, eil-o devassado aos seus olhos instinctivamente hostis e aos seus ouvidos profissionalmente indiscretos. No quarto de dormir, no de vestir, nas nossas conversas á meza ou na sala, a presença inevitavel do creado dá-lhe inauditos fóros de testemunha ironica ou de juiz sem indulgencia. Este desconhecido tudo pode conhecer de nós, desde a pelle até á alma, de nós que nada sabemos delle. A sua correcção parece-nos tanto maior quanto maior fôr o seu silencio. Exigimos-lhe que nos trate na terceira pessoa, para bem accentuar a distancia que de nós o separa, e procedemos diante delle como se elle fosse de pau ou de pedra e não da nossa carne e do nosso osso, com uma surdez e uma mudez apenas convencionaes e que por isso mesmo, em natural desforra, ouvem dobrado, e na primeira occasião falam pelos cotovelos. Como não ha de elle ter-nos rancor do seu automatismo e como deixaremos nós de soffrer da sua intrusão? Um tacto consummado, nosso e delle, pode attenuar, mas não dá cura, ao que nesta situa-

ção ha de organicamente absurdo e até de contrario á natureza.

Nos Estados-Unidos procura resolver-se a difficuldade instituindo creados especialisados e ás horas, que entram em nossa casa para determinado serviço e se retiram uma vez esse serviço executado, como quaesquer outros fornecedores ou operarios, sem serem nunca nossos commensaes nem nossos hospedes. A mechanica e a electricidade começam de resto já a ser excellentes alliados nossos contra a oppressão dos creados; e, por muito pouco Edisons que nos sintamos, nada nos custa imaginar uma cosinha capaz de dispensar a cosinheira, um apparelho limpando sosinho o pó com mais efficacia que a mais diligente vassoira, um letreiro electrico que annuncie se sahimos ou estamos em casa, um torniquete que abra a porta ás visitas e um cabide movel que as desembarace intelligentemente dos seus agasalhos. Muitos destes sonhos são provavelmente já, na engenhosa America, correntes realidades.

A Suissa, reconhecendo a impossibilidade crescente de educar seres humanos para automatos, ensaia o regresso á tradição dos nossos paes e propõe que os creados sejam promovidos, até no nome, a nossos eguaes e collaboradores, que os sentemos á nossa meza e

emfim os encorporemos na nossa familia. Solução mais sympathica do que pratica, porque nem a vida torna a ser patriarchal nem a intimidade pode nascer senão da longa convivencia e da mutua confiança, tão impossiveis de improvisar como seria impossivel a uma planta de dois mezes deitar fundas raizes.

A solução ideal consistiria em procurar quem nos servisse fóra da especie humana, como já fazemos aliás com os animaes chamados domesticos. Um boi ou cavallo não são outra coisa senão optimos creados. De um macaco seria talvez realisavel, com algum trabalho, fazer um *groom*. Mas na impossibilidade de ir muito longe neste caminho, resta-nos a solução intermedia, se bem que quasi só accessivel a billionarios, de recrutar creadagem nos paizes exoticos, de cultura e vida quanto possivel longe da nossa. Um chinez ou um indio, falando, de preferencia á nossa lingua, qualquer volapuk cosmopolita, serão sempre melhores servidores para nós do que os homens da nossa raça. Um preto, cuja alma em branco affeiçoaremos facilmente aos nossos gostos e habitos, será, sob este aspecto ao menos, um servo commodo. O melhor creado que em minha vida tive era marroquino. Servia á meza na perfeição e tinha um talento raro para dispor as flores nas

jarras. Com o seu turbante irreprehensivel, o seu fato vermelho bordado a oiro, o seu deslisar silencioso nas babuchas, dava realce decorativo ao mais ligeiro jantar. O seu rosto fino e impassivel denunciava sincera indifferença pelas nossas conversas, que mal entendia, e que não o interessariam se entendesse. A sua alma era outra, como a sua raça e a sua fé. Para dormir tinha um pavilhão independente, como tinha a sua comida especial e as suas horas especiaes de descançar e de rezar. Não lhe occorreria ter ciumes do nosso viver ou sequer inveja dos nossos pratos. As nossas mentalidades marchavam parallelas, sem se cruzarem. Porisso nunca surprehendi no seu olhar senão lealdade e estima. A deferencia com que nos tratavamos, nem da sua parte era servil, nem em mim altaneira. Estavamos distanciados de nascença pela nossa origem e não por uma convenção social que a ambos deprimiria.

Sempre me lembro do fiel Mohammed com saudade. Quando deixei Tanger apresentou-se elle, com todos os outros creados e soldados, para me acompanhar processionalmente ao molhe de embarque. No seu hespanhol rudimentar disse-me e aos meus toda a pena com que nos via partir. E de repente, numa volta de rua, sumiu-se para sempre. Contaram-me

depois que não soubera dominar as lagrimas e lhe faltára a coragem para prolongar por mais tempo as suas despedidas. Estou a vel-o no seu fidalgo perfil arabe, alto e elegante, de uma polidez natural e cheia de encanto. Estou a ouvil-o acarinhando os meus filhos e lamentando que os dominios de Allah se não estendessem até ás terras frias e christãs onde se não atrevia a acompanhar-nos. Serviu-me quatro annos com honrado zelo, foi perfeito de tacto e de gosto até nas suas lagrimas finaes e no seu lindo adeus enygmatico. Aqui o deixo como exemplo aos seus defeituosos collegas do velho e do novo mundo.

XIX

Acabo de ler com tanto prazer como proveito as conferencias sobre o Brazil feitas na Sorbonne pelo eminente diplomata e escriptor brazileiro sr. Oliveira Lima. A quem ainda persista em considerar a diplomacia como uma profissão mais futil que util aponto este exemplo de um homem que poz ao serviço do seu governo todos os seus dotes e faculdades

e não dá ferias á sua actividade no proposito, que nem um instante o abandona, de revelar e explicar a uma Europa geralmente distrahida e ignorante a grande nação de que é tão completo representante.

A tribuna diplomatica é das mais altas e bem collocadas e bem faz o sr. Oliveira Lima em utilisal-a para se fazer ouvir. É logico que o diplomata se sinta attrahido para a historia como o historiador para a diplomacia. São multiplos os pontos de contacto entre estes dois poderosos meios de acção social. Se o historiador escreve historia, o diplomata tem por officio fazel-a. Da erudição, indispensavel áquelle, encontra este as fontes mais puras nos archivos de cada paiz onde o collocou o seu governo. Muito melhor que no seu gabinete aprende o historiador a conhecer e a julgar os homens tratando-os, como diplomata, em todos os meios e sob todos os climas. O patriotismo torna-se ao mesmo tempo mais ardente e mais lucido, longe da patria, numa distancia de onde mais lhe sentimos a falta e mais equitativamente a comparamos. Emfim a acção é pelo menos tão ponderadora e amadurecedora do espirito como a meditação e o estudo. E o sangue-frio é essencial qualidade diplomatica, como inapreciavel virtude do historiador.

Pois é justamente de falta de sangue-frio no estudo dos factos e na apreciação dos homens que me parece resentir-se a historia portugueza e ignoro se tambem a brazileira. Muitos capitulos da nossa historia andam falseados. Ora foram escriptos como um thema ôco de rhetorica, ora como um pamphleto aggressivo. Não são, como deviam, a narração objectiva e documentada dos actos e das pessoas, tendo em vista a relatividade dos tempos e das circumstancias. Á sua leitura se deve, em grande parte, que o espirito das ultimas gerações portuguezas tenha sido viciado por um estranho pessimismo e uma especie de rancor retrospectivo que nos leva, não a apprender com a experiencia e até com os erros dos nossos antepassados, mas a rogar-lhes esterilmente pragas e a mostrar os punhos ás suas sombras impassiveis.

A historia é um dos mais efficazes estimulantes da acção e da vida de um povo. Cada paiz fez desse estudo o viveiro do patriotismo e das aspirações nacionaes. Admitte-se até como legitimo que cada qual puxe a braza para a sua sardinha patriotica, e é por isso que a mesma historia universal, escripta por francezes. inglezes, hespanhoes ou allemães, assume feições diversas e aspira naturalmente sempre a pôr em maior relevo e em luz mais

favoravel o passado da nação de que faz parte quem a escreve. De uma historia que, ao contrario, nos trouxer depressão e desanimo, em vez de fé e orgulho, dessa é que podemos de antemão dizer que está errada.

Nas suas conferencias da Sorbonne, como já anteriormente nos dois magistraes volumes do *D. João VI no Brazil,* procede o sr. Oliveira Lima, com abundancia de documentos e de argumentos novos, ao que poderemos chamar a rehabilitação historica do desafortunado Rei portuguez. Nas biographias nacionaes a figura de D. João VI apparece caricatural e grotesca como se nol-a mostrassem em espelhos convexos. Hoje a revisão do seu processo impõe-se. Sobre a eloquente e convincente defeza do sr. Oliveira Lima teem naturalmente a palavra os historiadores portuguezes.

Sem duvida D. João VI não pode ser julgado, pelos brazileiros que com elle emanciparam o Brazil, como por nós, que com elle materialmente o vimos fugir-nos. Emquanto o dia amanhecia glorioso e cheio de promessas do lado de lá do Atlantico, no nosso canto occidental reinavam a escuridão e a miseria mais desesperadas. Mas as intenções do Rei não podem ser confundidas com as consequencias dos seus actos. D. João VI trabalhava para nós e ainda era em nós que

pensava no ultimo conselho dado a seu filho, no momento de regressar a Portugal, ao seu *canapé da Europa,* como tão pittorescamente lhe chamava. Canapé foi esse, por signal, em que não foi dado ao seu corpo vivo dormir uma só sesta tranquilla, e que ainda até agora não concedeu aos seus ossos, nem perdão, nem esquecimento.

XX

O thermometro, suspenso do lado de fóra da minha janella, marca doze graus abaixo de zero. As vidraças estão baças de geada, *flores de gelo,* como aqui lhe chamam, que o sol não teve, desde alguns dias, força para derreter. São onze horas da manhã, num ceu azul descórado brilha nitidamente um sol apenas diverso do de Julho em se deixar encarar de frente; e, diante dos meus olhos, num *court* de tennis transformado em campo de patinagem, algumas duzias de senhoras e de creanças deslisam, em grupos e em curvas graciosas, sobre o assetinado gelo.

Leitor equatorial e amigo, não batas o queixo nem tirites perante o quadro polar que aqui descrevo; suspende o gesto de com-

paixão que porventura te inspire a sorte deste pombo-correio e do seu enregelado expedidor! Aquelle que escreve ou mais exactamente dedilha estas linhas sobre o teclado alphabetico de um *type-writer*, não experimenta nenhum dos tormentos que na sua como na tua terra seriam inherentes a uma tão vertiginosa baixa de temperatura. Neste aposento, onde o aquecimento central, a que mais propriamente caberia o nome de *sol canalisado,* mantem uma tepidez e agasalho continuos, faz sempre verão, seja nas calmas de Agosto, seja pelas nevadas de agora. Para o seu feliz locatario o *asperrimo Dezembro* dos versos de Castilho é apenas mais uma vez um bom assumpto de verso ou prosa, mas, por maneira alguma, causa de soffrimento ou de melancolia.

Depois de me ter erguido de um leito onde todo o anno me abriga o mesmo numero de leves cobertores e de ter espremido sobre a minha pelle nua uma esponja embebida em agua fresca, vesti um *pyjama* fino como um fato de verão e entreguei-me á deliciosa operação preliminar da vida quotidiana que consiste em abrir o correio e sorver o café com leite do primeiro almoço. Jornaes vindos da Patria descrevem tempestades, inundações, descabelladas ventanias e aguaceiros. Amigos, que me dão noticias dessas terras do Sol e do

Sul, pedem desculpa da calligraphia tremula que a custo rabiscam os seus dedos hirtos de frio. Contam-me as mantas em que se embrulham, os longos serões ao redor da brazeira, as frieiras que deformam pés e mãos dos seus filhos. Lamentam que eu seja obrigado a residir nestas regiões sombrias e geladas e acautelam-me contra os pavorosos rigores dos seus invernos.

E eu leio-os, e meigamente me divirto com os seus lamentos e receios, e voltam-me á tona da memoria os ultimos dias que passei ha annos, numa cidade do norte portuguez, por esta epoca. Estava-se em Janeiro e o sol era o unico fogão ao meu dispor, um sol, verdade seja, incomparavel, quente e brilhante, de cujos raios eu não me cansava de dar de beber ao meu corpo e alma de lagarto. Mas o poente vinha rapido e com elle a sombra e a humidade. De dia todo eu me extasiava e pavoneava ao ar livre, repellindo agasalhos, em corpo bem feito. De volta a casa, duro contraste, logo á entrada me aguardava o capote espesso dentro do qual eu ia procurar reter o mais tempo possivel todo o sol armazenado na rua, e que, até ao momento de penetrar nos lençoes glaciaes como mortalhas, seria a minha unica defeza contra o frio.

E, diante desta evocação, mais firmemente me repeti que os mais commodos paizes para passar o inverno são os paizes frios, como é tambem nos paizes quentes que mais agradavelmente se gasta o verão. Só aquelles sabem *ter frio* e só estes, por sua vez, sabem *ter calor*. Nuns o inverno é sabiamente aproveitado, não só para os conchegos da casa, como para todos os prazeres do gelo e da neve, para a patinagem, para o *bobsleigh*, para o *ski*, para mil outros exercicios que nos ensina a Scandinavia. Com que prazer trocamos então os nossos trajes civilisados e constrangidos pelas amplas camisolas e carapuças de lã felpuda dos montanhezes do Norte, e nos pômos em contacto estreito e salutar com a Natureza! E nesses climas o inverno não é espectaculoso nem tormentoso como nos nossos. De um ceu sereno cae uma neve miuda e fina, que se não ouve. O vento não assobia pelas frestas das janellas duplas que delle nos resguardam. Rodeiam-nos horisontes immensos ou altos pincaros de que a neve é a eterna esculptora. Quanto mais o thermometro desce mais a paizagem é silenciosa e tranquilla. Marchar depressa cortando o ar vivo e secco é quanto basta para não soffrer com a friagem, e é uma gymnastica saborosa e tonica para os corpos vagamente entorpecidos no calor perpetuo das casas.

Diante do verão, a seu turno, as terras frias ficam embaraçadas e impotentes. O calor é nellas oppressivo, trovejado, sem ar. É um calor estupido, esteril e sem poesia. Tenham então a palavra essas regiões bemditas da beira-mar, onde todos se sabem vestir, alojar e entender com elle. Tenham a palavra as casas de marmore da Andaluzia, os seus pateos floridos onde a agua canta nos repuxos, as suas ruas toldadas onde cheira a nardo e a jasmim, as suas praças debruadas de palmeiras onde, até alta madrugada, o abrir e fechar dos leques das *manolas* alterna com as musicas languidas das bandas militares. Tenham a palavra os albornozes leves e transparentes dos arabes, a brisa maritima doce como um halito, os luares sem fim das nossas terras, o suspiro das gaitas moiras ou o gemido das guitarras christãs, os rouxinoes das nossas noites e os melros e cotovias das nossas madrugadas, as nossas arvores, os nossos fructos e flores...

O frio é a lingua do Norte como o calor é a do Sul. Não sabem, por mais que queiram, falar outra.

XXI

Mal sabia decerto o genial anonymo a quem devemos a invenção moderna dos bilhetes postaes illustrados, a que ponto a sua iniciativa era benemerita, alem de tão lucrativa. O *post card* está sendo com effeito um apreciavel instrumento de educação social, um mestre diligente de historia, geographia e arte, com o mundo inteiro por discipulo. Graças a esse ubiquo rectangulo de cartão, até o mais boçal habitante da mais escondida aldeia pode apprender o nome e contemplar a imagem das cidades, das paizagens, dos monumentos mais bellos do seu ou dos alheios paizes. Uma collecção de bilhetes postaes, ora é uma viagem, ora um museu, ora um livro. Considere-se a impossibilidade absoluta, em que até ha pouco tempo ainda, se encontravam tres quartas partes da humanidade, de ter uma ideia plastica do mundo em que habitam, e veja-se agora com que facilidade uma creança de dez annos fala, por os ter visto reproduzidos, num quadro de Murillo ou de Rubens, na bahia do Rio de Janeiro ou na de Constanti-

nopla, nas geleiras da Suissa ou nas lagunas de Veneza. Nomes, descripções e datas teriam rapidamente murchado na sua memoria voluvel e não lhe deixariam senão impressões vagas ou abstractas. Uma gravura impressiona com outra efficacia os seus olhos sensiveis. Deveriam mesmo organisar-se nas escolas primarias, como livros de consulta ou como premios, series completas e coordenadas de bilhetes postaes, dando a respeito de cada paiz, ao lado do facto, do logar ou da obra, um curto commentario explicando-as e situando-as no espaço ou no tempo. Ponham a empreza nas mãos de artistas e vel-a-ão desentranhar-se em beneficios para a direcção e vulgarisação do bom gosto publico. Ruskin, por intermedio dos tecidos chamados *Liberty,* deu a toda a Inglaterra uma lição fecunda de desenho e de arte. Pelo bilhete postal é egualmente possivel ensinar um povo, não só a mobilar o seu espirito, como a sua casa.

Veja-se ainda a boa influencia do bilhete postal no estreitamento das relações sociaes. Pouca gente aprecia ou sabe escrever cartas. E só amisades muito solidas resistem á acção lenta mas continua da ausencia e do silencio. A vida vive-se cada vez mais depressa e o egoismo é o melhor carvão de cada machina. Os corações vão ficando pequeninos, pequeni-

nos... Para a mentalidade geral uma carta é uma tarefa arida. E para a gente bem-creada um bilhete postal, da forma antiga, era incivil entre particulares, por ser uma confissão tacita de falta de assumpto, da mesma maneira que a cortezia manda encher até á ultima linha as quatro paginas de uma carta, como meio amavel de suggerir ao nosso correspondente que foi pouco todo o papel para o muito que tinhamos de agradavel a dizer-lhe.

Surge porem o *post card* illustrado e eis cortados todos estes pequenos nós-gordios. Escrever a um amigo ou a um conhecido torna-se um prazer barato e facil. Basta escolher uma vista risonha do sitio em que nos encontramos e pôr-lhe ao lado, no millimetro de cartão disponivel, quatro palavras rapidas de cumprimento ou de affecto. A natureza mais rebelde á prosa, a penna que mais fastidiosamente gaguejasse deante da folha branca e muda de uma carta, logo achará inspiração e espirito, quando para a primeira se lhe proporciona uma linda estampa e para o segundo apenas se lhe reclamam duas linhas. Ó distante amigo, cuja imagem começava a ser antipathica, desde que a ella se ligava a ideia de uma resposta a dar ou o remorso de não a ter dado! A penna com

que agora te escrevemos já nos não peza na mão. O sentimento que nos inspiras é mais vivo e não o enfraquece a menor sombra de enfado.

Assim o movimento do correio augmentou por toda a parte em proporções inesperadas, desde que os bilhetes postaes lhe deram este impulso. Meio mundo, antes calado e a caminho de indifferente, dá noticias em permanencia a outro meio. Cruzam-se no ar, em rêde cada vez mais espessa, os bons-dias, as boas-festas, os abraços, os beijos, as saudades. Parece que isto vale pouco; mas na Natureza nada se perde e a electricidade affectiva desenvolvida por este aquecimento das relações humanas é uma riqueza nova e uma força nova de que a concordia, a paz e a solidariedade universaes virão a ser seguras usufructuarias.

XXII

Numa cidade da Allemanha — não me recordo se em Stuttgart ou em Nuremberg — teve um grupo de artistas, segundo li ha tempos nos jornaes, a engenhosa ideia de fundar um *Museu do mau gosto,* onde se expo-

zessem, não á admiração mas ao opprobrio publico, todos os crimes de lesa-arte, antigos ou modernos, famosos ou ineditos, chegados ao seu conhecimento por qualquer meio, incluindo o da denuncia.

Um mestre de obras, pintado de architecto, erigia, por exemplo, numa das ruas da cidade, uma dessas casas absurdas, sobrecarregadas de torreões e de estatuas, em que a Germania é prodiga. Julgado o delicto em processo summario e condemnado o reu, immediatamente a sua obra era collocada em imagem no *Museu do mau gosto,* onde naturalmente a esperava um acolhimento de troça tão unanime como teria sido o côro de louvores, se o publico sempre gregario não fosse antecipadamente prevenido de que tinha de rir de um aborto e não de applaudir uma obra-prima.

Egual pena a applicar á vitrina de estofador caracterisada pelos horrores postos á venda, á lithographia fingindo de pintura, a toda a quinquilharia sem nome dos bazares germanicos, á transeunte em trajes ridiculos surprehendida pela objectiva de um *kodak,* aos monumentos publicos e ás casas particulares.

Ignoro se o projecto foi por deante e qual o seu exito. Talvez não vingasse por falta de espaço para o realisar. Cidades conhecemos nós onde toda a cidade não chegaria para

dar guarida a um tal museu. E resta saber se a paz publica seria compativel com uma tão severa fiscalisação do mau gosto. Quando a Edade-media decretou que *de gustibus non est disputandum* já decerto a guiava o preceito prudente de que o essencial é viver em paz, ainda que num mundo feiissimo.

Não só o bello mas tambem o feio tem os seus cultores ardentes e bellicosos. Um dia nos armazens do Louvre, em Paris, procurando em vão não sei já que bugiganga de mobiliario a que só exigia que não fosse horrenda e fosse pratica, desabafei magoadamente com um chefe de serviço, queixando-me de que as grandes lojas, em vez de serem, como lhes competia, educadoras do gosto publico, perfidamente o estavam desmoralisando, offerecendo-lhe e recommendando-lhe, em maioria esmagadora, as mais abominaveis creações da Estupidez e da Mediocridade. O homem empinou-se todo nos seus altos bigodes para me explicar que, se adoptasse o meu louco conselho, a sua tenda ficaria ás moscas. O mau gosto é o gosto universal, queria elle dizer, sem, já se vê, lhe chegar a lingua. *Feio* definir-se-ia, no seu diccionario sceptico de commerciante, aquillo de que toda a gente gosta. Arte, belleza, como virtude e verdade, são excepções, para não dizer aberrações, á regra.

E, sem duvida, algum juizo e acerto tinha o capataz do Louvre e eu estava devaneando como de costume. Mas pela bocca de um francez fala sempre a Rotina quando não berra a Anarchia. E eu bem sei que uma Natureza sublime e portanto perpetuamente educadora rodeia o homem sem que elle a veja e tenha até agora sido capaz de apprender muito com ella. Mas a pedagogia como a cirurgia modernas inventaram remedios novos para attenuar e por vezes curar a cataracta ou a gota serena humanas. A Allemanha, grande pedagoga, cá vae raspando, á força de regulamentação e de disciplina, a crôsta rude dos seus habitantes. E em pouco tempo tem conseguido muito. As preoccupações de arte, de harmonia e de conforto ganham visivelmente terreno em todos os meios. Eu por exemplo tenho um senhorio, que não é artista nem lettrado, mas que soube incluir, entre as clausulas do contracto que nos liga, esta bem interessante que me obriga a ornar de geranios côr de rosa os rebordos das minhas janellas, para que a casa em que habito offereça ao publico uma fachada uniforme e de cores equilibradas e não apenas o reflexo desordenado e contradictorio dos gostos bons ou maus dos seus locatarios.

XXIII

Um Terreiro do Paço... suisso.

O Palacio Federal de Berne é um monumental edificio em estylo florentino, composto de tres alas, dentro das quaes se abrigam, não só, como no nosso Terreiro do Paço, as repartições dos diversos Ministerios, mas ainda as duas casas do Parlamento. Um longo corredor, aceado e deserto, sem pretendentes nem pontas de cigarros, liga de um extremo a outro todas as divisões do Palacio. Para esse corredor abrem, numerados um a um como os quartos de um hotel, os pequenos gabinetes onde Presidente da Republica, Ministros, Directores geraes, chefes e officiaes de repartição, para empregar a nossa terminologia burocratica, empallidecem e envelhecem, desde as oito horas da manhã ás seis da tarde, sobre as suas secretárias, dando aos negocios e aos papeis do Estado a solução e a arrumação convenientes. Cada funccionario tem o seu gabinete onde trabalha sósinho. As visitas são poucas, e é tal o silencio que quasi poderia ouvir-se o ranger, sobre o velino official, de aquellas mil pennas laboriosas.

Não creio que possa haver machina administrativa mais bem montada. As perdas de tempo e de espaço foram sabiamente combatidas. Uma estação de correio, outra de telegrapho, asseguram dentro do Palacio a prompta transmissão de toda a correspondencia. Um ministro dirige-se aos gabinetes dos seus collegas, ou ás sessões das Camaras e das commissões parlamentares, em segundos ou em minutos, sem mesmo se dar ao trabalho de pôr o chapeu na cabeça. Uma bibliotheca e uma sala de leitura permittem a consulta rapida e commoda de livros e jornaes. E cada gabinete sem excepção abriga um especialista, uma roda da machina, em cada um se encontra o funccionario que sabe até ao fundo o seu officio, em cada um se folheia, posso dizer, o diccionario de carne e osso que dá ás nossas perguntas a resposta precisa e perfeita que nelle buscavamos.

Ninguem na Suissa tem o mau costume de se dirigir aos ministros para lhes pedir informações que elles só poderiam obter dos seus subordinados. Vae-se á fonte limpa. Procura-se o funccionario que mais directa e promptamente nos pode esclarecer, tendo-se a unica preoccupação de ser claro e breve, para não fazer perder o tempo a quem precisa de administral-o com tanta parcimonia. Um

dia, por uma esplendida manhã de sol, tive de ir ver um chefe de serviço, que, de barbas de missionario, macillento da sua vida sedentaria, me prestou sem demora as explicações pedidas, não dando sequer um olhar ao radiante quadro de primavera, coroado pelo panorama dos Alpes, que se desenhava inundado de luz na larga janella do seu gabinete. Tive então instantaneamente a comprehensão do que representa, em sacrificio, em privação dos menores prazeres, em abandono de todo o egoismo ao interesse publico, a vida exemplar destes homens que do trabalho fizeram a sua unica distracção. E disse ao meu assombrado interlocutor: « Afinal os senhores não são funccionarios, são frades bentos. Parece incrivel que eu só hoje repare que estes gabinetes são as suas cellas. Os senhores servem o seu paiz e o seu governo como só é costume servir a Deus. O Palacio Federal com mais justiça poderia chamar-se — o *Convento Federal!* ». E comparava, ao dizer isto, esse mosteiro austero, onde a obediencia á regra mata todas as tentações, com o club palreiro que é a Lisboa burocratica, cuja séde é o Terreiro do Paço e cujas succursaes são todas as esquinas da Baixa...

XXIV

O resultado das eleições allemãs não deixa duvidas sobre o desequilibrio politico de que soffre o Imperio. Até ao momento em que escrevo estão já eleitos 99 deputados socialistas e 77 liberaes e radicaes contra 174 deputados conservadores, do centro catholico e dos demais grupos da direita. Qualquer que venha a ser a distribuição pelos partidos das 34 candidaturas ainda sujeitas a uma eleição de desempate, não ha já temeridade alguma em affirmar que a maioria das direitas será materialmente precaria ou nulla no proximo Reichstag, sem contar que a força moral e o ardor combativo dos socialistas vão crescer em proporções ainda maiores que o numero dos seus votos e dos seus deputados.

Ao desenhar a architectura da Allemanha unida, Bismarck utilisou o suffragio universal como um artificio opportuno e uma arma provisoria contra o particularismo dos Estados. Mas utilisou-o com desdem e sem lhe attribuir a capacidade de deitar raizes no solo germanico. Quarenta annos passados a sua prophecia falha em toda a linha. Tres quartas partes

de Berlim são socialistas. Dentre os doze milhões de allemães que lançaram o seu voto á urna nas eleições de ha dias, mais de sete milhões e meio (dos quaes 4.200:000 socialistas) reclamam obras capitaes no edificio bismarckiano. Que lhes responderiam, se falar podessem, as innumeraveis estatuas de bronze que atravez do Imperio repetem a figura portentosa do Chanceller de ferro?

E assim ha já hoje duas Allemanhas, como se prova que ha duas Franças, na these interessante do professor suisso Paul Seippel. E as duas metades cada vez menos se ajustam. Se ácerca da unidade italiana foi possivel dizer que estava feita a Italia e faltava apenas fazer os Italianos, na unidade allemã deve ao contrario notar-se que já não ha senão allemães, mas que a Allemanha não está acabada de fazer nem encontrou os seus moldes definitivos. Por ora é ainda uma pupilla do feudalismo e do militarismo prussianos, anciosa por quebrar os laços da sua vassalagem. Apezar da sua prosperidade, da sua disciplina, do seu exercito, a Allemanha é ainda politicamente uma chrysalida. O seu povo prepara-se vagarosa mas obstinadamente para governar. A' revolução poz-se a caminho, revolução sem *r*, lenta e fleugmatica, mas inevitavel, cujos adeptos levam, observa

um escriptor francez, os punhos cerrados, embora mettidos nos bolsos. Não falta quem supponha que o futuro poderá vir a fazer da Allemanha o que ella é já hoje sob muitos aspectos: uma segunda Confederação helvetica, uma especie de Suissa em ponto grande, radical nos fins mas conservadora e tradicionalista nos meios, cujo progresso merecerá a definição lapidar encontrada pelo sr. Poincaré e será com effeito — *a ordem em marcha.* Então Bismarck encarnará de novo, não apenas num homem, mas na alma collectiva e consciente da nação.

Sempre me pareceu que as nações se não dividem senão apparentemente em monarchias e republicas e que o que sobretudo as distingue é a conquista ou a perda do equilibrio politico. Não ha fórmas de governo: ha *fôrmas* de governo. As instituições de um paiz não podem ser obra de um homem, chame-se elle Napoleão ou Bismarck, cuja intervenção conseguirá apenas demorar ou apressar, mas não desviará do seu leito, as grandes correntes sociaes. Cada povo tem de construir por si proprio a casa em que vae viver, adequada ao seu temperamento e ás suas necessidades, fructo natural e amadurecido da sua evolução, da sua historia, dos esforços, das experiencias, das decepções accumuladas de seculos. Exemplo vivo de nações equilibradas, estaveis, que

encontraram a sua *fôrma?* A Inglaterra, a Suissa... Mas os moldes de uns não servem a outros, por mais logicos que a theoria os proclame. Da mesma forma que os sapatos que me conveem não são os que eu possa admirar numa vitrina elegante, por mais perfeitos e afiambrados que me pareçam, se eu não tive primeiro o cuidado de verificar que o meu pé caberia nelles. Calcem os escarpins mais requintados ao pé tosco e grosseiro de um moço de esquina. O pé ficará tão tosco como era, e ainda por cima dorido e incapaz de andar, protestando por todos os seus magoados joanetes contra o supplicio que lhe infligiram.

Se quando se trata de pés todo o cuidado é pouco para affeiçoar o continente ao conteúdo, que dizer quando a questão é de cabeças, dos milhões de cabeças, com a sua mentalidade, educação, tradições, costumes e defeitos, que constituem um paiz? A sua *fôrma* tem de ser elaborada e modelada nas suas entranhas, e sempre o seu melhor architecto será o Tempo, de quem homens e doutrinas politicas apenas podem aspirar a ser collaboradores. Da Allemanha construida a ferro e fogo por um estadista de genio, ir-se-á pouco e pouco destacando a outra Allemanha, filha legitima e não adoptiva da alma nacional, e que porisso não correrá nunca o risco de vir a ser engeitada por ella.

XXV

Quem ha por ahi que acuda em defeza do parlamentarismo? As pedras chovem no seu telhado. Um inventor de genio que nos ensinasse a maneira de o substituirmos tinha fortuna feita.

Agora é o senador francez sr. Pierre Baudin, que, no seu relatorio sobre o accordo de Marrocos, põe em contraste a diplomacia do seu paiz com a germanica e se lamenta. Na Allemanha — vem elle a dizer — os governos apoiam vigorosamente os interesses economicos nacionaes. Atraz de cada grande chefe da industria ou do commercio estão os ministros e os diplomatas, estimulando-o e empurrando-o para a frente. A politica allemã honra-se e gaba-se de ser uma politica de negocios. Pelo contrario em França não ha palavra que mais assuste os politicos. Quando se vê um homem publico conferenciando com um banqueiro, logo mil vespas venenosas zumbem em todas as direcções: *Panamá! Panamá!* Um ministro não pode dar força a um industrial, a um financeiro, sem que se diga e se creia que *está feito* com elles.

Tal não sucede na Allemanha — nem na Suissa, diremos nós, pois nem um nem outro destes dois paizes teem a ventura de se reger pelo systema parlamentar. Na Allemanha os ministros são simples funccionarios responsaveis perante o Imperador que os nomeia e demitte. O Reichstag não faz nem desfaz ministerios. A conquista do Poder não é o seu fito. Na Suissa os ministros são tambem simples funccionarios, eleitos pelas Camaras por um praso fixo, mas praticamente sempre reeleitos e portanto vitalicios. O parlamento não lucta pelo Poder.

Conclusão: num como noutro paiz a opposição é leal e objectiva porque nada aproveitaria em ser o contrario. A opposição — deixa governar. Em França a calumnia é, desde Basilio, a melhor arma para derrubar os gabinetes e — naturalmente — para tomar-lhes o logar. E como o *pim-pam-pum* parlamentar tem por principal funcção deitar abaixo os ministros, a principal funcção destes é, por sua vez, fugir com o corpo áquelle fatal castigo. Os interesses do paiz são, se assim posso exprimir-me, contrarios á normalidade constitucional.

Outro exemplo não menos instructivo:

Ha dois annos, o chanceller allemão Principe de Bülow, vendo rejeitado pelo Reichstag, em

consequencia da opposição do partido conservador, o seu projecto de imposto sobre as successões, pediu a demissão e retirou-se correctamente da vida politica. Ao partir limitou-se a prophetisar que os conservadores pagariam caro o seu erro e que delle só viriam a aproveitar os socialistas. A sua phrase de adeus, pedida emprestada a Shakespeare, foi: *Thou shalt see me at Philippi!* (Até á vista em Philippos!)

Cá estamos em Philippos. A prophecia de Bülow realisou-se, alem de toda a espectativa, nas ultimas eleições allemãs. O Principe ex-chanceller recebe, no seu sumptuoso exilio de Roma, saudações e felicitações de toda a Allemanha. O seu imposto virá talvez de novo a ser submettido ao Reichstag, e desta vez para ser votado. A orientação politica do governo imperial não poderá deixar de resentir-se da influencia dos partidos da esquerda na nova Camara. E para este resultado não contribuiu Bülow com uma palavra (alem de aquellas) nem com um gesto. Em França elle teria enfileirado na opposição activa desde a sua sahida do governo. E na sua lucta inevitavelmente egoista para se desforrar dos seus inimigos e para recuperar a situação perdida, não só toda a sua autoridade moral se fundiria, mas o proprio valor e

alcance das suas ideias seriam esquecidos e vãos para só ficarem em evidencia as suas ambições e os seus despeitos. Elle voltaria talvez a ser chanceller; o paiz, por seu lado, é que já nada aproveitaria com isso.

XXVI

As *landsgemeinde* suissas.

Nenhum dos meus leitores ignora que alguns cantões suissos da montanha se governam ainda pelo systema patriarchal da democracia directa. Cada anno, no primeiro domingo de maio geralmente, o povo desses cantões (que são os de Appenzell, Unterwald, Glaris e Uri) reune-se ao ar livre, na praça publica das suas aldeias-capitaes, e procede pessoalmente á votação das suas leis e á eleição do seu governo. A esses parlamentos populares se dá o nome varias vezes secular de *landsgemeinde*. Os projectos de lei e os relatorios de gerencia do governo cessante são distribuidos com antecipação de algumas semanas, para que o *Soberano* — assim se chama ao povo em terra helvetica — possa apreciál-os.

Na maior parte das assembleias vota-se sem discutir.

Ha alguns annos tive ocasião de assistir no cantão de Appenzell a uma *landsgemeinde*. Bem quizera saber aqui gravar em quatro traços nitidos a impressão e a commoção que experimentei. Apesar do mez primaveril, a paizagem era de aspero inverno. Sobre as estradas do cantão montanhez, negras de gente, cahia incessantemente a neve em grossos flocos. O frio era mordente. Cruzavam-se commigo, vindos a pé de longas distancias, os eleitores, velhos e moços, cada qual com uma espada debaixo do braço, e de guarda-chuva aberto contra o nevão. A espada é, por velha tradição, o symbolo do direito eleitoral. Mas essa espada, hoje apenas civica, foi outrora guerreira. Por ella conquistou este povo a independencia e nella confia sempre para defender essa independencia de qualquer inimigo.

Eram oito horas da manhã quando a assembleia se abriu na grande praça municipal. Os sinos repicavam em festa. Doze mil pessoas faziam bloco compacto e todas fecharam as umbellas e receberam a neve a pé firme. Apreciei então a rispidez do tempo que dava á ceremonia um ar ainda mais impressionante e majestoso. Um lindo dia de sol faria talvez

della uma alegre romaria. Mas assim, sob a crua invernia, sentia-se que aquelle povo estava cumprindo um dever e exercendo, com sacrificio da sua commodidade e da sua saude, uma missão a bem dizer religiosa. Das estradas surgiam ainda alguns vélhinhos retardatarios, exhaustos da longa jornada, arrastando os pesados espadões.

O governo, com o seu presidente ou *landammann* á frente, entrou na praça, precedido de alabardeiros e de uma banda de pifanos e tambores, vestindo os trajes tradicionaes dos *vieux suisses* do seculo XVI. No silencio de egreja que reinava, o *landammann* leu do alto da tribuna o relatorio da sua gerencia, terminando pelo indice dos projectos que iam ser submettidos ao povo. E a votação começou, por mãos levantadas. A atmosphera era intensamente opposicionista, pois grande parte das leis foi rejeitada por obstinadas maiorias.

Procedeu-se depois á eleição do governo, membro a membro. Alguns foram eleitos por quasi unanimidade, notando-se apenas clareiras minimas na floresta espessa das mãos erguidas. Tive curiosidade de ver, se na segunda votação de contraprova, em que levantavam a mão os rejeitantes, aquellas opposições isoladas, impotentes, se manteriam, expondo-se assim individualmente á possivel

má vontade do governo futuro. Pois ninguem recuou. Lá se erguiam, aqui e alem, braços energicos, mãos espalmadas e firmes que negavam adoração aos soes nascentes. Era o escrutinio publico, com todos os seus perigos, exercido corajosamente por consciencias livres e por vontades fortes.

Veio então a parte mais solemne da ceremonia. O chefe do governo, levantando por sua vez a mão, prestou juramento ao povo. Jurou sonoramente, destacando as syllabas, cumprir as leis e fazer plena justiça a todos os cidadãos. *E em seguida, foi o povo que jurou fidelidade e obediencia ao governo.* Aquelles doze mil suissos, depois de um erguer de mãos simultaneo e unanime, falaram pela primeira vez para entoar em côro o seu determinado juramento. Os braços todos no ar pareciam lanças em riste. As linhas do quadro eram de uma pureza e de uma grandeza antigas. Nem eu, nem nenhuma das pessoas que me rodeavam, assistiu a elle a sangue-frio.

A *landsgemeinde* durára hora e meia sem que a neve cessasse de cahir e sem que o bloco popular désse o menor signal de desaggregação ou de cansaço. A sua immobilidade era de estatuas. Chegado o fim, o *ite missa est* de aquelle verdadeiro officio religioso, as vozes da assembleia juntaram-se em oração e deram

graças a Deus pelos beneficios concedidos á velha Patria helvetica. Todas as cabeças se descobriram — e sentia-se que Deus não estava longe...

O dispersar foi lento, recolhido e calmo. De novo as estradas se ennegreceram de gente e eu me cruzei com dobrados octogenarios, todos sarapintados de neve, apertando contra o peito as espadas mais velhas que elles. E custou-me a voltar a mim do sonho acordado em que ha duas horas vivia, contemplando com embevecimento um dos quadros muraes mais eloquentes da antiquissima escola onde a Suissa arrumada e feliz do seculo XX aprendeu a sua liberdade, a sua disciplina e a sua independencia.

XXVII

Fernando I, o recentissimo rei da Bulgaria, goza já de um tal prestigio nos altos circulos politicos da Europa, que sem difficuldade obteve agora de todas as grandes potencias que lhe mandassem um cortejo de principes para assistir ás festas pela maioridade do seu filho mais velho e successor no throno.

A Bulgaria, acabada de nascer, é já um paiz que se toma a serio e que deixa muito para traz de si os outros reinos desequilibrados e trôpegos dos Balkans.

Paguemos o preito da nossa admiração a este estranho homem que, em pleno seculo XX, e no curto espaço de vinte annos, se fez rei e fez um reino, tão authenticamente como D. Affonso Henriques ha oito e D. João I ha cinco seculos.

Por occasião da promoção de Fernando I de principe vassalo a rei, e mesmo a tzar, autonomo, um jornal francez chamava-lhe com espirito — *a self made king*. Nem já hoje, afinal, pode haver de outros, se é que jamais houve de outros, a não ser aquelles que se contentaram em ficar sendo na historia simples corôas reaes com um numero, como Eça de Queiroz disse das tiaras dos Papas.

Os reis de outrora, quando não conquistavam á ponta da espada a sua realeza, consagravam-na pela acção do seu genio politico. Poder absoluto nunca houve a bem dizer senão transitoriamente, assegurado pelo valor excepcional de alguns soberanos. A fiscalisação dos povos sobre os seus chefes exerceu-se sempre com mais ou menos grosseira justiça. A differença entre o passado e o presente é

porisso apenas, no fundo, uma questão de grau. As instituições contemporaneas restringiram talvez aos reis o seu poder de fazer mal. Mas a sua capacidade para o bem é sempre a mesma, e disso nos dá maravilhoso exemplo o intelligentissimo rei da Bulgaria.

Chamado entre o scepticismo universal a pastorear um povo de montanhezes indisciplinados, eil-o a governar, não com os defeitos — como fazem os politicos cynicos — mas com as solidas qualidades que logo descobriu nesse povo. Eil-o a tirar partido do bem e a attenuar e a corrigir pacientemente o mal. Eil-o a educar, primeiro dever e o mais efficaz meio de acção de um verdadeiro homem de Estado. E o povo bulgaro, optima materia-prima de uma patria, grato á boa semente com que foi semeado, desentranhou-se logo nos mais saborosos e nutritivos fructos. Da nação amorpha de ha trinta annos, esterilisada nas ferozes e sanguinarias luctas de uma politica de *clans,* surgiu rapidamente um povo forte, unido, consciente dos seus destinos, a que se chama correntemente na Europa, ou a Suissa balkanica, ou o Japão do Oriente europeu, conforme se teem em vista, só as suas virtudes constructoras e tenazes de caracter, ou tambem as suas aspirações imperialistas e conquistadoras.

Rei e povo alliaram-se e comprehenderam-se. E os politicos de Sofia decidiram-se emfim a não cultivar cuidadosamente, nem os defeitos do povo, nem os defeitos do rei, a não recear nem de um nem de outro a maioridade e a competencia, a não procurar manter, nem um nem outro, no contentamento somnolento e cego da ociosidade e da ignorancia. Fernando I exigiu a Verdade em torno de si. Obteve-a — e é hoje o mais prestigioso soberano dos Balkans, a quem a corôa real foi dada como uma corôa de loiros.

XXVIII

Nunca os governos foram mais fracos do que nos nossos dias — e nunca a imprensa foi mais forte. Esta é frequentemente a grande tyranna, e aquelles são, a cada passo, os grandes poltrões. Em França cada governo novo adoptou agora o costume de proclamar solemnemente que vae *governar,* de tal maneira cada um dos seus predecessores deixou a preponderante impressão de ser governado. Por seu lado os jornaes nadam por toda a parte em omnipotencia. O *Times* reina muito

mais effectivamente em Inglaterra do que Jorge V, e o *Matin* não trocava seguramente nem a sua força nem a sua lista civil pelas do sr. Fallières.

Outro ponto é saber de que maneira e com que escrupulo a imprensa universal utilisa a immensa força social de que a civilisação a fez depositaria. Mais efficaz e promptamente do que governos, parlamentos, escolas e egrejas, a imprensa pode ser hoje, desde que saiba situar com acerto o seu ponto de apoio, a alavanca capaz de levantar a alma e a vitalidade de um povo. Cada penna de jornalista é uma maça de Hercules.

« Dize-me que jornal lês, dir-te-ei as manhas que tens », seria proverbio merecedor de correr mundo, de tal modo é estreita a relação entre a mentalidade de uma nação e a physionomia dos seus jornaes populares. Notar, por exemplo, que os jornaes suissos são educativos e os francezes sensacionaes, é apontar logo dois aspectos verdadeiros do caracter destes dois povos.

Na Suissa o jornal é um ramo do serviço pedagogico, é uma especie de livro volante onde as pessoas que já não são de edade de ir á escola continuam a encontrar quem as ensine e esclareça. Um typo perfeito de gazeta popular é a *Revue* de Lausanne, lida

pela população agricola do cantão de Vaud, e que fornece cada dia ao seu leitor, em resumos de uma nitidez rara, uma alimentação de ideias, conhecimentos e factos de superior exactidão e qualidade. O jornal suisso é de resto sempre objectivo e impessoal. Consciente da sua força de propaganda, nunca a põe ao serviço do mal nem da mentira, proporciona á importancia intrinseca dos acontecimentos o espaço que lhes consagra, e é substancial e conciso como lh'o reclama o seu publico trabalhador e sem tempo para perder.

O jornal francez dirige-se principalmente á imaginação dos seus leitores. O seu fito não é ensinar mas entreter. Mesmo quando serve a verdade não nol-a serve crua mas cosinhada e temperada com molhos picantes. Um bello crime pretere quasi sempre nas suas paginas uma bella acção. Os retratos e as biographias dos assassinos augmentam as suas tiragens muito mais rapidamente do que o elogio monotono dos bons cidadãos. Cada jornal desses, salvo as grandes excepções conhecidas, é, desde o artigo de fundo descomposto até ao folhetim rocambolesco, um foco intenso, senão de infecção, pelo menos de enervação e de depressão social.

Que cada jornalista, ao molhar a penna no tinteiro, metta ao mesmo tempo a mão na

consciencia e se represente sem cessar que só da tribuna de um jornal laborioso, integro, bem creado e competente, é permittido accusar, como os jornaes tão facilmente accusam, governos, parlamentos e cidadãos de ignorancia, futilidade e inercia, sem que, aos olhos imparciaes do publico, os accusadores e os accusados appareçam exprobando-se mutuamente os vicios de que todos por egual adoecem, com inconsciencia comparavel á do tacho e da panella da fabula, que enojados um do outro, se diziam com asco: « Tira-te para lá, não me enfarrusques! »

XXIX

Les Portugais... ne sont pas gais!

Eis o titulo da carta anonyma enfastiada que sempre me appetece escrever aos jornaes francezes, quando os vejo soccorrerem-se, para falar de nós, dos banaes versos em que a opereta decretou naquelle paiz, por simples commodidade de rima, e contra todas as lições da realidade e da historia, que eramos um povo alegre, *toujours gai, qu'il fasse beau, qu'il fasse laid...*

Para Francezes, pouco amadores da historia e da geographia alheias, estes versos de rebuçado podem mais que as elegias de Camões ou Bernardim Ribeiro, de que jamais ouviram falar, ou os aspectos da paizagem e da gente portugueza que escaparão porventura aos seus viajantes superficiaes.

Graças sejam dadas ao sr. Angel Marvaud que, no seu interessante volume *Le Portugal et ses colonies,* restabelece emfim a verdade historica e psycologica proclamando que somos um povo triste, embora vá até ao extremo de affirmar que somos um povo de suicidas. Nem tanto nem tão pouco. A nossa tristeza não implica infelicidade. Não é sempre austera, apagada e vil como a descrevem os *Lusiadas,* adivinhando já o naufragio proximo de Alcacer-Kibir. Somos melancolicos, sonhadores e poetas, mas com delicias. Seja da companhia e visinhança do mar, seja da nossa costella celta ou do sangue arabe, o nosso natural é sisudo, contemplativo e suspiroso. Aos quatorze annos todos fazemos versos gemebundos a uma cruel ou a uma ingrata. A paixão correspondida não inspirou nunca os nossos poetas. A *Menina e moça* de Bernardim e a *Alma minha* de Camões encaminharam definitivamente para a saudade e para a dôr toda a poesia nacional. A historia desta

immensa palavra — *saudade* — deve offerecer coincidencias curiosas e ineditas com a propria historia nacional. Primeiro foi *soledade*, palavra ainda iberica, de resto linda, quinta essencia de musica e de poesia. Depois, *soidade*, com uma syllaba menos, mas muito mais ampla e funda no sentido, e já portugueza e autonoma, abrangendo já tres quartas partes de nós mesmos. Emfim *saudade*, synthese final, seixo acabado de polir pelo fluxo e refluxo da nossa alma, sete letras que são o brazão da nossa raça como os cinco signaes das Quinas o são da nossa Patria.

Quem passa de Hespanha a Portugal logo verifica a distancia moral que separa e isola um do outro estes dois povos visinhos. Lembram dois irmãos como tantas vezes se encontram, filhos do mesmo pae e da mesma mãe, educados na mesma casa e ensinados na mesma escola, mas parecendo-se cada vez menos ao passo que crescem e se formam. Os povos, como os homens, nascem feitos. Os nove mezes de alem-berço elaboram-nos corpo e alma de modo indestructivel. O peccado original é menos absurdo do que parece a uma logica distrahida, se com elle se quer significar que na composição da nossa personalidade entram os vicios e as virtudes dos nossos maiores. por obra e graça de atavismos

tão distantes que os podemos, com dois dedos de licença poetica, estender até Adão e Eva. O nariz irreductivel de um judeu de 1912, se é que demais a mais se repercute em atomos aduncos no intimo do seu ser, evoca na verdade a ideia terrivel de uma penitencia retrospectiva pela crucificação de Jesus Christo ha dois mil annos.

Está em todo o caso por fazer a investigação da paternidade para a melancolia portugueza a par da robusta e sonora alegria hespanhola. A mais perdida aldeia castelhana ou andaluza encerra mais ruido e estalar de castanholas que Lisboa inteira, na sua languidez e espreguiçamento seculares. Quem vem de Hespanha, repito, adivinha sem abrir os olhos, e contentando-se com apurar os ouvidos, se já passou a fronteira. Na ultima gare hespanhola ainda poude escutar a voz decidida e peremptoria do patricio do Cid que lhe grita, como se mandasse marchar exercitos e não apenas o comboio: *Señores viajeros, al tren... en... en...!* Uma vez que se rola em terra lusitana o pregão é outro. Quem não conhece a ballada meiga do poeta lyrico, disfarçado em chefe da estação do Entroncamento, que por noite alta nos implora, em palavras e com uma voz que só não são do fado por lhes faltar o acompanhamento (que aconselho) de uma guitarra

bem trinada: *Os senhores passageiros, que vão para a linha do Norte, tenham a bondade de tomar os seus logares, que o comboio vae partir...*

XXX

Abro hontem o jornal e leio o annuncio de se ter aberto em Berlim uma exposição de pombos-correios! Escusado é dizer que lá corri logo, quasi esperançado de ver figurar tambem, entre os *objectos expostos,* as diligentes chronicas que ha dois mezes, ao voar da penna, estou expedindo para o Brazil, e das quaes continuo inteiramente e inquietamente sem noticias! Terão ellas podido e sabido dizer o seu recado? Deu-lhes quartel, ou, para melhor dizer, deu-lhes pombal o hospitaleiro *Jornal do Commercio?* Quando as terei de volta, felizes de se verem em letra redonda e das caricias que porventura terão merecido á meiguice das suas leitoras?

A nenhuma destas perguntas tão naturaes como paternaes souberam responder os 528 prestimosos pombos da exposição de Unter den Linden. Os meus pombos-correios não estavam entre elles! Mas em compensação

pude adquirir nesta visita differentes noções, não sem interesse, sobre as dedicadas aves que, desde tão arredados seculos, vém exercendo ao serviço do homem o entre todos sympathico officio de carteiros.

Principiando, como de rigor, pelo principio do mundo, recorda-nos a Liga das Sociedades de Amadores de Pombos-Correios do Leste da Allemanha que o primeiro pombo-correio, de que rezam a historia e a pre-historia, foi nada menos do que a pomba da arca de Noé, a qual, como é sabido, tendo sido solta pelo patriarcha biblico a demandar terra, voltou logo com a resposta, sob a forma do ramo de oliveira que para sempre ficou symbolisando a boa-nova.

No cerco de Modena, quarenta e tres annos antes de Christo, foi por intermedio de pombos-correios que Bruto conseguiu chamar Antonio em seu auxilio. Os gladiadores romanos não recorriam a outros mensageiros para annunciar a Roma os seus triumphos. No seculo XII funccionou um serviço postal regular de pombos-correios entre o Egypto e a Syria. No seculo XVI eram revoadas de pombos que ligavam o norte ao sul da Europa. Em 1815 um pombo-correio funda a fortuna e a dynastia dos Rotschild, habilitando o primeiro da serie a ter a noticia da batalha de Waterloo tres

dias antes do governo inglez e a levar assim de vencida, só com a sua bolsa, as Bolsas do mundo inteiro. E emfim, até ha pouco mais de sessenta annos, o pombo-correio foi o melhor dos telegraphos conhecidos, e da sua serviçal actividade se valeram commerciantes, banqueiros e jornalistas.

Eis, em curto resumo, o que pude apurar sobre o passado, na minha visita á exposição. Mas o meio milhar de pombos vivos que guarneciam a sala demonstrava-me que as boas aves, cujo programma neste mundo parece ser o do infante D. Henrique — talento de bem fazer — não foram postas em disponibilidade por nenhum dos aperfeiçoamentos da civilisação. Onde ha uma boa acção a prestar, um auxilio a offerecer, lá comparecem ellas, abnegadas e doceis como irmãs de caridade. Ha poucos annos ainda na Allemanha, nas regiões onde as pharmacias eram poucas e distantes, os medicos confiavam as suas receitas aos pombos-correios, para que os seus doentes graves pudessem mais depressa obter o remedio ou o allivio para os seus males. A photographia inventou pequenos apparelhos, cujas objectivas se abrem automaticamente, e que ao collo dos pombos-correios sobem aos ares, trazendo na volta series de instantaneos que desta vez se podem

litteralmente dizer tirados *à vol d'oiseau*. Os serviços de aeroplanos e dirigiveis militares organisaram logo batalhões de pombos, educados para serem soltos do alto dos balões e irem photographar os fortes do inimigo. O pombo é hoje ainda o unico apparelho telegraphico que um jornalista pode incluir na bagagem e utilisar em toda a parte para levar noticias ou Kodaks á sua gazeta. E eu estou seguro de não ter nestas linhas esgotado o assumpto. O prestimo do pombo-correio só acabará com a sua virtude. Emquanto elle tiver vocação de bussola, emquanto fôr como o bom filho, que á casa torna, e não adquirir habitos estroinas nem bohemios, emquanto emfim fôr um passaro de tino, isto é, de juizo, nunca o homem, que tão facilmente se desnorteia, deixará de associal-o ás suas emprezas. Assim estivessem certas estas revoadas de prosa, a que dei um baptismo de tão bom agoiro, de levar aos seus leitores interesse, prazer e proveito, e de que não surgirá algum invejoso a accusal-as de levar tão sómente — agua no bico!

XXXI

Ora eis emfim algo novo debaixo do sol: acaba de apparecer em Berlim uma barbeira! Mais de uma vez me tenho perguntado que razões fortes desviavam até agora a mulher de uma profissão que tanto tem a ganhar em ser feminina. A barbeira de Berlim não me surprehendeu, pois: esperava-a. Esta manhã lá fui vel-a e proval-a no elegante estabelecimento da Dorotheenstrasse que a tomou ao seu serviço. E passo a dar conta aos meus leitores do geito e arte irreprehensiveis com que fui escanhoado.

Mademoiselle a primeira barbeira da capital imperial não parece dar-se conta da importancia que reveste o seu gesto, que é entretanto iniciador e historico. Encontro-a em pleno exercicio, rapando com mão leve e agil a face cosida de cicatrizes de um official allemão. É uma rapariga do Tyrol, modesta e doce, tem um rosto sympathico sem chegar a ser bonito, uns olhos intelligentes, e o cabello castanho apartado ao lado com singeleza. Usa o avental branco da profissão. Adivinha-se, ao vel-a trabalhar com tranquillo

desembaraço, que aprendeu conscienciosamente o seu officio numa escola technica (na Allemanha ha escolas para tudo) e que nelle procurou, não uma passageira aventura, mas um serio e solido modo de vida. Chegada a minha vez, confiei sem receio a minha barba difficil — barba de exame, lhe tenho ouvido chamar aos especialistas — ás mãos aceadas da tyroleza. E seguiram-se os ritos immutaveis: ensaboamento vigoroso, a navalha cantadeira passando primeiro ao correr do pêlo e depois ao arrepio, a lavagem na grande bacia de esmalte e o borrifo final de agua de Colonia. Nem um golpe, nem uma arranhadura. A proposta do estylo para me rectificar a risca ou frisar o bigode poz termo á rapida operação, durante a qual poucas mais palavras troquei com a discreta rapariga. De resto os barbeiros nos paizes do Norte não são tagarellas.

Enfastiou-me sempre a tosquia quinzenal a que todo o homem civilisado e penteado se condemna, até que a calva venha exoneral-o dessa desagradavel servidão. A dependencia do barbeiro é um dos pezos da vida. Sabe bem viver no seculo XX só pela ideia de que já não nos encontramos sujeitos ao escanhoamento pelo systema da bola de osso, encarregada de nos retezar as bochechas,

e á ablução summaria dos queixos na bacia famosa que só aos olhos felizes de D. Quixote assumia o aspecto magico do elmo de Mambrino. Mas quanto distamos ainda de acceitar os serviços da arte figariana sem um movimento de impaciencia ou até de repugnancia! Ainda ha poucos annos, num cabelleireiro elegante da *Puerta del Sol,* em Madrid, tive a desgraça de ser servido por uma especie de *chulo* que, não contente em me impor as suas opiniões sobre a toirada da vespera e em procurar converter-me aos seus principios politicos, não deixou um só instante de chupar o cigarro e de me projectar baforadas de fumo sobre os olhos. E de quantas mãos de unhas negras, e de quantos halitos nauseantes, e de quantas confidencias entremeadas de perdigotos, supportamos resignados o quotidiano contacto e visinhança!

Uma mulher barbeira, ao contrario, é já, por definição, uma pessoa limpa e cuidada. Concebe-se, sem nenhum esforço de imaginação, uma loja servida só por mulheres, todas de branco, nitidas e appetitosas como engommadeiras ou como enfermeiras da Cruz Vermelha, ceifando-nos o pêlo da cara e da cabeça, com um tacto e bom modo de que a bruta rudeza do macho só por anormalidade é susceptivel. A mão do homem, quando nos toca

na cara, offende-nos se é viril e vexa-nos se é effeminada. A da mulher acaricia-nos. Aquella é um insulto e esta é uma festa. De aqui proponho pois aos interessados que organisem um *trust* universal para a conquista da industria barbeiril pelas mulheres. A palavra *raseur,* que o tedio de mil gerações enjoadas tornou synonyma de massador e importuno, mudará logo de sentido desde que mude de genero.

XXXII

Estou morto por saber se o ainda hontem chanceller do Celeste Imperio, Yuan Chi Kai, que com tão astuciosa promptidão adoptou o novo regimen e foi por elle adoptado, se intitula ou não nas suas proclamações: — Por graça de Deus e obra do Povo, Presidente da Republica da China... ».

A maneira como a joven democracia acaba de constituir-se não terá em mim, infelizmente, um commentador digno della. Appetece perguntar qual dos dois é a mais genial creança, se o Imperador de cinco annos que presenteou o seu povo com a Republica, ou o povo candido, que acceita essa Republica

como um feitiço, e que transforma o mesmissimo Yuan Chi Kai, de seu inimigo de hontem em seu amigo e representante de hoje, só com promovel-o de chefe do governo a chefe do Estado.

Se os meus leitores leram os ultimos editos imperiaes não lhes escapou que a China ficou tendo uma Republica outorgada, como as cartas constitucionaes da velha Europa, e que para justificar essa outorga se invocou principalmente a vontade divina. Como nos dias biblicos da Creação, o Imperador disse: Faça-se a Republica! — e a Republica ficou feita. Mais do que outorgada — a Republica foi revelada. O Imperador, que era Deus e Cesar, consentiu em traspassar as suas attribuições humanas ao seu fiel logar-tenente, limitando-se de aqui por deante ao pesado exercicio das suas obrigações de divindade. A mais rudimentar theologia comprehenderá que Cesar só era grande por estar identificado com Deus, e que, desfeita agora esta confusão de poderes, Deus continua immutavelmente a ser Deus, o Filho do Ceu permanece Filho do Ceu, e Cesar é pouco mais de coisa nenhuma. Em ultima analyse, o que o Imperador da China acaba de crear, é apenas um novo botão, o botão unico de mandarim dos mandarins, para o seu insubstituivel Yuan Chi Kai.

E que assim o interpreta e acceita toda a China, com excepção talvez das duas duzias de revolucionarios viajados e bachareis que teem dado as leis em Nankim, conclue-se do facto incontroverso de não ter ainda chegado aos nossos ouvidos o echo dos quatrocentos milhões de gargalhadas scepticas com que no caso contrario teria sido acolhida a solução da crise chineza pelos editos imperiaes.

Desses editos o que se deve dizer — é que nunca os houve mais ineditos!

De resto aqui estou prompto a admittir que a China procedeu com transcendente sabedoria. Vê-se que naquelle ditoso paiz os Imperadores, desde a mais tenra edade, teem a sciencia e a experiencia infusas. Este menino de collo pegou no seu povo ao collo, como se faz a uma creança que chora, e maternalmente tratou de calal-o. A Republica foi o guizo com que poz termo aos seus lamentos. E a China sente-se no fundo orgulhosa de ter um Imperador que, mil vezes superior aos seus collegas do Occidente, é immortal e eterno, indestructivel e insubmersivel, e quando lhe foge o throno debaixo dos pés, logo abre as azas e se libra majestosamente nos ares. A estas horas já algum novo Confucio está fabricando um mysterio novo segundo o qual, como no da nossa Santissima Trindade, o Pae

é talvez o Imperador menino, o Filho o presidente Yuan Chi Kai, e o Espirito Santo será logicamente a nova Republica, symbolisada numa pomba branca.

E é assim que uma nação millenar, ao pé de cuja insondavel antiguidade todos nos sentimos na primeira infancia, nos dá fecundas lições de philosophia, e mesmo quando parece utilisar as nossas ideias juvenis, logo as transforma e amadurece pela força do seu profundo genio politico. Suppunhamos nós que a Republica viera ao mundo, segundo os canones de Paris, para pôr termo ao jugo dos reis e á tyrannia dos papas. Pura illusão das nossas almas ingenuas! A Republica é um symbolo novo, a soberania do povo é um sagrado arcano, que Deus nos concede em substituição de tantos outros a que o tempo e o uso gastaram o relevo. A esse idolo, forte de todo o prestigio da sua novidade, estão neste instante innumeraveis chinezes, talvez deante dos altares dos seus pagodes, offertando em holocausto os seus rabichos. E como nós christãos ás imagens doces da nossa Virgem, parece-me que de aqui os vejo e os oiço, prosternados, queimando aromas em caçoilas de prata e exclamando com recolhimento: « Nós te adoramos e te tememos, ó bemaventurada, ó perfeita, ó filha innocente do nosso Santo

Imperador, tu que vieste ao mundo para nos salvar e para remir os nossos peccados, ó celeste e divina Republica, Nossa Senhora! »

XXXIII

Os estudantes da psychologia humana devem guardar com cuidado a um canto da sua gaveta os notaveis discursos agora pronunciados no Senado francez contra o accordo marroquino, a fim de os poderem reler e conferir de aqui a dez annos, quando o referido accordo tiver já produzido alguns dos seus effeitos. O *Temps* soccorreu-se ha dias habilmente deste meio de polemica, expondo nas suas columnas os argumentos com que os parlamentares francezes de ha trinta annos — alguns ainda vivos, eminentes e militantes — combateram o tratado do Bardo, que deu a Tunisia á França. As prophecias pessimistas de hontem parecem-se singularmente com as de hoje — faltando apenas a estas virem a sahir erradas, para a semelhança ser completa. Se eu pertencesse, como alguns dos oradores do Senado, ao numero de aquelles prophetas, sentir-me-hia invadido de uma salutar e prudente humil-

dade e abster-me-ia de attribuir qualquer infallibilidade aos meus oraculos. Mas a paixão humana é incorrigivel. E a politica, como o coração, lá tem as suas razões que a razão sósinha não entende.

As pessoas que se arrogam o monopolio da verdade sempre me pareceram, entre todas, as mais perigosas á paz e á felicidade social. Ha creaturas que se sentem aggredidas por toda a opinião alheia, contraria á sua, e que litteralmente batem com as suas ideias nas dos outros. E sem duvida a convicção é uma força, mas que, para ser constructora e não destructiva, exige a collaboração permanente da tolerancia. E os homens publicos, sobretudo os politicos, não devem esquecer nunca que a acção tem a sua virtude em si propria, ainda mais que nos principios e ideias que a impellem.

Recordemos o exemplo de aquelle rei francez, ainda ha dias citado por Henri Roujon, que depois de ter ouvido na mesma causa o advogado de accusação e o de defeza, assim opinou: *Teem razão ambos!* Se desta apreciação elle tirou base, não para ficar perplexo, mas para sentenciar á maneira de Salomão, decerto não errou muito, pois que verdade e justiça mais depressa se encontram no meio termo do que nos extremos, e com algum

objecto se separou a funcção de discutir da de julgar, mostrando-se assim que discutir consiste apenas em alumiar uma questão sob todos os seus aspectos, e não em os destruir uns pelos outros.

Cada vez que diante de mim alguem contradiz uma opinião minha, o meu primeiro movimento não é para correr em minha defeza, mas para procurar comprehender o meu adversario e descobrir o que possa haver de justo ou ao menos de explicavel na sua objecção. Duvido de mim antes de duvidar delle.

Uma sociedade só merece o nome de polida e culta quando nella ninguem faz ás opiniões de outrem o que não quizera nem consentira que fizessem ás suas; quando nella se professa que a fé é uma virtude, mas que a melhor fé, e até a mais rara, é a boa-fé.

XXXIV

Se o leitor não se impacienta conduzil-o-hei esta semana a outra exposição. Uma grande casa de moveis e objectos de arte de Berlim abriu nas suas salas um curioso concurso a que deu por nome « A meza posta » *(der*

gedeckte Tisch) e que pelo seu caracter educativo mais ainda que pelo seu brilho artistico merece menção. A ideia-mãe desta exposição consistiu evidentemente em dar ás donas de casa mais algumas ideias para o arranjo elegante e fino das suas mezas. E que assim a comprehendeu o publico bem o mostra a affluencia de senhoras e raparigas, de lapis e carteira em punho, tomando notas e esboçando desenhos. Muitas das expositoras, pessoas da côrte e da sociedade, interessadas no desenvolvimento do gosto geral, trouxeram as suas porcelanas e crystaes, as suas pratas, por suas mãos dispozeram as flores nas jarras e centros. Em Paris um tal certamen seria uma maravilha de sobriedade, distincção e requinte. A civilisação de Berlim é ainda moça e a sua vontade e tenacidade são por ora maiores que a sua experiencia. Mas como a tendencia e o esforço empregado são sympathicos!

Uma senhora expõe a meza posta para o café da manhã do Avô no dia dos seus 70 annos. É um pequeno quadro, não desgracioso, de *gemütlichkeit* germanica. Um collecionador de bellas porcelanas de Nymphenburg tem occasião de as exhibir numa sumptuosa casa de jantar oval onde tudo está a postos para o banquete, até os creados em ricas

librés. As mezas de chá, no salão, no jardim, no campo de *tennis*, prestam-se a uma variedade interessante de motivos. Uma meza de almoço, depois da caçada, coberta de uma toalha de verdura, tem novidade e belleza. Facilmente se imagina o que cada pormenor da exposição representa como objecto de estudo para visitantes applicados e attentos como são os allemães. O luxo das roupas de meza, algumas debruadas ou entremeadas de rendas, os lustres e candelabros com os seus quebra-luzes, o arranjo e qualidade das loiças e vidros, a escolha dos *menus*, nada escapa aos avidos olhos femininos. O primeiro almoço de uma senhora, no seu quarto de vestir, sobre uma meza minuscula, ao lado do toucador onde se accumulam os frascos de perfumes e as escovas de prata, eis uma visão que decoram deante de mim alguns rostos extasiados. Eu então contemplo com mais gosto o lindo aposento de uma creança, com moveis para o seu tamanho, tão completo e acabado que parece em pleno exercicio. E emfim, como toda a gente, acabo a minha visita em frente do *souper à deux* destinado á primeira noite de uma lua de mel, e que é uma symphonia em branco maior, onde moveis, porcelanas, flores, o chapeu da noiva com uma grande pluma, abandonado sobre uma

cadeira, o papel que forra as paredes e as cortinas das janellas, tudo é de uma brancura virginal e sem macula e tudo annuncia ás *gretchen* berlinezas o encanto magico do seu *emfim sós* de algum dia.

Feito o balanço da exposição e sem esquecer os esplendidos moveis de estylo, na maior parte copias de modelos francezes, e as amostras de mobiliario popular scandinavo, hollandez ou russo que lá vi, direi que o bom gosto da capital do Imperio soffre ainda de muitas arestas. Mas nada se faz de solido sem o concurso do Tempo. Não esqueçamos o conselho do jardineiro de Londres a quem o billionario yankee pedia a receita das incomparaveis relvas dos parques inglezes. Boa semente, humidade constante, tosquias regulares, tudo coisas faceis de obter em troca de *dollars* — e alguns centos de annos por cima. A paciencia é uma virtude germanica. Se desta vez as flores das mezas me pareceram ainda mal escolhidas e pezadamente dispostas, pouco viverá quem não vir a proxima futura exposição colher todo o proveito desta lição de agora.

Entretanto, ao sahir da *Meza posta,* a minha memoria infiel mas imprevista evocava bruscamente quadros de lindas mezas portuguezas, mezas amigas e saudosas que não mais verei

e ao redor das quaes o aroma das rosas e a scintillação das conversas eram de tão rara e pura qualidade como os cristaes e pratas de antiga linhagem. Vejo as cadeiras de coiro com pregaria amarella abraçando a meza oval. Vejo as flores, escolhidas uma a uma, mostrando-se nuas até ao fim da haste nos solitarios transparentes. Vejo as cestas de prata, imitadas das canastras das varinas, coguladas de fructos perfeitos. Vejo os copos em tulipa, como os dos limonadeiros das nossas romarias, e os tapetes da Persia e de Arrayolos que nos seus tons azues e amarellos muito doces nos espreitam das paredes. Vejo o creado circular ao fim da refeição com a bacia e o gomil de prata lavrada com que nos esparge as mãos de agua tepida. Oiço vozes queridas que para sempre se calaram, oiço a de Eça de Queiroz modelando mais um agudo dito, oiço a do Conde d'Arnoso dando a cada hospede, ao levantar-se dessa meza — que era a sua — a saudação final tão portugueza, abraçando-nos quantas vezes contra o peito e fitando-nos com aquelle olhar ardente e profundo, cuja luz e calor eram alimentados noite e dia pelo reservatorio inexgotavel do seu coração...

XXXV

Sensibilidade latina e impassibilidade mongolica.

A scena passa-se em Paris e é authentica. Á meza de um restaurante do *boulevard* encontram-se quatro amigos ainda moços, dos quaes tres são das nossas terras palreiras e o quarto é um fiel subdito de Sua Majestade o Mikado. Janta-se, fuma-se, conversa-se. Conversar entre homens do Sul é discordar, discutir, gesticular.

Estavam-se servindo as ervilhas quando a discussão, politica ou litteraria, chegou a certa fervura. Emquanto este, brandindo o garfo, demolia o escriptor ou o homem de Estado, aquelle, esmurrando a meza innocente, demonstrava por *a* mais *b* que esse artista ou esse ministro calumniados no seu talento ou no seu caracter eram a nata dos homens e a quinta essencia dos genios.

Naturalmente, não se chegou a accordo. Cada opinante, ancioso de vencer, fincava-se com redobrada energia nos seus argumentos e gritava-os mais alto para os fazer maiores. Nisto reparou-se que o commensal japonez era,

dos quatro, o unico que ainda não abrira o bico senão para introduzir nelle, com calma e methodo, o cibo appetitoso. Surpreza geral. Diga o amigo nipponico o que pensa da controversia, sentenceie elle com equidade entre as razões que acaba de ouvir! Como já disse, tinham-se servido as ervilhas. Amigo nipponico ergueu os olhos que recolhidamente conservára fixos no prato, deixou-se sacudir do seu enlevo, fez-se repetir a pergunta. E, encarando os companheiros com o seu olhar pisco de nascença, o subdito do Mikado respondeu firme, curto e cathegorico:

— Contei cento e trinta e tres ervilhas...

E foi tudo o que a loquacidade perdularia da Europa poude arrancar ao desdem frio e mudo de um homem do Extremo-Oriente!

... Outra vez a scena passava-se num congresso internacional. Delegados de todos os paizes cultos, procurando uniformisar os modelos das patentes de invenção, estavam fixando regras universaes para a sua redacção, para as dimensões do papel em que deviam imprimir-se, para as margens e os espaços em branco, para mil outros pormenores especiaes e technicos. O delegado japo-

nez era um director geral dos ministerios de Tokio, bonequinho de sobrecasaca, europeu em todos os seus gestos salvo no de trazer diariamente para a sessão os seus papeis, não numa pasta como toda a gente, mas dentro de um lenço de seda do seu paiz, a que desdava os nós com agilidade.

A discussão proseguiu sem que elle interviesse. E quando o accordo parecia estabelecido e unanime, o japonez levantou-se e disse em correcto inglez:

— Sinto muito ter de fazer notar á assembleia que, senão todas, a maior parte das decisões que acabam de adoptar-se são inapplicaveis no Japão. A lingua japoneza, como os meu collegas não ignoram, escreve-se de alto para baixo e da direita para a esquerda. Espero que a assembleia, em vista desta ponderosa circunstancia, quererá ter a bondade de introduzir nas regras que fixou as modificações convenientes...

A objecção era imprevista. A sala riu com bom humor. Ninguem saberá nunca até que ponto era temperada de ironia aquella intervenção por meio da qual o director geral de Tokio, depois de ter deixado o congresso perder o seu tempo numa tarefa inutil, lhe veio talvez recordar no minuto extremo o que elle parecia ter de todo esquecido: que havia

agora mais um entre os paizes cultos, nem filho nem pupillo da Europa, e por cima do qual nunca a Europa passaria. Não seria só naquella sala que o Japão se propunha intervir como desmancha-prazeres!

XXXVI

O sr. Virgile Rossel é um dos escriptores mais apreciados e sinceros da Suissa romanica. Ao mesmo tempo romancista, dramaturgo, poeta, critico litterario, jurisconsulto, ha trabalhos seus, como a *Histoire littéraire de la Suisse romande* e a *Histoire des rélations littéraires entre la France et l'Allemagne* que passaram a fronteira e foram coroados pela Academia franceza. Os seus poemas são intensamente helveticos, contemplam-se nelles os panoramas e circula nelles o ar leve e vivo da montanha. A figura da sua *Nivoline* tem o encanto e a pureza de uma flor dos Alpes. Os seus romances estudam em geral a mentalidade politica suissa, tão original e assisada como mal conhecida fóra dos limites estreitos de alguns correntes e nem sempre exactos logares communs. Os seus dramas versam

assumptos da historia nacional e dirigem-se de preferencia ao patriotismo vigilante e viril do povo. Bastam estas curtas linhas para accentuar que Virgile Rossel é um escriptor bem suisso, isto é, para quem a arte não é apenas um prazer voluptuoso mas sobretudo um instrumento de educação e de moralisação social. A *arte pela arte* só por aberração encontrará discipulos nas sãs e equilibradas terras da Helvecia.

Suisso de corpo e alma na sua maneira de utilisar a sua ardente vocação litteraria, o sr. Virgile Rossel é ainda suisso pelas suas inacreditaveis faculdades de trabalho, tão extraordinarias que fazem o espanto dos seus proprios compatriotas. Não se contentando em ser um escriptor cujo nome se lê cada dia nos jornaes e assigna cada anno mais de um volume, Virgile Rossel é ainda assiduo professor de direito na Universidade de Berne e membro e antigo presidente de uma das casas do parlamento federal (Conselho Nacional), o que basta para indicar a sua posição eminente no mundo politico do seu paiz. Ser deputado não é para Virgile Rossel uma sinecura: de resto não ha sinecuras na Suissa. A sua personalidade destaca-se em todos os debates importantes e nos trabalhos de todas as grandes commissões. A obra legislativa mais

consideravel da Confederação nos ultimos annos — o Codigo civil suisso — teve nelle, logo depois do eminente professor Huber, o seu mais activo collaborador. Agora os jornaes annunciam que o sr. Rossel foi eleito membro do Tribunal Federal de Lausanne, que é a mais alta instancia judiciaria da Suissa.

E ainda não disse tudo. Virgile Rossel tem sido accidentalmente, mas por mais de uma vez, um habil e bem succedido advogado. Conhece-o o Brazil, cujos direitos, na questão de limites com a Guyana franceza, elle defendeu ao lado e sob a direcção do barão do Rio Branco. Conhece-o Portugal, de quem elle foi um dos agentes na arbitragem de Berne referente ao caminho de ferro de Lourenço Marques.

E feita assim em rapidos traços a apresentação do illustre confrade suisso, passarei agora a fallar da traducção em versos francezes, que elle acaba de publicar numa edição da casa Garnier, dos maravilhosos sonetos de Anthero de Quental. Merece talvez ser contada a génese deste novo volume. Um dia, á meza de um banquete official, queixava-me eu a Virgile Rossel da cruel obscuridade a que a nenhuma expansão da nossa lingua na Europa condemnava os nossos grandes escriptores.

Dizia-lhe quanto esse isolamento intellectual nos deprimia e desanimava na nossa terra todo o estimulo artistico. Apontava-lhe a repercussão das longinquas obras scandinavas ou russas cujos auctores o mundo inteiro lia ou pelo menos conhecia de nome, emquanto o nosso Anthero — por exemplo — um dos maiores poetas do seculo XIX, era tão completamente ignorado como se nunca tivesse existido. Talvez com mais amabilidade do que fé Virgile Rossel prometteu apparecer em minha casa para lermos juntos alguns dos melhores trechos da litteratura portugueza contemporanea. E assim succedeu dias depois. Traduzi-lhe o melhor que pude alguns capitulos de Eça de Queiroz, alguns poemas de Guerra Junqueiro, por fim tres ou quatro dos mais bellos sonetos de Anthero. Estes ultimos nunca me pareceram escriptos numa linguagem tão concentrada e tão rica de pensamento. Fui-lh'os transcrevendo palavra a palavra, procurando reproduzir de cada uma o pezo e a profundeza. Cada verso assumia aos meus proprios olhos a importancia e a grandeza de um poema. E o meu ouvinte, a quem todas as paginas lidas tinham sinceramente interessado, mostrou-se particularmente impressionado por aquellas. Quiz ouvir mais. Quiz levar para casa o volume. Quiz a traducção allemã de

Wilhelm Storck. Alguns dias passados mandava-me o seu primeiro soneto traduzido, declarava-se revolvido até ao fundo da alma pela angustia genial do poeta e repetia commigo que elle era um dos maiores do seu tempo. Assim Virgile Rossel foi conduzido a traduzir os sonetos de Anthero por um impulso de espontaneo enthusiasmo e não na execução fria e profissional de uma encommenda. A sua alma embebeu-se da alma do poeta portuguez e tentou repetir como num echo vivo os seus dolorosos anceios.

Lendo o seu volume, a primeira impressão que se tem é o da sinceridade, condição essencial aos meus olhos para se poder tocar sem irreverencia na poesia antheriana. As insufficiencias da traducção esquecem deante desta apreciação de conjuncto: a dor e a angustia do poeta portuguez, o seu desespero monotono e afflictivo como a voz eterna do mar, ouvem-se e sentem-se de um extremo ao outro dos sonetos de Virgile Rossel. É impossivel lel-os sem que o nosso coração adhira de um golpe aos seus gemidos ou fuja delles tomado de panico. O traductor levou aos labios o calix de dor. O filtro actuou no seu espirito como o filtro de Isolda na alma de Tristão. Não fosse o temperamento do poeta suisso de um robusto equilibrio que até poderiamos ter receio de que

a influencia soffrida viesse duradoiramente a perturbal-o.

Algumas vezes tive de acudir ao chamamento de Virgile Rossel para lhe esclarecer as passagens que nem o texto portuguez nem a versão germanica lhe deixavam ver toda a luz. Não estou seguro de ter conseguido sempre satisfazel-o. A lingua dos grandes poetas é muitas vezes um arcano que só é dado penetrar aos que são do tamanho delles. Apreciando a traducção nos seus pormenores tem de reconhecer-se que os sonetos mais celebres e sublimes de Anthero, como *Mors-Amor, Na mão de Deus, Á Virgem Santissima,* desmereceram bastante na transplantação. Nada mais natural e inevitavel. Esses sonetos são a perfeição, e a perfeição é definitiva e só uma. Accresce que a nossa lingua é mais subjectiva e poetica que a clara lingua franceza. Á nitidez latina mistura-se em portuguez uma nevoa e halo de mysterio, que não sei de onde nos vem, mas que dá aos versos dos nossos poetas um relevo e um sabor singulares. As nossas palavras teem mais musica e mais symbolo que as francezas. Mas em compensação devo dizer que algumas traducções accentuam com energia o pensamento original e encontram mesmo felizes e lapidares formulas novas. A poesia *Os captivos,* o soneto

Mãe — para citar exemplos — não diminuiram de estatura e poderiam ser de Baudelaire — um Baudelaire com mais sangue nas veias e mais pureza e calor no coração.

De toda a maneira a tentativa do sr. Virgile Rossel merece enternecidos agradecimentos de quantos falam e escrevem a nossa lingua. Graças a ella é hoje possivel a todo o espirito culto entrar em contacto com uma das figuras que mais honram e enaltecem o nome de Portugal no nosso tempo. O mundo ficará sabendo que não somos apenas um povo de vida agitada e incerta, mas que continuamos a ser gente na ordem intellectual a mais elevada. Pela nossa cultura e pela nossa vitalidade respondem nomes e obras como essa, tão efficazmente, pelo menos, como a acção, ainda quando fecunda e constructora, dos homens de Estado.

XXXVII

Uma das primeiras estatisticas a organisar na nova Republica chineza é, se não me engano, a da exportação dos rabichos. Pode mesmo dizer-se que esses numeros ajudarão a indicar o grau de assimilação das ideias

republicanas pelos cidadãos celestes. Mas a questão tem um aspecto economico não menos interessante. Um rabicho é um valor commercial. Alguns milhões delles são uma importante fonte de receita. Os cabelleireiros da Europa, para darem emprego a essa colheita excepcional de tranças asiaticas, vão ter que complicar de novos *chi-chis* e de levantar de mais alguns centimetros os penteados das senhoras. Paris, que revelou e suggeriu a Liberdade á China, vae talvez decretar a resurreição das perucas para os homens. Por esta forma se estabelece, entre as cabeças extremo-orientaes e as nossas, uma endosmose e exosmose das mais activas. As de lá mandam cabello ás de cá; e estas pagam áquellas, na volta do vapor, com ideias, noções e experiencias que oxalá não fiquem perpetuamente postiças e consigam penetrar e fructificar nos miolos obscuros a que vão consignadas.

Em Cantão, segundo affirma um correspondente, tudo marcha ás mil maravilhas. A cidade tosquiou-se em massa. As lindas calotas com que os chinas cobriam a cabeça ha alguns mil annos cedem o logar ao barrete de Paris — forma *barrete de apache* — que a Revolução poz em moda. Numerosos cantonezes mudaram já não só de ideias mas

tambem de fato e gozam neste momento a felicidade e a sensação ineditas e inexprimiveis que dá o uso do jaquetão da raça branca aos corpos até agora suffocados nas pregas, só apparentemente amplas, da cabaia. É conhecido que o vestuario christão exerceu sempre uma fascinação magica sobre os povos atrazados ou barbaros. Um preto de Africa, ainda hontem nu em pêlo no sertão, é, ao cabo de poucos dias de iniciação, um janota irreprehensivelmente engravatado e florido nos *boulevards*. Os missionarios inglezes operarão muito mais depressa a conversão dos africanos quando distribuirem por elles, não apenas Biblias, mas tambem sobrecasacas.

Apesar de tudo o correspondente de Cantão, a que me reporto, não se mostra contente. Os chinas vivem já e morrem em cheiro de liberdade, mas continuam insensiveis aos outros cheiros das suas ruas e casas. O ex-Celeste Imperio encontra-se já livre mas não ainda limpo. Sob as varandas de um club, guarnecidas de revolucionarios orgulhosos do seu fato novo, deslisava ironicamente um rio de immundicies de que não tinham a mais ligeira consciencia os seus narizes velhos. Eu não partilho o pessimismo do correspondente. É preciso *seriar* não só as

questões como as revoluções. Lá chegaremos á barrela. O cheiro da polvora, que ainda se respira, torna o olfacto duro e grosseiro. Mas não duvido que os cinco sentidos da China se hão de apurar, um por um, sob o novo regimen. Tambem approvo a *rabichotomia* geral que é uma operação perfeitamente conforme ás melhores regras da economia politica. Exporta-se cabello superfluo e recebe-se em troca oiro sonante. Já não digo o mesmo da substituição de calotas e cabaias, que representa um golpe talvez irreparavel na industria e na arte nacionaes. Creiam os chinas que os seus antigos trajes os fazem muito mais bonitos, alem de lhes ficarem mais baratos.

XXXVIII

« A volta da aguia romana ás terras da Lybia » — eis como o patriotismo italiano definiu pela bocca de um senador, em termos lyricos, a conquista, por ora bem superficial, da Tripolitana. Não se trata, como já aqui observei, de *Realpolitik,* segundo o systema allemão. Mais exactamente se diria que esta é uma operação, embora guerreira, de authen-

tica *Idealpolitik,* e que a mocidade italiana está dando actualmente o seu melhor sangue, e o thesoiro italiano o seu melhor oiro, para defeza e triumpho, não de um interesse, mas de um pensamento, ou mesmo só de um sentimento collectivo. Milagroso sentimento esse que faz da Italia uma unidade moral, uma só alma — isto é, uma nação, conforme a definiu Renan.

O acto é sympathico e é latino em todas as suas feições. Viva pois a Italia! O escrupulo de a applaudir vinha sobretudo da pena que nos inspirava a fraqueza dos seus adversarios. Mas Deus e Allah escreveram ambos direito por linhas tortas. Turcos e Arabes eram mais resistentes do que se suppunha e ninguem poderá agora dizer que a Italia abusou da sua força. Não tardará mesmo que se possa perguntar se não é antes a Turquia que está abusando da sua fraqueza. Nesta guerra começam a ser quasi só os italianos que se batem e morrem a peito descoberto. Do lado adverso fazem-lhes negaças, ora sobre o campo da batalha, ora sobre o pano verde da diplomacia, onde a Sublime Porta tem por alliados e cooperadores o egoismo e a inercia de todas as grandes potencias.

Entretanto o parlamento italiano, collocando o seu ponto de honra acima de quaes-

quer immediatas conveniencias, votou por quasi unanimidade a annexação de Tripolis. Na camara dos deputados deu-se este curioso episodio: alguns dos seus poucos membros que, por motivos de tactica partidaria, foram levados a votar contra no escrutinio publico, deram logo satisfação á sua consciencia e ao seu coração votando a favor no escrutinio secreto. O acto de contricção seguiu-se logo ao peccado de leso-patriotismo. No Senado a votação foi unanime. Senado romano, cá fora o povo romano em acclamações calorosas, conquista da Lybia — bastava o som immenso destas palavras, bastava adivinhar a historia, aos que a não soubessem, para se lhes encher a alma de enthusiasmo e de esperança. E a casa real de Saboia, fiel ás suas tradições de tacto politico, uma vez mais de mãos dadas com o seu povo, delegou dois dos seus principes, o duque de Aosta — um general — e o duque de Genova — um almirante — para irem ao Senado, a que pertencem, juntar os seus votos aos de toda a nação. Raras vezes se terá visto e ouvido um principe de sangue num parlamento. O Senado apreciou a distincção de que era objecto e acolheu com infindaveis applausos o discurso breve e commovido do duque de Aosta.

Diz-se que, no começo desta guerra, o rei Victor Manuel III teve de vencer as hesitações do seu sceptico presidente do conselho sr. Giolitti, que é um politico habil mas frio, com horror ás difficuldades. O rei, pode dizer-se, sentiu as pulsações do coração da Patria mais depressa e melhor que o seu governo. Era de resto o seu dever e o seu officio. Modesta e attrahente figura a deste soberano. Quando subiu ao throno rejeitou a proclamação que lhe offerecia o seu primeiro ministro e escreveu outra pelo seu proprio punho. Nunca namorou a popularidade mas nunca perdeu o contacto com o seu povo. A sua acção é sempre directa, nacional, sobranceira e como desdenhosa das luctas politicas. Quando o pavoroso terramoto destruiu Messina, o rei voou ancioso e afflicto para juncto das victimas. Entre os escombros, os cadaveres, os horrores, appareceu o inevitavel deputado, bajulador e rhetorico, que nada achou melhor para acolher o rei de que desfechar-lhe um discurso pomposo em que celebrava o seu heroismo e a sua abnegação. Victor Manuel, nervoso e com os olhos cheios de lagrimas, não poude ouvir, não poude soffrer a injuria de aquellas vis banalidades no meio da tragedia sem nome a que assistia. Balbuciou impaciente:

« Não diga asneiras », fez parar de chofre a arenga e a gesticulação indiscretas de aquelle mau cortezão...

XXXIX

Ha em Berlim algumas duzias de salas de concertos. E em todas ellas, durante o inverno, um auditorio compacto absorve recolhidamente cada noite provisões de musica de camara que dariam para mergulhar num somno de mezes algumas gerações de espectadores latinos. A musica chamada classica tem nas nossas terras um numero muito limitado de cultores e admiradores. Aqui pelo contrario é popular e o seu publico é toda a gente.

Assisti ha dias a um concerto cujo programma requintado e difficil para os meus ouvidos, que se prezam no entanto de não ser inteiramente selvagens, estava sendo deante de mim assimilado sem esforço e com prazer visivel por senhoras e homens pertencentes ás classes mais modestas. Uma tal educação do sentido musical representa uma vida interior intensa e que já custa a perceber como seja compativel com as obrigações humildes

e deprimentes do trabalho quotidiano. Que reservas de gente *séria* possue esta Allemanha, scismava eu! Ao pé de mim um homem com mãos de operario e olhos sonhadores parecia gozar profundamente. De todos os lados, pobres raparigas, ignorantes do luxo e da elegancia, com tranças do seu proprio cabello enroladas na nuca, ouviam com fé aquella musica. Sinceridade e simplicidade eram os sãos oxygenios de que me parecia composta a athmosphera que me rodeava.

Gostei muito do que ouvi, gostei ainda mais do que vi. E sem duvida não esqueço que a Allemanha de hoje é materialista e que os seus Kants e Hegels são agora as suas fabricas e os seus bancos. Mas esta paixão persistente da musica cá está a mostrar que se não muda a natureza dos povos e que não só de cerveja, mas tambem de ideal, aqui se vive. Será para a alma das mulheres que emigrou, provisoriamente, o espiritualismo germanico? De que modo, e quando, se restabelecerá o equilibrio entre a mentalidade tradicional da nação e a sua moderna febre economica? O tempo o dirá. A historia não se conta aos minutos nem se mede ás pollegadas. Actualmente as estatisticas dizem peremptoriamente que a Allemanha se consagra absorventemente a ganhar dinheiro.

As estatisticas não sabem o que dizem. A riqueza nunca foi um fim senão para os avarentos, que são excepções pathologicas. A Allemanha está apenas corrigindo, pela sua actividade industrial de hoje, a sua inacção, pobreza e impotencia de seculos. O seu excesso de espiritualismo, no passado, foi talvez apenas um meio de enganar a fome. Mas nescio será quem acreditar que a Allemanha se está desenvolvendo e enriquecendo com outro objecto que não seja o de vir a dar plena e independente expansão a todas as forças do seu genio, a produzir arte, sciencia, belleza e felicidade, a assimilar todos os requintes e a aspirar todas as essencias da civilisação, como sempre fizeram os povos fortes e victoriosos.

XL

Uma das maravilhas da Suissa é o seu exercito de milicias. O estrangeiro que visita aquelle paiz pela mão de um guia, sem encontrar diante de si senão montanhas grandiosas e hoteis confortaveis, sem descobrir

em parte alguma vestigio de tropa ou sequer de policia, mal pode acreditar que a Suissa está habilitada a mobilisar em poucas horas duzentos mil homens, tão bem preparados e munidos de tão moderno material de guerra como qualquer grande exercito europeu. A Suissa realisa annualmente grandes manobras, durante as quaes a região escolhida para campo das operações parece objecto de uma transformação magica. Os regimentos dir-se-hiam as legiões de Pompeu: surgem de todos os lados, musica á frente, tão inesperados como se a propria terra acabasse de geral-os. Os soldados, que ha um instante largaram a enxada pela espingarda, são perfeitos de disciplina, de desembaraço e de sentimento militar livre e consciente. Um general francez não hesitou já em dizer que a infantaria suissa era a melhor da Europa. Os officiaes, paisanos da vespera na sua maior parte, entram sem esforço na pelle do seu uniforme e possuem, alem da competencia e da vocação, um ardor e uma energia intactas, como de quem toma parte apaixonada num torneio novo e se não limita a exercer automaticamente, e com uns longes de tedio, os deveres habituaes da sua profissão.

Está tudo dito sobre as circunstancias excepcionaes que tornaram possivel este resul-

tado. Os Suissos, embora sejam hoje o mais pacifico dos povos, foram aguerridos por uma historia militar de seculos. A tradição fel-os soldados, como os fez cidadãos, para todo o sempre. Desde creanças adestram-se no tiro e aprendem que a defeza da Patria é o seu primeiro dever. Ensinam-lhes, desde o *a b c*, que só é digno de mandar quem é capaz de obedecer, e a sua obediencia é tão viril como a sua independencia. Orgulham-se da arma que o Estado lhes confia e que nem um instante pensariam em desviar do seu destino sagrado. Os homens cultos, quaesquer que sejam as suas profissões, teem o amor das questões militares e consagram-lhes os seus ocios. Ser promovido a official é não só uma honra mas uma responsabilidade, isenta de toda a retribuição material, a que se aspira. Apresentei uma vez um official portuguez a um coronel de estado maior suisso que devia acompanhal-o ás manobras. Esse coronel era advogado de seu officio e tive de procural-o no seu consultorio. Encontrei-o no exercicio das suas funcções paizanas, mergulhado nos codigos e nos processos. Mas ver na sua frente um camarada estrangeiro e transfigurar-se levou-lhe menos tempo do que eu levo a contal-o. Perfilou-se, fez a continencia militar, arredou com algum desdem a papelada

juridica e desdobrou no logar della um grande mappa das manobras. Apurei o ouvido com certa malicia para verificar se o seu estylo trahia mais o doutor do que revelava o coronel. Mas perdi o meu tempo. Contou-me depois o meu patricio ter achado tão completas as suas aptidões e conhecimentos militares que só podia explicar o phenomeno pondo em duvida os seus meritos de causidico. Mas eu estou informado de que não havia mais nenhuma razão para tal duvida.

As manobras suissas são seguidas cada anno por importantes delegações de todas as grandes potencias, presididas por generaes, o que já mostra como os exercitos permanentes tratam hoje de egual para egual as seculares milicias da Confederação. Ha dois annos foi o proprio chefe do estado maior austriaco que ali compareceu, não tardando em dar publicidade ás suas impressões enthusiasticas. Mas a consagração deste anno será ainda maior. Desde muito se dizia que o imperador da Allemanha, sempre insaciavel de ver e saber o que merece ser sabido e visto, desejava conhecer pelos seus olhos o exercito da Republica visinha. O boato confirma-se. Guilherme II irá este outomno visitar officialmente o Conselho Federal em Berne e ao mesmo tempo assistirá durante dois dias ás

grandes manobras militares que por essa epoca se realisam.

E, a proposito desta honrosa visita, os jornaes allemães de hontem publicam uma interessante entrevista do actual Presidente da Confederação Helvetica, o eminente sr. Forrer. Exprime o illustre suisso toda a satisfação e desvanecimento do seu paiz pela grande prova de estima com que o honra o Kaiser germanico. A Suissa não está habituada nem preparada para receber com pompa as testas coroadas. O palacio do governo em Berne só tem aposentos de trabalho. A sua unica e modesta sala de visitas, destinada habitualmente ás audiencias do corpo diplomatico, será tambem agora utilisada para a recepção solemne do Imperador. O banquete official em sua honra terá logar num hotel da cidade, porque a Confederação não dispõe de locaes proprios. Mas o Presidente Forrer não manifesta o menor embaraço em fazer esta confissão de simplicidade. As suas admiraveis palavras merecem ser transcriptas: — « Nós não estamos habituados ás ceremonias de côrte, nem a nossa maneira de ser, tanto pessoal como nacional, a que sempre nos conservaremos fieis, é compativel com o luxo e o apparato. Mas esta falta procuraremos preenchel-a pela sinceridade e amisade do

nosso acolhimento. E em vez de sumptuosas festividades offereceremos ao nosso imperial hospede alguma coisa que lhe causará ainda maior enthusiasmo: os esplendores naturaes do nosso paiz ». E abrindo as janellas da singela sala que nessa occasião estava mostrando ao seu interlocutor, o Presidente disse, apontando-lhe o maravilhoso panorama dos Alpes em frente dos seus olhos: — « Quando o Imperador se debruçar desta janella serão os proprios pincaros sublimes da Jungfrau, do Eiger, do Mönch que de longe lhe mandarão a sua saudação de boas-vindas. E quando o acompanharmos até junto desses prodigios da Natureza, Sua Majestade terá de todo esquecido a ausencia de ceremonial e de fausto com que o recebemos ».

Sem duvida. E, sem duvida tambem, Imperador e Presidente sentir-se-ão, nesse historico encontro, chefes de Estado da mesma estatura. Elles representam, com fé e com orgulho egualmente legitimos, duas tradições oppostas, mas consagradas ambas pela gloriosa historia das duas grandes nações (uma embora pequena) que prosperaram á sombra dellas.

XLI

Não só os individuos, mas tambem os povos, nascem poetas. Veja-se esta prodigiosa ilha de Creta. Num tempo em que não se ouve fallar senão de commercio e de industria, os Cretenses vivem, e mais do que isso morrem, pelo seu immutavel ideal: a união á Grecia, a integração politica do seu exiguo territorio no paiz glorioso de cuja civilisação elles figuram entre os primeiros fundadores.

A alma de um Candiota, como o sub-solo da sua ilha, deve ser um thesoiro accumulado de tradições. A cultura e a arte encontram-se decerto nella em camadas sobrepostas, como as velhas cidades descobertas pelos archeologos nas suas excavações. Porisso a dominação turca não poude nunca crear raizes. Porisso a attracção da Grecia, como a de um magnete, conservou atravez dos tempos toda a sua força. A nação hellenica não se recommendava a ninguem, pelo menos antes do advento do sr. Venizelos, como terra arrumada, prospera e de juizo. Os Gregos, depois de terem dado ao mundo uma civilisação

incomparavel, pareciam esgotados para qualquer novo esforço fecundo. Mas Creta não discutiu nem raciocinou. O seu instincto foi mais forte que o seu interesse. A Grecia é o iman para o qual a sua alma tende invencivelmente. A Europa interpõe entre ellas as suas esquadras, os seus conselhos, a molle compacta da sua força e da sua influencia. Em vão. Mal a Europa se distrae e interrompe um momento a sua ingrata funcção, logo a Grecia e Creta adherem uma á outra, com tanto maior energia quanto mais longa foi a compressão a que estiveram sujeitas.

O Turco foi o barbaro que assola, destroe e esterilisa. A terra cretense não podia assimilal-o. A ilha de Creta foi o berço de uma das mais antigas e brilhantes civilisações que se conhecem. Só ha poucos annos a sciencia poude dar-se conta das preciosidades que encerra esse solo sublime. A descoberta do palacio do rei Minos veio trazer contribuições inestimaveis para a historia da arte nas ilhas do mar Egeu. Creta foi uma especie de Paris, ha quatro mil annos. As suas ruinas artisticas revelam a originalidade e a perfeição quasi *modernas* da sua vida prehistorica. Tem-se ao contemplal-as uma impressão de requinte e de elegancia que faz pensar na harmonia, no gosto e no luxo das parisienses

dos nossos dias. Um baixo-relevo encontrado em Phaestos, representando um cortejo de ceifeiros, indica uma arte tão fina como a do gravador francez Roty, autor da *Semeuse* com que são ornadas as estampilhas e as moedas da Republica. Um fresco em que se esboça o perfil de uma rapariga quasi podia ser de Forain ou de Steinlein. Ha pouco representou-se em Paris uma tragedia em verso cuja acção se passa nessa Creta prehistorica. O scenario e o vestuario foram desenhados segundo modelos authenticos. E desnorteava o espirito mais fleugmatico a revelação das mil affinidades até hoje ineditas que apparentam estreitamente a arte e a sociedade hyper-culta de 1912 com as suas predecessoras dos annos 1500 ou 2000 antes de Christo.

Eis pois o paiz e a gente a quem só a apparencia — porque nada é hoje mais do que isso — de serem governados pelo Grão-Turco, mesmo disfarçado em joven-turco, repugna e angustia até ao extremo de darem continuamente o seu sangue e o seu dinheiro para se libertarem por uma vez de tão injurioso opprobio. E a Europa pareceu até certa data sensivel aos seus protestos e abertamente decidida a contental-os. Um principe da casa real grega foi governar a ilha. Succedeu-lhe

um governador nomeado pelo rei da Grecia. O exercito e o parlamento prestaram juramento de fidelidade á nação amada. As guarnições militares das potencias protectoras retiraram-se uma a uma. A bandeira grega desfraldava-se por toda a parte. A soberania de Constantinopla deixára de ser um pezadêlo para ser apenas uma sombra inconsistente. Essa mesma ia ser dissipada. A Europa promettera-o entre dentes. O sr. Clemenceau, que é um amigo dos cretenses, tivera bastante fé nessas promessas para as sublinhar e confirmar com todo o relevo.

De repente estala a Revolução, pelo figurino de Paris, na velha e carcomida Turquia. O Sultão vermelho é deposto e substituido por um sultão pardo ou sem côr definida. A Europa faz uma côrte ciumenta e astuciosa ao sol, ou antes, ao crescente que nasce. E quando a ilha sempre orphã, sempre engeitada, resolve aproveitar o momento para se annexar definitivamente á Grecia, as potencias reprehendem-na e castigam-na. Não ha mais promessas nem obrigações que valham deante da instabilidade chronica do equilibrio europeu. O negocio de Creta era poesia, era um devaneio lyrico que fica addiado para quando o tempo o permittir. Os Cretenses que se tenham candidamente admirado de ver

a Europa faltar tão cynicamente á sua palavra, ficaram sabendo á sua custa que a palavra dos governos nunca é coisa alguma senão palavriado.

Acabo de ler o memorial em que o povo de Creta, pela millesima vez, expõe ao mundo o seu martyrio e pede que lhe seja dado termo. Indestructivel vontade e fé a deste povo! Aqui lhe rendo commovida homenagem. E com elle digo que já é tempo, na verdade, de enxugar as lagrimas do filho secularmente inconsolavel que sem descanso supplica que o deixem de novo refugiar-se nos braços longinquos da sua Mãe!

XLII

A mobilisação dos exercitos passa por ser uma das mais delicadas e decisivas operações da arte da guerra. Mas eu creio que o futuro admirará ainda mais est'outra prodigiosa invenção do nosso tempo que se chama — a immobilisação dos exercitos proletarios, vulgo a greve.

Um milhão de operarios das minas de carvão abandonou a estas horas o trabalho em toda a Inglaterra e travou a vida da nação como

se trava a roda de uma machina. Uma revolução sangrenta levaria muitos dias a causar os prejuizos que esta simples e tranquilla abstenção por parte dos mineiros produz em algumas horas. O governo já interveio, o parlamento está prompto a intervir, tudo se passa como se um cataclismo acabasse de assolar o paiz e uma força maior que as leis e que os principios se levantasse inesperadamente diante do Estado.

E assim é com effeito. Os mineiros teem por elles, não sei se o direito, mas com certeza a força. Cada dia a mais de greve augmenta as suas vantagens e enfraquece os recursos do adversario. Os patrões estão de antemão vencidos e nem sequer lhes serão concedidas as honras da guerra. Leia-se o ultimo discurso do sr. Asquith: é um toque a rebate dos que só se ouvem nos momentos de panico. A desorganisação da vida nacional manifesta-se em todas as direcções. As fabricas fecham uma a uma despedindo milhares de operarios. Os caminhos de ferro reduzem ao minimo o seu trafico. As linhas de navegação modificam e restringem os seus horarios. O preço do carvão triplicou já e com elle vão encarecer inevitavelmente todos os generos necessarios á vida. Numa palavra: é o ensaio da revolução social que eu, pela

minha parte, julgo muito mais certa do que a famosa guerra europeia com que nos azoam os ouvidos.

Essa revolução será feita segundo os mais modernos principios da tactica e da estrategia. Sem um grito e sem um morra, scientificamente, desdenhando os assaltos isolados e os crimes individuaes, poupando as palavras, á imitação das guerras de hoje em que os combatentes se destroem sem se verem nem ouvirem, um estado-maior de revolucionarios, no silencio de um gabinete, dando ordens pelo telephone e pelo telegrapho, paralysará um dia instantaneamente a vida das maiores nações. E a redistribuição da riqueza, a que de resto já parcialmente estamos assistindo, será então o preço da reconciliação social.

Sem duvida, e mais uma vez, o triumpho trará aos triumphadores mais desenganos que venturas. Fosse o proprio Deus que amanhã chamasse a capitulo a humanidade e distribuisse irmãmente por cada mortal uma somma identica garantindo-lhe a subsistencia e o bem-estar: um mez depois, abandonados os homens a si proprios, pelo simples jogo da lucta e da concorrencia, pela unica influencia das virtudes e dos vicios, das forças e das fraquezas, que Deus não cuidou de repartir com a mesma egualdade — um mez depois,

repito, já haveria outra vez pobres e ricos. Tudo o que pode esperar-se é que se accentuará um deslocamento de forças em proveito das massas, que ellas terão o poder com todas as suas honras mas com todos os seus encargos e amarguras. Governar é difficilimo e, feitas bem as contas, pelos tempos que correm, está longe de ser agradavel.

Prevejo nitidamente uma epoca em que as grandes industrias serão exploradas ou pelo Estado ou pelos syndicatos operarios, de modo que os lucros de cada empreza aproveitem, na razão directa da qualidade e da quantidade do trabalho prestado, a todos os participantes nella. Mas não imaginem os operarios que o patrão collectivo de amanhã será menos exigente que o patrão individual de hoje. Sob pena de ruina e de fallencia a actividade economica será cada dia mais intensa e exhaustiva, e ao Estado socialista restará apenas a magra consolação de decretar para si proprio, e contra os seus proprios adeptos, as medidas de cuja injustiça hoje accusa o capitalismo tyrannico. Veremos os genios commerciaes e industriaes de agora, taes como os « reis » da America, que se contam entre as grandes forças motoras da riqueza humana, não como em nossos dias odiados ou invejados pela multidão, mas cortejados, adulados e largamente

retribuidos por ella, para que venham reanimar com a sua iniciativa e com as suas faculdades de organisação as emprezas decadentes ou batidas na lucta. Os operarios apprenderão então que se não ha batalhas sem soldados, tambem nunca houve victorias sem generaes. Algumas injustiças e alguns abusos serão reparados aqui e alem, outros abusos e outras injustiças surgirão de aqui e de alem, mas a physionomia geral da humanidade permanecerá quasi identica e o reino da felicidade continuará a não ser o deste mundo. A suppressão do capital nada resolve; a verdadeira solução seria supprimir o trabalho, mas essa fica para os longos dias da eternidade no Paraizo. Pois que pode dizer um mineiro, verdadeiro enterrado vivo, senão que o trabalho é o seu inimigo? Passei ha mezes em Charleroi, na região hulheira da Belgica, na chamada *zona negra*. Pavorosa e tragica visão! A paizagem não ficaria deslocada no inferno de Dante. Nem uma flor. Nem uma arvore. Florestas de chaminés de fabricas e altas collinas feitas com a terra extrahida nas excavações das minas. O carvão ennegreceu tudo. Os que vivem ali devem invejar os mortos que descansam em cemiterios distantes, sob verdura e rosas. Para dar felicidade a um mineiro bastaria desenterral-o, dar-lhe sol,

dar-lhe ar. E sol e ar fornece-os Deus em abundancia a todos os seus filhos; mas nem assim puderam chegar a todos...

XLIII

As nossas pennas collocam-se em funeral para prestar homenagem á grande memoria do Barão do Rio Branco. Numa epoca em que a Europa politica está submettida ao regimen deprimente das mediocridades, o Brazil tinha sabido produzir pelo menos tres homens do seu tamanho, tres super-homens, nas pessoas illustres de Joaquim Nabuco, Rio Branco e Ruy Barbosa. Todos tres engrandeceram a sua patria, territorial, moral ou intellectualmente.

Aos corações brazileiros a morte de Rio Branco parece naturalmente prematura. Sel-o-á tambem aos olhos mais frios da Historia? Morreu elle antes de ter descripto por inteiro a sua fulgurante orbita? Creio bem que não. A sua biographia excepcional é a de um general que não conheceu a derrota. As suas batalhas, chamem-se ellas Washington, Berne ou Acre, foram sempre grandes victo-

rias. Nas mais ligeiras escaramuças da sua carreira politica não se nota uma sombra ou um passo em falso. Rendeu-se emfim á Morte, que só teve forças para levar o seu corpo, e deixou intactos, e em plena vida e luz, o seu exemplo e a sua memoria.

Nada posso dizer sobre o Barão de Rio Branco que os Brazileiros não saibam, e não tenham já dito, melhor do que eu. Para os meus olhos o que na sua vida, como na de Nabuco e na de Ruy, avulta enternecidamente, é o cuidado que elles todos pozeram em manter á cultura e á historia do Brazil a sua forma latina e portugueza. Todos elles amaram e encarnaram vigorosamente a antiguidade e o brilho das tradições que ligam o Brazil presente e futuro, por um cordão umbilical indestructivel, ao nosso genial passado.

Joaquim Nabuco, no decorrer da sua brilhante embaixada nos Estados-Unidos, foi convidado a realisar uma serie de conferencias nas Universidades americanas. Qual foi o assumpto dellas? O logar de Camões na litteratura universal, a obra epica e lyrica do grande poeta da nossa raça, glorioso antepassado que Portugal e Brazil hão de venerar e celebrar sempre em commum.

Ruy Barbosa nunca molhou a sua penna senão na tinta portugueza mais vernacula.

Devemos-lhe a fixação da nossa lingua, para todos os seculos dos seculos, na America distante. O seu esforço continua o de Camões, Frei Luiz de Souza, Manuel Bernardes e Padre Antonio Vieira. Ruy Barbosa leva a todas as regiões do Brazil a nossa lingua como os nossos antepassados lhe levaram outrora o seu sangue e a sua vida. E a lingua de um povo, portadora e interprete das suas ideias, sentimentos, aspirações e tradições, é mais de metade da sua alma.

Do Barão do Rio Branco pode dizer-se que, antes de entrar em campanha pelo seu paiz, morou longos annos dentro da historia e da geographia de Portugal. Foi nessa escola de guerra que elle temperou as armas de que depois soube servir-se tão victoriosamente contra os seus adversarios. Os nossos descobridores, os nossos colonisadores, donatarios e bandeirantes traçaram antes delle, traçaram com elle o mappa do Brazil.

Lembro-me de que o fallecido e illustre Hintze Ribeiro me mostrava um dia em sua casa uma esplendida collecção de mappas historicos com que o presenteára Rio Branco. Eram reproducções de antigas cartas ineditas, pela maior parte encontradas nos archivos de Lisboa, e graças ás quaes os direitos do Brazil á posse dos vastos territorios disputados

pelos seus visinhos se demonstravam sem sombra de uma duvida. Pensamos então ambos, com alegria e desvanecimento, que se não nos era hoje dado, nem ao Brazil preciso, correr em seu auxilio com as nossas tropas e as nossas esquadras, ainda podiamos ser seus uteis alliados e collaboradores nas batalhas diplomaticas que travou para a delimitação das suas fronteiras. E estou certo de que o Barão do Rio Branco não me desmentiria se me ouvisse dizer que um dos seus mais resistentes apoios, um dos seus mais solidos baluartes, nas campanhas que empreendeu e ganhou com tanta gloria para si e tanto proveito para a sua patria — foi a Torre do Tombo...

Deponho sobre a campa do eminente brazileiro, que com grande pezar meu nunca tive occasião de conhecer, estas singelas saudades portuguezas.

XLIV

Alguem me faz notar que os meus devaneios sobre a China, e a minha apparente difficuldade de a tomar a serio, encobrem apenas a completa ignorancia em que me

encontro sobre aquelle paiz. Pura verdade. A sociedade franceza do tempo de Montesquieu, intimamente persuadida de que o mundo era ella, acordou do seu sonho para se perguntar estarrecida: *Peut-on être persan?* Eu tambem daria tudo para desmontar um china, peça por peça, sobre a meza de um laboratorio, afim de verificar como elle é por dentro. E não se imagine que, ao sorrir ligeiramente dos aspectos pittorescos da questão chineza, fico insensivel ao drama humano que nella se contém e me desinteresso das suas incalculaveis consequencias. A China vae ser assumpto na ordem do dia por longos annos. Nós por ora pouco mais sabemos della do que o logar que occupa no mappa.

Dito isto para que os leitores deem o devido desconto aos meus paradoxos, continuarei imperturbavelmente... a mandar conselhos á China. Muito a proposito me vem á lembrança a carta de um chinez ha annos publicada num jornal da Europa, em que se extrahiam de um simples dictame de Confucio as mais sagazes regras de bem-viver para os povos modernos. O antiquissimo philosopho diz pouco mais ou menos: « O homem deve cumprir todos os seus deveres com ordem e methodo, sob pena de não chegar a cumprir nenhum. Em saber qual é o primeiro dever e qual é o ultimo,

em começar por aquelle e não por este, se encerra quasi toda a sabedoria. » E o commentador acrescentava, tanto quanto a minha memoria me permitte cital-o: « A primeira reforma que o homem tem a operar é a de si proprio. O progresso da China não pode ser senão a resultante do progresso de cada chinez. Consagrei-me por isso humildemente a corrigir-me de todos os defeitos de que accuso o meu paiz, afim de poder adquirir o direito e cumprir o dever de cooperar no seu renascimento. »

Bem hajam Confucio e o seu discipulo contemporaneo por estas palavras que, do fundo da noite dos tempos em que foram pensadas, dão perpetua luz á nossa perpetua ignorancia. Ellas são lição para a China como para nós. Ignoro qual é a definição mais em voga do bom cidadão. A minha seria: « Bom cidadão é, em primeiro logar, aquelle que exerce seriamente uma profissão séria. » Um dos sophismas que mais activamente presidem á decadencia moral das sociedades é o que julga legitima a duplicidade estabelecida pelos costumes entre a vida publica e a vida privada do homem. Imaginar que uma collectividade formada individualmente de timoratos, de preguiçosos ou de cynicos pode progredir, quaesquer que sejam as divisas politicas com

que se enfeite, é illusão egual á do criminoso incorrigivel que se suppozesse quite com Deus e com a sua consciencia por ir regularmente á missa e cumprir com escrupulo todas as praticas externas do seu culto. No entanto essa illusão é das mais solidamente estabelecidas nas actuaes sociedades politicas, onde a cada instante se encontram, perfeitamente habilitadas a demolir os governos e a salvar as nações, pessoas que nenhuma outra habilitação jamais revelaram, alem dessa de que se ufanam, e que é de tão difficil verificação. Ninguem se lembra de perguntar ao interprete improvisado das aspirações nacionaes quem é, de onde vem e em que se occupa: precauções rudimentares que não deixaria de tomar o chefe de qualquer empreza ao chamar um empregado novo ao seu serviço.

Sem duvida, se os costumes individuaes exercem influencia permanente sobre a vida nacional, é egualmente certo que as instituições por que um povo se rege contribuem, embora com muito maior lentidão e em grau menos intenso, para o educar ou para o desmoralisar. Mas não se esqueça que cada homem bem intencionado pode emendar-se e renunciar aos seus erros pelo simples esforço da sua vontade e em curto praso. Assim uma obra que de outra forma exigirá o trabalho e

o sacrificio de muitas gerações realisar-se-ia possivelmente em breves annos se, por exemplo, cada pae se impozesse como uma obrigação, predominante a quaesquer outras, esta, tão falada e tão descuidada: educar bem os seus filhos na escola que existe em toda a parte e que em toda a parte está á sua disposição, visto que não é outra senão a sua propria casa.

Resumo e moralidade desta excellente doutrina chineza que conviria por lá semear em todas as cabeças: a primeira fonte da autoridade moral do homem é a sua propria biographia. Antes de nos informarmos das suas convicções theoricas ou partidarias perguntemos-lhe qual é a sua profissão e como a exerce; se creou familia e se soube mantel-a, amal-a e guial-a; se espalhou o bem entre os seus proximos e deu praticamente o exemplo das boas doutrinas que aconselha. Com Fr. Thomazes nunca se regenerará um povo; e eis uma these simples que, á força de pouco utilisada, até parece excentrica: As aptidões sociaes e civicas do homem estão na razão directa das suas virtudes pessoaes.

XLV

Emile Verhaeren é actualmente, logo depois de Maurice Maeterlinck, o mais illustre e o mais acclamado poeta da Belgica. A sua obra tem ferventes admiradores nos paizes latinos como nos germanicos. Uns e outros se sentem nella interpretados e celebram nella a convergencia fecunda das duas culturas, das duas almas em que predominantemente se reflecte a Europa occidental. Os poemas de Verhaeren exercem assim funcção analoga á do proprio paiz onde nasceram, embutido entre a França e a Allemanha como o caroço no centro do fructo, dando passagem de uma á outra, constituindo talvez a par da Suissa um dos cadinhos em que lentamente se elabora, para proveito do futuro, a penetração ou pelo menos o diphtongo harmonico das duas velhas nações rivaes.

A visão de Emile Verhaeren é clara só até ao limite em que não se condemna a ser curta, o que é já uma saliente superioridade sua sobre tantos poetas francezes, de folego debil embora bem rythmado. Mas o que permitte dizer dos seus versos que elles nos

causam, com effeito, um *fremito novo,* é sobretudo o ardor apaixonado com que elles cantam os tempos de hoje e vaticinam os de amanhã. As musas de Verhaeren são o seculo XX e os que se lhe seguirem. Elle não se queixa, nem de ter nascido tarde, nem de encontrar um mundo velho. Ama a sua epoca e contempla o passado de cima para baixo e não ás avessas, como quasi todos nós fazemos. Ao fim de o lermos sentimos realmente que o mundo é nosso como nunca e que Deus já nos fica mais perto. Os seus livros são a epopeia do triumpho do homem sobre si proprio e sobre a Natureza. Os quatro elementos sob cuja tyrannia gemeu o tempo antigo, eil-os por sua vez captivos da humanidade e arrastados por ella atraz do seu carro de victoria.

O poeta sente intensamente todos os deslumbramentos da civilisação e da sciencia e integra-os entre as maravilhas do Universo. Ao lado da caravella da Renascença, com que tenteamos os mares, canta o transatlantico moderno com que os dominamos quasi omnipotentemente. Á poesia das vastas paizagens associa e enlaça a das immensas capitaes « tentaculares » onde hoje se accumula o esforço humano. Verhaeren é o poeta do commercio e da industria, das fabricas e das

minas, dos portos e das gares, da conquista do oiro nos areaes da Africa e do seu enthesoiramento nas prisões de ferro dos Bancos. Caminhos de ferro e telegraphos são para elle a rêde sublime em que o homem envolveu a terra, o laço com que a prendeu aos seus destinos. O philosopho, o sabio, o guerreiro, são focos de luz e vida tão authenticos como os astros do firmamento. O vôo incessante do pensamento atravez dos seculos rompe cada dia um novo enygma e como que continua e prolonga a obra de Deus. O astronomo

... explore l'orgueil des cieux mathématiques
Dont l'immensité d'or et de ténèbres
Se fixe en des algèbres...

O chimico analysa avidamente

Poussière à poussière
Et ferment par ferment
La matière...

Os pensadores, *deuses humanos,* não descansam no seu sonho tenaz de prender um dia a eternidade *no gelo branco de uma immovel verdade...*

E Verhaeren põe em verso a historia universal, evoca os imperios extinctos e esboça os imperios futuros, vae ao encontro do homem até ao momento inicial e genial em

que elle gera a linguagem e cria assim um echo novo a cada aspecto e a cada som do Universo. Entoa hymnos á Europa, exalta a sua obra de exploração e colonisação das terras distantes, louva-a de querer deixar no mundo a marca indelevel do seu esforço

Et recréer les monts et les mers et les plaines
D'après une autre volonté...

mas nunca perde de vista a filiação do homem na Natureza, á qual rende extasiada vassalagem, decifrando as vozes do vento e beijando os calices das flores, *les lèvres mêmes de la terre,* fundindo-se na Creação até ao extremo de poder dizer, num verso admiravel:

Je ne distingue plus le monde de moi-même...

Não me atrevo a suppor que deixo aqui nem sequer um reflexo baço da rica e nova inspiração deste subtil Emile Verhaeren, a quem hontem ouvi durante mais de uma hora, recitando e explicando os seus poemas, fazendo de cada verso o versiculo de um ardente evangelho que nos ensina a admiração, a energia, o enthusiasmo como os melhores mandamentos da lei divina e humana. Direi só que ainda me seduziu mais o conforto da sua doutrina do que a expressão verbal, por vezes espessa, em que ella se molda. Se ha

poetas que são responsaveis da tristeza e da desgraça das gerações que os escutaram, este, bem ao contrario, reanima-nos e desperta-nos. A sua demonstração do progresso continuo é a melhor que poderia encontrar-se da immortalidade a que tanto aspiramos. O nosso desespero só é incuravel quando somos levados a crer na inutilidade final do nosso esforço. Para que caminhar se todos os caminhos nos levam de novo ao ponto de partida? O grande Sully Prudhomme já se queixava da terra ser redonda. Que o não seja, ao menos, a Vida!

XLVI

Religião e atheismo de Estado.

Os espiritos superficiaes — isto é, quasi toda a gente —, ao ouvirem que a França e a Suissa vivem ambas em republica, mal imaginam que tudo se passa diversamente nessas duas visinhas pouco parecidas. Sabe-se demais o que vae pela França e de menos como se governa o pequenino formigueiro helvetico. Mas a França continua a ser para o mundo inteiro como aquellas florestas sonoras que

repercutem e prolongam, em echos poderosos, os menores ruidos que lhes são confiados. O seu poder de propaganda e de contagio é sempre immenso e permitte-lhe tirar força invencivel, até das suas fraquezas.

Um exemplo entre muitos. A preoccupação permanente dos ultimos governos francezes é a secularisação de todos os seus orgãos. O nome de Deus foi supprimido de toda a parte onde a sua presença tradicional poderia comprometter a neutralidade do Estado. Nas formulas dos juramentos, no rebordo das moedas, nos tribunaes ou nos navios de guerra, nas escolas como nos hospitaes, Deus não mais pode ser invocado officialmente, nem mesmo como pseudonymo universal do mysterio que nos rodeia e homenagem humilde á grandeza impenetravel da Creação.

Pelo contrario a Suissa é não só um Estado religioso, e até clerical em alguns dos seus cantões, como é um Estado que continua a considerar a disciplina e a moral christãs como efficazes auxiliares da obra educadora dos governos. Desde a sua bandeira que é uma cruz, todos os actos e symbolos externos do Estado helvetico invocam sem o menor constrangimento o nome de Deus. Elle figura na Constituição federal, proclamada « em nome de Deus todo poderoso », como na correspon-

dencia official, que fecha sempre com um apello « á protecção divina ». Figura na legenda das suas moedas, sob a velha formula *Deus providebit,* ao passo que a França substituiu já ha annos, nos seus luizes de oiro, o tradicional *Dieu protège la France* pela divisa da Revolução *Liberté, égalité, fraternité.* Os juramentos religiosos na Suissa não são obrigatorios, mas ninguem evita prestal-os. Nas escolas officiaes as lições são precedidas por uma prece em commum. Cada anno, no dia de *jejum federal* decretado pela Confederação, são os proprios governos cantonaes que se dirigem ao povo, recordando e recommendando a pratica das virtudes e dos deveres christãos.

Dito isto ninguem estranhará o que passo a referir. Ha dias o parlamento de Berne elegeu um novo membro para o governo federal, em substituição do sr. Comtesse que se retira, por motivos de saude, da vida politica. Foi eleito o sr. Louis Perrier, representante do cantão de Neuchâtel, membro eminente do partido radical — note-se bem, radical — que tem a maioria na Camara como no paiz. O novo conselheiro federal, estimadissimo dos seus conterraneos de Neuchâtel, foi ali recebido festivamente em seguida á sua eleição. Um concorrido comicio se celebrou para o

acclamar e para lhe dar occasião de despedir-se do seu cantão. A reunião teve logar no grande templo protestante da linda cidade. E as ultimas palavras do discurso do sr. Perrier foram assim: « Esta festa é de adeus. Mas eu espero voltar muitas vezes para junto de vós; e se Deus me der vida, o meu voto mais ardente é acabar aqui os meus dias. Neste velho templo, para mim tão cheio de recordações, aqui onde fiz, ha perto de cincoenta annos, a minha educação religiosa, só posso neste momento renovar o juramento que prestei hontem perante a Assembleia federal: juro diante de Deus todo poderoso salvaguardar com todas as minhas forças a unidade, a honra e a independencia da Suissa! »

Accrescentam os jornaes, de onde transcrevo o episodio, que a commoção era profunda em todos, no orador como nos assistentes. Pois não disse eu já aqui que a regra de vida dos homens politicos suissos é mais austera que a dos monges? A ceremonia de Neuchâtel pouco diversa seria se se tratasse de uma noviça que acabasse de tomar o veu de freira. O novo ministro helvetico deixa a alegria e a paz da sua terra pelas obrigações rudes e vitalicias, para não dizer perpetuas, do Poder. Na realidade não entrou para o governo: — entrou para um convento!

XLVII

Pergunta-me um leitor amigo e cidadão escrupuloso se deve dar a preferencia aos seus direitos sobre os seus deveres, ou vice-versa. Respondo-lhe sem nenhuma pretenção, e apenas enternecido pela sua confiança, bem maior que a minha, no acerto dos meus juizos: Direitos e deveres, num Estado perfeito, deveriam ir a par e ser, como as arterias e as veias no organismo, os conductos ou os caminhos ao longo dos quaes o sangue faz perpetuamente a sua viagem de ida e volta e leva a toda a parte o calor e a vida. Mas o Estado é imperfeito e mais de uma vez o bom cidadão terá de hesitar entre dois caminhos. E eu então dir-lhe-ia: Escolha sempre o mais difficil, o que importe maior sacrificio, maior abnegação dos proprios interesses. Exercer um direito pode ser apenas um acto de egoismo legitimo; cumprir um dever é sempre contribuir para o bem commum.

Uma sociedade cujos membros quasi não tivessem direitos seria a tyrannia; mas uma sociedade cujos membros quasi não tivessem

deveres seria a anarchia. Abrindo a Historia vemos que houve tyrannias florescentes, houve-as até gloriosas. Fazer durar a anarchia é que parece acima das forças humanas. O passado não conheceu esse regimen e o futuro creio que tambem não virá a experimental-o.

Não esqueçamos que, se a anarchia é contra a Natureza, a tyrannia é tudo o que ha de mais parecido com ella, ao menos vista pelos nossos frageis olhos mortaes. Pois que é o Universo para nós senão um feroz tyranno? O que são a vida, a morte, a doença, a fatalidade, a miseria, senão actos de pavorosa arbitrariedade? Porque nos embriagamos nós com a ideia, ás vezes só com a palavra, de liberdade, senão porque somos irremediavelmente escravos? Toda a obra humana é um esforço incessante para corrigir e melhorar a obra divina. A defeza da vida terrestre pareceu tão impossivel ás religiões que ellas tiveram de consideral-a como uma penitencia e de nos deixar entrever toda a especie de compensações alem-tumulo. O governo de Deus suscita uma opposição universal e só tem neste mundo victimas resignadas ou adversarios rebeldes. Se Deus não tivesse tomado a precaução de ser eterno, ha muito que estaria deposto e substituido e que nós teriamos prohibido á morte de levar os bons e

poupar os maus, ao mar bravo de engulir os navios e aos terremotos de arrazar as cidades.

É pois a propria lei do Universo que nos ensina que viemos a este mundo muito mais para obedecer que para mandar e que, se cada direito que exercemos é uma admiravel victoria nossa sobre a servidão inintelligivel em que vivemos, por cada dever que deixamos de cumprir somos castigados logo, sem appellação possivel, no nosso bem-estar individual ou social.

Seculos de oppressão e de miseria produziram a Revolução franceza, que é o acto de idealismo politico collectivo mais extraordinario de que reza a Historia. Os homens que a fizeram deviam sentir-se os eguaes de Deus no dia da Creação. Mas que milagres resultaram do seu *fiat lux?* 1789 foi apenas uma genial represalia, uma mudança brusca do scenario social, ou foi com effeito uma transformação definitiva da vida dos povos, isto é, um phenomeno mais do que humano, quasi cosmico? Não temos ainda perspectiva sufficiente para julgar a obra. Mas temos todos sufficiente conhecimento da nossa fragilidade e do implacavel movimento pendular das sociedades humanas para dizer que as reacções contra a anarchia são ainda mais rapidas, e mais vitaes, que as provocadas pela

tyrannia. O instincto de conservação universal ri-se da nossa logica quando ella o ignora. Não se espantem porisso os nossos filhos se virem surgir uma Revolução cujo Moysés inscreva nas taboas da sua nova lei este titulo imprevisto: *Declaração ... dos Deveres do Homem.*

XLVIII

A greve negra dura ainda a estas horas. Depois de ter provado ao governo britannico, durante tres semanas ou mais de negociações estereis, que não é elle quem governa, eil-a agora em face de uma lei votada pelo parlamento, isto é, em face de um triumpho destinado a fazer figura na Historia. Esperemos que se contente com isto, por agora.

Não sei quem notava ha dias que, passando a França por um paiz revolucionario, e a Inglaterra por um paiz ordeiro, este se mostra muito mais susceptivel do que aquelle de movimentos sociaes fortes e prolongados. Julgo mal formulado o reparo. Cada qual tem a sua maneira de fazer revoluções como de matar pulgas. Em primeiro logar o nervo das greves, tal qual como o das guerras, é o

dinheiro, e os socialistas francezes são pobres e desorganisados. Mas a verdade essencial é que a França é um paiz pacatissimo, constituido por pessoas que amam a paz e a economia com um tal fervor que lhes sacrificam tanto quanto podem os seus deveres de solidariedade social. Os proprios operarios, impregnados de socialismo theorico, applaudem ás mãos ambas o sr. Jaurès, mas não gastam um centimo nem para lhe assignar a gazeta. No fundo são burguezes e teem a intelligencia muito mais aberta do que a bolsa. Nos tempos de hoje a sociedade tem de constituir-se em pé de guerra e todo o homem vive arriscado a sahir á rua com as armas na mão para defender o bem do seu visinho ou o seu. Ora o francez ri-se do prejuizo do visinho e, quando se trata do seu proprio, apita para que venha a policia. Um tão longo habito de apathia collectiva torna facil o triumpho das minorias audazes e permitte a meia duzia de agitadores dar a impressão da anarchia geral e por vezes impol-a. Ajunte-se a isso o prestigio quasi magico que dá o poder e ver-se-á que a agitação politica da França provém sobretudo de que nem sempre ali *manda quem pode,* mas repetidas vezes tambem *pode quem manda.*

O inglez põe acima da sua fortuna, da sua commodidade, da sua saude e vida, a defeza

da sua liberdade individual, que nelle é como uma fé. Por ella está sempre prompto a bater-se e até a arruinar-se. Exactamente como, se rebenta um incendio numa casa, todos os visinhos veem ajudar a debellal-o e não se limitam a esperar pelos bombeiros, o inglez não foge das labaredas sociaes; deita-se a ellas para as apagar. É, sob a sua apparencia secca e reservada, um ser social, um crente e um idealista. Ama a paz, mas a paz viva e fecunda e não a paz da inercia, que é paz pôdre.

Um movimento revolucionario em França procurará, antes de tudo, inspirar terror. Em Inglaterra só vencerá se tiver força. Por isso os mineiros, que acabam de realisar o primeiro acto de uma revolução, não perderam um instante o sangue-frio. Vencem graças á sua união tranquilla, á sua tenacidade e aos seus recursos de guerra. E como a natureza humana deforma, ao applical-as, as theorias mais exactas, ou parallelamente, corrige e rectifica as mais erradas, eis porque podemos estar certos de que mesmo a desordem social, sendo ingleza, ha de sempre tender para a ordem, assim como a liberdade latina, por mais perfeitas que forem as suas regras, consistirá sempre, segundo a definição do sr. Luzzati, mais em guerrear do que em respeitar as ideias alheias, defendendo as proprias.

XLIX

Falando um dia com um illustre brazileiro, tão amigo e orgulhoso de Portugal como eu o sou do Brazil, observava-me elle: — Que pena que D. Pedro I não tenha sabido equilibrar as duas corôas sobre a sua cabeça! — E alguem, numa instantanea illuminação de espirito, respondeu-lhe: — Quem sabe se o futuro de Portugal, e a maior gloria do Brazil, não virão a cristallisar um dia numa grande Confederação luso-brazileira? A cada passo os idealistas e prophetas politicos pretendem sentencear como inevitavel a união iberica, esquecendo-se de que a historia e a tradição condemnariam essa união a ser a do lobo e do cordeiro, e não reparando sequer que o abysmo cavado, pela rivalidade de oito seculos, entre as duas grandes nacionalidades, é tão profundo, que lá está a ter a sua repercussão e o seu echo transatlanticos, na emulação que por vezes se desenha entre o Brazil e a Argentina. Nenhuma incompatibilidade de interesses separa esses dois povos que tudo aconselha a viver em paz e amizade. As suas desintelligencias só poderiam ser sentimen-

taes, como se o sangue dos homens de Aljubarrota ou dos vencidos de 1580 fizesse ainda bater o coração dos brazileiros. Porisso que união poderia conceber-se mais perfeita do que a celebrada entre dois povos assim irmãos, assim solidarios? De um lado Portugal garantindo ao Brazil logar e voz no concerto europeu, offerecendo-lhe, nos seus portos do continente e das colonias, abrigo e ponto de apoio ás suas esquadras de guerra e de commercio; do outro lado o Brazil dominando meia America, abrindo mercados immensos aos nossos productos, expansão illimitada á nossa raça e á nossa lingua. E eis Portugal-Brazil dando ao mundo o espectaculo de uma especie de Inglaterra lusitana, poisada á beira da Europa num canto estreito mas bemdito por Deus, e alastrando no outro hemispherio em prodigiosas regiões de incansavel fecundidade e riqueza. Eis Portugal-Brazil constituindo emfim a definitiva grande potencia onde a raça de Albuquerque e a lingua de Camões encontrariam o quadro digno da sua estatura historica e a merecida recompensa dos seus heroicos feitos. E affirmo que nunca entre os ramos da arvore gigantesca que é o Imperio britannico houve ou haverá jamais a communhão de sentimentos e a transfusão de seiva e de sangue que fariam verdadeiramente

das duas patrias unidas *duo in carne et in spiritu unis.*

O sonho era maravilhoso; mas ninguem sabe de que sonhos de hoje será feita a realidade de algum dia. Porisso temos todos carta branca para sonhar, e é mesmo esse um dos raros privilegios que ainda restam ao homem!

L

A Europa diplomatica foi nos ultimos dias surprehendida pela exoneração brusca que o governo russo acaba de impor ao seu embaixador em Constantinopla sr. Tcharykof.

Não é costume usar de tão maus modos com pessoas a quem o direito internacional confere ainda hoje as mais elevadas prerogativas. Um embaixador é a imagem diplomatica directa do seu soberano. Nas côrtes onde a etiqueta tradicional é mantida com zelo — e a Russia é uma dellas — o embaixador tem precedencia até sobre os principes de sangue, em muitos casos. Por isso, cada vez que um diplomata tão representativo deixa de ser pessoa grata ao seu governo, as boas praxes mandam depol-o (demittil-o seria expressão

de insufficiente cathegoria) com tanto ceremonial e protocolo como se usou para nomeal-o. Pois agora não foi assim. O sr. Tcharykof foi deslocado como um simples addido de legação. Os praxistas da carreira devem ter apertado as mãos na cabeça. Decididamente não só os deuses mas tambem os embaixadores... *s'en vont!*

Accresce que a victima de hoje era justamente tida por um dos ornamentos do corpo diplomatico russo. E a sua demissão occupa longamente os jornaes que sobre ella multiplicam as versões e as conjecturas. Uns attribuem ao sr. Tcharykof exaggerada sympathia pelos jovens-turcos. Outros suspeitam-no de ser um pan-slavista apaixonado. Quasi todos concordam em que elle era sobretudo um subordinado pouco malleavel nas mãos do seu chefe de S. Petersburgo e costumava, pouco hierarchicamente, preferir as suas proprias opiniões ás do seu governo.

Com todo o seu merecimento talvez o sr. Tcharykof não chegasse nunca a conquistar o bastão de marechal de uma embaixada sem o auxilio, por mais extravagante que isto pareça, do sr. Ruy Barbosa. Consagremos pois um minuto a contar este pequenino capitulo de historia. Corria branda e lenta a segunda conferencia da Haya. Os delegados russos

que a ella assistiam eram o fallecido sr. Nelidoff, embaixador em Paris, o fallecido jurisconsulto de Martens e o sr. Tcharykof, então ministro na Hollanda, respectivamente primeiro, segundo e terceiro plenipotenciarios. Nelidoff era o presidente da conferencia. Martens era o seu grande emprezario, o seu *deus ex machina*. Tcharykof não era coisa alguma e ninguem lhe sabia o nome.

Mas um dia rebenta o duello Martens-Ruy Barbosa que todo o Brazil conhece de cór. A assembleia achava-se ainda possuida de veneração pelo afamado professor russo. Elle era a Paz Universal em carne e osso. Poucas semanas antes o Tzar mandára-o em romaria ás grandes côrtes estrangeiras para preparar o programma da conferencia. Reis e imperadores o tinham sentado e festejado á sua meza. Ora todas as assembleias são gregarias, por mais conscientes e cultos que sejam os seus membros. De modo que o gesto de Ruy Barbosa, todos baixinho o acharam justo, mas quasi todos em voz alta o julgaram temerario.

De repente espalha-se que o sr. Nelidoff, presidente da conferencia, não occultava o seu desgosto pela arrogancia e falta de tacto do seu compatriota. O eminente embaixador do Brazil encontrava o seu mais caloroso

advogado no proprio chefe da delegação russa! Era a victoria. Desde esse dia toda a gente teve olhos para os defeitos, de resto tão visiveis, do sr. Martens. O seu chefe abandonava-o e não perdia occasião de se fazer secundar pelo terceiro plenipotenciario sr. Tcharykof. Este comprehendeu e aproveitou o lance. Não tardou a revelar-se um orador firme, um espirito claro e cultivado, uma natureza cordeal e affavel. Martens, ao contrario, era inferior á sua reputação. Professor erudito, faltava-lhe a nitidez do raciocinio, a promptidão em comprehender, a felicidade em replicar. Uma objecção enfurecia-o e desnorteava-o. As suas maneiras imperiosas e seccas tinham-lhe já creado numerosas antipathias que só por fraqueza se disfarçavam em admiração. Agora todo o mundo estava grato a Ruy Barbosa pelo seu movimento audaz e reparador. Para o fim da conferencia o pobre Martens estava tão pequenino e apagado que fazia pena. O seu antigo aprumo evaporara-se. Tacteava o terreno, fazendo-se doce e timido, á procura do exito que irremediavelmente lhe fugira. E no seu logar era o sr. Tcharykof que crescia e medrava, empenachado de triumphos e de applausos. Todos suppunham a principio que Martens sahiria da conferencia para uma grande embaixada. Coitado! Foi

de ali para casa e não tardou a ir de casa para a cova. O embaixador foi Tcharykof, logo a seguir a uma brilhante gerencia do ministerio dos negocios estrangeiros de S. Petersburgo, como ministro adjunto.

Ruy Barbosa não abusou um instante da sua victoria e foi sempre perfeito de gentileza e generosidade com o seu adversario. Este por sua vez era o arrependimento e a penitencia em pessoa. Mas a Justiça falára — e pela grande voz de Ruy, para todos a ouvirem...

LI

Um dos capitulos mais ineditos da historia e da vida portugueza é sem duvida o que abrange os tristes sessenta annos da dominação hespanhola. Não me lembro de monographia, romance ou drama que tentasse reviver as debilidades e os tormentos da alma nacional durante essa epocha; que estudasse o reflexo da abdicação politica e historica da nação no seu viver quotidiano e intimo; que emfim dissesse as tragedias mentaes e moraes das raras consciencias que tenham então tido a desgraça heroica de se manter intactas.

O assumpto era digno de tentar um Michelet ou um Balzac. E que segundo poema lhe consagraria Camões se a sua vida durasse mais vinte annos! O que com effeito dá relevo tragico ao nosso destino é que os periodos de maxima gloria e de maxima miseria se succederam vertiginosamente, quasi sem transição. Um portuguez, digno do nome, nascido pelas alturas de 1540, deve ter vivido dias de angustia pavorosa. Ter-lhe-á ainda sido dado ver e ouvir o poeta dos *Lusiadas* e inebriar-se da gloria cantada nos seus versos. Terá visto partir D. Sebastião para Marrocos e terá talvez ido com elle. Mas sobretudo terá ainda ouvido os echos vivos dos tempos maravilhosos, miraculosos, de Portugal. A mãe que o embalou no berço foi testemunha do reinado de D. Manuel, conheceu pessoalmente Vasco da Gama, viu o grande Albuquerque em carne e osso. Um avô vivo poderá contar-lhe que os velhos da sua mocidade eram do tempo de D. João I, tinham privado com o infante D. Henrique e visto chegar Nun'alvares de Aljubarrota e de Ceuta. Calcule-se o orgulho e o enthusiasmo de um compatriota assim nado e creado e a energia com que elle se recusará a crer na decadencia da sua terra, por mais que haja olhos frios e sagazes que já saibam descortinal-a e pre-

vel-a. E se elle ao contrario pertence ao numero desses prophetas, imagine-se a amargura da sua alma e o anceio com que verá partir o Rei allucinado para a ultima guerra de Africa.

E emfim eis Alcacer Kibir e eis o duque de Alba — e eis Philippe II tomando posse, entre acclamações servis, do throno que fôra do mestre de Aviz ha seculo e meio e do Principe Perfeito ha menos de um seculo. O meu Portuguez tem então apenas quarenta annos, trasbordantes ainda ha pouco de recordações e de aspirações. Nascido cem annos antes seria o mais feliz dos homens. Agora é o mais desgraçado, pois encarna e concentra em si a dor da nação — a dor que a nação, paralysada e inconsciente, dir-se-ia já não sentir. E vae viver longos annos de martyrio assistindo á decomposição da Patria, vendo impotente a cobardia dos homens e a abjecção de uma sociedade que perdeu a memoria de si mesma. A morte virá por fim, tarde demais para o seu soffrimento, cedo demais para lhe permittir conceber a esperança da libertação futura. Faz calafrios pensar que houve assim tempos e torturas assim crueis. Não ha por ahi um historiador ou um poeta em quem desperte a ideia de contal-as?

LII

Chega-me de Coimbra uma nova revista *Dionysós,* toda impregnada de philosophia e arte. Essa querida Coimbra! Emquanto os jornaes de Lisboa trasbordam de politica, e relegam a arte para depois dos annuncios, Coimbra continua a ser, como foi sempre, o baluarte das puras Letras. Folheando estas paginas penso mais uma vez na precocidade da intelligencia portugueza, na facilidade com que os nossos rapazes imberbes penetram os mais abstractos e complexos problemas do pensamento numa edade em que os seus contemporaneos dos paizes do Norte ainda não tiveram nas mãos um livro serio. Infelizmente ser philosopho aos dezoito annos não é o melhor meio de ser um homem experimentado e pratico aos trinta. Mas hoje quero entregar-me todo ao embalo das minhas saudades. Folheando estas paginas revejo a Coimbra de ha vinte annos onde por minha vez philosophei e versejei com uma fé admiravel. Foram bons e fecundos esses tempos. A geração de que fiz parte restabeleceu na nossa litteratura o culto das tradições nacio-

naes que a ephemera corrente naturalista pozera de parte. Em Portugal todos os movimentos intellectuaes partem de Coimbra. Este era tão legitimo que Guerra Junqueiro não desdenhou norteal-o e consagral-o, que Oliveira Martins o animou com o seu voto e que Eça de Queiroz lhe comprehendeu sem demora o alcance, dando á sua grande obra o complemento de ternura e saudade portugueza que então lhe faltava ainda. O impulso dessa geração faz-se sentir ainda hoje, tanto nos rumos seguidos pela mocidade letrada como na evolução da linguagem e das formas poeticas cuja renovação data dessa epocha. Não só as maneiras como as modas de pensar e sentir permanecem as mesmas. Sem duvida as escolas litterarias teem um valor restricto e não dão talento a ninguem. São estradas novas, mais nada. Mas é occasião de recordar que a circulação ainda se faz por ellas e que Antonio Nobre e Eugenio de Castro, que então se revelaram, servem sempre de mote ás melhores e mais recentes glosas da nossa poesia.

Mas o que eu pretendo aqui evocar é sobretudo o puro ardor com que se combatia pelo ideal na Coimbra do meu tempo. Fomos ali encontrar uma tradição de bohemia e de esturdia que não dava um olhar ao Mondego

nem comprehendia já o sentido das paizagens que nos rodeavam. Rehabilitámos a poesia de aquella incomparavel natureza, restabelecemos o prestigio quasi perdido da sua tristeza. Coimbra voltou a ser a terra de encantos onde as raparigas teem olhos cor de choupo e os choupos são pallidos e esguios como ellas. Percebeu-se de novo que cada rua da cidade é uma pagina de historia e de arte e cada monte ou valle dos seus arredores um manancial perenne de inspiração e emoção. Coimbra foi a nossa Bruges. Todos nos inebriámos, até ao delirio, com os seus poentes e com os seus luares.

E entretanto desenhava-se em Paris o movimento symbolista e começava a ouvir-se falar de Verlaine, de Maeterlinck, de d'Annunzio, de Rodenbach, de Paul Adam, de Barrès. Os primeiros livros de tantos desses e outros escriptores hoje celebres foram lidos em Coimbra ao mesmo tempo que em França. Lembro-me muito bem de ter passado noites a decifrar os poemas hermeticos de Mallarmé. Fui testemunha da estreia mediocre de Rostand, então desconhecido de todo, com as *Musardises*. Iamos á gare esperar os caixotes de Paris que nos traziam os livros novos. Viviamos num estado de allucinação permanente, servindo a Arte com paixão e olhando

tudo o mais com desdem e horror. Pela reforma do verso alexandrino se travaram combates ferozes e alguns de nós se bateram nas ruas. Antonio Nobre deixou-se reprovar duas vezes em Direito por ter introduzido innovações elegantes e excentricas na maneira de usar a capa e batina...

Emfim fomos moços, poetas e portuguezes com delicioso ardor e innocencia e como só se pode ser em Coimbra. Nada ali turva nem desnatura as almas. Maurice Barrès diz num dos seus livros que não morrerá sem ir visitar a terra encantada onde penou Ignez. Que faro prodigioso terá deixado adivinhar a este escriptor que Coimbra é na verdade um dos cantos do mundo melhor feitos para deslumbrar a sua sensibilidade e para inspirar epithetos novos á sua penna subtil?

LIII

Estamos assistindo com alguma surpreza ao occaso do sr. Roosevelt. Quem o teria previsto ha apenas trez annos, quando o vimos sahir triumphalmente do poder para ir caçar leões em Africa; ou quando o vimos voltar da

Africa, victorioso sobre o rei dos animaes, para vir á Europa dizer algumas verdades amargas aos reis dos homens? Recebido em todas as côrtes e capitaes europeias como um soberano, o sr. Roosevelt não se deixou deslumbrar. A sua sinceridade é rude e sem tacto como a dos missionarios. Logo ao passar no Egypto, onde acabava de commetter-se um odioso crime politico, o antigo Presidente aproveitou a occasião para condemnar a excessiva fraqueza do gabinete de Londres. Mas não se contentou com isso. Foi na propria Londres, na recepção do Guildhall, cara a cara com os membros do gabinete britannico, que elle expoz desabridamente as suas ideias e ralhou com severidade á Inglaterra. Os maiores homens publicos de aquelle paiz, presentes á conferencia, applaudiram-no quasi involuntariamente, de tal modo a singularidade e mesmo a impertinencia da sua attitude eram resgatadas pelo acerto e franqueza das suas palavras. O *Times* recommendou-as á meditação do paiz.

Paris rodeou de todas as honras e deferencias o illustre Americano. Mas nem por isso elle desistiu de ir prégar o seu sermão do alto de uma cathedra da Sorbonne, perante um publico de sabios, de litteratos, de politicos, a fina flor da França. A conferencia foi um

caloroso elogio das qualidades francezas, mas tambem uma rigorosa mercurial contra os seus defeitos. Disse tudo. Reconheceu que é optimo ser-se intelligente e requintadamente culto, mas observou que é ainda melhor ter-se energia de caracter, amor do trabalho, coragem physica e civica e... muitos filhos fortes e sãos. Nos seus escriptos sobre a *vida intensa* já o sr. Roosevelt proclamára que a nação, de cujas mulheres se podesse dizer que ellas tinham o terror da maternidade, era uma nação pôdre e que merecia desapparecer da superficie da terra. O scepticismo ironico e indolente, a intolerancia religiosa, a falsa comprehensão da liberdade, a especulação politica pela tribuna e pela imprensa, foram outros tantos topicos versados pelo sr. Roosevelt no seu discurso; e a lição pareceu tão opportuna aos proprios leccionados que o *Temps* a mandou distribuir, em milhares de exemplares, por todas as escolas da França.

Tomou emfim o vapor para a America o ardente apostolo. E, logo depois de ter sido acolhido como um cesar por uma Nova-York em delirio, armou a sua tribuna na redacção do *Outlook,* num gabinete onde havia apenas uma cadeira, a sua, para que as visitas importunas o não impedissem de trabalhar. E de ali entrou logo a morigerar os seus concida-

dãos. Roosevelt tem dentro do peito um coração puritano e idealista, para quem o patriotismo é sempre, e não apenas nas horas da derrota, o *mysticismo necessario* de que falava o estadista francez. Joaquim Nabuco chamou aos Estados-Unidos uma torre de Babel bem succedida. Roosevelt, menos optimista, descobre ainda mais tumulto que equilibrio, e mais riqueza que virtude, na vida nacional. Elle não admitte que a sua patria venha a ser apenas uma immensa feira onde se ganhem e gastem rios ou mares de dinheiro e se viva em perpetuo peccado mortal. O billionario é o seu inimigo. O oiro incorruptivel parece-lhe o maior corruptor do seu paiz. O cynismo da politica desespera-o. Este homem que governou sete annos os homens não hesita em oppor os preceitos do Evangelho e os mandamentos da lei divina aos sophismas e transigencias moraes da vida publica.

Quando, depois de um tal passado, vemos o sr. Roosevelt acceitar uma segunda (terceira de facto) candidatura á presidencia da Republica, devemos admittir que é a sêde de mais justiça, e não de mais honras, que o impelle. Quando o vemos propor o *referendum* popular para as decisões dos tribunaes, ideia tão singularmente demagogica na bocca de um tão

antigo adversario da demagogia, perguntamo-nos, como no Hamlet: « O que haverá de apodrecido no reino da Dinamarca? » De que males soffre a justiça americana para que o justiceiro Roosevelt tenha aspirado a rectifical-a pelo juizo do povo? Tem razão o *Times* quando agora chama ao ex-Presidente *o novo Roosevelt*, ou o seu defeito é justamente continuar a ser o mesmo homem, desdenhoso das circumstancias e não sacrificando a nenhuma consideração de opportunidade o seu absoluto ideal civico?

De toda a maneira a sua derrota é certa. A politica é não só uma moral mas tambem uma arte. O sr. Roosevelt parece ter sido tão bom moralista como pessimo artista. Não o lapidaremos por isso, ao contrario. Oxalá a sua figura de patriota permaneça intacta e o futuro lhe attribua ainda maior virtude por ter perdido agora a popularidade do que por a ter sabido conquistar noutros tempos.

LIV

Domingo de Paschoa. Excellente occasião para abrirmos o Evangelho, sempre de tão util leitura:

« Passado o dia de sabbado, Maria Magda-
« lena, e Maria mãe de Thiago, e Salomé,
« compraram aromas para irem embalsamar a
« Jesus. E no primeiro dia da semana, par-
« tindo muito cedo, chegaram ao sepulchro
« quando já era sol nado. Diziam ellas entre
« si: Quem nos ha de revolver a pedra da
« bocca do sepulchro? Mas olhando viram
« revolvida a pedra, que era muito grande.
« E entrando no sepulchro, viram sentado da
« parte direita um mancebo vestido de roupas
« brancas: do que ellas ficaram muito atemo-
« risadas. Mas elle lhes disse: Não tenhaes
« pavor. Vós buscaes a Jesus Nazareno, que
« foi crucificado? Elle resuscitou; já não
« está aqui. *Resurrexit, non est hic...* »

Eu invejo aquelles que souberem a esta leitura reviver na sua alma o drama do Calvario e sentirem afflorar aos seus olhos as lagrimas que elle inspira. Mas o Evangelho é tão cheio de substancia que até aos que delle não sabem

extrahir fé procura allivio, e fala ás intelligencias tão alto como aos corações. Quem não assimilar o dogma logo se deixará commover e vencer pelo symbolo. Jesus é a Verdade, que os homems sempre perseguiram emquanto não a comprehenderam. As suas dores, encarnando em homens ou em humanidades menos heroicas que elle, enchem a historia e como que definem a vida. Se ha figuras representativas e syntheticas são essas de que se compõe a tragedia christã. Não conheço em nenhuma litteratura uma creação mais universal, mais solida, de que a de Pilatos, esboçada pelo Evangelho em duas linhas. E ao ler o consolador desfecho da Resurreição pode alguem deixar de experimentar, pelo menos, esta certeza immensa de que a Intolerancia é a eterna vencida? Teem as paixões, os rancores e os egoismos humanos recorrido a todas as receitas para entorpecer e atalhar a marcha da Verdade. Encontram-se crucifixos em todas as encruzilhadas do Passado. O sangue dos justos mil vezes ensanguentou as mãos humanas. E a pedra do sepulchro conseguiu sempre abafar por longos instantes a voz de Jesus nos seus mil pseudonymos terrestres.

Mas foi tambem sempre em vão. Perseguições, mortes, carceres e guerras, a mesquinha

hostilidade quotidiana ou a repressão organisada e bem armada são impotentes contra a força enorme, contra a acção indefensa da Verdade. Ella é como a luz ou como o ar, que entram por todas as fendas. Crucificam-na, amortalham-na, enterram-na, collocam sobre o seu corpo a grande pedra do sepulchro. Debalde. Essa pedra vomita-a logo a bocca do sepulchro; e quando alguem veio em busca do cadaver sempre uma voz lhe respondeu, apontando a campa irremediavelmente vazia: *Resurrexit, non est hic!*

LV

Tenho um amigo cheio de virtudes e talentos e com quem no entanto a sorte está sempre em divida. Ora como eu entendo que a chamada sorte tambem é uma virtude a seu modo e não apenas um presente do acaso (como a sorte-grande), puz-me a estudar o meu perfeito amigo até descobrir a causa da sua relativa desfortuna.

E descobri-a. O meu amigo tem o seguinte defeito: — juizo demais.

Dotou-o Deus com uma intelligencia luminosa que lhe permitte estudar-se a si proprio,

e estudar as pessoas e as coisas alheias, sob todos os aspectos, projectando sobre ellas um olhar que não dá quartel a nenhuma sombra. Dotou-o ainda Deus com um sangue-frio que nada perderia em ser, de vez em quando, quebrado da friura.

O meu amigo vê tudo, entende tudo, explica tudo. O mundo devia pois ser delle, diz de ahi o leitor. Erro completo. Fora da acção e da observação do meu amigo ficam dois terços da vida que se encontram na região do invisivel, do inintelligivel e do inexplicavel, e para cuja conquista se tornam precisos o faro e o palpite, que não veem mas fazem melhor — adivinham — e o instincto, que tem a sua maneira especial de entender. E accrescente-se a fé e o enthusiasmo, a quem uma leve nuvem de cegueira veste como uma luva.

Ora o meu referido e dilecto amigo, quando se encontra em frente de um facto ou de um acto, arregala os olhos, puxa pela cabeça, e pára. Eu, que tenho muito menos juizo que elle, que me domino muito menos, tudo prefiro a parar e deixo-me ir. Longe de procurar a athmosphera neutra do raciocinio provoco em mim uma certa febre, graças á qual me parece que vejo tudo clarissimo. Quando adoeço não quero saber o que tenho, mas

quero apenas que me curem. Considero a vida como uma coisa mysteriosa e eu proprio me tenho na conta de um dos mysterios que a compõem. Se meditasse no que é por dentro o meu organismo ter-lhe-ia decerto horror e viveria na obsessão dos microbios que me habitam e dos que hão de herdar-me. Sou e sinto-me um instrumento das forças universaes e tenho muito mais confiança no meu instincto que na minha logica. Bem sei que esta philosophia me poderia trazer graves desgostos se Deus não tivesse tido a summa bondade de me fazer, como fez, boa pessoa.

O burro de Buridan tinha a cevada de um lado e a agua do outro, a eguaes distancias. E tinha fome e tinha sêde. Era porem, por hypothese, um burro muito intelligente e quiz estudar se lhe convinha mais comer ou beber primeiro. Com certeza foi este burro que morreu a pensar. Se não tem recorrido a esse luxo, superior ás suas posses, ainda a estas horas estava vivo.

LVI

A terra portugueza, cultivada ou maninha, não cessa de dar bons poetas. Aqui tenho dois novos livros de dois escriptores cujos nomes e obras o Brazil já conhece: os srs. Affonso Lopes Vieira e Antonio Correia d'Oliveira. Ambos teem de commum, alem do talento, o fervor com que buscam as suas fontes de inspiração nos sentimentos, tradições e formas de linguagem nacionaes. Lopes Vieira fala-nos desta vez, como fiel e enternecido rapsódo, de um dos deuses do nosso Olympo litterario, Gil Vicente, cujos autos adapta, interpreta e louva com seguro gosto e sagacidade. Correia d'Oliveira consagra as suas rapsodias a ess'outro grande poeta, ao poeta maximo da nossa litteratura e até da nossa historia, que vem a ser — o Povo. O livrinho a que me refiro é constituido por 115 quadras em cada uma das quaes se espreme o sumo de outros tantos dos nossos melhores proverbios ou anexins. As sentenças populares, relegadas, pelo uso universal, á cathegoria de logares-communs, precisam de ser de longe a longe recolhidas e cunhadas de novo para

que se lhes não embacie o sentido nem se lhes apague o relevo. O nosso poeta realisou esta util tarefa com a maior felicidade. Vejam-se só estes dois exemplos:

— Palavras leva-as o vento, —
Costuma dizer a gente.
Leva-as, espalha-as, semeia-as:
Faz como aos grãos da semente.

— Ouve muito, e fala pouco. —
Aprende com paciencia...
Em sabendo que não sabes,
Chegaste á melhor sciencia.

Talvez por escrever estas linhas em dias de Semana Santa, occorre-me comparar os *Dizeres do Povo* do sr. Correia d'Oliveira a uma linda caixa de amendoas preparadas para os mais difficeis paladares. Cada quadra é por fora um bom confeito e por dentro um bom conceito. Sabe bem, cheira bem — e faz bem. Recommendo por isso este folar a todos os padrinhos.

A obra poetica de Antonio Correia d'Oliveira conta já uma boa duzia de esplendidos volumes, colheita pontual de egual numero de annos. Cada um desses livros é como um altar e o seu conjuncto forma já como uma egreja, pedra a pedra erguida pela alma religiosa do poeta para celebrar o seu culto exta-

tico ao Universo. Reina nessas naves uma penumbra triste. Os cantos que as enchem não são trilos de rouxinoes mas canto-chão majestoso e grave, cuja monotonia é mais um signal da unidade e harmonia da inspiração que os gerou. Correia d'Oliveira é entre nós o creador de um lyrismo a que eu creio poder chamar-se cosmico. A musa do poeta é feminina mas chama-se a Natureza, e não Beatriz ou Laura. Nos seus versos falam e sentem, riem e choram, as pedras, as fontes, as arvores. O drama humano estende-se a toda a Creação. Nessa especie de monismo novo deixa de ser o homem que se funde no Universo para ser o Universo que se integra na Humanidade, e assume forma e essencia humanas. Cada raiz de arvore é uma Mãe procreando na dor e no amor. Cada curso de agua é um valle de lagrimas e cada rochedo esconde um coração ancioso de libertar-se. Estrellas do ceu e flores da terra são reflexo e espelho umas das outras e namoram-se de longe.

A orchestração dos poemas de Affonso Lopes Vieira é mais leve e menos sombria. Os *leit-motiv* dos seus tambem já numerosos volumes de versos são frescas melodias populares, solos de flauta pastoril, murmurios, suspiros, saudades, a espuma das ondas e o

fumo dos lares. A sua arte é mais variada, mais pittoresca, mais fina. O poeta muda de assumptos e muda de rythmos com graça e elegancia. Chamal-o-iamos menestrel do Sul e da beira-mar, tendo cordas na lyra afinadas pelas de Heine, em contraste com Correia de Oliveira que é o vate da serra beirôa, uma especie de Lucrecio mais triste, gemendo os seus oraculos rudes e duros como os penhascos de onde brotaram e que lhes fazem echo.

Affonso Lopes Vieira publicou ha mezes o lindo livro para creanças *Animaes nossos amigos,* que os felizes desenhos de Raul Lino illuminam como raios de sol. Nas suas paginas celebram-se o cão, o gato, o burrro, os bois, as abelhas, o sapo, os passarinhos e o lobo de S. Francisco de Assis. Encantador jardim zoologico, em verso, onde nenhuma das minhas leitoras deixará decerto de levar a passeio os seus filhos.

LVII

A Grecia pertence ao numero ainda consideravel dos povos messianicos, a que poderiamos chamar, sem offensa e talvez com

verdade, povos-mulheres, porque suspiram sempre por um homem. Emquanto esse homem não vinha, a Grecia ia-se rapidamente desfazendo e decompondo. O seu pão quotidiano era a lucta de *clans,* bem conhecida sob o nome de politiquice. As esperanças depositadas por tantos idealistas europeus num renascimento do hellenismo pareciam para sempre frustradas. Os Gregos tinham assimilado vivamente todos os defeitos da civilisação e da democracia; mas ás suas virtudes mostravam-se insensiveis. A derrota que lhes infligiu a Turquia, longe de os estimular, ainda mais os deprimiu. Desde então exercito, marinha, administração, finanças, tudo definhava e decahia. Ha dois annos o paiz parecia entrado na agonia, pois nem sequer conseguira organisar uma revolução e o seu viver era o cahos.

Vae senão quando surge o Messias, vindo de Creta na pessoa do sr. Venizelos, e a vida da Grecia recomeça a ser digna do nome de historia grega. Compatriota de raça mas não de origem, elle era alheio ás contendas indigenas. O seu coração albergava todos os sentimentos fecundos mas nenhuma das paixões estereis — odios, rancores, invejas — dos homens que ia governar. Na Grecia havia partidos, chefes, ambições, vaidades. Veni-

zelos não teve olhos senão para o paiz e para o bem do paiz. O seu partido foi — a Patria; as suas ambições foram — servil-a.

Mesmo a um homem de limitadas aptidões bastava esta mudança de ponto de vista para lhe permittir fazer milagres. Mas o Messias grego é, ao que se está vendo, uma solida intelligencia completada por uma rija vontade. Chamado ao poder em Setembro de 1910 — ha pouco mais de anno e meio — já achou tempo para voltar o paiz do direito, pois do avesso ha muito que elle estava voltado. Guerreado pelos partidos, deu-lhes batalha a todos e venceu-os, encontrando a opinião firme a seu lado. Ao tumulto da rhetorica parlamentar oppoz o maior numero possivel de factos e resultados concretos. Administrou, reformou, saneou, disciplinou, emfim teve juizo, que é, ao parecer, a virtude entre todas rara nos politicos de Athenas. Testemunhas de vista affirmam que em tão curtissimo praso a vida nacional entrou na ordem. O orçamento salda com excedente e os serviços publicos marcham normalmente. Abrem-se estradas, constroem-se novos portos e linhas ferreas, a esquadra accrescenta-se com poderosas unidades, e onde ha dois annos se lia pronunciamentos, golpes de Estado, crise dynastica, pode ler-se agora paz e trabalho.

Produz-nos surpreza este triumpho, não só porque os Messias politicos falham quasi sempre, mas até porque o estamos naturalmente comparando com o fiasco da Joven-Turquia e o ainda maior da Joven-Persia. É de justiça dizer que o sr. Venizelos teve na opinião nacional um alliado effectivo e leal. E não se comprehende mesmo em que se entreteve essa opinião, e que somno dormia, durante o tempo que perdeu a dar aos seus maus chefes politicos tão mansa e resignada cavallaria.

Emfim o sr. Venizelos actuou como um tonico. O seu prestigio proveio talvez em maxima parte de ser um homem novo em folha, um grego vindo de fora. Se se apurasse ser este o segredo da sua victoria, todos poderiamos aproveital-o, escolhendo os nossos governantes entre os patricios creados longe da patria. Assim por exemplo li hontem que um dos *reis* dos Estados Unidos, o sr. Wood, é filho de paes portuguezes. Estou quasi resolvido a supplicar-lhe, em nome dos nossos communs avós, que não tarde a pôr os seus numerosos billiões, e a sua arte de ganhal-os, ao dispor da nossa terra que tanto carece de uma e de outros.

LVIII

Se os homens vierem algum dia a descrer ou a esquecer-se da historia e da sciencia e se voltarem outra vez para os deuses, este pavoroso naufragio do *Titanic* tomará decerto logar entre os mais importantes capitulos da sua renovada mythologia.

O malfadado transatlantico da White Star Line ficará talvez para sempre estygmatisado com o seu nome de baptismo tão presumpçoso e de mau agoiro. Não será só o *Titanic,* será o *Titan,* mais um titan, condemnado, como todos os seus antiquissimos predecessores, á destruição e ao castigo. Nos velhos mythos encontramos os titans sobrepondo as montanhas umas ás outras para escalar o ceu e derrotar Jupiter. Prometheu era filho de um titan. Todas essas audaciosas emprezas, como a tentativa analoga dos constructores da torre de Babel, symbolisam a ambição e a impotencia dos homens. O *iceberg* que agora foi ao encontro do immenso paquete procedeu com a ferocidade e a violencia de um deus offendido. Foi Jupiter em pessoa anniquilando em duas horas a obra humana e pondo-nos mais

uma vez em face da humildade irreparavel da nossa natureza.

Eu então, se me convidassem para padrinho do fallecido *Titanic,* ter-lhe-ia posto um nome mais modesto e em que ninguem podesse ver o menor desafio a Deus ou aos deuses. Chamar-lhe-hia *Zero, Atomo, Pygmeu,* ou *Gota de agua,* e mandaria inscrever-lhe á prôa a maxima de certo poeta francez de que me não acode o nome: *L'homme est une goutte d'eau qui pense et qui se voit perdue dans la masse fatale de la mer.*

A unica differença, com effeito, entre a gota de agua ou lodo que somos e as nossas innumeras collegas do vasto mar, consiste neste dom cruel que nos habilita a raciocinar e a philosophar sobre a nossa sorte, sem que por isso aliás consigamos mudal-a. O naufragio do *Titanic,* alem das lagrimas e pezares legitimos que desperta, repõe deante das nossas intelligencias esse eterno problema da justiça ou da misericordia de Deus. A nossa pedante logica reclama explicações do Destino. Eu acho que somos, alem de boçalmente vaidosos, grotescamente egoistas. Mil vezes nos succedeu passar, sem o ver, por cima de um formigueiro. A sola distrahida da nossa bota anniquilou num breve instante um mundo encantador de seres laboriosos, honestos e

bons. E fel-o sem remorso nosso e sem o mais ligeiro protesto das victimas que nos fosse intelligivel. O navio que agora foi ao fundo, com duas mil formigas humanas dentro, constitue provavelmente um episodio ainda mais insignificante na historia não escripta do Universo. E, se queremos por força extrahir moralidade de cada acto da energia universal, digamos, por exemplo, que aos olhos dos demais seres da Creação o homem pode muito bem ser tido, com verdade, por um monstro, ou que ao menos lhe pode ser attribuida a responsabilidade e imposta a penitencia por mil crimes de que, só com viver e durar, se torna autor. Não esqueçamos que a nossa justiça é como a nossa caridade: começa sempre por nós mesmos.

No instante em que os jornaes me trouxeram as noticias mais angustiosas do horrivel naufragio estava eu contemplando por um vidro fumado o eclypse do sol nosso amo e senhor e tinha diante dos meus olhos a sua estranha apparição em quarto-minguante. A luz que delle irradiava era esverdeada e sinistra, luz de cataclismo e de pavor. E então interpretei por minha vez o desastre do *Titanic*, como um simples ensaio geral de maior naufragio em que viremos a ser engulidos todos nós, os passageiros deste balão da Terra, na

nossa precaria navegação atravez dos espaços infindos, quando algum deus de mau humor se lembre de apagar com um simples sôpro o fogão solar de cuja luz e calor tão escravisadamente dependemos.

LIX

As contas de gerencia do Estado helvetico fecharam no anno passado com um *deficit* de duzentos e cincoenta mil francos em numeros redondos. A quantia é minima, e em qualquer outro paiz a sua propria insignificancia daria motivo para louvores e parabens aos administradores da fazenda publica. Mas o contribuinte suisso é mais exigente e foi educado em outros principios. Na Suissa, durante os ultimos 34 annos, só *tres* orçamentos do governo federal deixaram de annunciar *deficit*; mas em compensação, nesse mesmo praso, só *oito* contas de gerencia deixaram de fechar com um saldo favoravel. Um orçamento optimista, ainda mesmo quando o futuro viesse a confirmal-o, seria sempre um acto de imprudente administração. Os orçamentos suissos não são politicos, nem destinados a produzir

effeitos politicos. As receitas são calculadas pelo minimo e as despezas pelo maximo. O ministro da fazenda apresenta-se ao parlamento na attitude de quem a todo o instante espera, não vencer o *deficit,* mas ser vencido por elle. As finanças são sempre descriptas officialmente como ameaçadas no seu equilibrio instavel e necessitadas de severo regimen para escaparem quanto possivel aos perigos que as rodeiam. A opposição vê-se em certos casos reduzida a accusar o governo de pessimismo excessivo, isto é, de administrar melhor do que elle proprio confessa. Não parece situado na Lua este ditoso paiz onde os governos deixam assim confiadamente o seu credito nas mãos alheias e até inimigas?

É tão raro que os orçamentos de um Estado não sejam fiel espelho das suas finanças que em geral sobre elles costumam basear-se as conclusões dos economistas. Grave erro commetteria quem assim procedesse com a Suissa. Ali, repito, ha sempre *deficit* nos orçamentos, mas sempre excedentes, ou excepcionalmente *deficits* minimos, nas contas. A hypothese prudente e previsora é o *deficit* que, entre outras vantagens, tem a de desanimar todo o appetite de augmentar as despezas sem necessidade absoluta; mas quando a realidade se permitte o atrevimento de se parecer com a

hypothese e de justifical-a, o paiz franze o sobr'olho e reprehende severamente o seu governo.

Morreu ha poucos annos em Berne um ministro da fazenda que era o terror dos seus subordinados durante a preparação do orçamento. Enfurecia-o o mais ligeiro augmento de verba, fosse de francos ou de centimos. A economia para elle não era apenas um fim mas um meio, uma gymnastica necessaria, uma regra de educação que não supportava a menor negligencia. A tendencia para considerar o thesouro publico como dinheiro de todos, quer dizer de ninguem, é instinctiva e tradicional no homem. O mais poupado comsigo proprio será facilmente prodigo se for chamado a dirigir as despezas do Estado. A pessoa mais proba não sentirá embaraço algum de consciencia em prejudicar o fisco, sempre que se lhe offereça occasião de o fazer com impunidade. Porisso a moralidade e a economia de um governo precisam de ser duras, glaciaes e impiedosas, olhando menos aos resultados immediatos e concretos do que á influencia educativa e á repercussão immensa do seu exemplo.

Taes praticas são ainda mais de rigor nos pequenos Estados, cujos recursos mal chegam para as despezas essenciaes á sua vida quoti-

diana. Mas não esqueçamos tambem que ha um motivo forte para dissuadir os chefes das finanças suissas de fazerem no parlamento o seu proprio panegyrico, demonstrando mil vezes terem salvo o paiz do abysmo para onde o encaminharam os seus predecessores. É que na Suissa os ministros são quasi perpetuos, e assim não teem occasião nem conveniencia em edificar a sua reputação sobre as ruinas da reputação alheia.

LX

Um jornal de Paris informa-nos na sua terceira pagina, em letra miuda, da partida ou chegada do *major Dreyfus*... Pois ainda vive? Não repararam já os meus leitores que o prisioneiro da ilha do Diabo mergulhou tão profundamente na obscuridade que a sua existencia actual em carne e osso quasi parece problematica?

Estranho destino tem sido o deste homem. Nada parecia fadal-o para qualquer celebridade. Era um ser medio e mediocre, correntemente intelligente, normalmente honesto, descrevendo a sua orbita simples e prevista no meio banal em que se movia. A sua pas-

sagem pelo mundo não devia deixar qualquer vestigio. De repente uma fatal semelhança calligraphica, sublinhada pela sua origem judia, colloca-o na mais terrivel evidencia. A aza da desgraça roça a sua natureza neutra, burgueza e pouco sensivel. E o pobre diabo debate-se desesperadamente, sem grandeza e sem relevo, dentro da tragedia de que o mais cego dos acasos o fez immerecida e incompetente personagem.

A unica razão bem clara por que Dreyfus innocente foi condemnado é esta: *elle não soube pôr em scena a sua innocencia.* A personalidade franceza é toda exterior. Em França toda a gente, e não só a mulher de Cesar, precisa de parecer o que é, succedendo mesmo ser mais lucrativo parecer do que ser. De resto ali, como em toda a parte, a publicidade é uma ribalta cujas luzes cruas extinguem as figuras que não souberam caracterisar-se fortemente. As feições devem ser accentuadas a carmim, para parecerem vivas, como as vozes devem exceder o volume natural, para se ouvirem. Ora Dreyfus, innocente demais, foi innocente sem eloquencia e sem artificio. Foi innocente com embaraço, com atarantamento, com estupidez. Ha criminosos que sabem fazer-se absolver. Este innocente só teve geito para perder-se.

A sua vida privada foi estudada ao microscopio. Não se lhe encontrou um desvio. Os seus proprios peccadilhos eram vulgares. Quantas vidas de homens honrados, protegidas pela sua inviolabilidade, resistiriam a tão dura prova? E nem esta circumstancia lhe valeu. Ser sympathico é mais uma arte do que uma virtude, ou pelo menos é arte e virtude por partes eguaes. Dreyfus era nullo, o que na sua situação equivalia a ser incrivelmente antipathico.

Todos nós tivemos na escola companheiros que, apesar de estudiosos e sabedores, davam infima conta de si nos exames e concursos, incapazes de fazer valer os seu conhecimentos, atacados quanta vez de uma amnesia nervosa no momento em que mais precisavam de serenidade e aprumo. Outros camaradas, ignorantes e preguiçosos, mais espertos que intelligentes, triumphavam e brilhavam sempre. A sua sciencia chamava-se sangue-frio e audacia. Dreyfus evoca-me a imagem do estudante applicado e assisado que nunca conseguiu vencer um exame na primeira investida.

E a sua desastrada incapacidade, que assombrará um dia a Historia, não se corrige no degredo. Os seus quatro annos na ilha do Diabo são um gemido continuo, monotono, angustioso sem duvida quando o apreciamos

no seu conjuncto, mas que nem um instante arrebata pela sua virilidade ou pela sua violencia. O mosquito esperneia quasi comicamente na teia de aranha. A sua defeza, preparada lentamente na Europa pelos seus parentes e pelos seus espontaneos partidarios, não contém talvez um elemento fornecido pelo proprio condemnado. A sua apparição em Rennes mais o prejudica do que o favorece. A maior parte dos seus amigos nunca o viu e como que experimenta uma decepção ao vel-o. Não e não. Esta figura baça, esta voz mal timbrada, esta alma e esta imaginação rasteiras, não estão á altura da tragedia shakspeareana que tão erradamente encarnou nellas.

Porfim Dreyfus é perdoado, em seguida absolvido, rehabilitado, condecorado. Pouco depois reformam-no em major. E a nossa impressão é de que elle morreu e foi enterrado. Dreyfus acabou, sumiu-se. O que lhe sobreviveu, o que ainda vive, prospera e goza, é o dreyfusismo. E veja-se: Por Dreyfus cahiu do poder o partido conservador cedendo o logar ao radical, que ainda lá se pavoneia. Por Dreyfus foi o sr. Clemenceau presidente do conselho e o coronel Picquart promovido aos mais elevados graus do exercito e feito ministro da guerra. Todos os dreyfusistas, dos mais afamados aos mais obscuros, foram inde-

mnisados e premiados com honras e com proveitos. Dreyfus-ideia, Dreyfus-symbolo, governa a França. Dreyfus em carne e osso, o que penou na ilha do Diabo, o que soffreu mil mortes em vida, nada teve alem da restituição pura e simples do que lhe roubaram — liberdade, posição, honra — e essa mesma incompleta, visto que nem houve meio de assegurar-lhe a continuação effectiva da sua carreira de official. Eu, na pelle de Dreyfus, sentir-me-ia ainda hoje horrivelmente victima da mais affrontosa injustiça, preso e exilado numa outra ilha diabolica cercada de todos os lados pelo rancor e desprezo de tantos dos meus compatriotas. E não acceitaria tal destino sem gritar dia e noite o meu protesto e a minha revolta.

Mas Dreyfus resignou-se e calou-se, ou geme obscuramente em algum canto onde a sua voz se perde sem echo. Natureza humilde e subalterna, peza-lhe a fama. A conquista do esquecimento dir-se-ia ser a sua unica aspiração. Pois nesta extincção total, nesta absoluta falta de *cabotinismo* que nem são proprias da sua raça presumpçosa, encontro eu emfim o occulto encanto, o oasis de sympathia que tão deshumanamente faltava á sua arida personalidade. Imagine-se que a victima innocente tinha sido Esterhazy em vez de Dreyfus. Por que preço

teria o espantoso *condottiere* feito pagar á França o seu erro de justiça? Não se duvide um instante que, se o esterhazismo governasse aquelle paiz, o seu chefe glorioso e militante não seria outro senão o proprio Esterhazy.

Assim tenhamos mais pena do que impaciencia de ver como o coração secco do pobre judeu soube tão mal entrar em contacto com os innumeraveis corações que no mundo inteiro palpitaram em seu favor. Respeitemos a sua fome e sêde de paz, afinal tão explicaveis. Ha annos encontrei Dreyfus num hotel de montanha onde elle fôra refugiar-se depois da sua rehabilitação. Conversamos durante uma longa hora. Por iniciativa delle recahiu logo a conversa no seu processo, no seu exilio, nos mil incidentes anteriores á sentença final absolutoria. Dreyfus, insipido homemsinho calvo e loiro, olhos claros sem intensidade mas olhando direito, figura sem aprumo militar, pouco judia, contava a sua biographia como contaria em estudante a de qualquer homem illustre, aprendida pelo compendio. O seu aspecto não era nem seductor nem antipathico: inspirava e exhalava indifferença. Mostrou-me saber que Ruy Barbosa fôra um dos primeiros advogados da sua innocencia. Mostrou-se documentado a fundo sobre si proprio, documentado á maneira de um erudito,

de um rato de livraria. E eu perfurava-o com os olhos perguntando-me: — O que se passa na alma deste homem? Como pode elle falar de si tão objectivamente, tão abstractamente, quasi na terceira pessoa? Nem uma attitude, nem um gesto que me faça vibrar! Tantas vezes me commoveu a sua historia e nem porisso vel-o e ouvil-o me trouxe, como eu suppunha, as lagrimas aos olhos. Pobre Dreyfus! Completei nesse momento o diagnostico, que aqui deixo, da sua personalidade. Lamentemol-o, repito, lembrando-nos de que, se elle não soube fazer da sua innocencia e da sua dor um grande poema, tambem dellas, coitado, não fez modo de vida.

LXI

Pagina de memorias.

Ha vinte annos, em Paris, no Bairro-Latino. Domingo lindo de primavera. Antonio Nobre e eu, companheiros numa pensão da rua des Écoles, ao lado do Collège de France, viamos da varanda dos nossos quartos passar os omnibus levando para o campo estudantes e estudantas. Corpo e alma nos pediam que

seguissemos o exemplo desses alegres camaradas; mas a nossa magra bolsa soava a ôco desde alguns dias e só nos permittia assistir impotentes ao prazer dos outros. O sol era o primeiro de aquella primavera e tudo doirava menos a nossa pobreza. As « lindas Saphos vestidas de papoila » (como eu já disse algures), que enchiam e floriam as imperiaes dos omnibus, acenavam-nos adeuses e riam-se para nós com boccas que nos pareciam tambem pela primeira vez em flor.

A vida era sinistra e negra apesar de toda a luz que a inundava. Um luiz de oiro teria sido no nosso horisonte muito mais luminoso que todo o sol de Deus. Então eu tive esta ideia: na rua Racine, ali a dois passos, um mercador costumava emprestar dinheiro sobre fato novo ou usado. O nosso guarda-roupa ainda estava intacto. É certo que era domingo, dia de lojas fechadas. Mas uma muito vaga reminiscencia deixava-me esperar que aquella fizesse excepção, pelo menos até uma certa hora. Num segundo empacotámos as nossas casacas tão superfluas e sahimos alvoroçados, cada qual com a sua trouxa debaixo do braço. Voamos á rua Racine. A loja estava aberta!

É logar aqui de dizer que Antonio Nobre atravessava por esse tempo o que elle chamava a sua *edade de ferro*. Eram deste metal todas

as suas joias e utensilios de escripta. Os seus botões de camisa eram pregos tortos, encontrados nas ruas ao acaso e conservados como amuletos. O seu annel era de ferro como o alfinete da sua gravata. Era de ferro o seu tinteiro e era um grosso e pezado prégo a caneta com que escrevia os seus versos, repugnando-lhe servir-se de outra, mesmo quando a sua mão vergava de fadiga depois de ter durante horas ennegrecido, com a sua linda letra de mais de um centimetro de altura, o papel Whatman dos seus manuscriptos.

Na loja fui eu o encarregado de entrar em negociações. Com desembaraço pedi e alcancei trinta francos pelo deposito dos nossos dois fatos. Passámos, num relampago, de mendigos a millionarios. A primavera entrára emfim tambem em nós. O mercador veiu com dois recibos e convidou-nos a assignal-os. Antonio Nobre tinha horror a servir-se do seu nome, pelo qual mostrava um respeito sagrado e supersticioso. Vi-o empallidecer, córar, hesitar. Por fim, empunhando o prégo monstruoso da sua caneta, assignou muito serio:

ANTONIO *POBRE*.

...E fomos logo de ali tomar o vapor para Suresnes.

LXII

O Japão fez da lingua ingleza uma especie de segunda lingua nacional. A legislação, a estatistica, todos os documentos officiaes de interesse geral, são publicados simultaneamente em japonez e em inglez. O exotismo provavelmente incuravel do idioma patrio impõe ao japonez a utilisação quotidiana da lingua universal dos negocios — que por emquanto é o inglez — como unico meio de manter o contacto com a civilisação do occidente e de affrontar com armas eguaes a concorrencia economica da Europa e da America.

Eis um exemplo a seguir pelos povos que, como Portugal, falam uma lingua ignorada e inutilisavel fóra das suas fronteiras. Precisamos urgentemente de adoptar uma segunda lingua que toda a gente aprenda a falar e a escrever desde creança, de que conheça todos os segredos, que emfim assimile e domine como a propria. E essa lingua não deve ser a franceza, demasiado visinha da nossa, facil e accessivel, que as pessoas mais cultas aprenderão de resto sempre, por gosto

e sem esforço, ainda que a lei a não declare obrigatoria. Saber francez para um latino vale mais como prazer que como utilidade. Aperfeiçoa-nos em algumas das nossas qualidades, mas não nos corrige em nenhum dos nossos defeitos.

Creio não poder já contestar-se que a inferioridade dos povos latinos na moderna lucta economica, na conquista da força e da riqueza, provém em grande parte do seu exacerbado doutrinarismo, da sua tendencia organica para isolar a realidade entre nevoeiros abstractos em vez de encaral-a com olhos objectivos e nitidos. Está provadissimo que raciocinar a vida em vez de vivel-a, trocar a acção pela logica e pela philosophia, são receitas de decadencia e de esterilidade.

Cruzemos pois a nossa mentalidade com outras que, sob esse ponto de vista, nos sejam superiores, e cuja influencia opere sobre nós como um correctivo. O cruzamento, quer physico quer psychico, resulta sempre em equilibrio, em belleza e em progresso. Aprendamos e falemos inglez desde pequenos. Pensar em inglez é quasi pensar como um inglez, é fazer circular em permanencia, entre o nosso espirito contemplativo e a realidade externa, uma corrente de ar tonico e salubre. Os nossos olhos verão melhor e porão mais de metade

do mundo culto ao alcance do nosso esforço. E o que possa haver de arido na cultura ingleza florirá sob o contacto da nossa. A nossa capacidade de iniciativa e a nossa esphera de acção multiplicar-se-ão por muitas unidades; e voltaremos a ser descobridores de povos, descobrindo desta vez, não o segredo da sua geographia, mas o da sua prosperidade.

LXIII

O cinematographo entrou nos costumes, melhor direi nos maus costumes, da vida civilisada. Uma das suas manifestações mais engenhosas está sendo o annuncio animado, o annuncio vivo. Sempre me espantou que se gastem rios de dinheiro a assegurar ao publico que taes pilulas curam todas as anemias ou que taes *pneus* bebem todos os obstaculos. Eu nunca leio annuncios, e, se por acaso os leio, não me fio nelles. Nunca me viria á ideia pedir-lhes a verdade ou a saude. O gaiato de Paris, ao comprar um jornal do dia, dizia com malicia: *Donnez-moi pour un sou de blagues...* De alguns annuncios é que poderia dizer-se que representam muitas centenas e milhares

de francos de aquella tão parisiense mercadoria. E comprehende-se que certos homens consigam alcançar a popularidade quando se observa como certos annuncios alcançam o exito. O charlatanismo falado e escripto é um dos reis das modernas democracias, ao qual já devemos reconhecimento quando nos não mata, embora nos não cure.

Pois o annuncio cinematographico terá em mim um apreciador e talvez me conduza com astucia a ganhar interesse pelo que annuncia. Ha dias, no final de um espectaculo, desenrolou-se aos meus olhos o catalogo colorido e imprevisto de uma casa de rendas e de roupa branca de luxo. As diversas peças expostas surgiam como numa vitrina, desdobravam-se, agrupavam-se com elegancia, dansavam farandolas tontas. O nome do annunciante foi-se desenhando letra a letra em movimentos humoristicos e desengonçados como os de um acrobata. E eu saboreei este epilogo muito mais do que os numeros tetricos ou feericos do resto do programma.

Outra das applicações do cinematographo, que me parece ter futuro, é a do retrato cinematographico. Falta só descobrir um apparelho elegante e pratico, ao alcance de todas as bolsas, que nos mostre com rapidez, e portanto no devido conjuncto, as mil imagens da fita.

Um retrato *vivo,* em que vejamos a pessoa retratada mover-se, rir, gesticular, será verdadeiramente o retrato definitivo, a que só faltará falar. O photographo deixará de nos pedir a immobilidade ou de nos deformar a physionomia pela imposição do bem conhecido sorriso de retrato. Ao contrario, seremos convidados a mexer-nos, a dar todos os signaes possiveis de vida e actividade, e a nossa mimica expressiva poderá chegar á perfeição de fazer do nosso retrato uma especie de carta em que mandaremos aos nossos ausentes queridos a imagem, o olhar e o gesto da nossa saudade.

LXIV

Em qualquer parte onde se juntem dois portuguezes logo se ouve um côro de lamentações sobre a carestia da vida em Portugal. Não faltam gazetas que proclamem que é a mais cara da Europa. E na solução do grave problema queimam as pestanas os economistas e enrouquecem as guelas os tribunos.

Hoje porem eu abro um jornal francez e leio que a commissão do orçamento de aquelle

paiz, de accordo com o governo, resolveu remodelar as tabellas de vencimentos dos agentes diplomaticos e consulares da França no estrangeiro, tendo em vista o preço da vida nos diversos postos onde elles teem de fixar-se. Para este effeito foram as legações e consulados do mundo inteiro divididos em oito cathegorias e agrupados em cada uma dellas pela ordem crescente da carestia da vida nas suas respectivas sédes. Ora o que vejo? Que Lisboa, a nossa *carissima* Lisboa, occupa nessa lista a cathegoria n.º 1, que é a dos postos mais baratos, ao lado da Belgica e da Italia, cuja reputação de modicidade é universal! Entre parentheses direi que o Rio de Janeiro figura na ultima classe, a mais cara, de parceria com as ruinosas residencias que se chamam Nova-York, Buenos-Ayres, etc.

Temos pois Lisboa proclamada uma das cidades, e não apenas uma das capitaes, mais baratas do mundo, e isto pela bocca de estrangeiros, que pagam sempre, pela sua natural inexperiencia, tudo mais caro, e pela bocca de diplomatas e consules a quem a profissão prohibe ser economicos e que mais que ninguem são victimas das más condições da vida em torno delles. E se considerarmos que a vida em Lisboa é, fora de toda a proporção, muito mais dispendiosa que na pro-

vincia, não estaremos longe de concluir que em Portugal se vive quasi de graça e que perderam uma optima occasião de estar calados os pessimistas que nos quizeram convencer do contrario. Dar-se-á caso que decididamente a unica coisa que nós sabemos fazer bem — seja dizer mal?

Eu tenho ha muito, e já varias vezes o disse, sobre o assumpto, uma opinião ou pelo menos uma impressão analoga á da commissão do orçamento francez. Sem duvida nunca me consagrei a um inquerito exacto, nem posso alinhar em minha defeza cifras e numeros. Mas cada vez que visito o meu paiz fico sempre admirado e encantado da sua deliciosa barateza. Lembro-me dos prodigios que realisei em Coimbra, nos meus tempos de estudante, com uma mezada pouco maior que o salario de qualquer dos meus actuaes creados. Lembro-me de que tinha boa casa e bom passadio e de que não estava fóra do alcance da minha bolsa nenhum dos prazeres permittidos á mais exhuberante mocidade. Sobre o preço do amor em Coimbra, por exemplo, seria facil escrever paginas bem pittorescas. Mas admittindo que o estudante coimbrão é um ser privilegiado, voltemo-nos para o resto do paiz e indaguemos a quanto montam os orçamentos medios e que genero

de vida elles asseguram. Por minha parte deporei que ha alguns annos pude arrendar no norte de Portugal, pelo espaço de seis mezes e pela quantia de cincoenta mil réis nossos — pouco mais de dez libras sterlinas — uma esplendida casa de campo, vasta e sufficientemente mobilada, com bella quinta á volta. E attestarei que o salario medio dos nossos creados é muito inferior ao dos de qualquer paiz da Europa. E direi que as refeições portuguezas são de uma abundancia e de uma qualidade incompativeis com a carestia dos generos alimenticios. Em qualquer hotel modesto, mesmo em Lisboa, se servem, por um preço minimo, copiosos almoços e jantares, capazes talvez de arruinar o estomago, mas não a algibeira.

Sem duvida, vida barata não quer sempre dizer prosperidade, como vida cara não é signal de pobreza. As possibilidades de ganhar dinheiro crescem a par com as de gastal-o. A civilisação custa caro, mas ella propria nos fornece os meios de pagal-a. Como quer que seja, tenhamos a miseria sadia e alegre, como Figaro, e não a aggravemos pela evocação exagerada e injusta da opulencia alheia. Nunca me esqueço da surpreza de um estadista estrangeiro a quem eu revelava que os vencimentos dos nossos func-

cionarios publicos tinham sido ha annos fortemente reduzidos, emquanto por toda a Europa o seu augmento periodico, em compasso com a carestia da vida, é a lei geral. Que abençoado paiz é o seu, observava-me elle, em que o preço da vida baixou! Não foi isso, meu caro Ministro. A chave do enygma está apenas em que nós portuguezes somos uma santa gente, de olhos na lua e coração ao largo, que sempre soube e saberá viver por todo o preço!

LXV

A um embaixador de Hespanha, que o ameaçava com a guerra, respondeu uma vez o marquez de Pombal:

— Bem sabe Vossa Excellencia que pode tanto cada um em sua casa, que mesmo depois de morto são precisos quatro homens para de lá o tirarem!

A policia de Paris acaba de verificar a exactidão desta phrase famosa na batalha que teve de travar com os anarchistas Bonnot, Garnier e consocios. Estes homens perdidos valeram por cem ou por mil. E o horror que

nos inspira a sua ferocidade associa-se involuntariamente no nosso espirito á pena que nos faz ver tão mal empregadas tanta energia e tanta audacia. Dentro do corpo e da alma dos temiveis bandidos havia provisões absolutamente extraordinarias de sangue-frio e coragem. Abandonadas a si proprias causaram, como a torrente sem diques, catastrophes e horrores. Canalisadas e guiadas podiam levar ao heroismo e á gloria.

Quando Napoleão surgiu na vida da França todas as naturezas apaixonadas e violentas acharam emprego ao seu lado. Fez-se na população franceza uma como selecção de energias, de vontades. Os fortes, os audazes, encontraram e reconheceram um chefe. Quantos aventureiros possiveis, quantos bandidos virtuaes, se não encontrariam porventura entre esses obscuros rapazes de vinte annos que o genio e o poder attractivo de Napoleão chamou a si de todos os cantos da nação e de que em pouco tempo, por obra e graça da guerra e do seu exemplo, fez victoriosos generaes?

As theorias da violencia encontraram sempre instinctivos apostolos nos temperamentos incapazes de assimilar a vida docil e passiva. A guerra aproveitava-os muito a proposito, offerecendo-lhes todas as emoções a que aspi-

ravam e impedindo-os de trasbordar para fóra da legalidade social. Nos tempos pacatos de hoje os violentos inventaram a anarchia, que é para elles um bem esteril modo de vida, e para a nossa paz mais ou menos podre um perigo e uma ameaça permanentes. O codigo penal pode servir de barreira ao crime raciocinado e astucioso. Mas o anarchismo é um ideal, uma especie de fé, a que só podem contrapor-se com exito outras fés e outros ideaes, e não apenas o argumento negativo da repressão. Bonnot e Garnier seriam apenas duas feras com figura humana que nenhuma especie de persuasão domesticaria? Mais provavel é que fossem dois desequilibrados, de mentalidade muito mais debil que a força dos seus pulsos, e a quem nenhuma firme indicação social explicou que os seus dotes de audacia e de vontade eram uma riqueza, uma fortuna preciosa, susceptivel de lhes render fama e proveito com muito menor esforço que o empregado na execução dos seus crimes tão ferozes como delirantes. Os bandidos tinham imaginação e pretenderam morrer *en beauté,* dentro do seu ponto de vista. Quem lhes deixasse entrever uma vida muito mais fecunda que a morte assim concebida pelos seus cerebros fracos tel-os-hia talvez salvo de si proprios.

Falem os psycologos e falem depressa, porque a sociedade actual, indifferente á logica com que a construimos, está ficando absurda e reclama obras. O xarope insipido do pacifismo é que a não cura. Melhor lhe fazem palavras fortes como as pronunciadas pelo general italiano numa das refregas de Tripoli:

— A guerra, disse elle, mata corpos, mas cria almas...

LXVI

Conheci ha dias um rapaz portuguez, de pouco mais de vinte annos, que, depois de se ter formado brilhantemente em direito na Universidade de Coimbra, logo foi tomar a Leixões o vapor da Hamburg Amerika Linie e veiu para a Allemanha empregar-se como voluntario numa grande casa exportadora, afim de fazer tirocinio... para commerciante. O joven bacharel não consagrou uma hora sequer a espanejar o seu triumpho universitario pelas ruas da sua terra, colleccionando olhares gulosos de raparigas bonitas e ouvindo os amigos e conhecidos chamar-lhe com semceremonia ou com respeito « doutor » ou « senhor doutor ». Os titulos que elle ambi-

ciona são evidentemente outros, de maior proveito e substancia.

Eis aqui um exemplo que, para bem de Portugal, eu estimaria ver rapidamente reproduzido em centenas de exemplares. Porisso aqui o venho semear e louvar. Este sympathico moço comprehendeu, aos vinte annos, depois de cinco passados com os codigos, que as profissões chamadas liberaes são, como dizia Demolins, justamente aquellas que não libertam. Fez o seu curso como se cumpre uma pena. Repugnou-lhe fazer succeder, á gaiola das aulas, a gaiola ainda mais estreita e abafada de um emprego publico. Depois de ter aprendido em Coimbra como se ganham diplomas, quiz aprender como se ganha dinheiro no resto do mundo.

O commercio tenta-o e sedul-o por todos os seus aspectos de iniciativa e até de imaginação, pelo sangue frio e energia que reclama, por ser hoje informado como uma sciencia e subtil como uma arte. Presidir a uma grande casa de negocio é como commandar um exercito ou uma esquadra de guerra. Fundar ou desenvolver uma industria é uma fórma de actividade não só fructuosa, mas nobre e bella. Uma fabrica é tambem um poema a seu modo. Não ha duvida que mandarins, letrados e doutores vão assumindo no mundo

moderno uma feição cada vez mais lugubre e caduca, que não tarda que sejam elles a prosa charra, emquanto do seio das novas forças economicas se evola um aroma excitante e salubre de mocidade, heroismo e viril poesia.

Este rapazinho é um precursor. De aqui a pouco, espero-o, todos os da sua edade serão assim. Todos acharão que a doutorice, como o rapé, é coisa boa para velhos; e que parolar pelas esquinas ou pelas tribunas é occupação tão esteril como a de fazer paciencias nos serões. Commercio e industria hão de ter a sua cavallaria e solicitarão não só o interesse como o sentimento e a paixão do homem. O meu patricio já tem olhos de paladino. Ha dias falava-me de machinas, de electricidade, de minas e fabricas, com um enthusiasmo e até uma competencia que me deixaram pasmado. Ao pé delle ouvia-o, em silencio, outro compatriota, engenheiro authentico esse, e que não deixaria de se sorrir um pouco lá por dentro da eloquencia ingenua do collega amador. O contraste era tão flagrante que eu, quando acabou o discurso do improvisado technico, me voltei para o profissional sempre calado e lhe disse: — Ora conte-nos agora o amigo, por desforra, alguma cousa sobre o Codigo Civil...

Pouco depois fomos visitar juntos uma grande fabrica. O meu bacharel de Coimbra era de nós todos o que fazia perguntas mais habeis e mais difficeis. Queria saber tudo. A sua physionomia trasbordava de satisfação e de interesse. E quando escrevemos os nossos nomes no livro dos visitantes, reparei que elle se assignava com desvanecimento: — *Fulano de tal, commerciante...*

As suas cartas de doutor, abandonadas lá em algum canto da Patria longinqua, devem ter amarellecido de colera nas suas faces de pergaminho!

LXVII

Anatole France communicou ha dias a um jornalista as suas impressões de uma viagem de mez e meio que acaba de effectuar na Argelia e em Marrocos. Pela primeira vez sem duvida na sua vida, o nitido e cristallino escriptor não falou claro. Os seus oraculos são vagos e indecisos. A sua voz gagueja. Sobre Marrocos e os Moiros nem elle, nem elles, nem ninguem sabe coisa alguma. É um paiz informe, inconsciente, que até ignora como se chama. Eu vivi em Tanger alguns

annos e tive, do primeiro ao ultimo dia, a mesma impressão. Nunca pude obter uma informação certa nem apurar um facto preciso. Um cerebro cheio de substancia, como o do grande escriptor, deve sentir-se ali desnorteado e perdido como nos areaes do deserto. Anatole France nasceu e vive numa atmosphera de letra redonda. O mundo sem livros é para elle o Cahos, o Nirvâna, o Não-Ser. Ora Marrocos não é sequer manuscripto, quanto mais impresso! Livros e jornaes, que são as estradas e os comboios das ideias, não se encontram lá. As diversas regiões do paiz não estão coordenadas nem marcham a par. Dez testemunhas do mesmo acontecimento referil-o-ão de vinte, de cem maneiras diversas. Estarão primeiro em desaccordo umas com as outras, porque nem os seus olhos, nem o seu raciocinio, foram educados por uma disciplina commum. E estarão logo a seguir em contradicção comsigo proprias, porque a sua memoria infantil e a sua imaginação nomada lhes fabricarão cada dia uma reproducção diversa da mesma realidade. Assim os olhos não veem, os ouvidos não ouvem, as cabeças não pensam a compasso. E se o presente é obscuro e amorpho, o passado, que podia servir-lhes de ponto de referencia, não deixou senão vestigios minimos. Archivos não ha,

os escassos monumentos esboroam-se, a historia, ou não foi de todo, ou só foi rudimentarmente escripta. A machina complexa, que é um cerebro de homem culto, encontra-se sem combustivel para funccionar, num meio assim desprovido de toda a vegetação intellectual e scientifica. Deante deste povo estagnado é que se verifica por que lenta e tenaz elaboração se attinge o menor progresso humano, e como é illusoria a espontaneidade que attribuimos a tantos dos habitos ou movimentos adquiridos a que damos o nome de instinctos.

Anatole France não terá deixado de ler a passagem em que o seu mestre Renan se admira de que as pessoas sem illustração solida e mal versadas na historia sintam algum prazer em viajar. Com effeito, visitar a Grecia sem conhecer a historia grega ou a Palestina sem saber a historia sagrada deve ser uma arida e fatigante empreza. Mas para jornadear em Marrocos melhor bagagem é talvez a ignorancia do que a sciencia. Um espirito contemplativo, em boas relações com a Natureza, como o de Loti, por exemplo, encontrará em cada canto verde ou florido, nos jogos da luz e das cores, compensações bastantes para a miseria do resto. Mas um letrado intensivo como o autor do *Lys Rouge,* impregnado de erudição e de leitura, mil vezes

terá de repetir, diante dos montes e valles da terra moira, a phrase de irreprimivel sinceridade que um dia cahiu da penna ironica de Prosper Mérimée:

— *Rien de plus ennuyeux qu'un paysage anonyme!*

LXVIII

Cada qual percebe que a diplomacia de hoje é uma diplomacia de negocios e que as questões economicas a dominam e guiam muito mais do que a intriga das côrtes e a subtileza dos protocolos mundanos. Mas não supponham os ingenuos que, por se tratar de negocios e de economia politica, os melhores embaixadores serão os negociantes ou os economistas. A funcção diplomatica é a mesma de sempre no modo como se exerce. Os seus cánones não foram alterados. Trata-se hoje como outrora de um delicado jogo de xadrez, cada vez mais complexo, mas com figuras e regras immutaveis. O que muda com os tempos é apenas a moeda em que se pagam os ganhos e perdas.

Um exemplo recente nos vae servir de illustração. O actual embaixador de França

em S. Petersburgo, o sr. Georges Louis, foi durante longos annos o mais eminente funccionario do seu ministerio. Todos os negocios politicos e economicos lhe são familiares. No Quai d'Orsay nunca houve director geral mais laborioso nem mais competente. Mas tiral-o do remanso e paz do seu gabinete foi como tirar o peixe da agua. A côrte russa queixa-se de que lhe mandaram um embaixador sem brilho, que não conhece a arte de fazer relações, que não sabe agradar, que não recebe, emfim que só é feliz quando se fecha por dentro no seu quarto de trabalho, bem isolado do mundo e das suas pompas, e se consagra a redigir para o seu governo, com incontestada elegancia de forma e ponderação de ideia, copiosos e completos relatorios.

E não tarda que a França colloque outra vez o sr. Louis no gabinete directorial de onde nunca devia tel-o afastado e ponha á frente da importante embaixada alguem que seja tudo aquillo que um diplomata precisou sempre de ser: brilhante homem do mundo, tendo uma intelligencia prompta e clara, uma illustração universal, um tacto infallivel, brio e patriotismo, experiencia dos homens e até das mulheres, encanto, attracção e espirito, sem esquecer uma estrella. Nem ter ideias foi jamais exclusivo de ter maneiras. A ver-

dade é que para a efficaz acção da diplomacia não ha qualidade que sobre. Mais do que qualquer outro estrangeiro o diplomata é acolhido com desconfiança e reserva. Tem de conquistar o meio quasi hostil onde é chamado a viver, tem de crear nesse meio influencias, sympathias, pontos de apoio, e de estabelecer, afinal, no proprio campo inimigo a sua base de operações. Cumpre-lhe dissimular e não ostentar a sua habilidade, dar luz sem fazer sombra. Ao contrario do que reza o proverbio, a extrema difficuldade para o diplomata consiste justamente em ser propheta, não na sua terra, mas na alheia.

Onde a guerra vence pela força, a diplomacia vence pelo geito. Os seus meios de acção são innumeraveis. Os mais apparentemente futeis nem sempre são os menos uteis. Tudo depende do momento e da opportunidade. Eis o que o Japão mostra comprehender ainda melhor que nós, fiel ao seu habito de assimilar todas as nossas manhas e artes, que logo aperfeiçoa com as proprias. No Japão o governo paga largamente aos seus diplomatas; paga-lhes mais se são casados; chega a pagar os vestidos, e até as joias, das mulheres dos seus ministros, para que em nada elles pareçam inferiores aos seus rivaes da

Europa e em toda a parte obtenham as deferencias devidas, pelas leis ou pelos usos sociaes, aos altos postos que occupam.

LXIX

As duas edades poeticas do homem são como os dois momentos poeticos do dia: a madrugada e o poente. Aos vinte annos a nossa musa chama-se a Illusão: aos cincoenta o seu nome é Saudade. Uma e outra inspiram aos poetas os seus mais duradoiros versos. Sonhar ou recordar são as attitudes naturaes da Poesia. A tarefa e a edade de realisar, esse cru meio-dia da nossa vida, é que são do dominio mais esteril da prosa.

Assim philosophava eu ha poucas horas, depois de ouvir ler ao meu amigo Antonio Feijó alguns dos mais bellos poemas do seu proximo livro. Antonio Feijó não precisa de ser recommendado ao publico brazileiro, que o conhece e admira tanto pelo menos como o seu paiz natal. Tenho porisso dobrado prazer em annunciar ao Brazil que o poeta da *Ilha dos Amores* e do *Cancioneiro Chinez* acaba

de escrever, na minha muito humilde opinião, a sua melhor obra.

Os versos de Antonio Feijó foram sempre de estirpe latina, ou melhor ainda, de estirpe grega: luminosos, sonoros, cheios de substancia. A palavra nelles ajusta-se á ideia, vestindo-a e modelando-a, como a pelle á carne. Equilibrio no pensamento, pudor e dignidade no sentimento, gosto e medida, rythmo e transparencia, horror da rhetorica, imagens que pintam e adjectivos que esculpem. Feijó só por engano é que não nasceu no seculo XVI, entre os seus mais cultos humanistas. Quando o oiço conversar, contar, folhear a sua memoria como uma encyclopedia inexgotavel, julgo ter em frente de mim uma especie de Pico de Mirandola das letras, a quem as famosas novecentas theses *de omni re scibili* não colheriam desprevenido.

O seu novo livro foi escripto numa edade que está felizmente longissimo de ser a da velhice, mas que é já a da experiencia, da philosophia e da saudade. O poeta não só leu tudo, mas viveu tudo o que leu. Cada conceito exhala ethers finos como os dos grandes vinhos e licores depurados por longos annos de frasqueira. A linguagem e a technica perderam ainda os mais leves restos de artificio e não accusam uma só ruga que

lhes intercepte a limpidez. A abundancia e riqueza dos assumptos accrescentaram á lyra monocordia dos vinte annos rythmos novos e profundos, de repercussão mais intensa e mais prolongada. Uma serie de hymnos, á Vida, á Solidão, á Dor, á Morte, de uma simplicidade e uncção religiosas, fazem pensar mais uma vez que a obra final de todo o poeta de raça tem de ser como o seu *Parsifal* — e que a arte, como os rios para o mar, caminha e tende sempre para Deus.

Longos annos de diplomacia e de exilio não esfriaram em Antonio Feijó o ardor da sua fé artistica nem o seu nacionalismo. O ministro que ha tanto tempo representa Portugal na Scandinavia é sempre o mesmo minhoto loiro, sem mescla de qualquer banal cosmopolitismo, a quem muitas das longas noites polares verão absorvido na prosa de Manuel Bernardes ou nos versos de Sá de Miranda, seu conterraneo e creio que até seu ascendente. E não ha nas bibliothecas suecas manuscripto interessante para a nossa terra que Antonio Feijó não tenha já rebuscado, commentado ou traduzido com o seu seguro gosto de erudito e de letrado.

LXX

O gato passa com razão por ser dotado de um egoismo quasi... humano. O que não impede que as gatas sejam mães extremosas, deliciosas, como ainda ultimamente tive occasião de observar numa illustre dama felina que me fez a honra de dar á luz em minha casa alguns gatinhos.

Passei bons momentos a vel-a acarinhar, lamber, vigiar amorosamente os filhos, renunciando a todas as suas distracções e regalos habituaes, sacrificando as suas melhores sestas para que elles não corressem qualquer perigo nem se collocassem fora do alcance da sua aguda vista. Ver a boa mãe aninhada na cesta que lhe servia de pousada, tendo ao redor a prole multicolor, era para mim um gozo que mais de uma vez lamentei não prolongar, fixando num *kodak* os enternecedores grupos formados por aquella exemplar familia de gatos, tão capaz de servir de modelo a muitas da nossa vaidosa especie. As attitudes, os gestos, os mimos, os olhares, eram do que de mais fino e delicado pode conceber-se em materia de instincto ou sentimento.

Porfim os pequenos cresceram e medraram. E notei então, com surpreza e desconsolo, que a mãe não encontrava já na companhia delles o mesmo prazer. Agora, emquanto os filhos a procuravam, a ameigavam, tentavam brincar com ella, via-a eu ora evital-os, ora amuar, respondendo de mau humor ás suas caricias, adormecendo com indifferença e como se de novo a preguiça da raça tivesse abafado nella todo o ardor da maternidade. E não tardou que a sua molleza inerte se convertesse numa especie de odio ou repugnancia, que a levava a fugir quasi assustada de junto dos filhos, ou a bufar-lhes com raiva quando algum delles vinha perturbal-a no seu obstinado isolamento.

Deu-me que pensar esta conducta e ainda agora não sei como explical-a. Como e porque se transformou a mãe terna de ha tão poucas semanas neste ser quasi feroz? Dir-se-ia que um filho, desde que cresceu e vive por si só, é para ella um peccado e um perigo cujas relações lhe inspiram um horror analogo ao que na especie humana caracterisa o incesto. Na humanidade tambem o amor maternal é principalmente physico emquanto os filhos são pequenos. Depois vae-se gradualmente modificando até adquirir a mais perfeita e pura feição moral. A repugnancia

physica existe entre pessoas normaes do mesmo sangue e só a polidez e policia dos costumes impede que a vejamos em relevo. Mas o amor de familia, robustecido pelo habito, pela educação, pela cultura do sentimento e da intelligencia, destroe ou pelo menos neutralisa esse rude movimento do instincto.

Deveremos pois concluir que aquelle amor persistente é uma conquista do progresso — e que os nossos avós das cavernas, talqual como a minha gata, bufavam aos filhos?

LXXI

Pagina de memorias.

Ha vinte annos toda a mocidade litteraria portugueza, como sempre sob a influencia da franceza, se sentia impregnada de mysticismo e buscava frequentemente a sua inspiração e os seus epithetos nas formulas e symbolos da liturgia catholica. Não é novidade affirmar que o catholicismo representa, ao lado de uma grande obra de fé, uma grande obra de arte, e que os seus constructores geniaes foram tanto os apostolos como os poetas. Os ritos

e ceremonias da Egreja, ainda nos seus mais miudos episodios, são creações perfeitas, cuja eloquencia se dirige simultaneamente ao sentimento e aos sentidos. Á sua belleza esthetica só se comprehende que fiquem insensiveis as pessoas sem imaginação ou os praticantes boçaes e automaticos do culto.

Eramos pois todos neo-mysticos e hieraticos. Os nossos livros chamavam-se biblias ou livros de horas, os nossos poemas de amor soavam e exprimiam-se como ladainhas, a hostia e o incenso tinham o seu logar marcado nos nóssos officios liricos e pantheistas. O aspecto exterior desses volumes era de missaes, e mesmo de antigos missaes, impressos em papel de linho a que um banho de immersão em chá preto dava as nodoas e a côr da velhice, e para cuja encadernação recorriamos de preferencia ás rijas carneiras dos in-folios dos nossos avós.

E se assim se vestiam os livros, que dizer dos seus autores? Datam de então os penteados em bandós, os perfis asceticos, os chapeus molles em forma de manteigueira, que ainda hoje — supponho — não estão inteiramente abandonados. Eugenio de Castro parecia um cardeal laico. Toda Coimbra poude vel-o, envolto na opa de uma confraria, segurando uma das varas do pallio, creio

que na procissão da Rainha Santa. Antonio Nobre era chamado no Bairro-Latino o *petit abbé* e envergava no inverno um lindo gabão de burel, a que chamava o seu *monge,* e que com effeito só se distinguia de um habito monacal em ter. o capuz, e os canhões das mangas, sumptuosamente forrados de seda cor de vinho.

Deve pois concluir-se que todo o nosso mysticismo era artificio e moda? Não deve. A mocidade é de sua natureza exhibicionista; mas nem porisso estes signaes exteriores deixavam de testemunhar uma evolução intima idealista, em natural reacção contra o enjôo provocado tão rapidamente pelas formulas estereis e seccas do naturalismo. Essa escola, util sem duvida como disciplina mental, tinha o incuravel defeito da sua arrogancia e sufficiencia. Era exclusivista e jacobina. Fazia o vacuo á sua roda. E todas as soffregas cabeças moças viam logo nella uma despotica barreira, que se apressavam a transpor, procurando saciar noutras fontes mais naturaes e abundantes a sua fome e sêde de ideal.

Tambem eu fui e fiquei sendo devoto das soluções metaphysicas e mysticas da vida, que são naturalmente as de mais alto vôo. O que deixei de ser foi o janota, que então tambem era, dessas theorias. Já não compro, como

então, as minhas gravatas nas lojas dos paramenteiros que fornecem as casulas e as dalmaticas aos padres e bispos. Uma vez, por signal, exhibia eu uma decorativa gravata de gorgorão de seda roxa, exactamente da cor da bem conhecida tunica do Senhor dos Passos. Na rua cruzei-me com Guerra Junqueiro e paramos a conversar. O grande poeta fixou em mim os seus olhos, chammejantes de ironia, e disse-me com apparente convicção:

— Que linda gravata!

E eu, entre desvanecido e desconfiado: — Não é verdade?

— Linda, continuou elle, lindissima! Sómente, o alfinete que convém a essa gravata não é o que V. traz. O alfinete que lhe quadra é o seguinte: — um pingo de tocha!

LXXII

Se ha entre os meus leitores algum que tome a serio a horrenda algaravia universal que dá pelo nome de esperanto, vou decerto desgostal-o affirmando a minha convicção de que não é possivel fabricar de encommenda linguas *vivas,* as quaes são productos tão

naturaes como os homens que as falam, e filhas directas de Deus como nós mesmos. Volapuks e esperantos são inertes diccionarios de cifra, apenas susceptiveis de prestar alguns serviços no mundo material dos negocios; são disformes tachygraphias faladas por meio das quaes nunca será possivel ao homem exprimir nem ideias nem sentimentos. Se ha evidente conveniencia em generalisar quanto possivel uma lingua, escolha-se para esse effeito qualquer das existentes, por exemplo a ingleza, que já fala litteralmente meio mundo, em vez de se insistir na empreza grotesca de demonstrar mais uma vez o abysmo que separa a obra humana da obra divina, sempre que o homem pretende, como o sapateiro de Apelles, ir muito alem da sua chinela. Crear é missão do Creador, e não dos seus humildes creados que nós somos.

Mas eu quero ir ainda mais longe e sustentar que não ha nem pode haver lingua universal — nem sequer a dos gestos, quanto mais a das palavras. O estudo dos gestos de um povo ou de uma raça creio que está por fazer scientificamente; de resto só um pintor, duplicado de um psycologo, poderia emprehendel-o. Pois creio que será um dos capitulos novos da sciencia de amanhã. E aqui lhe vou deixar para esse estudo algumas notas

rapidas. Os gestos, como o estylo, são o homem. Um inglez e um portuguez differem tanto pela lingua que falam como pela gesticulação com que a sublinham. Os gestos moiros e os christãos são mais diversos que as suas fés rivaes e inimigas. Não só cada raça e cada povo, mas cada temperamento e até cada profissão, teem a sua maneira propria e caracteristica de falar com as mãos, com a cabeça, com os braços ou com as pernas.

Juraria, embora nunca o tenha verificado, que não é universal o gesto que consiste em dizer que sim ou que não, acenando com a cabeça vertical ou horisontalmente. Observei de perto a gesticulação dos moiros de Marrocos. É curiosissima. Em primeiro logar falam com os pés tanto como com as mãos. É corrente ver um moiro, encruzado na sua esteira, pegar num dos seus pés nus, (tão aceados e senhoris que, como se diz das mãos, poderia chamar-se-lhes *pés de anneis*) e, mexendo-o em cadencia, ou beliscando-o dedo por dedo, accionar graciosamente a sua conversa. O gesto manual, em vez de ser, como o nosso, feito com as costas da mão, é espalmado e parece dizer-nos: basta, basta, quando aliás a sua significação é toda outra. O movimento cortez e affectuoso da mão que se leva ao coração, emquanto a cabeça se curva em

leve mesura, equivale ao brusco *shake-hands* britannico ou ao nosso abraço meridional. A qual de nós não aconteceu, em qualquer paiz do norte, despertarmos a curiosidade ou o riso dos transeuntes, menos pelos sons estranhos que articulamos que pela nossa mimica ainda mais estrangeira? Façam desenrolar numa fita cinematographica a gesticulação de um orador dos parlamentos de Madrid ou do Rio, ao lado da de um membro da Camara dos Communs, e verão logo como, independentemente da linguagem dos seus discursos, são pittorescamente diversas as suas maneiras de exprimir-se.

Quando a graciosa rainha Alexandra de Inglaterra esteve ha annos em Portugal, vi-a, na tarde da sua partida, perturbada e commovida pelas acclamações delirantes que a rodeavam, tentar um gesto novo de agradecimento e de saudação. Nesse momento sentiu ella decerto bem ao vivo que a mimica da sua raça era impotente e de nós inintelligivel. Então levantou o braço, fez um aceno que lhe deveu parecer audacioso e que nos pareceu a nós deliciosamente timido. O que ella queria era dizer *em portuguez,* num gesto tão nosso como a nossa propria lingua, quanto lhe eram sensiveis a sympathia e o affecto com que a recebera o povo de Lisboa...

LXXIII

Estão já colleccionadas as actas e as convenções, os discursos e os votos, da segunda conferencia da Haya. Mas tambem representaria uma contribuição para a historia a collecção dos ditos de espirito que ella provocou. Aqui mencionarei de vez em quando os que ainda me lembrarem. Logo nas primeiras sessões circulou entre os plenipotenciarios dos 44 Estados ali representados um album feminino para o qual se sollicitava, como de costume, um pensamento. O sr. Nelidoff, embaixador da Russia, presidente da Conferencia, teve esta phrase, que a longa duração dos trabalhos veiu a justificar mais do que elle proprio o supporia ao escrevel-a: « Parece-me muito mais facil *fazer a Paz* entre dois belligerantes do que fazel-a, como agora nos cumpre, entre 44 neutros! »

Uma espirituosa diplomata de certo paiz dos Balkans não cessou de crivar de bons remoques aquella teia de Penelope. Quando arrastadamente se discutiu a creação de um tribunal internacional das Presas, dizia ella: « Je ne comprends pas votre Cour des Prises.

La seule cour des prises que je connaisse est celle que l'on fait aux femmes... » A mesma senhora offereceu um dia em sua casa um almoço cujo *menu* fôra redigido em *estylo da Conferencia,* isto é, com todas as formulas evasivas e platonicas sobre as quaes não tinha sido de todo impossivel chegar-se a um accordo pouco mais ou menos unanime. Um dos pratos desse almoço chamava-se *Salade mondiale,* o que julgo ser uma definição profunda, lapidar, da propria Conferencia.

O delegado americano sr. Scott era o mais ardente apostolo da proposta do seu governo para a creação de um tribunal de arbitragem. Essa proposta morreu, como se sabe, principalmente ás mãos de Ruy Barbosa. Mas quando o sr. Scott mais activo e emprehendedor se mostrava na propaganda das virtudes do seu projecto, alguem baptisou a este com o nome de *Emulsão Scott,* que logo circulou e foi consagrado, o que não deixou tambem de contribuir para apressar á proposta americana a morte ingloria.

Tambem merece passar á posteridade o dito de um inimigo de todas as receitas pacifistas, que, ao apreciar os magros resultados obtidos depois de tantos mezes de negociações e debates, se exprimia assim: « Messieurs, toutes ces propositions, tous ces accords, ce n'est

pas de la paix. C'est, quant à moi, *de la contrebande de paix...* »

Sirva-lhe de correctivo a observação do marquez de Soveral quando certa sociedade pacifista lhe veiu offerecer uma medalha de honra, como homenagem aos serviços, que a sua proposta de arbitragem obrigatoria prestára á Conferencia, permittindo-lhe fazer obra de paz e não de guerra:

— « Voyez-vous cette médaille? dizia elle, rindo, aos seus collegas, num jantar official. On m'assure que c'est la médaille de sauvetage de la conférence de la Paix... »

LXXIV

Um amigo, a quem eu perguntava se certo portuguez illustre do seculo XVI se contava no numero dos seus antepassados, observou-me:

— Não posso responder-lhe com precisão porque nunca me dei ao trabalho de averiguar o caso. Mas o que lhe affirmo é que todos nós, ao fim de algumas gerações, descendemos de quem quizermos. Faça as contas e verá que a difficuldade não está em ser descendente, por

exemplo, de D. Affonso Henriques. O que é difficil é não o ser.

Fiz as contas e cheguei a resultados prodigiosos. Todo o homem, passadas vinte gerações, tem mais de um milhão de avós em linha recta. Contando trinta annos para cada geração segue-se que ha seis seculos — muito para cá de D. Affonso Henriques — todos os portuguezes, que nessa epoca pouco excederiam um milhão, eram nossos parentes. E se contarmos 29 gerações, transportando-nos ao seculo XI, alguns lustros antes da fundação de Portugal, veremos que então viveram nada menos que 537 milhões de avós directos de cada um de nós, isto é, mais da população inteira actual da raça branca. Recuando mais sessenta annos teriamos de ir entroncar a nossa ascendencia nos habitantes das cinco partes do mundo, de todas as cores e raças.

Sirva ao menos esta verificação, de que somos todos modestos galhos da mesma arvore genealogica, para nos convencer de que não devemos fazer-nos sombra uns aos outros. Faça Cesar as pazes com João Fernandes. Sob o ponto de vista physionomico tambem a humanidade se divide em um numero muito restricto de typos diversos. Veja-se a persistencia das feições da raça judaica atravez do tempo e do espaço. Um

judeu de Varsovia e um judeu do Cairo coincidem como se tivessem nascido do mesmo ventre; e tanto podemos datal-os do dia um do mundo como do anno da graça em que vivemos. Quando me encontro entre a multidão de uma terra estrangeira, poucas são as caras onde os meus olhos não descobrem semelhanças com outras minhas conhecidas e familiares. Já me succedeu tambem encontrar-me *a mim proprio,* ver-me textualmente bisado em alguem que cruzei na rua, e seguir durante alguns passos esse « outro eu » com a curiosidade delirante de quem assistisse, de olhos abertos, ao desdobramento magico da sua personalidade.

Não ha duvida de que *somos todos eguaes,* ou quasi, e que a difficuldade que temos em distinguir uns dos outros os typos physionomicos das raças exoticas existe nessas raças, em relação a nós, exactamente no mesmo grau. Os japonezes dirão de nós, como nós delles, que parecemos todos feitos no mesmo molde. Não ha duvida. Mas é egualmente indubitavel que *somos todos differentes,* e que dois irmãos gemeos, parecidos como duas gotas de agua, se forem sujeitos á prova das marcas digitaes, systema Bertillon, logo se distinguirão pelo signal deixado sobre o papel pelos seus respectivos pollegares. A moralidade e philoso-

phia destas observações são mais profundas do que parecem. Vejam os educadores e os homens de Estado que todo o segredo no ensino dos homens, como no governo dos povos, consiste em não perder de vista que nenhuma regra, por mais geral, pode ser rigida; distingam, como na chimica, entre o soluvel e o insoluvel; reparem que ao lado do nome de familia, que nos agrupa, figura sempre o nome de baptismo, que nos isola. A unidade social tem de ser flexivel, porque a formam homens, e não apenas algarismos.

LXXV

Ha muitos annos, com a facil audacia da mocidade, proclamava eu a conveniencia para a Egreja catholica de ser abolido o celibato do clero. Vejo agora que a minha these não era tão heterodoxa como eu proprio a suppunha. Com effeito o fallecido Cardeal Mathieu, principe da Egreja e membro da Academia franceza, accumulando portanto a *immortalidade* divina com a humana, dirigiu em 1904 ao Papa Pio X uma memoria confidencial, agora publicada, na qual se advoga, embora

com razões diversas das minhas, uma reforma identica.

O Cardeal Mathieu observa (no seu paiz especialmente) que a influencia e o prestigio do padre perdem terreno. A falta de recursos, a indifferença crescente das populações, a hostilidade efficaz dos professores primarios, tornam cada vez mais difficil e menos fecundo o contacto entre o pastor de Deus e as suas ovelhas. Conviria pois abrir ao clero novas carreiras que lhe permittissem melhorar a sua situação material e alargar a sua esphera de acção moral sobre os fieis. Nesse intuito propõe o Cardeal que os padres sejam autorisados a exercer as profissões de advogados, medicos e veterinarios. E não lhe parece tambem inconveniente que o celibato ecclesiastico seja, senão abolido bruscamente, pelo menos attenuado por dispensas tolerantes, como as que já concede a Egreja do Oriente. O matrimonio, que é um sacramento, constitue hoje comtudo para o padre um crime e um escandalo. Não seria mais conforme aos principios da religião que a familia mantenha, em todas as circumstancias, o seu caracter nobre e moral, e que o facto de constituil-a, longe de inutilisar a missão ecclesiastica, possa até dar-lhe um relevo e um prestimo novos? O celibato não é um dogma conde-

mnado á immutabilidade, mas apenas uma regra de disciplina interna da Egreja, que deve naturalmente accommodar-se ás differenças dos tempos e das circumstancias.

O proprio evangelista S. Matheus não falaria mais acertadamente que, neste assumpto, o Cardeal seu homonymo. Na Edade Media, a virgindade do homem podia ser tida por uma victoria heroica da virtude e da fé sobre a alcateia feroz dos instinctos. Hoje os tempos são menos heroicos e tambem menos instinctivos. Casar e fundar familia é um gesto menos cavalheiresco que o de ir ás cruzadas, mas nem porisso deixa de poder ser um acto de renuncia, de virtude e de sacrificio perante o commum egoismo humano. O padre moderno, em vez de isolar-se da sociedade refugiando-se numa vida mystica, precisa de approximar-se della, de viver com ella para a guiar e educar, fazendo-lhe sentir de uma maneira effectiva e *humana* a sua utilidade e a sua presença. A vida ecclesiastica, reduzida ás suas funcções puramente rituaes, cada dia parecerá mais ociosa e inintelligivel aos nossos tempos de trabalho e de lucta. Porisso compete ao padre ser o mais activo e o mais social dos homens do seu meio. Seja marido exemplar e pae modelo, ensine como se ama e como se educa, defenda os fracos e

os humildes no pretorio, como quer o Cardeal Mathieu, junte á oração a acção, á palavra a obra, exerça emfim a cura dos corpos como a das almas, para que os scepticos não tenham motivo nenhum de chamar á sua cura... uma sinecura.

LXXVI

Nicolau II, imperador de todas as Russias, vive prezo. Elle proprio se condemnou ao captiveiro, desde que o nihilismo transformou o territorio do Imperio numa ratoeira pavorosa para a sua augusta pessoa. Ha longos annos que este pobre soberano se privou de tudo quanto poderia dar algum allivio á sua esmagadora tarefa de reinar. O perigo revolucionario desorganisou-lhe a vida e parece ter até destruido a sua pura felicidade domestica, se é certo que a Imperatriz tão linda, e de olhar tão enygmatico, soffre de um incuravel desequilibrio nervoso produzido pelas emoções e terrores a que se tem visto exposta.

Agora o Tzar foi a Moscou inaugurar o monumento ali erigido á memoria de seu pae. As precauções policiaes tomadas para esta viagem fazem calafrios. Nas ruas atravessa-

das pelo cortejo todas as janellas estavam fechadas, para que de nenhuma dellas podesse cahir a bomba ou a bala inimiga. As escadas exteriores que em todas as casas russas permittem a fuga dos habitantes e o soccorro dos bombeiros, em caso de incendio, foram cortadas cinco metros acima do chão, para que os nihilistas não podessem utilisal-as.

Os tempos antigos não comprehenderiam este *tyranno* que dispõe da liberdade dos seus subditos, mas não da sua propria. Que motivo o acorrenta ao throno, se desse throno lhe não advem senão tristeza, fraqueza e angustia? Basta ver a figura mansa e indecisa deste Tzar, chamado omnipotente, para não duvidar de que a sua maior ventura seria depôr corôa e sceptro e fugir para bem longe, onde ninguem podesse ter inveja da sua paz, nem odio ao seu nome. No entanto um dever imperioso o obriga a viver ou morrer no seu posto, considerando as amarguras quotidianas como ossos do officio — ossos, por signal, sem nenhuma carne á volta que os absolva da sua dureza e pouca substancia.

Nicolau II herdou o Imperio como uma reliquia sagrada que é sua obrigação de honra defender, ainda com perigo de vida, e transmittir, tão intacta quanto possivel, aos seus successores. É a sua consciencia, e não a sua

ambição, que o mantem á testa do seu povo. A sua corôa é quasi de espinhos. O seu aspecto não é o de um triumphador mas o de um penitente. Não lhe é sequer permittido pôr em duvida a justiça ou a verdade da causa de que o acaso do nascimento o fez defensor. Peza-lhe sobre os hombros, qual outro Atlas, um mundo de principios e preconceitos que não poderia negar — sem renegar ao mesmo tempo a memoria e a gloria dos seus avós que lh'o confiaram.

Reis e papas, ou no captiveiro imperial de Tzarskoié-Selo, ou nessa outra clausura voluntaria do Vaticano, nos parecem mais dignos de pena que de inveja. Os felizes somos nós, que, como passaros livres, dispomos do ar onde voamos, e não elles, coitados, cujas azas impotentes se debatem de encontro aos muros das suas gaiolas doiradas.

LXXVII

Já aqui tive occasião de descrever uma *landsgemeinde* suissa, isto é, a assembleia ao ar livre em que o povo de alguns cantões da feliz Helvecia vota as suas leis e elege dire-

ctamente o seu governo. Peço agora aos meus leitores o obsequio de collocarem esse quadro ao lado do que lhes terá fornecido qualquer jornal dos ultimos dias a proposito da Convenção de Chicago, com escandalosa impropriedade chamada *Convento* pelos desenfreados politicos do Norte-America.

De arraial ou circo a baptisarei eu, sem me ficar o menor remorso de lhe ter chamado nomes. O meu cerebro recusa-se a acreditar que um tal espectaculo indique um estado adeantado de civilisação, ou represente uma forma definitiva e equilibrada de governo. Agora é que eu vejo que os Estados-Unidos, apesar dos seus billiões e do seu vertiginoso progresso, politicamente estão ainda na infancia. A sua democracia é rudimentar. Sob o ponto de vista da educação civica, se os comparo com a Suissa, parecem-me uma nação de creanças, dirigida por homens eminentes sem duvida, mas absolutamente incapaz de os dirigir a elles.

Se não é assim, como explicar então que seja numa atmosphera de desordem, de delirio, entre guinchos e uivos, com actrizes que cobrem de beijos os retratos do sr. Roosevelt e eleitores que levam em padiola essas actrizes, que se nos revela, no acto mais importante da sua vida politica, o Povo livre e

soberano? Pode alguem acreditar que cabeças assim excitadas fossem ainda susceptiveis de descortinar o seu dever? Onde se viu o Bom-Senso mascarar-se por tão singular maneira? A lucta de Chicago nem pode ter sido de ideias, nem sequer de sentimentos, na justa medida da palavra. Ainda bem que tal espectaculo só se produz de quatro em quatro annos e esgota toda a sua virulencia desde que a eleição presidencial se consummou. Mas tambem o Presidente, eleito pela paixão em alta fervura dos seus partidarios, é na verdade um autocrata temporario e não o simples executor das serenas e nitidas indicações nacionaes, como seria o caso numa democracia effectiva e em continuo exercicio das suas funcções.

Não entendo que a eleição do chefe do Estado, numa nação que attingiu a maioridade politica, seja mais do que um incidente secundario e possa allucinar a tal ponto as paixões partidarias. O governo collectivo e anonymo, como o tem a Suissa, é o governo do futuro para todos os povos que se governam por si proprios. Ahi a nação não quer nem precisa de se resumir num homem. E a sua vontade faz-se ouvir bastante clara e regularmente para que *qualquer* homem saiba interpretal-a. Um dia o famoso Numa Droz, a esse tempo

membro do governo federal, observou que num circulo de amigos, em que occasionalmente se encontrava, ninguem sabia o nome do Presidente da Confederação então em exercicio.

— Essa ignorancia, disse Droz, é o melhor elogio das instituições suissas.

E era na verdade. Mas é que na cabeça de cada suisso parece haver uma bussola que indica a todos infallivelmente o mesmo norte. Não creio que possa com justiça dizer-se o mesmo das cabeças dos convencionaes de Chicago!

LXXVIII

Pediram-me uma vez, escuso dizer que para um album, uma definição da felicidade. E eu respondi por esta forma:

— A felicidade... é uma vocação.

Não lhes parece aos meus leitores que falei certo? Á primeira vista dir-se-á que ser feliz consiste em ter saude, ou dinheiro, ou intelligencia, ou belleza, em atravessar uma vida rodeada de carinhos e triumphos e o menos exposta possivel a contrariedades e a decepções, emfim em ver realisado tudo o que se

deseja e evitado tudo o que se receia. O grau de felicidade dependeria assim da proporção e da conjunção das circumstancias agradaveis que a existencia nos proporciona.

Isto porem é apenas, se me não engano, a theoria da felicidade. A pratica é outra. Quem não conhece os pobres alegres e os ricos melancolicos? Quem deixou de cruzar no seu caminho a saude inconsciente de si propria e consumindo-se na inacção e no tedio, a par da doença illuminada de esperança e anesthesiada pela paciencia? Uns quasi não sentem as dores que os accommettem; outros soffrem até ao martyrio de males imaginarios. Uns saciam a fome com uma fatia de pão e a sêde com um sorvo de agua; outros enjoam as mais finas iguarias e os licores mais preciosos.

A relação entre a felicidade e a vida de cada um está porisso longe de ser logica. Quem nasceu para ser feliz vence todas as contrariedades em vez de se deixar vencer por ellas. Das fraquezas faz forças. Sorri até no meio das lagrimas. Ha quem opponha á desgraça e á dôr o calmante e o tonico da fé, mas ha tambem quem do scepticismo e do egoismo tire remedio para qualquer soffrimento. Este dorme um somno calmo e profundo sobre a palha dura de uma enxerga.

Aquelle revolve-se de insomnia no mais macio leito de pennas.

Porisso nada ha mais imprudente e malfazejo do que fornecer ao homem receitas de felicidade, suggerindo-lhe indirectamente motivos de tristeza e de dor que o seu instincto, abandonado a si proprio, não descobriria. Não raciocine o pobre a sua pobreza nem o enfermo a sua enfermidade. Deus dá realmente o frio conforme a roupa e semeia a justiça por maneira que ninguem pode dizer de antemão a quem tocou a semente.

Camillo Castello Branco escreveu um grosso volume que tem por titulo esta pergunta: *Onde está a felicidade?* Pois a minha resposta, que aqui fica á disposição de qualquer album, seria: — A felicidade está em nós mesmos.

LXXIX

Arrastam-se as negociações entre a França, a Hespanha e a Inglaterra, não só para repartir entre as duas primeiras a saborosa preza marroquina, como para fixar o regimen especial que o Governo britannico reclamou para

a cidade de Tanger, á qual consagra um interesse tradicional e historico.

Tanger, que nos tempos modernos foi terra portugueza durante quasi dous seculos, ingleza durante vinte e tres annos, e moira o resto da vida, vai experimentar agora uma forma de governo ainda não estreada e que o futuro dirá se foi precursora. Tanger será internacional e neutra. Na sua alcaçova, em que dois terços das pedras ainda são nossas, desfraldar-se-ão as bandeiras de treze nações — a de Marrocos, as das suas boas amigas da Europa, e até a dos distantes e intromettidos Estados Unidos — a não ser que se colloque em logares dellas um só pavilhão tambem inedito, inspirado do arco-iris, representando as multiplas cores das tres partes do mundo que se associaram para a empreza. Esperemos que este condominio de nova especie resulte bemfazejo e fecundo e que as treze porções, em que Tanger vai ser trinchada, se casem e convirjam como os gomos da mesma tangerina — fructa de muita cor e sabor local.

O que, entretanto, desejo aqui pôr em relevo é a tenacidade com que a Inglaterra defende Tanger contra o dominio exclusivo de qualquer potencia christã, fiel ao seu proposito de impedir que a porta a dois batentes, que é o

estreito de Gibraltar, mude de porteiro ou venha a ser forçada por gazúas inimigas. Este seu zelo é antigo. Em 1685, vinte e tres annos depois de a ter recebido das mãos rotas dos Portuguezes, o governo inglez resolveu abandonar Tanger. Ao seu espirito pratico parecia então que a posse dessa fortaleza lhe custava mais encargos do que lhe rendia proveitos. Com effeito a vida das guarnições inglezas era dura: Os moiros dos arredores não as deixavam socegar um instante. A guerra era quotidiana. Para terem legumes para a sua mesa, ou lenha para o seu lume, os inglezes deviam sahir a campo e bater-se com gente mais guerreira que elles e que lhes fazia pagar caro cada ephemera victoria. A Inglaterra não previu que vinte annos depois conquistaria Gibraltar, de onde, com facilidade, poderia abastecer e amparar a possessão fronteira. Mas, se nesse ponto errou, nem por isso o seu aguçado egoismo patriotico deixou de suggerir-lhe a conveniencia de subtrahir Tanger ás ambições de terceiros. Poucos sabem com effeito que o rei de Portugal D. Pedro II, ao ter conhecimento de que a nossa antiga praça de Africa ia ser abandonada, fez activas diligencias junto de seu cunhado Carlos II de Inglaterra para que ella lhe fosse restituida. A reclamação não podia ser mais legitima.

Tanger fôra dada de presente aos Inglezes como dote de uma princeza portugueza. Era uma especie de joia de familia. Desde que o donatario lhe não achava prestimo era natural que, em vez de deital-a fóra, a devolvesse honradamente ao doador. Portugal offerecia mesmo compensações. Mas a Inglaterra recusou tenazmente entrar nas nossas vistas. O almirante das suas esquadras, que logo depois foi o Rei Jayme II, achou que a restituição por nós pedida offendia o prestigio da sua nação. No seu entender Tanger devia ser não só abandonada, mas tambem inutilisada. Não seria de mais ninguem o que não pudera manter-se nas mãos inglezas. E assim se fez estrictamente. A cidade foi desmantelada e arrazada. O molhe inglez, de que ainda hoje se veem as ruinas, foi destruido de modo a que nenhuma nau estrangeira pudesse aproveital-o para desembarque das suas tropas. O porto foi entupido. As proprias inscripções e padrões portuguezes foram levados, não para Lisboa, mas para Londres.

Pois não appetece dizer que a *inutilisação* de Tanger ha dois seculos, e a sua *internacionalisação* agora em projecto, se parecem como irmãs gemeas, filhas ambas do mesmo lucido e orgulhoso instincto de predomínio e de defeza?

LXXX

Encontrei um dia, numa das minhas viagens, um sympathico Brazileiro que acabava de percorrer a Europa e me transmittiu, com enthusiasmo e eloquencia, as suas impressões. Era um latino de corpo e alma. Era-o na figura trigueira, nos olhos negros penetrantes, nos gestos amplos, na loquela facil e feliz, na sociabilidade carinhosa. Era-o nas opiniões que cortantemente me expoz e nas quaes revelava a mais ardente e até facciosa latinidade. As virtudes da nossa raça, os defeitos da germanica, nunca os ouvi mais exhaustivamente demonstrados, gabados ou exprobrados. O meu interlocutor fez uma critica severa da Allemanha e consagrou hymnos de ternura á Italia e á França. Soube muito bem explicar-me que o *dizer bem,* como o *dizer mal,* se regula por modas, e que a nação mais digna de amar-se, como o autor mais digno de ler-se, fatiga periodicamente a admiração do publico e encontra os criticos mais fartos e enjoados nos seus anteriormente mais fogosos paladinos. Propheti-

sou-me que a *mania germanica* (definição sua) já não ia longe do seu termo e que a raça latina estava de pousio para as mais brilhantes proezas futuras.

E emfim, depois de dada a ultima demão á sua these, entrou a descrever-me os progressos e as ambições do Brazil. Num quadro cheio de relevo disse-me a nação prospera, moça, pujante de seiva e de vida, onde as ideias são fecundas como as arvores e a menor semente de belleza ou de verdade se reproduz e multiplica prodigiosamente. Fez-me sentir como são vastos os horisontes e desimpedidos os movimentos da alma brazileira, ao pé do acanhamento, perplexidade e mesquinhez da nossa, doente de velhice e de falta de espaço. Da posição presente do Brazil na America, dos grandes destinos que lhe estão reservados, repetiu-me com palavras novas e imperiosas o que eu já sabia ou entrevia.

Separámo-nos cordialmente. Na primeira opportunidade perguntei a um brazileiro meu amigo quem era aquelle seu patricio. Fez-lhe as melhores ausencias e deu-me este pormenor precioso: o intransigente Latino e Americano era filho de um pai berlinez e de uma mãe da Suissa allemã...

Tableau! E muita pena tive de não poder mandal-o de presente, pelo correio, ao chefe

do partido pan-germanista, com o seguinte rotulo:

— *O perigo allemão no Brazil: amostra com valor!*

LXXXI

A Vida e a Morte não são rivaes nem inimigas, como geralmente se figuram. O que ellas são é irmãs gemeas, e companheiras a tal ponto inseparaveis, que só por singular inconsciencia nos não familiarisamos egualmente com ambas e acolhemos, a uma como velha amiga, e á outra como desconhecido e mysterioso phantasma.

Viver é morrer. A vida não é mais que uma serie ininterrompida de mortes. No dia em que nascemos *nasce* comnosco a Morte. No dia em que morremos *morre* ella tambem comnosco. Cada hora que passa leva comsigo um pedaço de nós mesmos. Em cada anno que finda enterramos, para nunca mais o vermos nem ouvirmos, um fragmento morto da nossa vida. O passado é um cadaver. A mocidade é um cadaver. O dia de hontem, a sensação, a alegria, a felicidade de hontem,

são cadaveres. Vivemos rodeados de cadaveres e não os vemos. Habitamos em permanencia um cemiterio e tomamol-o quasi por um paraizo.

A Morte anda comnosco de dia e dorme de noite comnosco. Quando nos estendemos na nossa cama, tranquillos e confiados, vamos, sem dar por isso, aprender a estar mortos. Essas lições pavorosas, mas que nos não apavoram, absorvem metade, ás vezes mais de metade, da nossa vida. Um homem de sessenta annos esteve pois morto durante trinta, litteralmente morto, pois que não viu, não ouviu, nada sentiu, de nada se lembrou. E esse morto de boa-vontade acolhe no entanto com terror invencivel o que elle imagina ser a primeira, mas é apenas a ultima visita da Morte.

E assim como passamos a vida a morrer, assim tudo e todos vemos morrer á nossa roda. O duello constantemente travado entre o tempo e a nossa memoria termina sempre pela derrota desta. Recordar é ainda dar vida; esquecer é matar, e é nesses assassinatos incessantes que o tempo se emprega. Quando vemos o nosso retrato de ha vinte annos, não nos vemos a nós, ai não! vemos um morto de quem cada vez mais vaga e indistinctamente nos lembramos, cujas acções

já não sabemos explicar, cujos sentimentos nos são tão estranhos como se nunca tivessem sido nossos. E quando vemos ou recordamos a imagem das pessoas amadas ou amigas, quando a nossa saudade se poisa sobre os logares onde moramos, sobre os espectaculos a que assistimos, quando tentamos vãmente reviver o que para sempre se extinguiu no nosso corpo e na nossa alma, nos corpos e almas dos que comnosco viveram, é espantoso como não sentimos nitida e agudamente que a Morte habita dentro de nós mesmos e como nos agarramos com tamanha soffreguidão ao farrapo de vida que ainda nos resta!

Ponho-me ás vezes a olhar para os retratos antigos dos meus filhos, com a commoção e a saudade com que se contemplam imagens para sempre extinctas. E aquellas são-no. Aquelles não são os filhos que eu *tenho*, são os que eu *tive*. As suas feições, as suas vozes de então, as suas pequeninas vidas que sabia de cór o meu affecto, nada de isso tem hoje realidade senão na minha recordação. Eu quizera que elles se tivessem ido desdobrando em successivos exemplares vivos, á medida que a edade os transformasse, e que a creança de outrora e o homem de hoje coexistissem integros em cada lar. E assim

seria se a Vida se não fundisse e não coincidisse incansavelmente com a Morte...

Mas essas duas é que nunca se separam. A Vida vae adiante, e nas pégadas que deixam os seus passos logo se enquadram com exactidão os passos da Morte. Talvez o que nos assusta seja, não já a sua companhia, que atraz de nós sempre sentimos, mas a sua figura, quando, finda a viagem, nos voltamos para ella! De toda a maneira é bem singular que, sendo tão longa e tão completa a nossa aprendizagem da Morte, tão mal saibamos e tão mal nos saiba morrer. Mas quantas eguaes singularidades nos rodeiam! Não é menor aquella que nos leva até á beira do tumulo, esquecidos da escravidão em que nascemos e da grilheta dentro da qual vivemos, proclamando sem cessar que fomos livres e sentindo o orgulho e a alegria da nossa liberdade!

LXXXII

Os doges de Veneza celebravam annualmente o seu casamento com o Adriatico, que era assim consagrado como o maior bemfeitor da Republica. Portugal não deve menores

serviços ao Mar. A bem dizer deve-lhe tudo. A occidental praia lusitana, perpetuamente beijada pelo mais amoroso e bello dos Oceanos, encontrou nesse consorcio a fecundidade e a gloria. Cada portuguez póde dizer que, se a Terra foi a sua mãe, o seu pae foi o Mar. Eu tenho em tal extremo o sentimento da minha gratidão filial para com o Atlantico que não posso contemplal-o a sangue-frio. Cada uma das suas ondas me parece um verso dos *Lusiadas*. Não me canso de vel-o e de ouvil-o, soffro de não ter mais de cinco mesquinhos sentidos para as incontaveis sensações que elle em mim desperta, adoro-o e rezo-lhe como ao mais visivel e intelligivel dos deuses. O *Padre-Nosso que estaes no Mar* brota dos meus labios como a flor brava do campo marinho.

Escrevo da beira-mar portugueza e nunca escrever me pareceu mais imperfeito modo de dar corpo ao que me vae na alma. Fôra eu luz ou fogo, agua ou ar, para ser interprete capaz de traduzir tantas linguas que oiço, tantos gemidos que entendo, tantos olhares e sorrisos que a agua viva e livre das ondas troca com a agua prisioneira dos meus olhos, como saudosas uma da outra! Como dizer a grandeza do Mar, mais penetrante ainda que a do firmamento, por ser menos distante,

menos muda, melhor companheira da vida e da dor humanas. Os astros são frios e inaccessiveis, os seus olhos não nos fitam, ao passo que as ondas riem e choram comnosco, as suas marés são rythmadas como as do sangue nos nossos corações, as suas caricias ora nos embalam, ora, num beijo mais soffrego, nos sorvem e nos sepultam. O mar é o elemento mais vivo e sensivel do Universo. Como dizer a sua belleza, a sua variedade, a sua arte? O mar é pintor em cuja paleta se effectuam verdadeiros sortilegios de luz e cor. O sol nascente irrompe das aguas como baptisado por ellas. Ao sol poente faz o mar os mais sumptuosos funeraes. Quando, a convite do vento, as velas pandas se destacam da praia e vão em fila, innocentes e confiantes, caminho do mar alto, logo o dorso das aguas se curva e a sua superficie se espelha para que ellas deslisem mais ligeiras. Quem não viu as ondas submissas, sob o magnete do luar, como leões adormecidos ou domados? O mar é esculptor cujo cinzel infallivel affeiçoou e poliu os rochedos, cujas joias, cujas quotidianas obras-primas se chamam os caramujos, as conchas, os buzios, os seixos, rolados pela maré, e a todo o instante depostos na areia, como perfeitos madrigaes de cada onda á terra firme. O mar fia as verdes algas nos seus

teares e tece nos seus bilros as rendas finas de espuma com que debrua e sublinha cada um dos seus gestos e requebros. O mar é poeta que na sua lyra de todas as cordas, ora canta extasiados idyllios, ora ruge os poemas tragicos das suas tempestades e ergue aos ceus vagas mais rebeldes e audazes que blasphemias. O mar é musico de genio que a arfar, a arquejar, a soffrer, nas suas nupcias com a areia ou nos seus duellos com o vento, tem melodias gementes de cornamusa e symphonias profundas de orgão. Os *leit-motiv* de Wagner e as sonatas de Beethoven repetem-nos as ondas perpetuamente. Toda a obra do mar é rythmo, harmonia e graça. Tudo o que nos vem do mar parece vir-nos de Deus...

Assim devaneio eu estendido nos rochedos, com os olhos afogados no Oceano incomparavel, emquanto uma senhora estrangeira, ao meu lado, me observa que os poetas da minha terra — parece incrivel! — pouco se occupam de mar nos seus versos. Nem em verso nem em prosa rendemos ao nosso pae Atlantico o preito que lhe devemos. Portugal todo devia ser, desde Caminha ao cabo de S. Vicente, uma só rua em que todas as casas se voltassem para o mar como as plantas se voltam para o sol. Todos nos deviamos benzer com agua salgada antes de começarmos o nosso

dia. Mas qual é a triste e ingrata realidade? Esta povoação em que me encontro, como tantas outras do nosso littoral, volta as costas ao mar. E a gente que a povôa faz o mesmo. Ninguem repara nestes doirados campos de areia, que até dão flor, e de cujo seio perdulario brotam assucenas. Na praia deserta podem contar-se aquelles que vieram assistir ao poente inebriante de que estou aqui sendo o espectador deslumbrado e o poeta gaguejante. Terei pois de concluir que o amor da Natureza, para não falar no da Patria, não é no homem um instincto natural e precisa de ser-lhe ensinado? Por dever, tanto como por interesse nacional, eu julgo urgente que estreitemos a nossa intimidade com o mar e que noivemos com elle periodicamente, — como faziam, com muito menos motivo, os doges de Veneza!

LXXXIII

Estou em Portugal ha tres semanas, em férias. Se as saudades são como uma sêde da alma, não me faltam, nesta minha querida e linda terra, fontes de natureza, de historia e de arte onde dessedental-as. Os meus olhos vão

direitos a tudo o que o longo exilio os privou tantos annos de ver, mas ensinou porisso a melhor amar. A sua vista é mais aguda, mais carinhosa, e nem assim menos justiceira. A alma sente-se em estado de beatitude e o corpo em capitoso peccado mortal de gula. Os piteus da cosinha portugueza não são com effeito inferiores em coisa alguma á belleza dos sitios ou á benignidade dos ares...

Sem duvida o paladar é um estado de alma, como a paizagem. Cada qual aprecia e saboreia, acima de todas, as iguarias e os horisontes com que foi creado. Á cosinha, como á natureza patria, ligam-nos recordações e tradições, affectos e habitos. Coração e estomago são visceras contiguas e que mutuamente se impressionam. O appetite é metade sensação e metade sentimento. A saudade faz crescer a agua não só nos olhos como na bocca.

Eis, pois, explicado e perdoado que eu ha tres semanas esteja quasi vivendo para comer e reparta o meu enthusiasmo entre as delicias da Natureza e as da Meza. Jantar parece-me um gozo tão espiritual como deitar os olhos ao mar. O sabor dos fructos excita-me tanto como o perfume das flores. E como os meus orgãos digestivos me segredem de vez em quando que já não temos vinte annos, não hesito em pedir á botica remedios que me per-

mittam comer mais do que devo e prolongar assim o meu prazer até ás fronteiras do possivel. Normalmente sou falador durante as refeições e misturo agradavelmente a conversa com o biscato. Neste momento é impossivel obter que a minha bocca se abra alternadamente para falar e para comer. Evidentemente ella receia perder tempo — e espaço...

Reconheço de resto que a cosinha portugueza sabe bem demais para não fazer algum mal. Os seus temperos são tão appetitosos como excessivos. O azeite, o açafrão, o caril, a cebola, o alho não foram inventados para a gente dessorada dos nossos tempos. Mas quem negará que o azeite é o rei dos molhos, como o mel é o rei dos assucares? A insipidez é preceito de boa hygiene moderna, bem o conheço; mas não queiram persuadir-me, ao menos durante as minhas curtas férias, de que é tambem receita de felicidade.

Algum dia revelarei aos meus leitores por que preço me vão ficar estes excessos. Agora encontro-me tão pouco senhor de mim como certa senhora hespanhola, devota e obesa, que um dia almoçava ao meu lado, devorando quantidades inverosimeis do copioso banquete que nos era servido. A optima creatura era temente a Deus até ao extremo de fazer diariamente confissão dos seus peccados. Calcule-se,

pois, a sua angustia ao sentir-se authenticamente possessa do demonio da gula, sem descobrir exorcismo que lhe valesse. Vi-a encher pela terceira vez o seu prato de uma das iguarias mais saborosas. E ella, adivinhando decerto o meu assombro, voltou-se para mim, com as lagrimas correndo-lhe em fio dos olhos, e disse-me com a afflicção com que iria repetil-o, horas depois, ao seu confessor quotidiano:

— *No lo puedo remediar!*

LXXXIV

Um dos maus costumes politicos, mais em voga na Europa latina, consiste em mudar os nomes ás ruas conforme vão mudando os partidos, os governos ou os regimens.

Portugal pode dizer-se que levantou a esse mau costume uma estatua, na famosa porca de Murça, tosco monumento antiquissimo que orna uma das nossas villas transmontanas, e que os dois partidos mais duradoiros da Monarchia constitucional, o regenerador e o progressista, repintavam de azul ou de amarello conforme se revezavam no poder.

Pareceria comtudo mais liberal que se não obrigasse o passado, retroactivamente, a concordar comnosco, que se não dissesse aos letreiros das esquinas, como aos titulares dos cargos publicos: *Ote-toi de là pour que je m'y mette!* e que se reservassem os nomes das celebridades novas para baptisar com elles, a tempo e horas, as ruas novas, deixando-lhes assim o encargo sympathico de symbolisar o alargamento e embellezamento das povoações, que são outros tantos pseudonymos do Progresso.

O bom-senso collectivo prega-nos tacitamente a mesma doutrina, recusando-se com teimosia a assimilar e a adoptar a chrisma das ruas. Paris, durante a Revolução, deitou-se todo abaixo e desmarcou-se com furia. Mas o tempo foi repondo no seu logar muitas das innovações impostas pela absurda logica humana. A rua Royale, por exemplo, não sei quantas vezes, depois da tomada da Bastilha, deixou de ser e voltou a ser Royale.

Em Lisboa ninguem, por certo, poderia invocar melhor direito a baptisar uma rua do que o grande nome de Garrett. Escolheu-se para essa homenagem a rua do Chiado, que era o nome de outro poeta do seculo XVI, menos illustre mas muito querido da população lisboeta. O resultado foi que o Chiado

continuou a ser o Chiado e que o genial autor do *Frei Luiz de Souza* não tem de facto uma rua que o relembre. O mesmo succedeu ao nome de D. Pedro IV, sobreposto ao do Rocio, e, quasi sem excepção, a todos os demais. A Historia, a tradição ou a lenda não se deixam mover ao compasso dos nossos caprichos, paixões ou odios.

Até neste pequeno pormenor a sensata Suissa, a perfeita Suissa nos dá lições aproveitaveis. Todas as ruas antigas das cidades helveticas conservam com respeito os seus nomes antigos. As principaes ruas de Berne, que é a capital da Confederação, chamam-se singelamente do Hospital, do Mercado, da Justiça, da Prefeitura, do Arsenal, da Egreja, da Casa dos Orphãos, rua Nova, rua dos Magarefes. Berne, que não reconhece — que nunca reconheceu! — titulos de nobreza, tem uma rua dos Fidalgos, por signal uma das mais interessantes e caracteristicas da velha cidade.

Convençamo-nos por uma vez, diante destes exemplos impressionantes, que só por atavismo barbaro é que somos levados a destruir os vestigios ou symbolos do passado, que, á falta de qualquer outra justificação, são sempre, pelo menos, certidões de edade dos povos. Os antigos saqueavam e demoliam as cidades

de que se apossavam, com a mesma inconsciencia com que mais tarde *restauravam,* afogando-as sob camada de cal ou de tinta, as maravilhas de architectura e pintura que herdavam dos seus maiores. O que nós fazemos aos nomes das ruas é mais inoffensivo, mas no fundo nasce da mesma intolerancia ou da mesma ignorancia. O passado não se injuria nem se renega: estuda-se e aperfeiçoa-se no presente. A historia não se prohibe nem se supprime: continua-se.

LXXXV

A Suissa, que tem tres milhões e meio de habitantes, gasta annualmente para cima de 70 milhões de francos com a sua instrucção publica, ou seja, 20 francos por habitante. Portugal, que tem seis milhões de habitantes, e que na mesma proporção deveria gastar 120 milhões de francos, não chega a gastar 15 milhões, quer dizer, quasi a quinta parte do que gasta a Suissa. Deem-me os 105 milhões que faltam, deem-me mesmo metade, e eu transformarei Portugal em poucos annos.

Mas onde ir buscar esse thesoiro? A que receitas ineditas? A que minas inexploradas?

O renascimento de um paiz reduz-se assim, em grande parte, a uma questão de dinheiro. Para haver commercio e industria tem de haver escolas, e para haver escolas tem de haver com que pagal-as. Mas só dispõem de recursos os governos dos paizes prosperos. Quando a nação é pobre, o seu orçamento é pauperrimo. Falta dinheiro para haver prosperidade e falta prosperidade para haver dinheiro. O circulo é vicioso, como todos os desta vida, a começar pelo mysterio della. O que nos não impede de irmos todos vivendo.

Olhando para os paizes que nos cercam, e para nós mesmos, reconhecemos que o desenvolvimento de um povo pode sempre datar-se de um acontecimento, politico ou economico, que inesperadamente ou pelo menos excepcionalmente veiu despertar as suas energias e muitas vezes revelar-lhe a elle proprio as suas qualidades e possibilidades. Nós tivemos a India, que deu para um seculo de estroinice esplendorosa, e tivemos o Brazil, que chegou, não só para se construir Mafra superfluamente, mas tambem para se reconstruir a Lisboa pombalina e para se cavarem os alicerces de uma obra reformadora que mais ninguem depois continuou. A Allemanha teve em 70,

alem do tonico moral da victoria, alguns billiões de indemnisação de guerra com que se apressou a lubrificar as suas industrias, e que lhe permittiram ensaiar mais largos vôos em todas as direcções da lucta economica. A Suissa teve uma India dentro de casa na figura dos seus montes e lagos, intensivamente plantados de hoteis, e onde de verão e de inverno se fazem colheitas de oiro. É um erro dizer-se que a Suissa, terra de industrias florescentes e onde o commercio de exportação attinge numeros prodigiosos, *vive* dos seus hoteis. Mas é perfeitamente exacto affirmar que esses hoteis constituiram uma fonte de receita inesperada, que permittiu ao paiz pobre de outrora armar-se, em devido tempo, para a conquista omnimoda da riqueza. Pode legitimamente perguntar-se se a Suissa se teria tão rapidamente emancipado da sua miseria sem o auxilio opportuno do turismo, como é egualmente duvidoso que a Allemanha tivesse realisado o milagre da sua actual opulencia sem as duras lições da fome anterior e as compensações, tão longamente esperadas, de Sadowa e Sedan.

Portugal teve dinheiro quando ainda ninguem sabia ensinar a gastal-o, quando os povos não podiam ainda prever os encargos e os proveitos da futura civilisação industrial.

Fomos maus administradores, mas estavamos em numerosa companhia. As grandes nações de hoje quasi todas nasceram hontem, ou antes de hontem. Ha um seculo, nem a Suissa explorava os seus hoteis, nem a Allemanha as suas minas e fabricas. A pobreza atrazou-nos algumas dezenas de annos sobre o resto da Europa. Desse mal soffremos. O remedio, a não ser que alguma India imprevista surja mais uma vez no nosso horisonte, consiste unicamente em retomarmos o trabalho com alegria e confiança, abstendo-nos de rogar pragas ao passado, procurando deixar aos nossos filhos peculio maior do que o herdado de nossos paes, sendo pobres com paciencia e com honra, não trocando o « menos-mau » possivel pelo optimo chimerico, e adoptando cada vez mais esta velha e segura receita de valor, paz e liberdade: só ter medo ao medo e só ter odio ao odio.

LXXXVI

Não preciso de demonstrar que a França é a nação do mundo que maiores compromissos tomou com as theorias da Egualdade humana.

Nos dias genesiacos da Revolução cada Francez preferia morrer a não viver livre e sentindo-se irmão de todos os seus compatriotas. Homens e mulheres não supportavam outro titulo senão o de cidadãos e cidadãs. O nivelamento social effectuou-se rudemente, mesmo á custa de desmoronamentos e demolições de que ainda hoje se veem por toda a parte os escombros e os destroços.

Mas o grande terremoto durou apenas dez curtos annos. Sobre elle passou já o tempo, com a sua ironia e desdem habituaes pela obra quixotesca dos homens. E hoje os cidadãos de 1789 poderiam ver com espanto os governos francezes, tendo voltado de novo a si, excederem as monarchias mais aristocraticas da Europa no ardor com que cultivam, não a egualdade, mas a vaidade humana, mediante uma sementeira incessante de cruzes, medalhas e condecorações. A França (além da Belgica, sua pupilla) é o unico paiz do nosso conhecimento cujos habitantes usam quotidianamente, numa exhibição continua e ininterrupta, a fita ou a roseta com que foram agraciados. O Francez distingue-se de qualquer outro filho da Europa, muito menos por ser um cidadão livre, do que por ser *un monsieur décoré,* portador de uma insignia vermelha ou multicolor na lapella do seu jaquetão,

e simultaneamente na do seu sobretudo, para que nenhuma das peças do seu vestuario deixe de indicar ao publico a situação privilegiada, que elle occupa na hierarchia social, e as deferencias e attenções especiaes a que se julga com direito.

Os titulos de nobreza não teem hoje existencia legal em França. Mas nem por isso se extinguiram. Ao contrario multiplicaram-se, abusando logo da falta de regulamentação com que foram favorecidos e estendendo-se a todos os filhos de cada familia da antiga aristocracia. Nunca talvez houve naquelle paiz mais condes, mais marquezes e mais barões do que hoje. O seu prestigio social não se exerce sem duvida sobre as leis, mas continúa a influenciar, com a intensidade de sempre, os costumes e a vida moral da nação.

Uma estatistica ultimamente publicada indica o numero prodigioso de francezes condecorados annualmente com a Legião de Honra, com as palmas universitarias, com as diversas medalhas agricolas, militares, commemorativas e coloniaes, com as ordens exoticas da Tunisia, do Annam, do Cambodge e demais protectorados francezes, e emfim com as ordens estrangeiras, entre as quaes avulta a de Christo, igual, na cor da insignia, á Legião de Honra.

Um ministro que não tivesse ao seu dispor esse *instrumentum regni* soffreria graves decepções na sua politica partidaria e nas suas campanhas eleitoraes. Um dos auxiliares mais efficazes dos governos para a conquista do suffragio universal encontra-se na habil e bem doseada distribuição de cruzes. É uma moeda de emissão facil e cujo dispendio se não repercute no orçamento.

A mesma estatistica refere ser consideravel em França o numero de sociedades de beneficencia e outras que distribuem condecorações e medalhas aos seus membros. A vaidade é assim explorada muitas vezes com as intenções e para os fins mais louvaveis. Note-se que os governos francezes teem-se recusado sempre a autorisar o uso publico destas insignias particulares; mas, quer se não cumpra á risca a prohibição, quer se espere que ella venha a ser abolida, o facto é que o numero do que bem podemos chamar as novas ordens de cavallaria vae crescendo sempre, não sendo portanto temerario esperar que a Egualdade venha a restabelecer-se proximamente na Republica logo que todos os cidadãos francezes, sem excepção de um só, estejam devidamente condecorados.

De toda a maneira a lição é interessante e digna de ser meditada. Não teremos nós razão

em dizer que não ha *fórmas* de governo, mas apenas *fôrmas* de governo? Em França as instituições, as leis, os edificios, as moedas, o legislador na sua camara e o professor na sua escola, proclamam a egualdade e a fraternidade. Pois o povo responde-lhes ostentando, em centenas de milhares de botoeiras, o distinctivo encarnado em que se define o privilegio novo, crescendo sobre as ruinas dos velhos privilegios. A *fôrma* do regimen é liberal, egualitaria, vasada nos mais perfeitos moldes. Mas o joanete aristocratico da nação irrompe ainda com mais força, como impaciente da compressão a que foi submettido.

LXXXVII

A Suecia é uma monarchia constitucional que não se parece nada com as suas collegas da Europa occidental. Tem uma constituição que foi gerada nas suas proprias entranhas e não traduzida das constituições estrangeiras mais em moda ao tempo da sua promulgação (1809). Os estadistas suecos procuraram a sua inspiração na historia nacional. Escusado

é accrescentar que assim realisaram obra duradoira e pratica.

Na Suecia o Rei é nomeado pelo povo, em quem reside a soberania. O povo pode depôr o Rei, como fez a Gustavo IV em 1809. Em compensação o Rei reina e governa. Os seus ministros, que escolhe e demitte livremente e sem necessidade de qualquer indicação parlamentar, são simples secretarios de Estado, que respondem individual e não solidariamente pelas decisões reaes, desde que as referendam, mas nada decidem por si proprios. O Rei é o chefe do governo e não apenas o fiel da balança entre os diversos poderes do Estado, como succede na Inglaterra e nas nações que lhe seguiram o exemplo.

Em frente ao poder real, limitando-o e fiscalizando-o, levanta-se o Parlamento (Riksdag) que legisla em materia financeira, tributaria e aduaneira, independentemente da sancção real, e pelas suas commissões permanentes exerce a mais cuidadosa vigilancia sobre todos os actos do poder executivo. As actas do Conselho de Estado (Ministerio), presididas pelo Rei, são livremente examinadas pelo parlamento e pela nação.

Rei e Povo, este representado pela sua Dieta, governam o Estado com poderes eguaes e equilibrados. A missão do soberano é executar

e a do Parlamento legislar, sem que um faça concorrencia ou sombra ao outro. Como os governos não sahem das Camaras, tambem não cahem nellas. A conquista do poder não é pois o objectivo das discussões parlamentares nem das formações partidarias. As correntes de opinião, que dão origem aos partidos, são de natureza commercial, industrial ou agricola, mas não politica. A lucta feroz dos *clans*, segundo a tradição latina, para a distribuição das horas ou dos favores do poder, cede o logar á lucta pacifica das differentes classes da nação para o seu aperfeiçoamento administrativo ou progresso economico.

Os Reis portuguezes da Edade-Média, collaborando com as suas côrtes, não distavam muito deste systema, que nos deu então a nós, e assegura hoje á Suecia, a prosperidade e a paz. Mais se parece de resto o regimen sueco com o das Republicas presidenciaes, systema americano, que com o das monarchias parlamentares do modelo inglez, cujo mechanismo subtil só a Inglaterra tem sabido assimilar e feito fructificar.

Sirva mais este exemplo para mostrar que cada paiz deve procurar em si mesmo as instituições que lhe convenham, filhas legitimas do seu passado, com raizes no mais profundo e são da alma nacional. Ha nações que vieram

aos solavancos pela Historia abaixo, ensaiando receitas alheias, sem terem ainda encontrado o regimen que lhes permitta equilibrar-se e viver felizes. De outras, como dessa tranquilla Suecia, pode dizer-se que a sua estructura politica não tem parallelo, nem teria applicação, em qualquer outro paiz. Este é o seu melhor elogio. São *fôrmas* de tal maneira adaptadas ás necessidades para que foram creadas que não servem a mais ninguem. São as *fôrmas* de governo ideaes — por serem exclusivamente fundadas na realidade.

LXXXVIII

A morte de Mutsu-Hito, Imperador do Japão, repõe-nos mais uma vez em frente do enygma prodigioso que é para nós a resurreição de aquelle paiz, ainda obscuro e exotico ha quarenta annos, e agora a muito mais de meio caminho de vir a ser a omnipotente Inglaterra da Asia, quando por sua vez a Europa, esgotada e caduca, tiver abandonado ao immenso continente asiatico o governo do mundo. Entre as innumeras coisas que a nossa sciencia não sabe, pode desde já contar-se este

mysterio da revolução japoneza, apparentemente effectuada segundo os moldes de phantasia scientifica de qualquer romance de Julio Verne, e que no entanto demonstrou pelo seu exito concreto, prova melhor que a das palavras, a sua legitimidade e a sua opportunidade.

Não esqueçamos de resto que essa revolução não foi doutrinaria. O Japão não transplantou da Europa senão os seus instrumentos de civilisação e de força, a sua ferramenta de progresso. Com a alma europeia não se prendeu. Dos nossos principios, immortaes segundo uns, mortaes segundo outros, fez infimo caso. O Japão prestou homenagem á nossa superioridade material e technica e apressou-se a colher della todos os fructos já sazonados. Copiou-nos as armas, os navios, os caminhos de ferro, as fabricas. Aprendeu comnosco a ser melhor soldado, melhor industrial, melhor commerciante, melhor diplomata. Vestiu pelo nosso alfaiate. Mas conservou tenazmente as suas tradições, os seus costumes, as suas ideias moraes e religiosas, o seu patriotismo. O seu advento á *nossa* civilisação não significa uma nova acquisição nossa, como pareceria natural, mas uma conquista delle sobre nós. O Japão não veiu enfileirar entre os povos christãos nem reconheceu a verdade proclamada pelo nosso Evangelho. Na sua historia

escreverá sem duvida, bem ao contrario, que praticou a proeza de aprender em quarenta curtos annos toda a sciencia e toda a experiencia accumuladas pela Europa em dezenove seculos de duros esforços, e que desta rapida iniciação, fecundada pelo seu genio nacional, surgiu melhor armado para nos fazer frente, sob a direcção de um Mikado semi-divino que se não confessa filho de Deus, como nós, mas filho do Sol.

Até á derrota da Russia poude a gente europeia, superficial e presumpçosa, imaginar que o Japão era apenas a nossa má caricatura. Desde então foi preciso reconhecer que no Extremo-Oriente tinha surgido um astro novo, alheio ao nosso systema planetario, embora delle tenha astutamente absorvido uma grande parte da luz com que se propõe fazer-nos toda a sombra possivel. A assimilação pelo povo japonez das nossas faculdades, a fusão e equilibrio dellas com as suas proprias — união entre todas hybrida, mas entre todas fecunda — são enygmas, repito, são mysterios que nem sequer estamos habilitados a estudar, pois nos colheram de surpreza. O seu estudo dará talvez origem a uma psycologia e a uma philosophia novas. Quantas erratas a introduzir porventura na historia da civilisação tal como a escrevemos?

Por agora limitemo-nos a tomar nota dos factos e dos documentos, que são preciosos. Acaba de morrer Mutsu-Hito, imperador-divindade, depois de uma doença no decorrer da qual uma multidão sem fim, prosternada em frente do palacio imperial, murmurava orações pelo restabelecimento do seu soberano. Em todas as ruas da cidade se erguiam altares e se celebravam officios com egual intenção. As freiras buddhistas traziam ao palacio, como oblata pia, tartarugas vivas, exemplo e symbolo de longevidade. Os pescadores da costa traziam a sua pesca, com que esperavam dar vida ao augusto moribundo. Um infindavel zumbido de rezas cobria todos os outros ruidos de Tokio.

A esta figura de semi-deus e de idolo, fardada de general europeu, a um tempo antiquissima e contemporanea, rendem não só o Japão como o mundo inteiro um preito unanime de admiração. O *Times* celebra o defunto Mikado como um Napoleão dos nossos dias, mais feliz nas suas emprezas e mais duradoiro nas suas obras que o prisioneiro de Santa Helena. A côrte ingleza veste-se de lucto pelo seu alliado — alliado e inimigo — das Ilhas Nipponicas, successoras proximas das Britannicas. Todos nos curvamos com estupefacção diante desse soberano mythico

que veste as nossas fardas e usa as nossas condecorações, não para nos fazer honra, mas para mais hermeticamente mascarar a sua personalidade e melhor dissimular e disfarçar os planos de guerra que os seus herdeiros se encarregarão de executar algum dia contra nós.

LXXXIX

O que agrupa os homens na politica costuma ser a identidade de opiniões. Theoricamente nada mais rasoavel. Na pratica nada mais vão. Uma opinião veste-se ou despe-se como uma camisa. As pessoas mais diversas de mentalidade, mais oppostas de caracter, podem encontrar-se congregadas para a execução impossivel de uma obra commum, graças á facilidade com que os aventureiros, os adoradores de cada sol nascente, a maioria dos homens sempre inclinada a collocar-se *du côté du manche,* se acolhem á sombra das bandeiras partidarias.

Mas o que na realidade divide os homens é a sua maneira de ser moral e não intellectual. Duas pessoas de bem entender-se-ão e parecer-se-ão sempre, quaesquer que sejam as suas

divergencias de opinião. Dois corações bem formados pulsarão a compasso, ainda que por ideaes diversos. De egual modo dois charlatães, dois cynicos, acabarão por comprehender-se e por alliar-se, por muito distantes que sejam uma da outra as etiquetas politicas com que lhes aprouve mascarar-se. A união de azues contra vermelhos, de pretos contra brancos, fica assim esterilisada e viciada de nascença pelo facto de que cada qual é, por fora, da cor... com que se pinta.

Porque não haviam de experimentar-se, sobretudo em politica, outras bases de alliança e de propaganda? A união dos homens honrados contra os aventureiros, por exemplo. Essa selecção faz-se lentamente e espontaneamente em todos os campos da actividade social. Ninguem ignora quem é o negociante liso nas suas contas, o advogado correcto, o medico escrupuloso, o chefe de familia exemplar. Em cada rua a voz publica distingue o bom do mau visinho. O trabalhador e o preguiçoso, o manhoso e o ingenuo, o sabedor e o ignorante, ao fim de alguns annos de convivio, conhecem-se como se trouxessem um letreiro. Portanto, um programma que dissesse apenas « Venham a mim todos os bons, todos os sinceros », daria logar a um recrutamento muito diverso do que o geralmente

adoptado nas aggremiações politicas. As affinidades reaes, e não apenas as convencionaes, entre os homens, assegurar-lhes-iam uma cohesão e uma capacidade de acção consideraveis. Cada qual teria de responder, não pelas suas opiniões, o que é facil, mas pelos seus actos e por *todos* os actos da sua vida.

Está provado que ha *só uma* maneira de governar bem. No esforço de descobril-a podem e devem cooperar todos os homens de fés diversas, mas de boa fé commum. Assim o comprehendeu a nunca assás citada Suissa, cujo governo radical abriga no seu seio um representante da extrema-direita conservadora. Está ali como fiscal e como testemunha. Pois não ha noticia de que as suas convicções e doutrinas o levassem alguma vez a incompatibilisar-se com os actos dos seus collegas e adversarios. Vive com elles em perpetua harmonia, governa com elles e como elles.

Conclusão: sete ministros, venham de onde vierem, com boa fé, bom senso e boa vontade, concordarão tão facilmente na mesma solução de qualquer problema, como as sete cores do prisma, e bem variadas são ellas, se fundem na mesma luz, que é mãe de todas.

XC

A maior parte das nações latinas da Europa adoece de centralisação excessiva. Se se procurar bem, ver-se-á que é essa a principal causa dos males de que todas se queixam. Á França, poucos annos depois da Revolução que a desorganisou, deu Napoleão a armadura ferrea que a repoz talvez nos eixos, mas immobilisando-a. Ainda hoje aquelle paiz está submettido ao regimen napoleonico, mais centralisador e mais dissolvente de toda a vida local do que a propria monarchia absoluta de outrora. O systema adaptou-se sem esforço á nação tradicionalmente apaixonada de simplicidade, symetria e logica. Mas os seus estragos são evidentes. A França soffre de uma congestão cerebral chronica. O seu sangue circula mal e cada vez mais lentamente. As suas cidades de provincia morrem ou agonisam para que Paris resplandeça e reviva. Emquanto na Allemanha cada anno vê nascer cidades novas, e todas são ou procuram ser centros autonomos e intensos de vida intellectual e social, as maiores cidades francezas

são aias servis e subalternas da capital e cheiram melancolicamente ao mofo provinciano. Tudo vem de Paris ou vae dar a Paris. Os caminhos de ferro irradiam todos de Paris, como do centro de uma estrella. Para se ir de Bordeaux a Lyon, que são no emtanto duas grandes cidades de 250 e 500 mil habitantes, o caminho mais commodo, senão o mais curto, será sempre o que passar por Paris.

A reacção no sentido descentralisador começa agora em França, e oxalá se accentue depressa, para que o seu contagio nos aproveite a todos. O municipalismo, o regionalismo, são os synonimos mais concretos e praticos da palavra abstracta e elastica a que se chama Liberdade. É urgente que desperte a vida local para que a nação não seja um corpo adormecido e inerte e possa authenticamente governar-se e andar pelo seu pé. É essencial que cada homem ame a terra onde nasceu, resida nella, trabalhe para aperfeiçoal-a, educal-a e enriquecel-a.

A grande patria nacional tem de ser a somma de todas as pequenas patrias regionaes. A capital deve actuar sobre o resto da nação como força motora e estimulante e não como parasita. Aquelle que abandona e esquece o seu lar pelas tentações da capital

longinqua, a cujos costumes e gostos novos se apressa a conformar-se, é menos um patriota do que um renegado. A sua missão vae ser, como tem sido a de tantos homens politicos, a de cooperar para a omnipotencia do poder central, reduzindo á impotencia e condemnando á morte todas as forças locaes. O erro é maior ainda do que o crime; porque uma nação, da qual se possa dizer que se resume e concentra toda na sua capital, é uma nação paralytica e sem folego que, por muito alto que levante a cabeça, caminha já irreparavelmente com os pés para a cova.

XCI

Faz hoje, 24 de Agosto, dezoito annos que morreu Oliveira Martins. Relê-se a sua obra, ainda nos capitulos julgados mais pessimistas, e verifica-se que foi, em muitos pontos, genialmente prophetica. Quem não tenha voltado a ler o *Portugal contemporaneo,* desde a data da sua primeira edição, descobrirá agora nesse livro amargo muitas verdades novas, confirmadas pelos factos. Não poderá negar-se que Oliveira Martins procurou acordar, por mil

opportunos gritos de alarme, os seus compatriotas incuravelmente adormecidos.

Resta saber se o pessimismo, mesmo justificado, é bom systema de cura. Convém ameaçar com a morte os doentes graves, mas sem lhes impor condições de restabelecimento que elles julguem superiores ás suas forças e que por isso os levem, não ao estimulo, mas ao desanimo. Dizer a um povo que elle vem errando o seu caminho ha quatro seculos, isto é, durante metade da sua vida, é tirar-lhe toda a coragem de viver, toda a esperança de se salvar, e precipital-o numa apathia fatalista, ao fim da qual só o espera a morte.

Oliveira Martins viu com justiça, no cyclo da dynastia de Aviz, a epocha sã e grandiosa da historia portugueza. Foi o rapido instante em que Portugal alcançou, como diriamos hoje, a cathegoria de grande potencia. Mas o espectaculo angustioso da nossa decadencia não lhe deixou talvez apreciar em todo o seu relevo a vitalidade tenaz de que não cessamos, apezar de tudo, de dar provas, até na energia com que nos mantivemos independentes e unidos, emquanto todos os pequenos paizes da Europa mudavam de fronteiras, ou mudavam de dono, sem cessar. A Flandres, a Suissa, a Scandinavia, os povos dos Balkans, tiveram vida mais accidentada e soffreram

provações mais duras que nós proprios. O continente portuguez manteve-se intacto desde 1640, apezar de termos definitivamente entrado no rol das nações pequenas.

Fazer historia comparada é como fazer viagens: traz alento e vigor ao patriotismo. E pensemos de resto que uma mocidade gloriosa nos dá direito a uma velhice modesta, embora robusta. Fomos grande potencia e hoje somos apenas um Estado fraco e de limitados recursos. Mas nem por isso temos de ser infelizes. A nossa missão é mais simples e mais accessivel que outrora. Como ainda ha tempos notou Guglielmo Ferrero, o caracter technico da civilisação moderna permitte aos pequenos povos, desembaraçados de tantas preoccupações e encargos que affectam os grandes, attingir com menor esforço os mais effectivos progressos. Oliveira Martins, que era um grande homem, não poderia naturalmente consolar-se de não ter nascido no tempo do Infante D. Henrique ou do Principe Perfeito. Nós já nos contentaremos em ter paz, harmonia e ordem, navegando tranquillos em aguas mansas e contemplando de longe e sem inveja as grandes naus, expostas ás grandes tormentas.

XCII

O sumptuoso carro de bois que conduziu á sua ultima morada os restos preciosos do imperador do Japão chiava e gemia, como os carros de bois portuguezes pelas ladeiras e congôstas das nossas aldeias. Cada uma das rodas do carro japonez produzia, ao mover-se, uma melodia differente, impregnada de melancolia e dor.

A poesia japoneza e a nossa revelam-se neste episodio bem perto uma da outra. Será a distancia que separa o Extremo-Oriente do Extremo-Occidente menor do que nol-a revela o mappa? A musica do chiar dos eixos, que é um dos mais penetrantes encantos do campo portuguez, parecia-nos a todos tão nacional, tão vernacula, como os autos de Gil Vicente ou os suspiros do fado. Quantos de nós, com a facil generalisação latina, não terão já feito derivar da languidez dessa musica, gemendo não sei que mysteriosa dor pelas longas estradas, a resignação sonhadora e fatalista do nosso camponez?

E afinal surge o Japão guerreiro, voluntarioso e epico, e diz-nos que o chiar dos eixos

tambem lhe fala ao rijo coração. As nossas sensibilidades, que todos supporiam impenetraveis uma á outra, coincidem surprehendentemente na interpretação desse pequenino ruido, accidental e arbitrario, de onde ambos extrahimos particulas imponderaveis de poesia e musica. O facto merece attenção. Cada raça bebe ordinariamente a sua emoção por fontes diversas. A propria musica não é uma lingua tão universal como costumamos definil a. Estou certissimo que um chinez, ainda o mais culto, é organica e constitucionalmente incapaz de entender e sentir uma sonata de Beethoven.

Devo accrescentar de resto que não é esta a primeira vez que encontro o Japão em flagrante delicto de coincidencia comnosco. Por occasião da guerra russo-japoneza todas as illustrações nos deram noticia das originaes capas impermeaveis que os soldados nipponicos usavam em campanha. Essas capas, feitas de palha, eram a exacta copia das *palhoças* ou *crossas* com que os lavradores portuguezes affrontam as chuvas torrenciaes do nosso clima. Em cada feira se podem adquirir, por alguns modicos vintens, esses commodos e leves artigos de vestuario, que resguardam da chuva tanto como do frio.

Como os Japonezes nunca se deram ao trabalho de descobrir Portugal, podemos

admittir que fomos nós que importamos do Japão as palhoças, pelo mesmo tempo em que de lá trouxemos os *leques,* baptisando-os com um nome que é de evidente etymologia extremo-oriental. Mas tambem é possivel que, na creação intelligente dos *water-proof* palhiços, como na comprehensão da musica dos eixos, tenhamos apenas obedecido uns e outros a uma inspiração analoga. Prometto consultar um destes dias sobre o assumpto o inexgotavel Fernão Mendes Pinto!

XCIII

A nova China, ainda antes de nos mostrar que tem cabeça, annuncia-nos solemnemente que já tem chapeu. Mudar de fato pareceu-lhe tão urgente como mudar de regimen. A Assembleia Nacional, reunida ha algumas semanas em Pekim, acaba de discutir e votar a lei sobre o vestuario. A discussão prolongou-se durante dez laboriosas sessões. Os parlamentares tiveram á sua disposição os melhores modelos da alfaiataria e da chapelaria da Europa. Um por um os experimentaram. E é por um decreto, muito mais

parecido com as leis sumptuarias dos nossos antigos reis do que com as regras da democracia contemporanea, que a China prescrève aos seus cidadãos o uso obrigatorio do chapeu alto, da sobrecasaca preta e das botas de polimento em todas as grandes solemnidades!

Todos nós apreciavamos as virtudes e encantos da civilisação europeia e tinhamos na devida conta os principios de liberdade e justiça em que ella se baseia. Mas creio que não havia até agora uma voz discorde em reconhecer a fealdade lugubre dos nossos trajes. Nenhuma vaidade tiravamos das batinas tristes com que evocamos ainda talvez o nosso passado theocratico, nem dos chapeus grotescos com que semeamos de chaminés ambulantes o aspecto já tão aridamente industrial das nossas cidades.

Eis senão quando surge lá ao longe a China, velha cultora e conhecedora de symbolos, e proclama que não só a Liberdade e a Democracia mas, tanto como ellas, o Chapeu Alto e a Sobrecasaca, são dogmas intangiveis e ritos veneraveis. O gesto, com ser exotico, não deixa de ser naturalissimo. Como haviam os Chinezes de acreditar na efficacia de uma fé nova que não dispozesse de uma liturgia e de uma indumentaria proprias? Já aqui mostra-

mos que a Republica chineza é de direito divino. O antigo Imperio encorporou-a e reencarnou nella, exactamente como o paganismo decrepito se insinuou e fundiu no christianismo nascente e vigoroso. Os bonzos terão agora de explicar ás populações como se chega á felicidade e á riqueza pelas receitas ineditas do novo regimen. Estou de aqui a vel-os encantados de poderem acompanhar as suas explicações nebulosas e abstractas de documentos tangiveis. Um chapeu, um sapato, serão acolhidos como talismans, e á sua virtude, muito mais que á de quaesquer principios, serão attribuidas a nossa força e a nossa gloria europeias. Vestir-se-ão talvez sobrecasacas aos Buddhas de cada pagode para lhes reforçar o prestigio e a santidade.

Vamos agora a ver se nas nossas botas de verniz encontra a China depressa a fôrma do seu pé, e se o nosso chapeu alto lhe serve bem na cabeça...

XCIV

Morreu ha pouco tempo nos Estados-Unidos um bem curioso millionario. Digamos mais exactamente ex-millionario, pois que se trata

de um homem que não deixou um *dollar* e cuja breve agonia se desenrolou no catre de um hospital. Metade da sua vida passou-se a ganhar e a accumular dinheiro com ardor; a outra metade consagrou-a a gastar não menos zelosamente esse dinheiro e a combinar calculos que lhe permittissem fazer coincidir infallivelmente o ultimo vintem com o ultimo suspiro. Até aos cincoenta annos o seu ideal e a sua paixão consistiram em enriquecer; de ahi por deante o seu gozo, a sua volupia, concentraram-se na arte de ficar pobre. Arte difficil. O nosso homem foi distribuindo a sua enorme fortuna com vagar, com methodo, regulando a sua prodigalidade pela marcha lenta ou apressada da sua velhice. O seu empenho era dar sempre e ter sempre que dar. Os seus billiões, como a *peau de chagrin* de Balzac, iam-se evaporando. Então condemnou-se á mais rigida parcimonia, privou-se de tudo, para os fazer durar. Era já como um pobre de pedir e no entanto podia ainda espalhar á roda de si mancheias de *dollars*. Para viver mais barato recolheu-se a um hospital e de ali mesmo continuou a exercer com enthusiasmo a sua caridade e amor dos homens. Quando emfim morreu, a sua carteira continha apenas um cheque — o ultimo — para custear o

seu humilde funeral. Não sabe a gente que mais admirar, se tanta philantropia, se tanta arithmetica.

De toda a maneira este ricaço transatlantico teve a comprehensão e o amor da symetria que é a lei universal. Elle conformou o rythmo da sua vida ao da Natureza. Viver e morrer, mocidade e velhice, dia e noite, fluxo e refluxo das marés, quarto-crescente e quarto-minguante, todo o destino de todos os seres descreve um vaivem como o do pendulo. O sol que se põe é tão feliz como o sol que nasce. Mas raros homens sabem sahir da vida com a mesma curiosidade serena com que nella entraram. Ser rico é uma sensação, ser pobre é outra não menos intensa. E não soube viver quem não sabe envelhecer e morrer.

Verdade seja que a velhice, rodeando-se tantas vezes de achaques e tormentos physicos, perde uma grande parte do seu prestigio. Por isso me dizia uma vez, com toda a razão, o conde de Sabugosa, que o homem, ao approximar-se do fim, devia ir decrescendo gradualmente até regressar ás dimensões e á meia inconsciencia da infancia. Aos sessenta annos pareceriamos ter dez; aos oitenta seriamos do tamanho de pardaes e os nossos bisnetos guardar-nos-iam numa gaiola onde nos leva-

riam o biscato. Emfim aos noventa, aos cem annos, o Avô na gaiola seria quasi invisivel a olho nu. A morte extinguil-o-ia como um sopro extingue e dispersa uma poeira luminosa.

Pois o millionario da America poz a sua alma e a sua vida na sua fortuna e preparou-se pouco mais ou menos esta morte. Quando começou a envelhecer era um cofre-forte. Quando morreu era apenas um minguado cheque...

XCV

Não é facil explicar, nem geographica, nem ethnographica, nem até historicamente, por que motivo a Galliza escapou de ser, como lhe competia, uma provincia portugueza. Tudo o que pode dizer-se é que calhou assim. Olha-se para um mappa da Peninsula e não pode deixar de estranhar-se que a fatia vertical, constituida pelo antigo Estado lusitano, não tenha sido cortada de lés a lés e se detivesse arbitrariamente no rio Minho. Visita-se a região portugueza deste nome, depois de se ter percorrido a provincia hespanhola da Galliza, e vê-se que são prolongamento e complemento uma da outra, nos costumes, na lingua,

na paizagem, na poesia e na musica, na physionomia das pessoas como na das coisas, no corpo como na alma. Emfim abre-se a historia e encontra-se o Minho gallego sendo o berço natal de Portugal, a mais antiga aristocracia minhota entroncando toda na Galliza, o idioma portuguez, a exemplo da nação, indo buscar a sua nascente ao dialecto galleciano e elevando-o rapidamente á cathegoria e á dignidade de lingua litteraria.

Sem duvida Portugal cresceu logo para o sul, e a conquista de Lisboa aos Moiros deslocou o centro do paiz para o grandioso baluarte do Tejo. Depois o Reino cresceu do sul para o mar, e para alem-mar, perdendo cada vez mais de vista a humilde mãe-patria gallega. Durante o periodo vertiginoso dos descobrimentos e das conquistas, Portugal não era em Portugal, mas, a bem dizer, no mundo inteiro. Lisboa era a capital, não da acanhada metropole, mas do vasto Imperio ultramarino delimitado pelas nossas naus e pelas nossas lanças.

Mas logo que o Oriente nos fugiu, e que voltamos a nós do sonho acordado da nossa tão immortal como ephemera gloria, o contacto com a Galliza restabeleceu-se. Ali se travaram, como no seculo XII, alguns dos nossos combates contra a Hespanha para a

reconquista e consolidação da nossa independencia. Algumas praças gallegas foram um momento nossas. E depois da victoria definitiva de Montes-Claros sobre a extenuada Hespanha, parece seguro que o grande ministro portuguez Conde de Castello Melhor se preparava para reclamar da nação visinha uma rectificação racional de fronteiras, tendo por base a annexação da Galliza, ou de parte da Galliza, ao nosso territorio.

Pena foi que a sua retirada prematura do poder — por não ter encontrado *rei para elle* — impedisse Castello Melhor de dar corpo a um plano que o poderoso apoio de França ia talvez tornar realisavel. Teria sido um grande bem para as duas nações da Peninsula que se equilibrassem com mais egualdade os seus dominios continentaes, permittindo-se assim a Portugal alliar-se politica e economicamente á Hespanha, sem receio de ser desprezado pela sua fraqueza ou absorvido pela sua pequenez. A Iberia tornar-se-ia um todo harmonico, uma collaboração confiante e fecunda de forças, sem deixar por isso de estar politicamente dividida em duas nações independentes, ambas fortes e por isso respeitadoras leaes uma da outra. Portugal, para se manter livre, foi obrigado a debilitantes isolamentos economicos e sujeições politicas de que a

dispendiosa alliança ingleza foi um exemplo typico. Por sua vez a Hespanha nunca poude utilisar os serviços de toda a natureza que Portugal era susceptivel de prestar-lhe. Lisboa tinha nascido para ser, ao sul, a capital maritima da Peninsula, e egual papel caberia decerto, no norte, á esplendida bahia de Vigo. O Estado portuguez, de posse dessas duas janellas rasgadas sobre o Atlantico, prospero e rico por ellas, não recearia desequilibrar-se contractando com a sua visinha uma estreita associação de interesses e concertando-se com ella para affrontar a hostilidade das nações que vieram a ser herdeiras das suas communs conquistas.

Nada é mais vão do que refazer a historia por conta e risco da nossa phantasia. Mas sirvam ao menos estas palavras de homenagem ao genio politico de Castello Melhor. Elle bem viu que a Galliza só chegaria a ter patria quando fosse portugueza. Hespanhola nunca chegou a sel-o e porisso nenhuma falta faria á Hespanha. Ainda hoje aquella provincia desgarrada e engeitada soffre e partilha do desdem historico que o mosquito portuguez inspirou secularmente ao altaneiro leão castelhano. Até nisso se demonstra que os gallegos são filhos só adoptivos de Castella — e que a sua familia legitima somos nós.

XCVI

A morte de um Rothschild, em Paris, ha poucas semanas, faz-me pensar mais uma vez na realeza authentica, embora sem sceptro nem corôa, que esta familia exerce sobre o mundo.

Os Rothschilds de Paris são um dos ramos fortes desse tronco judaico que, encarnando ha um seculo num humilde banqueiro de Francfort, bracejou em duas gerações atravez da Europa e a conquistou mais duradoiramente que Napoleão. A somma de genio, que essa obra representa, merece que paremos diante della. E ha até muito que aprender, e que meditar, na perfeição com que ella reflecte a alma immutavel dos judeus desde que uma justiça ou um mal entendido da Historia os fez errantes.

Os Rothschilds não são apenas uma vulgar familia de ricaços. A sua conquista do Oiro tem, em muitos aspectos, poesia e grandeza. Ha episodios da sua vida que parecem copiados da Biblia. As suas riquezas deixam a perder de vista as do seu antepassado Salomão. De resto a antiguidade não parece ter

tido occasião de encarar a opulencia como um triumpho lento e penoso sobre a mediocridade mental e moral do commum dos homens, obtido pela imaginação, pela posse de si mesmo, pelo poder de previsão e de synthese, pela tenacidade, pelo conhecimento instinctivo e profundo da alma humana nos seus mais obscuros recessos. Quando se procura um homem rico no longinquo passado, acode-nos logo o nome de Créso, que não passava, no entanto, de um pouco interessante rei da Lydia, a quem, para enriquecer, bastava mandar acarretar pelos seus escravos as areias do Páctolo.

Qualquer desses poetas ou semi-deuses do Dinheiro, em que é prodiga a America, ganhou melhor a celebridade, para não falar da fortuna. Muitos delles são philosophos, e descançam de colleccionar *dollars* edificando-nos com as suas doutrinas. Nenhum consome os seus milhões, á maneira oriental, nos requintes e ocios emollientes de um serralho. O seu maior gozo parece ser, depois da febre physica e intellectual, que conduz ao ganho como a uma victoria, o delirio de distribuir e de dar, a sensação creadora de suscitar a civilisação e accelerar a marcha do mundo só pelo seu impulso individual. Os Estados Unidos devem muitas das suas universidades, das suas biblio-

thecas, dos seus museus, das suas obras pias, dos seus monumentos patrioticos, á iniciativa e á generosidade torrencial dos seus billionarios. A sua acção na sociedade toma proporções que já nos permittem consideral-a como uma emanação directa da Natureza, quasi diriamos como um quinto Elemento.

Mas não nos desviemos dos Rothschilds. O grande avô, Rothschild I (porque não havemos de numeral-os como aos reis seus emulos?) pouco mais era, a principio, que um modesto cambiador de moedas no bairro judeu de Francfort. Escolhido para depositario dos thesoiros de um principe allemão a quem a Revolução franceza assustava, a habil probidade com que administrou essa fortuna deu-lhe credito e notoriedade e abriu-lhe o futuro. Em pouco tempo foi uma das grandes figuras da finança europeia. Emprestou dinheiro á França, á Inglaterra, á Dinamarca, á Russia. Privou com muitos reis e com muitos governos. Napoleão soube o seu nome.

Sentindo-se morrer, reuniu á cabeceira do seu leito os seus cinco filhos varões, Salomão, Nathan, Anselmo, Carlos, Jacob, e por elles, como o grande Imperador pelos irmãos, repartiu a Europa. Recommendando-lhes *concordia, industria, integritas,* exigindo-lhes a promessa admiravel de que viveriam sempre em accordo

perfeito, e de que através das fronteiras dos *seus* povos se manteriam de mãos dadas, confiou a um Paris, a outro Londres, a outro Vienna, ao quarto Francfort e ao quinto Napoles. E, tendo assim entregado o globo aos filhos da sua raça e do seu sangue, morreu feliz, recitando talvez a si proprio os versiculos do *Livro de Josué* que celebram a divisão das terras de Chanaan pelas doze tribus de Israel.

E a arvore grandiosa deu sombra a toda a Europa. Salomão, na Austria, foi o amigo de Metternich. Nathan, banqueiro de confiança do governo inglez, foi eleito deputado por duas vezes sem conseguir tomar assento na Camara, porque se recusava a prestar um juramento contrario á sua fé. Por fim foi a Inglaterra que cedeu e o dispensou de jurar. Anselmo manteve em todo o seu prestigio a succursal de Francfort. Carlos, na Italia, reconstituiu as finanças do Piemonte e da Toscana. E Jacob, em Paris, foi o grande homem de negocios de Luiz Philippe e do segundo Imperio, o *prêteur des rois*. Chamavam-lhe rei dos judeus e judeu dos reis. A elle se deve a iniciativa da construcção dos primeiros caminhos de ferro europeus. Dono de innumeros palacios e castellos em França e em muitas cidades da Europa, possuidor

das mais bellas collecções artisticas, soccorrendo com inexgotaveis subsidios os seus correligionarios pobres da Palestina, vivia elle proprio na mais estreita simplicidade, e até com requintes de avareza, e para tirar cinco centimos da sua bolsa, sempre pouco recheada, tinha de abril-a com uma chave de segredo que trazia enleada na cadeia do relogio.

Em 1815 o imperador da Austria inclinou diante dos cinco irmãos a sua realeza. Fel-os a todos barões e seus consules geraes no estrangeiro. Era a consagração official e excepcional da sua autoridade e do seu poderio.

Da segunda geração dos Rothschilds, quasi toda viva, é superfluo falar. O Barão Affonso, fallecido ha sete annos, foi um dos grandes poderes occultos da França contemporanea. É conhecida a sua attitude generosa e patriotica por occasião da guerra de 70. Ninguem ignora que elle era o maior philanthropo do seu paiz adoptivo. Seguindo a regra do sabio, possuia as riquezas sem que ellas o possuissem. Pouco antes de morrer, dera, com seus irmãos, 2.000 contos para a construcção de casas hygienicas para operarios. Impediu a emissão de um grande emprestimo russo para castigar o Tzar pelas violencias commettidas contra os judeus no seu Imperio. Outro Rothschild é *lord* de Inglaterra e foi amigo

intimo de Eduardo VII. A arvore ramificou-se em todas as direcções e trasborda de seiva. A dynastia, fundada pelo obscuro judeu de Francfort, continúa a reinar.

Se se considera bem este facto estranho de que uma só familia, de paes a filhos, tenha podido triumphar e fazer carreira, a um tempo, em tantas nações diversas, não é difficil concluir que só a uma familia de judeus era possivel realisar, com exito, tamanha empreza. Em miniatura, factos semelhantes se repetem diariamente sob os nossos olhos. Os judeus tiraram, do desterro perpetuo a que os condemnámos, uma invencivel superioridade sobre nós. Não teem patria, territorial ao menos, e a outra, ideal e mystica, longe de os isolar reune-os e solidarisa-os através das maiores distancias. Para elles o mundo é um só, e as diversas linguas, que nelle falam os seus correligionarios, são apenas meios multiplicados de expressão e desabafo de uma alma commum indestructivel. Por mais que se misturem ao nosso viver, não se fundem comnosco, nem vergam, como nós, ao pezo de um passado continuo, de um egoismo regional, de tradições imperiosas, de preconceitos nobres mas tyrannicos que sem remedio estreitam a nossa acção e affrouxam a nossa energia.

Os judeus não crearam raizes em parte alguma, mas por isso mesmo não se immobilisaram. Em toda a parte são estrangeiros, mas em nenhuma se sentem isolados ou estranhos. Sabem todas as linguas, estudam todos os povos, e sahem da escola promptos a trabalhar e a servir em qualquer ponto da terra. Adaptam a sua maneira de ser ao meio em que vivem e são eguaes a si mesmos em toda a parte. O seu campo de batalha é o mundo inteiro. Na lucta pela vida não podemos medir-nos com elles. E o seu triumpho obstinado, producto inevitavel de circumstancias de que nós e os nossos maiores somos responsaveis, apparece aos ignorantes e aos impulsivos como um abuso e uma usurpação e ateia ainda hoje as coleras selvagens do anti-semitismo.

Não fariamos melhor em aprender um pouco com elles?

XCVII

Os assumptos authenticamente bellos da historia ou da lenda, por mais que a arte os utilise, não envelhecem nem se gastam. A inspiração que delles brota para o artista é

inexgotavel. Veja-se a lenda de Tristão e Isolda que em nossos dias deu origem, pelo menos, a tres obras-primas, o poema e a opera de Wagner e o romance perfeito de Joseph Bédier. Os amores de Ignez de Castro são outro desses *motivos* eternos cuja luminosidade, lembrando a do radium, chegou intacta até nós, rompendo as camadas opacas do tempo e do espaço. Não ha litteratura que não tenha interpretado esses amores. E é curioso como Maurice Barrès, com faro subtil, presentiu tambem o seu encanto, promettendo visitar « os logares em que se encontram as raizes das grandes arvores de perfumes que, balançadas sobre o mundo, suscitaram a sua imaginação » e accrescentando que não morrerá « sem se ter sentado, peregrino encantado, em Coimbra, sob o cypreste da bella Ignez assassinada »...

O sr. Anthero de Figueiredo, um dos mais probos, pessoaes e progressivos escriptores portuguezes de hoje, vae em breve render culto á memoria de D. Ignez e D. Pedro, consagrando ao « grande desvayro » um volume que é ao mesmo tempo, e com egual talento, uma reconstituição e revisão historicas, um quadro dramatico e um ardente poema lyrico. O autor das *Recordações e viagens,* dos *Comicos* e da *Doida de amor* affir-

mou nesses e em anteriores volumes, que a critica e o publico portuguezes receberam com festiva sympathia, qualidades de escriptor que são das mais raras: o dom de uma prosa organicamente refractaria á banalidade, fina de vocabulario e nova de rythmo, uma sensibilidade quasi hysterica, vibrando evocadoramente ao contacto das almas e ao aspecto das coisas e diagnosticando com agudo relevo a curva febril do amor ou as repercussões moraes da paizagem, e emfim um cerebro arrumado e informado, uma consciencia artistica sempre escrupulosa e insatisfeita para quem a arte é, alem de um prazer, um labor rigoroso e difficil.

Anthero de Figueiredo preparou-se longamente para atacar com golpe certeiro o grande assumpto dos amores de Ignez. Devassou os segredos das chronicas e interpretou ou adivinhou as suas muitas omissões. Com benedictina paciencia e erudição impregnou-se da epoca, respirando a sua athmosphera moral, revivendo os seus costumes, aprendendo a sua indumentaria e a sua lingua. E assim emenda mais de uma vez a tradição historica, offerece interpretações novas e engenhosas e projecta luz sobre aspectos do drama até agora ignorados ou esquecidos. Mas o que principalmente levanta o seu livro é a onda de emoção

que o atravessa, a vehemencia amorosa ou tragica dos seus quadros. Depois das estrophes dos *Lusiadas,* da bella tragedia de Antonio Ferreira, e sem esquecer o poemeto delicioso de Eugenio de Castro, não conheço nada na igneziana nacional que tenha o valor artistico destas paginas. Retrato de Ignez, por exemplo, é o de Anthero de Figueiredo o primeiro que me apparece vivo e verosimil, de carne e osso, no seu hieratismo medieval e na sua graça mystica. A harmonia entre a paizagem coimbrã e os apaixonados amores que no caixilho della se desdobram, é estudada e sentida com enternecimento. O pranto de Ignez, a morte de Ignez, são evocações patheticas feitas *assim* pela primeira vez, definitivas, e com o logar marcado nas futuras anthologias. O mesmo direi do episodio da vingança de D. Pedro sobre os assassinos da sua amante, da descripção dos tumulos de Alcobaça, e emfim dos quadros da trasladação do cadaver de Ignez, maravilhosa romaria nocturna, de scenario shakspeareano, a que Anthero de Figueiredo poz o lindo nome de *Exequias de amor,* e que é talvez a pagina mais consideravel do seu livro e aquella em que o escriptor subiu mais alto.

Não deixo nestas linhas nem sequer um indice do trabalho tão notavel, e de tão

grande responsabilidade, que em breve será offerecido á apreciação, e sem duvida á admiração, do publico culto de Portugal e Brazil.

XCVIII

Uma boa parte dos professores primarios francezes entretem-se agora, ao que parece, a fornecer a sua contribuição de petroleo para a labareda, já visivel, que o anti-patriotismo e o anti-militarismo atearam naquelle paiz. Pois vale a pena tocar a rebate antes que o incendio alastre de vez . Como se sabe o mestre-escola em França occupa hoje o logar e exerce a influencia que outrora pertenceu ao padre. Foi em nome do Progresso e da Liberdade que se operou essa substituição. O clero era accusado de ter os olhos postos mais em Roma que na França. Mas que especie de França se propõem defender agora os pedagogos, cujo programma é o desarmamento do seu paiz e a suppressão das suas fronteiras?

Triste é dizer que estas doutrinas se defendem em nome da logica cega e surda que já

deu origem aos peores dias da Revolução. O patriotismo é um preconceito; a defeza nacional é outro. Os homens nasceram irmãos e devem voltar a sel-o, reunindo-se todos numa patria commum. A guerra é o mal supremo contra o qual todas as defezas são legitimas. Estas razões simplistas, corrosivas como vitriolo, ameaçam hoje destruir nos povos latinos as suas mais essenciaes fontes de vida.

Foi Roosevelt que disse, numa das formulas contundentes que lhe são familiares, que o homem que ama os outros paizes tanto como o seu proprio é um tão nocivo membro da communidade como o que ama as outras mulheres tanto como a sua. Mas não é o patriotismo um egoismo? E que é o amor da familia, que é o amor *tout court,* e que é a vida, senão egoismo? O egoismo só deixa de ser virtude quando deixa de ser fecundo. Ora familia e patriotismo são as unicas bases solidas de qualquer sociedade. Ao patriotismo chamou-se a saude dos povos como ao amor se pode chamar a saude do Lar. Quando estes sentimentos affrouxam, logo a sociedade e a nação degeneram e morrem. Da mesma forma a paz só é bemfazeja emquanto é justa e viril. A paz cobarde é paz podre e tudo apodrece em volta della.

A casuistica dos jesuitas, nos seus raciocinios delirantes, chegou aos mais criminosos absurdos. A logica dos intellectuaes modernos vae pelo mesmo caminho. Mil verdades, que pareciam já banalidades, estão sendo assaltadas como Bastilhas. Os sentimentos mais nobres do homem tomam o aspecto de aberrações reaccionarias. E eis-nos obrigados a recordar, senão o padre-nosso ao vigario, o *abc* da moral civica ao mestre-escola, que assim nos está ameaçando de ensinar a tresler, e não a ler, aos nossos filhos!

XCIX

A visita do Imperador da Allemanha á Confederação Suissa mais parece uma ecloga do que um acontecimento diplomatico. Guilherme II viveu agora uma das horas mais poeticas e espirituaes da sua sobrecarregada existencia. O seu encontro com a patriarcal Republica helvetica parece o encontro (e o idyllio) de um formoso cavalleiro da Edade-Media com alguma pastora de olhos candidos e virtude austera. A virtude da donzella

ficou intacta; mas o seu olhar não deixou de molhar-se de commovida ternura perante a graça e a seducção do brilhante cavalleiro...

Por outros aspectos ainda esta visita imperial terá registro na Historia. É a primeira vez que um soberano da moderna Germania acceita a hospedagem de uma Republica. Verdade seja que a Suissa é uma democracia com pergaminhos. A sua certidão de edade traz a data de 1291, que até para uma dynastia reinante é boa e veneravel antiguidade. Assim a pastora dos Alpes é tambem fidalga a seu modo, secularmente affeita a lidar com reis na paz ou na guerra, mais orgulhosa do que embaraçada do contraste das suas tradições e principios com os das grandes nações suas visinhas. Guilherme II soube e teve em conta tudo isto ao visitar a terra lendaria de Guilherme Tell. Porisso se despojou de condecorações e soube engenhosamente escolher no seu rico guarda-roupa militar um uniforme que lhe dava a apparencia democratica de um coronel suisso. Porisso deu ferias ao protocolo rigido da sua côrte e arvorou a simplicidade em etiqueta, adaptando-se sem esforço e com prazer e interesse visiveis ao meio novo em que se encontrava.

A Suissa, que não tolera os aggravos, tambem não esquece nem desdenha as attenções

com que a distinguem. Em parte alguma talvez teve ainda o Imperador quem com mais intelligencia e maior boa-fé o comprehendesse e o apreciasse. Os jornaes suissos, sem descerem de cortezes e cortezãos, consagram ao imperial hospede notaveis artigos em que a justiça e a sympathia se completam mutuamente. O povo suisso sentiu naquelle soberano um homem, em toda a extensão e intenção da palavra; alguem para quem a vida é synonymo de patriotismo, energia e fé. E estas virtudes são especificamente suissas e povo algum lhes sabe melhor prestar homenagem. Atrevo-me a dizer que os cidadãos da livre Helvecia teriam de bom grado sobreposto á corôa imperial de Guilherme II a corôa de loiros com que se premeiam os vencedores nos seus patrioticos torneios nacionaes.

C

Os unicos Mathusalens, de que poderá authenticamente gabar-se a historia humana, serão decerto os jornaes modernos. Veja-se

o *Times,* que acaba de festejar o seu 127.º anniversario e de publicar o seu 40000.º numero. Mas é um ancião que respira mocidade; e a sua biographia é até a de um pygmeu que com o andar dos annos se transformou em gigante e para quem edade não quer dizer velhice, mas solidez e força. O *Times* recemnascido cabia á vontade numa só das cento e tantas columnas do *Times* de hoje. Cada um dos seus numeros actuaes contém em media, segundo elle proprio nos informa, a materia de dois romances normaes, ou, se se excluem os annuncios, a de um romance e meio. A leitura do immenso jornal inglez exigiria assim o dispendio de sete a oito horas diarias, que nem mesmo os ociosos teem disponiveis. Porisso o *Times* não é um jornal que se lê, mas antes um grande armazem de ideias e factos, abundantemente provido de tudo, e onde cada qual vae buscar, rapidamente e sem quasi tomar o folego, a informação ou a opinião de que precisa. Saber circular atravez das ruas innumeraveis de aquella cidade impressa, sem se perder nem perder tempo, ir direito á raiz de cada noticia e ao miolo de cada artigo, é quasi tão difficil como viver, e é sem duvida uma das difficuldades mais asperas da vida contemporanea.

Os dias com effeito não cessaram de ter só vinte e quatro horas, e no entanto o dôbro não seria demais para as occupações quotidianas do homem civilisado. Qual de nós não sente a cada instante verdadeiras suffocações, não por falta de ar, mas por falta de tempo? Qual de nós, principalmente se habita um grande centro, escapa á angustiosa vertigem, não das alturas, mas das distancias? Metade da nossa vida gastamol-a a deslocar-nos, esteril mas forçadamente, de um sitio para outro. Ninguem pode dizer com verdade que mora em Paris porque todo o habitante de Paris viaja dia e noite para ir... a Paris. Os automoveis trouxeram algum conforto a este soffrimento; e hoje, que lhes tomamos o gosto, melhor podemos apreciar a exactidão da phrase de Jayme de Séguier, que se sentia *envelhecer* quando andava de fiacre, de tal modo lhe parecia inverosimil que elle chegasse alguma vez ao seu remoto destino.

O unico remedio para taes males é a especialisação em todos os sentidos. Não temos remedio senão resignar-nos cada vez mais a ser simples compartimentos, gavetas, *fichas* quando muito rodas da machina. A vida é de tal maneira curta para tudo o que é preciso ver e saber que um espirito synthetico terá de rodear-se de dezenas de auxiliares,

disciplinados como regimentos, que vejam e aprendam por conta delle. E assim a deliciosa e voluptuosa synthese, que já não estava ao alcance de todas as intelligencias, passará a não estar sequer ao alcance de todas as bolsas. Ser philosopho constituirá, no seculo XXII, um luxo caro.

Leitor amigo, não te assustes com os meus vaticinios até ao ponto de deixares de ler, assidua mas especialisadamente, este incommensuravel *Jornal do Commercio,* que é o *Times* brazileiro, e que ás vezes até me parece maior, e mais luxuriante, e mais opulento, do que o proprio Brazil que lhe foi berço e que o creou á sua imagem e semelhança. Lê o teu jornal com methodo e tento e navega por elle, açodado e feliz, como pelas vastas aguas do Amazonas. A imprensa faz hoje parte da nossa athmosphera: não sabemos respirar sem ella. O desenvolvimento da curiosidade humana é apenas uma das causas do pullulamento dos jornaes. A verdade é que os nossos olhos, cegos que julgam ver, só veem o que lhes mostram. Antes da imprensa a humanidade não se dava conta do que se passava ao seu redor e no seu seio. A vida já tinha actores mas não tinha espectadores. O homem passava pela realidade sem dar por ella. A unica historia era a historia antiga. Surgiram porém os jor-

naes e com elles a saborosa e pittoresca historia instantanea que cada manhã completa o nosso primeiro almoço. A bem dizer a imprensa exerce hoje as funcções de consciencia do homem. Graves responsabilidades lhe cabem, porisso, quando a surprehendemos em flagrante delicto de ser para elle uma má consciencia.

CI

Ser *conservador* ou ser *radical* não corresponde, quanto a mim, a ter ideias ou doutrinas differentes, mas apenas a ter sensibilidades differentes. Ha pessoas cujo estado normal de alma é o respeito e a saudade do passado; outras vivem no tedio do presente e na ancia impaciente do futuro. Umas nunca estão bem onde se encontram e toda a mudança lhes sabe bem; outras só apreciam o que bem conhecem e de cada habito fazem um affecto. Ha olhos cujas pupillas se dilatam na descoberta dos horisontes longinquos e olhos que só distinguem com nitidez as realidades proximas. Ser conservador ou ser radical é como ser presbyto ou ser myope. Uns são forças centrifugas, outros forças centripetas. Uns sabem utilisar a historia, outros apenas sabem

fazel-a. A estes compete abrir caminhos, áquelles dar-lhes, uma vez abertos, a direcção conveniente.

As pessoas exactamente equilibradas seriam aquellas que da tradição soubessem extrahir regras para a acção, e nem um instante se esquecessem de que o futuro nasce tão naturalmente do passado como a creança do ventre materno. Mas essas pessoas são raras. Na maior parte dos homens a razão emprega-se quasi exclusivamente em desarrazoar. Para se obter maior segurança na vida dos Estados seria porisso, talvez, systema pratico, confiar aos conservadores a applicação das doutrinas radicaes e vice-versa, pelo mesmo motivo porque se soltam as redeas aos cavallos nas ladeiras ingremes e se faz uso do travão nas descidas vertiginosas. A Suissa, que é um paiz conservador e tradicionalista de temperamento, como poucos na Europa, não é apesar disso excedida por nenhum na felicidade com que semeia e faz fructificar as ideias de governo tidas por mais avançadas e até por mais precursoras. A nação cresce ali e progride á maneira de uma robusta arvore cujas raizes se multiplicam e penetram no solo com o mesmo vigor com que os seus ramos se cobrem de folhas e elevam ambiciosamente as suas hastes para o ceu.

E que melhor regra de bem viver do que a que nos offerece uma bella arvore! Raizes e ramos, desenvolvendo-se em sentidos oppostos, umas procurando a treva subterranea e outros levantando os braços para o sol, dir-se-iam forças inimigas e no entanto são inseparaveis collaboradoras. Mas raros homens escapam á illusão de optica que consiste em suppor, quando os seus olhos se encontram com uma arvore, que a veem toda, quando metade della, e não a menos preciosa, se esconde perpetuamente ás suas vistas.

CII

Ha annos, ao tomar o comboio na antiga Basileia — a que a nossa mesquinha giria moderna chama Bâle — vi dentro de um compartimento de primeira classe, içando para a rêde as suas miudas bagagens, um homem de bigode e pera em quem instantaneamente reconheci Anatole France, apesar de só pelas estampas dos jornaes ter travado conhecimento com a sua figura, demais a mais pouco caracteristica.

Precipitei-me sem hesitar para a mesma carruagem e tive a fortuna de encontrar um logar devoluto exactamente em frente do grande escriptor meu favorito. Assestei sobre elle os meus olhos e apurei quanto pude o meu unico ouvido valido. Anatole sentiu-se immediatamente reconhecido, espiado e escutado, e poz-se em guarda com a mais serena naturalidade. O seu olhar, ajudado pelos vidros de uns oculos, pouco se desviava do jornal de Paris que estava lendo. Dos seus labios cahiam seccos e enfastiados monosyllabos.

No entanto ao seu lado sentava-se uma pessoa, a que chamarei do sexo feminino, visto não haver mais nenhum em que a filie, que abusava dos seus privilegios de sua conhecida ou amiga, para o moer com perguntas. Era um ser sem sexo, como disse, e sem edade, vestido e pintado como as peores bonecas de Paris, garrulo e inquieto alem de todos os limites, e visivelmente possuido do desejo, não só de mostrar aos seus companheiros de viagem *quem ali ia,* mas de demonstrar não menos ao pobre Anatole, menos virgem que martyr, que as bellezas da paizagem que percorriamos não tinham para ella segredos, nem a arte de as exprimir difficuldades. E incessantemente lhe ouviamos: « N'est-ce

pas, cher Maître, que cette prairie est idéale? », e « n'est-ce pas que le ciel est d'un rose si nuancé, si fin? » ou ainda outras phrases feitas, de chilra e melada litteratura, a que o pobre grande homem retrucava com gestos de indifferente approvação, ou balbuciando palavras indistinctas, que mais de uma vez me fizeram pensar a mim, e quem sabe se tambem a elle, no tedio paciente e resignado de M. Bergeret deante da estupidez inconsciente da sua infiel cara-metade...

Era minha intenção aproveitar aquella curta hora de jornada em commum para vir á fala com Anatole France e lhe revelar o culto de que a sua obra admiravel é objecto nos paizes de lingua portugueza. Mas logo vi que a palradora dama sua acolyta, que já por duas ou mais vezes se mettera commigo para me convidar a fechar a janella ou a passar-lhe um volume da sua bagagem, não me deixaria trocar duas palavras seguidas com o seu adorado Mestre e tomaria logo conta da conversa, encantada de ter em mim mais um interlocutor. Resolvi pois ouvir e admirar em silencio e consagrei-me especialmente a procurar a harmonia entre a arte requintada, lapidar, de consummada elegancia, do auctor do *Lys rouge,* e a sua figura humana, ali presente em carne e osso.

Essa harmonia, com decepção o confesso, não a encontrei. Anatole France mais parece o mestre de uma banda de musica provinciana, ou um militar reformado de baixa patente, do que o cinzelador e o ourives da mais fina, pura e fidalga prosa dos nossos dias. O seu rosto é feio e inexpressivo; a sua voz aspera e emittida sem relevo; as suas maneiras vulgares; o seu vestuario sem gosto e sem esmero, parecendo adquirido ao acaso na *Belle Jardinière*. Tenho ainda presentes certas meias cor de tijolo e certas botas de elastico de que prefiro attribuir a apparição a um delirio dos meus olhos de então ou da minha memoria de hoje...

Do que muito bem me lembro é de que o parallelo se impoz logo ao meu espirito entre esta figura rudimentar e grosseira, onde a arte se não deteve, e a pessoa impregnada de graça e distincção que foi em vida o Anatole France portuguez, ou seja Eça de Queiroz. Nunca me foi dado encontrar nem homem mais intelligente, nem homem mais fino, atando as suas gravatas com tão seguro gosto como as suas phrases, tendo a conversar o mesmo encanto que tinha a escrever, exhalando de todo o seu corpo, das suas maneiras, das suas mãos, do córte dos seus fatos, da madeixa do seu cabello, do cristal

do seu monoculo, até da sua espontanea e perfeita letra, a mesma definitiva e rythmica elegancia que enchia o seu espirito. Quando Eça de Queiroz contava uma anecdota numa sala, até as creanças, como muitas vezes pude testemunhar, o ouviam em extase. Ouvil-o era tão bom, era melhor ainda do que lel-o!

Quanto darias tu, Deus me perdoe, ó desageitado Anatole France, para ter a figura do nosso querido e mais que nunca saudoso Eça de Queiroz! E que retrato esplendido fariam vocês um do outro, um cheio de admiração e outro cheio de ironia, se se tivessem encontrado frente a frente, como me coube em sorte, naquelle comboio de Basileia!

CIII

A Allemanha perde no barão Marschall o seu mais eminente diplomata e, na opinião de alguns, o seu unico grande homem de Estado dos ultimos annos. Diante do seu cadaver muitos allemães se estão perguntando a estas horas se o Imperador, que no começo do seu reinado se desembaraçou de um Bismarck, cuja tarefa lhe pareceu cumprida, não

terá na pessoa de Marschall deixado passar ao seu lado, sem dar por elle completamente, outro Bismarck! Marschall foi ministro de Estado e foi embaixador; mas os seus meritos eram para mais. A sua craveira excedia a de um ministro mesmo notavel e a de um embaixador mesmo excepcional como elle foi. A propria impressão que produz a sua morte, dentro e fóra da Allemanha, indica bem que acaba de desapparecer uma das grandes forças da politica universal, força que em grande parte não foi aproveitada mas cuja rara qualidade nem porisso passou despercebida ao mundo. Marchall governou quinze annos a Turquia por conta e em beneficio da sua patria. Mas que mal empregado foi esse aliás proveitoso exilio quando se pensa que o logar de Marschall era talvez em Berlim, ao leme do Imperio, que lhe cabia talvez a herança de Bismarck, que a sua missão tinha porventura de ser a de um chanceller, não já de ferro para resistir ao fogo inimigo, mas de outra materia mais elastica e malleavel que lhe permittisse fundir-se com uma Allemanha emfim nada e creada, mas ainda heterogenea, e por sua vez modelal-a a ella, dando-lhe unidade moral e equilibrio social.

Marschall revelava todos os symptomas do genio politico. Até a sua figura herculea

(o fallecido jornalista inglez Stead com razão lhe chamava *o Elephante germanico*) e o seu olhar impregnado de sarcasmo encarnavam e annunciavam um chefe. Espirito realista como o de Bismarck, dotado de aquelle cynismo transcendental que parece inherente aos grandes pastores de povos, toda a sua attitude na politica interna deixa suppor que elle comprehendera a necessidade de adaptar o organismo politico da nação ás suas funcções modernas de grande centro industrial e economico, dando aos homens que de facto engrandecem e enriquecem a Allemanha a parte de poder que legitimamente lhes compete no Estado. Os chefes conservadores intransigentes presentiam em Marschall um inimigo a quem não saberiam vencer, e porisso talvez o exilaram. Pelo contrario os partidos liberaes adivinhavam nelle o grande chanceller que lhes traria mais depressa a victoria. O morto de hontem, que se conhecia bem a si proprio e ao seu meio, mais de uma vez se terá dito, com melancolia ironica, que nasceu cedo demais numa Allemanha nova tambem demais para elle. De aqui a 20 annos o seu triumpho teria sido certo e completo. Então as suas estatuas viriam talvez a multiplicar-se atravez do Imperio, como succede agora ás do seu mais feliz *predecessor*...

CIV

Ainda o barão Marschall.

Conheci-o e aprendi a admiral-o na conferencia da Haya. Era um homem que impunha desde logo pela sua estatura de estatua, maior que o tamanho natural, occupando muito espaço e dominando sempre, do alto da sua cabeça e de dentro dos seus olhos sarcasticos, os seus intimidados interlocutores. Nunca se sabia ao certo se gracejava ou falava serio. Parecia não ouvir pessoa alguma. Os seus discursos, proferidos em elegante francez, eram perfeitos de nitidez, de dialectica juridica e de estrategia diplomatica. Mas nada mais perigoso e vão do que tirar da materia desses discursos conclusões sobre a verdadeira attitude e a convicção intima do seu machiavelico auctor.

O barão Marschall, que todos sabiam, por si como pelo seu governo, adversario da arbitragem obrigatoria, pareceu convertido, no seu primeiro discurso, a essa doutrina. Os pacifistas exultavam. Os scepticos sorriam. Quando algum collega mais impaciente o sondava, procurando arrancar-lhe o seu

segredo, elle queixava-se, por exemplo, de que o seu governo tivesse escolhido para uma conferencia da Paz delegados de nomes tão bellicosos, começando pelo delle, Marschall, (em portuguez: marechal), que parecia o de um chefe de exercito, e acabando nos dos seus patricios, o Dr. Kriege, como quem diz « as guerras » e o Professor Zorn, que quer dizer « a colera ». E com estes gracejos faceis despedia o curioso.

Abertos os debates viu-se então que o plano de Marschall consistia em exaltar a Arbitragem em these, demolindo em seguida sob o pezo dos seus defeitos todas as hypotheses que lhe propunham. Na conferencia havia jurisconsultos eminentes. Marschall cruzava o seu ferro com todos, num bom humor de pessoa grande que se entretem jogando com meninos. O que elle lhes pedia, o que estava prompto a acceitar com enthusiasmo e ardor, era uma arbitragem pratica, applicavel, bem estudada nas suas regras e protegida contra todos os riscos. Mas as propostas que o rodeavam não tinham nascido viaveis. Esta ia de encontro ás difficuldades mais insoluveis — e enumerava-as, e desafiava os seus collegas a que as resolvessem —; aquella, em vez da justiça e da paz, traria a confusão e a desintelligencia entre os

Estados... O seu amor pela *sua dama* Arbitragem revelava-se, a seu dizer, no zelo com que a queria ver pura de toda a macula.

O certo é que, sob uma apparencia desnorteadora de ironia, as suas objecções eram solidas e até novas, dando a volta ao melindroso assumpto, illuminando-o nos seus mil aspectos, com uma destreza e mestria que deslumbrava os mais versados doutores de aquelle conclave. Nunca foi possivel accusar os seus argumentos senão de que provavam demais. Um dia, por exemplo, punha Marschall de sobreaviso os seus impetuosos collegas contra o inconveniente de se elaborar, sob pretexto de arbitragem, uma lei aleijada, o que em direito romano se chamava *lex imperfecta*. No preciso instante em que o egregio diplomata pronunciava estas palavras latinas, tinha quem isto conta diante dos seus olhos, por singular coincidencia, um texto de Bluntschli, o celebre jurisconsulto germanico, expondo que todo o direito internacional, desprovido de sancção, não tendo outra garantia alem da vontade das nações contractantes, é um direito imperfeito, *jus imperfectum*. A objecção do barão Marschall ia assim alem do objecto, e demonstrava, não apenas a fragilidade da arbitragem, mas a de toda a obra da Conferencia, a das conferencias presentes,

passadas e futuras, a das mais singelas convenções e tratados entre as nações...

Não resisti a aproveitar o auxilio que o acaso me proporcionava; e numa breve interrupção, que acertou como uma bala certeira, oppuz a sentença do grande Bluntschli, luminar da sciencia germanica, ao discurso do grande Marschall, que eu aliás tanto admirava. E fiquei todo a tremer da minha irreverencia. No fim da reunião nem me atrevia a approximar-me do nosso leonino adversario. Mas foi elle que veiu para mim com um sorriso paternal e affavel, satisfeito e não melindrado da minha juvenil audacia. Aqui lhe deixo, nestas palavras de despedida, mais uma homenagem de gratidão, pela benevolencia com que elle soube tão promptamente collocar um balsamo de felicidade quasi desvanecida na ferida em que já estavam sangrando o meu remorso e o meu arrependimento.

CV

No discurso, pronunciado por occasião do banquete official de Berne, o Imperador da Allemanha proclamou que a infanteria suissa

tinha sido no seculo XV a mestra da primeira infanteria allemã, constituida pelos corpos de *lansquenets*. Guilherme II viu nas solidas milicias helveticas de hoje as depositarias legitimas de tão gloriosas tradições; e talvez até se tenha nesse momento perguntado, sem se atrever a dizel-o alto, se a organisação militar tão viril e sã da Confederação não virá de novo algum dia a ser lição fecunda para o exercito germanico.

O sr. Jaurés, que leu estas palavras, e que está cada vez mais convencido de que a historia universal começou na Revolução franceza, não se conteve que não desse um quinau ao Imperador, demonstrando-lhe que as actuaes milicias suissas devem as suas virtudes, não á inspiração das antigas oligarchias e das suas tropas mercenarias, mas á lição immortal da Revolução, mãe de todas as democracias sem excluir a helvetica.

A reprimenda, graças ao seu alto destino, parecia dever passar sem treplica. Mas o eminente sophista que é o sr. Jaurés não contava com a Suissa, que tem naturalmente voto na materia. E a Suissa sente-se velha demais para afilhada do sr. Jaurés ou para filha da grande Revolução. A Liberdade de que aquelle povo se orgulha, e a democracia que tão exemplarmente pratica, são obra propria

e original, elaborada durante seculos, e que é grande offensa considerar traduzidas do francez. Mais exacto é dizer que a França, tendo-as tido tanto tempo na sua visinhança, nunca reparou nellas.

A imprensa suissa não hesitou pois em dar razão a Guilherme II contra o pontifice do socialismo francez. E num notavel artigo que acabo de ler demonstra-se, não com sophismas, mas com factos, que o systema das milicias da Suissa é tão antigo como ella; que sempre naquelle paiz existiu a obrigação universal do serviço militar e a noção de que exercito e povo são synonymos. Um regulamento helvetico do principio do seculo passado exprime-se com esta eloquente simplicidade: *Ainsi que cela a toujours existé, chaque Suisse capable de porter les armes est soldat.* E esta veneravel tradição só foi um instante interrompida, justamente emquanto se fizeram sentir nos montes helveticos os estragos da rajada napoleonica consecutiva ao terremoto da Revolução.

Mas o artigo vae mais longe e explica que não só a infanteria allemã, mas egualmente a franceza, foram creadas e instruidas segundo os moldes e os exemplos suissos. A Suissa ensinou a Europa feudal, que só sabia fazer a guerra a cavallo, a fazel-a democraticamente a pé. Todo um exercito de cavalleiros aus-

triacos, immobilisados nas suas armaduras, foi derrotado na batalha de Sempach, no seculo XIV, pelos bravos pastores suissos, a cavallo unicamente nas suas montanhas e rochedos. A guerra da Edade-Media, profissão de luxo e de nobreza, exigindo brazão e escudo, corcel e arnez, foi posta pela Suissa ha seis seculos ao alcance do povo livre e soberano. Dessa revolução em que, na phrase lapidar do jornal suisso, o gentilhomem foi desmontado pelo villão, dessa revolução é que data o exercito suisso moderno, e não da outra de 1789, de que datam aliás outros beneficios, entre os quaes é difficil contar o socialismo tão dogmatico como sophistico do sr. Jaurés.

CVI

Se as pessoas adultas confiassem ás creanças a conquista do mundo, creio que a victoria dos povos latinos sobre os germanicos seria uma questão de poucos dias. Não se imagina como a vivacidade e a imaginação das creanças meridionaes assombram e subjugam a pequenada do Norte. Bem se vê que uns nasceram ao sol e outros ao frio. A creança

latina é precoce, original, inventiva, de uma alegria fresca e contagiosa. A creança septentrional é timida, triste, obrigada a reflectir para comprehender e perdendo nesse esforço uma boa parte da sua espontaneidade.

O ensino nas escolas resente-se da mesma differença. No sul aprende-se tudo a correr e esquece-se tudo pelo mesmo processo. A instrucção germanica, pelo contrario, é lenta e tenaz. Cada assumpto se desdobra e se explica nos seus mais miudos pormenores. Cada explicação se repete e se renova até que os cerebros dos que a ouviram a tenham por completo assimilado. A primeira impressão de um estudante francez que frequenta uma escola allemã é de que se avança pouquissimo. Elle aprende e comprehende promptamente, advinhando o que não sabe, impaciente de saber mais. O estudante allemão *ignora conscienciosamente,* se assim posso dizer. Aprender é para elle uma operação grave e importante que se não pode realisar sem tempo e sem uma concentração absoluta de espirito. A rapidez no ensino, que encantaria a um, desnortearia por completo ao outro. Mas a desforra chega para este quando mais tarde mostra recordar, melhor que nunca e para sempre, o que aquelle já se cansou de saber e passou a ignorar pela segunda vez.

O que se dá na maneira de aprender dá-se na de conversar, na de brincar, na de viver, mas ahi com evidente superioridade de encanto e de brilho para o rapaz latino. Mais de uma vez me foram pedidos os meus filhos para *dar ideias* a outras creanças que não sabiam divertir-se juntas. E lembro-me tambem de quanto elles proprios se divertiram, tendo sete ou oito annos de edade, a perguntar a uma escola inteira quem era o pae dos filhos de Zebedeu e de que cor era o cavallo branco de Napoleão. Os outros pequenos ouviam as perguntas com os olhos mais arregalados que tinham e empenhavam no seu exame toda a sua pequenina consciencia. Mas raros foram os que deram immediatamente pela malicia.

Muitas vezes comparo os cerebros germanicos aos longos periodos da sua linguagem. A comprehensão nuns, como noutros o verbo, vem sempre no fim.

CVII

O seculo XX é o mais excitante dos seculos. A historia está-se fazendo vertiginosamente, para maior gozo das nossas sensibilidades

insaciaveis. Ainda bem não se liquidou a reconquista da Lybia pela Italia e eis que os Estados dos Balkans, dando-se as mãos, resolveram ácabar de varrer para fora da Europa a Turquia secularmente intrusa e incuravelmente barbara. A guerra veio-se approximando lentamente sem ninguem dar por ella. A Europa politica mais uma vez demonstrou que está caduca e que não vê nem um curto palmo adiante do seu velho nariz já tambem sem faro. E assim, só despertada violentamente pelos factos, lhe foi dado comprehender que esta guerra é a primeira empreza de grande politica que desde Bismarck se tenta na Europa. Só em face das fulminantes victorias bulgaras teve a noção de que a peninsula dos Balkans, seguindo (como notou alguem) o antigo exemplo das outras duas illustres peninsulas europeias, a Iberia e a Italia, vae emfim definitivamente emancipar-se. Já Oliveira Martins comparava com razão a situação dos Balkans perante o Sultão ottomano á situação da Iberia perante o dominio arabe. O Montenegro era para o seu olhar estranhamente prophetico como as Asturias balkanicas de onde surgiria outro Pelayo. Elle ahi está talvez combatendo a estas horas... E não ha agora merito algum em prophetisar que

em poucos annos veremos as ultimas tropas do Islam atravessar para sempre o Bosphoro, e o feio Mahomet V despedindo-se da sua bella Constantinopla com um suspiro imitado do de Boabdil ao abandonar, depois da derrota, o seu formoso reino de Granada.

A guerra annuncia-se, talvez com mais habilidade que sinceridade, como um novo duello entre a Cruz e o Crescente. É a nona cruzada. O rei da Grecia, de olhos fitos no sagrado symbolo, faz sua a velha divisa do imperador Constantino: *In hoc signo vinces.* O tzar dos Bulgaros proclama audaciosamente a guerra santa. Para todos o Turco é o inimigo hereditario, aquelle que ha quasi cinco seculos occupou Byzancio e cujo longo dominio se caracterisa sobretudo pela mais incuravel esterilidade de que ha exemplo na Historia. E se nos curvarmos sobre o mappa dos Balkans logo veremos que essa estrada de Andrinopla, onde as tropas christãs avançam agora contra as infieis, é a mesma, palmo a palmo, que trilharam os cruzados de Pedro o Ermita e de Godofredo de Bouillon, a caminho da Terra Santa.

E do solo esquecido e desdenhado dos Balkans surgem agora não só os grandes generaes como os grandes politicos. Não se pode deixar

de contrapor á evidente mediocridade das grandes chancellarias a bella figura de estadista do primeiro ministro grego, o já aqui celebrado sr. Venizelos, a quem uma recente declaração do governo bulgaro attribue formalmente a iniciativa da alliança e da guerra balkanica. O sr. Venizelos era ha dois annos apenas conhecido pela sua acção revolucionaria na ilha de Creta, de onde é natural. Desde então já achou tempo, não só para repor nos eixos a Grecia, que lhe confiaram em estado quasi desesperado, mas até para inspirar e dirigir este primeiro e decidido passo para o restabelecimento do que se chamou outrora, e talvez algum dia volte a chamar-se, o Imperio do Oriente.

Pois pode o illustre ministro grego viver tranquillo. A Historia não lhe esquece o nome. Quando já ninguem enxergar, nem pelo microscopio, muitos dos estadistas hoje reinantes nas exhaustas Grandes Potencias, cada qual se lembrará com admiração de aquelle a quem já agora cabe bem o nome de Cavour hellenico e cuja acção, tão bem comprehendida e secundada, substitue para sempre, no firmamento europeu, o antigo e fulgurante Crescente ottomano, por um mortiço e pallido Minguante, prestes a extinguir-se...

CVIII

Acabo de percorrer a America do Sul, em poucas e inolvidaveis horas de viagem, sem mais esforço que o de ler as quasi 500 paginas do esplendido livro *Sous la Croix du Sud*. O principe brazileiro D. Luiz de Orléans Bragança, autor desse livro, não é menos escriptor de raça que principe de sangue. Em geral a litteratura occupa-se muito mais dos principes do que os principes da litteratura. Razão de sobra para rendermos o devido preito a este excepcional escriptor que, com a sua penna, accrescentou sem duvida ao seu velho e illustre brazão um novo quartel de nobreza.

Raros trechos do planeta teem escapado quasi tão completamente á publicidade como os cumes dos Andes e os sertões do Amazonas. Os alpinistas dessas paragens longinquas foram evidentemente até agora mais destros de pernas que de lingua. O Principe D. Luiz teve assim o duplo gozo de traçar á sua viagem um itinerario quasi inedito e de revelar á Europa, culta mas sedentaria, toda

uma serie de aspectos novos do Novo Mundo. Todos vamos sonhar com as maravilhas da Cordilheira Real e das florestas dos *Yungas*, depois de as termos visto evocadas com tanta emoção e relevo neste volume. E o firmamento americano fica para sempre enriquecido na nossa memoria pelo esplendor dos olhos das mulheres chilenas, tão fulgurante como o do proprio Cruzeiro! Caminhos de ferro, cidades e lagos em altitudes inverosimeis de tres e quatro mil metros, paizes de que só conheciamos as revoluções quotidianas e que nos apparecem agora em toda a majestade augusta da sua natureza, notas sagazes e finas sobre a vida social e politica, a mentalidade e o futuro desses paizes, trechos magistraes de historia como o que descreve a guerra do Paraguay: mal posso exprimir quanto a minha ignorancia lucrou em viajar com este viajante intrepido e moço que se esquece de todas as difficuldades desde que as vence, que das marchas penosas, dos riscos atravessados, das horas de desconforto e de fadiga, logo se julga quite com Deus e com os homens, quando o sol poente desenha mais uma estranha aguarella sobre os penhascos andinos, ou se as aves, sem conta e sem nome, do sertão o despertam da noite mal dormida.

Alma sã, em corpo são, é a que se exhala destas paginas em que a alegria de viver, tão contagiosa, se casa a um perfeito equilibrio do sentimento e do pensamento. O escriptor não adoece do scepticismo profissional, nem a sua arte tem artificio. Ao parar algumas horas na bahia do Guanabara e ao descrever-nos com penetrante saudade o « cheiro » do Brazil natal, reconhecido instantaneamente ao fim de longos annos de ausencia, a sua prosa tem estremecimentos que nos recordam a de Loti. Mas logo se faz calma, objectiva e quasi didactica para nos expor a situação economica da Argentina e do Chile. Mais adiante perde a sua sisudez e conta-nos, com bom-humor mas sem mordacidade, as aventuras prodigiosas do presidente Melgarejo, da Bolivia. Ha tanta ponderação e bom-senso, tanto tacto e indulgencia, nos seus commentarios politicos e eruditos sobre os paizes que visitou, como nas suas observações picantes sobre o passado « todo novo » dos museus de Buenos-Ayres ou sobre o encantador *pololeo* da mocidade de Santiago.

O principe D. Luiz parece ter herdado do seu imperial avô uma alma limpa de preconceitos. Os seus olhos, que tinham o direito de ser tradicionalistas, não observaram, no entanto, as republicas americanas com o des-

dem faccioso commum a tantos europeus. Elle procura comprehender antes do que julgar, e ainda quando discorda e critica, fal-o com uma discrição e num tom persuasivo e tolerante que são do melhor gosto e da melhor cultura. Podemos dizer que muitas das suas explicações não só defendem, mas até rehabilitam, alguns paizes americanos menos poupados pela superficial ironia europeia. O autor de *Sous la Croix du Sud* não é evidentemente, nem mesmo em defeza propria, um doutrinario. O seu espirito é essencialmente lucido, pratico, nutrido de factos, tendo provavelmente adquirido, no seu estudo profundo e amoroso da Natureza, o sentimento das realidades, que tão solidamente o protege contra as vãs abstracções, como contra os sophismas e os paradoxos, dos modernos theoristas politicos.

Uma falta me será permittido notar a este livro, depois de lhe ter louvado tantas qualidades: quereria vel-o escripto em lingua portugueza pela mesma penna espontanea e feliz que redigiu o texto francez. O Brazil polyglotta é quasi todo o Brazil culto, não o ignoro; mas assim mesmo convem que o livro do Principe se encorpore na bibliographia nacional e fique testemunhado, ao lado dos sonetos antherianos do Imperador, que se a terra

brasileira é a unica de toda a America que foi berço de principes, até nessa producção ella se revelou, como em todas as outras, terra exhuberante e de eleição.

CIX

Anatole France parecia envelhecer nos seus ultimos livros, e sentia-se, em algumas das suas paginas, um como chumaço erudito dissimulando habilmente a fadiga e a seccura da inspiração. Mas o mal, se chegou a existir, foi passageiro. O novo romance do grande escriptor, que nenhum dos meus leitores terá deixado de ler a estas horas, é uma das suas mais puras e solidas obras-primas. Maravilhoso cerebro esse que, na visinhança dos setenta annos, trasborda assim de imaginação, de ironia e de flexibilidade!

O enygmatico titulo *Les Dieux ont soif* mal deixa adivinhar que a acção do livro se passa em plena Revolução franceza, nos dias mais inhumanos do Terror e dos tribunaes revolucionarios. Os deuses resuscitados por Anatole France são os *crocodilos sagrados,* a cuja fome e sede já Taine consagrára os mais bellos

volumes das suas *Origines de la France contemporaine*. Unicamente a penna de Taine estremecia de indignação e de angustia, ao passo que a de Anatole não perde um instante a sua serenidade e o seu desdem. Taine, profissionalmente critico, historiador e philosopho, tinha uma alma de apostolo e de crente. Anatole France, romancista de occasião, é que é essencialmente um philosopho e um historiador, de olhos bastante scepticos para que a sua aguda vista se não turve, mas de psycologia apurada, pelo contacto quotidiano dos homens, até ao extremo de ler claramente nelles como nos mais folheados livros da sua bibliothèca.

O principal interesse de um livro de Anatole France, sobre a Revolução, provinha de se ignorar se a intervenção do seu autor na politica franceza dos ultimos annos influenciaria os seus juizos. A questão Dreyfus acordou Anatole France na sua torre de marfim e levou-o a attitudes que não se casavam bem com as tendencias da sua obra. Depois de ter proclamado, como toda a gente de cabeça lucida, a innocencia do capitão judeu, Anatole fez-se inesperadamente tribuno popular, socialista e doutrinario. Rompeu com a Academia Franceza, que o elegera como ao mais legitimo e favorito dos seus filhos.

Correm impressos discursos seus onde se tem a surpreza desnorteadora de encontrar o que jamais pode ter gerado o seu cerebro: logares-communs!

O livro *Les Dieux ont soif* representa, alem de tudo o mais, o regresso de Anatole France ao seu natural. A sua ephemera passagem pela politica pode agora explicar-se pelo seu desejo de ser, ao menos um instante, da mesma carne e do mesmo osso que os seus semelhantes. Mas depressa terá visto que Deus o fabricou com outras e mais raras substancias. Num discurso, em honra de Rabelais, Anatole France declarou ha tempos que se aborreceria immenso se estivesse sempre de accordo comsigo mesmo. Felizmente contradizia-se de tempos a tempos...

Reum confitentem habemus! De resto esse discurso está cheio de observações que podiam servir de prefacio ao admiravel romance que nos occupa. Ahi se proclama que o Novissimo Testamento dos nossos dias é a obra de Rabelais, Montaigne e Voltaire, onde aprendemos que a fé mais necessaria ao homem é a Duvida. Os homens guerrearam-se ferozmente durante seculos por não terem sabido duvidar. E logo, receando que a doutrina da duvida pareça uma regra de inacção, Anatole France accrescenta: — « Mas da

propria duvida não façamos um dogma. Duvidemos tambem da duvida! Crer duvidando, duvidar crendo, eis a unica prudente e tolerante divisa do homem moderno ».

O autor de *Les Dieux ont soif,* se vivesse durante o Terror, não teria evidentemente escapado á guilhotina, como não escapou o philosopho Brotteaux em quem elle encarna retrospectivamente. O seu livro estuda a tragi-comedia da Revolução com a indulgencia ironica de um novo Diabo Coxo, a cujo signal magico se destapassem os telhados de todas as casas, e os segredos de todas as almas e de todas as vidas. A desproporção immensa entre as aspirações dos homens, que julgavam monopolisar a Verdade, e a esterilidade e o horror dos seus actos, nunca foi pintada com mais exactas cores. O amor proprio exagerado e o raciocinio dogmatico, que Taine disse serem as duas raizes do espirito sectario, deformam até á monstruosidade a alma do pintor Gamelin, figura central do romance, que cria para uso proprio uma verdade e uma arte conformes ás suas paixões politicas e que até dá uma cor jacobina aos ciumes que tem da sua amante. Gamelin é apenas pueril quando inventa as novas cartas de jogar revolucionarias, em que o valete de copas se chama democraticamente cidadão de

copas. Chega a ser tocante quando, não tendo um pedaço de pão para comer, aspira a enriquecer e a fazer feliz a humanidade inteira. Mas já é pavoroso quando, em nome da sua logica allucinada, pede a manutenção da pena de morte até que o ultimo inimigo do regimen tenha expirado sob o cutello da guilhotina. A legenda da Revolução dissera: *Liberdade, egualdade, fraternidade — ou a Morte.* Gamelin não tarda a perder de vista que uma coisa é dar a vida para conquistar a liberdade, e outra muito diversa é impor a liberdade aos homens, sob pena de lhes tirar a vida.

Anatole France descreve com prodigiosa intensidade a decepção universal produzida pela Revolução. A sua inhumanidade theorica e ferozmente logica divorciou-a rapidamente do povo para quem fôra implantada. Não era só a mulher do vidraceiro que confessava a sua surpreza de que a nova era não tivesse, quebrando muitas vidraças, enriquecido os vidraceiros. O desalento era unanime. Ao furor de matar correspondia quasi automaticamente o furor de morrer. Todos se desinteressavam não só de ser livres, eguaes e fraternaes, mas até da propria vida. A athmosphera permanente de tragedia e de tyrannia embotára a sensibilidade geral. Nada despertava já curiosidade nem enthusiasmo.

Nem os jornaes se liam. A actividade social tinha entrado num estado de coma embrutecido e final. Dez annos de verdadeira loucura collectiva liquidavam num suicidio da nação. Comprehende-se bem que, neste estado de alma, o advento de Napoleão tenha sido acolhido como o de um Messias e que a sua obra resurgidora parecesse providencial e milagrosa.

A leitura destas paginas, onde ao lado das figuras tragicas encontramos imagens de candura e modelos da mais equilibrada humanidade, onde a ironia e até a justiça se esculpem em phrases definitivas e lapidares, deixa na alma um calafrio e inspira-nos um horror salubre contra todas as emprezas de doutrinarismo oppressivo, contra todas as reconstrucções sociaes feitas de improviso, contra as tyrannias de qualquer nome, sem excluir as da Razão e as da Liberdade. Em 1789 a França deitou-se toda abaixo, como uma casa velha, e tentou construir-se de novo, segundo regras e principios theoricamente infalliveis. O caso é unico na historia humana; e deve admittir-se, visto o seu precario exito, que não terá successores. Não nos esqueçamos nunca de que, se a Inquisição queimou em Portugal 1500 pessoas em dois seculos, a guilhotina revolucionaria decepou em França 17000 cabeças em dez annos. As almas de Torquemada e de Robes-

pierre não seriam parentas proximas? Saibamos ao menos utilisar a experiencia, que tão caro custou, para sermos livres pela unica maneira accessivel á imperfeição humana: que é procurando reduzir ao minimo a intervenção do Estado na nossa vida e preparando um futuro em que o governo de cada nação, como queria Taine, não venha a ser mais coisa alguma do que um cão de guarda.

CX

... Não, leitor amigo, não me inspira a menor antipathia ou desdem pelo povo turco, cuja bravura e lealdade sempre ouvi louvar. Os Turcos são um povo de creanças, que longos seculos de oppressão e tyrannia não deixaram emancipar. A sua menoridade mental e social, obra do Alcorão, parece irremediavel. Por muito que soffra o nosso culto do pittoresco em ver um dia Constantinopla despida do seu rutilante scenario mussulmano, temos de reconhecer que os governos do Sultão ottomano não conseguiram nunca transformar a horda asiatica sob o seu dominio

num todo organico, com unidade moral e equilibrio social, que é ao que compete o nome de nação. A Turquia não fundiu nunca os conquistadores com os conquistados. Por-isso o sentimento nacional, o patriotismo, fonte de vida de um povo, não existem ali senão em funcção e dependencia da fé islamica. E assim, em seis milhões de habitantes que constituem a população da Turquia da Europa, só metade — a metade mussulmana — acolhe os Estados christãos dos Balkans como inimigos. A outra metade vê nelles a salvação e a liberdade. E o problema deve pôr-se deste modo: A população christã da peninsula balkanica sobe a muito mais de doze milhões; a mussulmana será a quarta parte. Não se trata de turcos e não turcos; trata-se de moiros e christãos. Estes são quatro vezes mais numerosos, alem de serem mais civilisados e mais civilisaveis. Com que direito governa, ou desgoverna, a infima minoria contra a maioria esmagadora? E como admittiremos que venham de novo as hordas da Asia, barbaras e fanaticas, recomeçar a obra que as suas predecessoras, durante cinco seculos, em vão tentaram, e de que só restam pavorosas ruinas? A Europa existe, e o seu interesse impõe-lhe que seja unida e que defenda a civilisação de que a historia a fez depositaria.

Basta ver como decorre a actual guerra para comprehender que a Turquia da Europa já ha muito não existe senão como ficção. Os exercitos alliados são recebidos festivamente por toda a parte. A Macedonia, que elles invadiram, está por assim dizer em festa. Apesar de se tratar da vida ou morte do Imperio, contam-se por milhares os subditos do Sultão que se remiram do serviço militar por uma indemnisação pecuniaria. São, já se vê, todos christãos; e pode imaginar-se com que molleza entrarão em combate os outros seus correligionarios, a quem a falta de meios, ou outras circumstancias, impediram de pedir ou de obter a remissão.

Em contraste, veja-se com que ardor partiu para a guerra, não o exercito da Bulgaria, mas a Bulgaria em pezo. Parou a vida da nação. Só ficam em casa as creanças, alguns velhos, e nem todas as mulheres, porque muitas poderam ser aproveitadas como enfermeiras de campanha. De todo o mundo partem emigrados servios, gregos e bulgaros ás centenas, abandonando os seus interesses, empregos e negocios para correrem em defeza das suas patrias. E agora lemos que as familias da Bulgaria decidiram não pôr lucto pelos seus filhos mortos em combate. *Dulce et decorum est pro patria mori,* diz a velha sentença de

Horacio. Não a tinhamos porém até hoje ouvido repetir com tanta eloquencia por boccas de mães...

Eis a principal razão porque a Liga balkanica está victoriosa em toda a linha e porque os nossos devaneios quasi poeticos de ha oito dias já não tardam a ficar áquem da realidade. A Europa, estupefacta e colhida de improviso, opera já com astucia a transição que a levará amanhã a entoar hymnos aos ainda hontem desdenhados triumphadores. Não parecia, no entanto, tão difficil, prophetisar que a Turquia corria á sua perda. Como explicar que, sendo tudo anarchia e desordem na administração do Imperio, só o exercito, que é uma das partes mais difficeis dessa administração, se encontrasse immune de taes males? Como acreditar que a guerra, que hoje é uma sciencia, podesse ainda ser conduzida magistralmente por quem a toda a sciencia se mostrára refractario? Os orgãos de uma nação, como os do corpo humano, são solidarios. Quando o estomago não trabalha, quando os pulmões não respiram, quando o figado é inerte, como ha de marchar normalmente o coração?

CXI

Um meu patricio, bom homem com mau genio, encontrando-se uma vez em viagem na Suissa, dirigiu-se a um *bureau de renseignements* para obter já não sei que esclarecimentos. Mas, ou porque se explicasse mal, ou porque as suas perguntas fossem complicadas, não obteve uma resposta tão cathegorica e precisa como esperava. E logo, na sua qualidade de latino, e portanto de generalisador e critico, aggravada pelo seu defeito especifico de homem rabujento, deblaterou em voz alta, não só contra o empregado que o servira, mas ainda contra a organisação dos serviços de informações a estrangeiros na Suissa, contra a fama immerecida da mesma Suissa, e até, creio eu, excitado pela sua eloquencia e pela força do habito nacional, contra o proprio e innocente governo suisso.

É claro que tudo isto significava apenas a necessidade de desabafar, e, quando muito, o desejo de provocar algum contradictor com quem podesse entregar-se voluptuosamente a uma bella discussão meridional, bem gesticulada e bem inutil. Mas o meu amigo não

contava com a Suissa. Ainda o seu discurso não chegára ao fim e já detraz de um biombo surgira a figura obsequiosa do director do *bureau,* pedindo-lhe a fineza de entrar no seu gabinete. O meu amigo accedeu, entre surprehendido e vexado. E, uma vez ali, o director assim lhe disse, com extremos de cortezia:

— « Segundo pude deprehender de algumas palavras pronunciadas por V. Ex.ª, a organisação dos nossos serviços não o satisfez por completo. Ninguem mais do que eu reconhece a sua insufficiencia e tem desejos de os melhorar, acolhendo, não só com prazer, mas com gratidão, todos os conselhos e suggestões que os srs. estrangeiros queiram transmittir-nos. Porisso lhe pedi o favor de entrar aqui; e esse favor seria completo se V. Ex.ª me desse a honra de me indicar quaesquer reformas que, a seu ver, possam remover os inconvenientes de que decerto com toda a razão se queixou ».

O meu exaltado patricio só pensou no meio mais rapido de se sumir pelo chão abaixo. Todo o seu mau humor se dissolvera ao contacto de tanto bom senso. E mal poude balbuciar no seu embaraço:

— « Ó meu caro senhor, pois então tomou a serio a minha rabujice? Eu não tenho reclamação alguma a fazer! Os seus serviços

estão optimos, e eu era lá capaz de os organisar melhor! Bem se vê que me não conhece, nem á terra de onde eu venho. Tudo isto em mim é o habito de dizer mal, mero pretexto para dois dedos de cavaco entre amigos... A Suissa é um paiz perfeito — tão perfeito que até pela sua bocca acaba de dar-me exactamente a lição de que eu mais precisava!

CXII

O sr. Roosevelt perdeu a partida, como se esperava. Nem sequer a bala que lhe mandou a Providencia, como argumento de reforço e como ponto bem final dos seus discursos, lhe deu desta vez entrada na Casa Branca. Assim não terá elle occasião de dizer, mostrando ao seu povo a costella onde se hospedou o projectil, e imitando com opportunidade Henrique IV, que *Washington vale bem uma bala.* Mas a sua derrota não o diminue nem o desanima. Acho até que lhe fazia falta. O sr. Roosevelt tinha até agora triumphado demais para não começar a parecer-nos suspeito. A virtude, nem mesmo nos romances, quanto

mais na vida, abre caminho senão através de longos obstaculos.

De resto os numeros mostram que o antigo Presidente, vencido no paiz, sahiu vencedor dentro do seu partido. Os seus votos excedem os que obteve o sr. Taft. O ramo rooseveltista dissidente, apesar de nascido hontem, apparece mais vigoroso que o velho tronco de onde provém. Se as eleições americanas admittissem um segundo turno, na falta, que agora se deu, da maioria absoluta, deve suppor-se que o sr. Taft, retirando-se deante do seu concorrente mais favorecido, facilitaria a reconciliação dos dois grupos republicanos e viria assim a assegurar a eleição do sr. Roosevelt. Com effeito o novo Presidente sr. Wilson foi eleito apenas pela minoria dos eleitores, com menos votos do que os alcançados, na eleição de ha quatro annos, pelo seu correligionario sr. Bryan. Basta esta circumstancia para que elle não possa cantar clamorosa victoria e para que fique assegurado ao sr. Roosevelt, nas luctas de amanhã, o papel da phenix lendaria.

Que excentrico povo é o dos Estados-Unidos! Da sua maneira acrobatica de fazer eleições já aqui longamente falámos. Agora vemos que a lucta presidencial deu logar ás mais inconcebiveis apostas. Neste momento, se-

gundo referem os jornaes, um homem gordo, que apostára pelo sr. Taft, passeia, fulo de raiva, diante da White-House, montado numa bicycleta de creança e gritando num porta-voz, como penitencia pela sua derrota: « Parabens ao Presidente Wilson! Viva! » E uma mestra de Nova-York, partidaria de Roosevelt, condemnou-se, por ter perdido as suas apostas, a dar lições todo este inverno em meias brancas e sapatos de baile.

Mas afinal, pensando bem, que ha nisto de excentrico? Não ha nada de novo debaixo do sol, nem mesmo no Novo-Mundo! As apostas extravagantes da joven America fazem exacto *pendant* com as promessas devotas da velhissima Europa. A unica differença que as separa é toda em nosso favor: nós só cumprimos penitencia quando ganhamos, e reservamo-nos o direito de amaldiçoar os nossos juizes, ou os nossos santos, quando a sorte nos é adversa. Aconselho este melhoramento pratico e americanissimo das suas apostas aos jogadores politicos de alem-mar. Quando os pescadores da Sicilia ou as cigarreiras andaluzas obteem do Santo favorito bom despacho ao seu requerimento ou á sua prece, agradecem-lhe de mãos postas, dão a volta, de joelhos, á sua capella, ou levam-lhe ao altar as flores ou os ex-votos que são

penhores da sua gratidão. Mas se o Santo não fez o milagre ou não attendeu a supplica, então rogam-lhe pragas, e até, para darem mais efficacia á vingança, reduzem a cacos as suas imagens. Esta fé e piedade condicionaes (e commerciaes) parecem tão uteis que até é costume recommendar-se que, ao fazer promessas a Santo Antonio para encontrar objectos perdidos, por prudencia se não pague adeantado. Do contrario, assegura-se, o arteiro Santo, como o menos escrupuloso dos mortaes, come regaladamente a isca e... chove no anzol, lá dos altos ceus onde reside!

CXIII

Uma das causas do equilibrio estavel, não só politico como social, a que chegou a Suissa, parece-me dever encontrar-se na harmonia de relações que os costumes simples de aquelle paiz teem sabido manter entre pobres e ricos. A riqueza helvetica não é ostentosa; de onde resulta, em grande parte, que a pobreza helvetica não é invejosa. O luxo, ou não existe, ou não se exhibe sem tacto. A ociosidade é excepção mal vista em todos os meios. Um

millionario e um operario vivem *quasi* da mesma maneira. Trajam com a mesma modestia, comem dos mesmos pratos, circulam nos mesmos tramways, reunem-se nos mesmos passeios e frequentam os mesmos logares de recreio.

As cidades suissas, mesmo as de mais luxuosa apparencia, são, no fundo, aldeias grandes, para tudo o que represente vida de prazer e de dispendiosa elegancia. O que lhes dá cathegoria de cidades é a sua cultura, a sua ordem, a imparcialidade com que distribuem por todas as camadas da população o maior numero possivel de commodidades e garantias. A civilisação toma assim uma feição accentuadamente democratica, ganhando em extensão o que decerto perde em intensidade. As proprias estações de estrangeiros se resentem da atmosphera moral austera que as envolve. A rica vadiagem cosmopolita procura a Suissa para se aborrecer salubremente ou para retomar gosto aos espectaculos da Natureza — unicos que lhe são proporcionados. Um frequentador de Monte-Carlo ou dos *boulevards* parisienses não encontrará ali nenhum dos prazeres excitantes a que o seu paladar se acostumou. Os hoteis são esplendidos, não ha duvida, os *sports* de todo o genero admiravelmente organisados, o ar purissimo e os

panoramas de montanha incomparaveis; mas o jogo é para creanças, o publico feminino dos *kursaals* resumido ou insipido, e a chamada vida nocturna acaba ás horas a que deveria começar em centros que fossem authenticamente mundanos. Ha algumas excepções a esta regra; mas nem porisso vejo exagero em dizer que os viciosos sahem da Suissa, ou arrependidos de lá ter ido, ou momentaneamente regenerados...

Entretanto o bom suisso, o suisso de raiz, vê já em cada grande hotel uma corrupta Babylonia, e receia, não sem algum motivo, que o invasor e lucrativo estrangeiro, em vez de se curar ao contacto das virtudes helveticas, as enfraqueça e contamine com os seus defeitos. Um amigo meu, que da Suissa só visitou alguns hoteis caros, perguntava-me onde estavam e onde habitavam os Suissos, que ainda não lográra ver e até duvidava que existissem. Tive de lh'os mostrar em Berne, authenticos, para o convencer de que nãc eram um producto da minha phantasia. Não é com effeito nos centros de ociosidade, mesmo innocente, que a Suissa se encontra. A vida normal desse povo é de uma simplicidade que mil vezes nos parece rustica. E, repito, pobres e ricos a vivem e a saboreiam assim. Nos caminhos de ferro helveticos as melhores, mais

alegres e mais espaçosas carruagens são as de terceira classe. As de primeira circulam vazias ou transportam estrangeiros. Em muitas cidades, sem excluir Berne, tomar um simples fiacre (de um cavallo) considera-se um desperdicio. E eu já vi uma senhora vexar-se de entrar numa carruagem descoberta, tirada a uma parelha, com receio de parecer vaidosa e ridicula ás suas modestas compatriotas!

CXIV

Tive na minha infancia um professor a quem, apesar de ter sido seu assiduo discipulo durante um anno, nunca cheguei a ouvir uma lição. Este singular homem entrava na aula, de chapeu na cabeça, cigarro entre os dentes, e sobrancelhas franzidas. Sem se descobrir, poisando sobre a meza o bengalão que nunca o desamparava, sentava-se á borda da sua cathedra e chamava « á pedra » um dos rapazes, interrogando-o rudemente. Ou as perguntas fossem especiosas e obscuras, ou a nossa ignorancia fosse digna do mestre incumbido de a dissipar, certo era que as respostas dadas nunca poderam satisfazel-o

e só contribuiam para enfurecel-o. Cinco minutos depois de aberta a classe já elle tinha começado a injuriar-nos com violencia, sacudindo supplementarmente com a ponta do seu bengalão as orelhas innocentes de qualquer de nós. Logo depois levantava-se de repellão, dizia-nos uma ultima amabilidade, e ia-se embora. Nunca recebi delle outra instrucção alem desta, concisa e contundente, que venho relatando. E nunca lhe quizemos maior mal, apezar disso, porque as nossas cabeças leves apenas viam naquelles rapidos instantes de aula, e nos coques que lhes andavam annexos, a vespera do ameno feriado que é o anceio de todo o estudante latino.

Perdi de vista por longos annos este infatigavel pedagogo. E não sei dizer o meu espanto quando um dia um jornal me revelou que o sr. F. (era o meu homem), que eu apenas julgava susceptivel de chupar os seus cigarros e espancar os seus semelhantes, era um fogoso orador de clubs politicos, querido e escutado do povo, a cuja ignorancia e miseria offerecia, sem contar, o auxilio da sua sapiencia e da sua actividade. Este educador que, segundo as minhas experiencias, Deus fadára para pachá turco, e que se evadia das suas obrigações com a simplicidade que acima descrevo, condemnava a indolencia ou

a incompetencia dos governos com o furor tão meu conhecido com que se dirigia, na escola, aos seus discipulos. E a sua incapacidade de ensinar sequer, a meia duzia de rapazes, algumas noções rudimentares de sciencia, não enfraquecera em coisa alguma a sua aspiração de ensinar a todo um paiz a receita infallivel para regenerar-se e salvar-se.

Tive então pena do publico que o applaudia e lhe fazia pedestal, bem mais ingenuo que os seus alumnos de outrora, que se limitavam a utilisar a sua preguiça, sem a tomarem por virtude. Bem exacto é que, se a folha corrida é documento indispensavel para exercer qualquer profissão, pelo contrario na politica se pode chegar ao triumpho com attestados que, como alguem disse, não bastariam para nos deixar acolher com segurança, em nossa casa, nem um creado de servir.

CXV

O rei Nicolau do Montenegro, alem de bom guerreiro, é optimo poeta. Leio neste momento alguns dos seus poemas, entre os quaes uma bella ode ao Mar, escripta por occasião da

conquista do porto de Antivari, sobre o Adriatico, pelos Montenegrinos. Ninguem ignora que o Montenegro, como ainda agora a Servia, não tinha qualquer sahida para o mar. Esse povo de montanhezes, sempre ancioso de independencia, não se resignava ao captiveiro em que a Natureza o collocou. Elle symbolisava bem a Montanha, solitaria e nostalgica, suspirando de amor pelo Mar longinquo, verdadeiramente com sêde do Mar...

Os versos do rei Nicolau exprimem esta alegria da Montanha que emfim poude ver o seu até então só sonhado amante. « Eu te « saudo, ó Mar immenso, ó liquida planicie, « espaço infindo, ó nosso desejo antigo e « nunca realisado. Confundido de admiração « pela tua belleza, deixa-me maldizer mais « que nunca os homens maliciosos que que- « riam manter separadas estas duas liberda- « des, ambas esplendidas: os meus montes e « as tuas aguas!... Sê meu, ó Mar admiravel, « eu t'o peço pela tua immensidade, pela tua « profundidade, pelas tuas tempestades e pela « tua calma, pelas tuas naus e pelos teus « navegantes, pelas torrentes de azul que o « ceu derrama no teu seio, ó Mar eterno! « Emquanto o mundo existir, emquanto o sol « te não seccar, sê meu, ó Mar, e lança a tua « espuma de encontro aos meus rochedos! »

As duas liberdades? Sem duvida a Montanha é livre, se bem que o seu reino não pareça ser o deste mundo. Sequestrada dos homens, em perpetuo dialogo com o ceu que é o seu unico visinho, a Montanha nasceu mysanthropa e sombria. A sua paz majestosa, o seu silencio augusto, não são ainda a morte, mas já a annunciam. Toda a vegetação, isto é, toda a vida, se detem aos seus pés. As arvores, que a vão penosamente galgando, diminuem e murcham, como exhaustas, ao passo que se afastam da feraz planicie, e emfim succumbem a meio caminho, lembrando cadaveres de guerreiros que não conseguiram tomar de assalto o baluarte inimigo. A paizagem terrestre que nos cerca, lá no alto, é toda mineral: grandiosa sem duvida, mas esmagando-nos sob o pezo da sua grandeza. Creio que a Montanha pode ensinar-nos, não a alegria, mas a inanidade de viver — e talvez; em face do ceu proximo e mais luminoso, revelando-nos porventura uma parcella do seu mysterio, a alegria de morrer...

Outra especie de infinito é a que nos suggere a companhia do Mar, que em todos os seus aspectos representa, imita e como que prolonga a Vida. O seu sorriso, que já a Homero pareceu innumeravel, é tambem ubiquo e está, como Deus, em toda a parte. Se a Montanha

mostra desdenhar a terra, e de cabeça sempre sobranceira e indifferente, jámais se curva sollicita sobre as nossas dores, bem diversamente o Mar, horisontal e colleante como um corpo de amor, não cessa de amar-nos com volupia, e cada uma das suas meigas ondas, ora se alonga num gesto como o dos labios juntos num beijo, ora se arqueia, como um ouvido amigo, para receber a nossa mais intima confidencia. O Mar, pelos seus golfos, enseadas, angras e bahias, a todo o instante nos visita, nos fala, nos aperta em seus braços. O seu amor, sempre impetuoso e ciumento, de quando em quando arrebata-nos alguma das suas amantes mais exclusivas... Não é verdade, ó Mar, que as tuas ilhas são as mais lindas e mais bem guardadas sultanas do teu harem?

Comprehendo bem que os povos da Montanha vivam na incuravel saudade do Mar. Ver o Mar pela primeira vez, depois de o ter longamente sonhado e adivinhado, deve ser uma sensação irmã das que nos promette as vida futura. Montanha e Mar são decerto ambos bons caminhos para chegar a Deus. Mas ao passo que o nosso corpo e alma, ao ascenderem, como que se despojam de toda a sua humanidade, dir-se-ia ao contrario que o Mar expansivo os expande e exalta, e que, longe de repellir e annular a obra dos

homens, elle promette advogal-a perante o Creador e filial-a orgulhosamente na obra divina.

CXVI

Pagina de memorias.

Corria o anno da graça de 1907 e o quarto mez da segunda conferencia da Haya. A paz universal continuava de esperanças, sem poder ainda prever-se quando surgiria, e de que casta seria, o seu bom successo. Já os jornaes de caricaturas do mundo inteiro consagravam as suas melhores paginas á decifração ironica de aquelle longo enygma. Já nos cafés-concertos de Scheveninghe, a praia visinha da capital hollandeza, os proprios embaixadores das Potencias podiam ouvir os cançonetistas de Paris, entre applausos e risos, acolher a pergunta unanime: « Que fait donc la Conférence? » pela mais exacta e bem rimada das respostas: — « Elle recommence... »

Entretanto a Conferencia laboriosamente fabricava o seu mel. As sessões quotidianas, pejadas de discursos, controversias e relatorios, duravam quasi de sol a sol. Sahia-se

dellas para envergar apressadamente a casaca e, sem tomar folego, correr aos banquetes não menos quotidianos onde procurava tambem firmar-se, embora sob outras bases, a conciliação internacional. O *champagne* obrigatorio encontrava na verdade menos objecções que a arbitragem do mesmo nome. O ruido das taças, chocando-se nos brindes, era todo de paz. Mas nem porisso cada qual, ao recolher á paz ainda mais authentica do leito, suspirava menos pela hora em que aquella actividade intensa, diurna e nocturna, encontraria emfim o seu termo.

Numas dessas manhãs estremunhadas em que o corpo moido se fazia rogado para acordar, trouxe-me o correio, entre os mil impressos e manuscriptos habituaes, offerecendo soluções todas infalliveis para extinguir — sem dor — as guerras humanas, duas cartas de mais juizo e sabor. Uma era de um medico-massagista. O seu conteudo pode assim resumir-se: « Vocês, com quatro mezes de jantares ininterruptos, devem estar absolutamente arrazados. Não ha estomago que resista a esse abuso de iguarias finas e de vinhos e licores capitosos. A conferencia liquida, para cada um dos seus membros, com uma dyspepsia ou com um ataque de gotta. Offereço-me pois para vir cada dia desentorpecer e tonificar

os vossos orgãos por meio de uma hora de massagem energica e preventiva. »

A outra carta era de um professor de conversação franceza e exprimia-se approximadamente deste modo: « Vocês, com quatro mezes de sessões e discussões ininterruptas, devem estar absolutamente esgotados de cerebro. Não ha mentalidade que supporte sem grave damno esse regimen de oratoria e dialectica intensivas, tanto mais fatigante quanto mais esteril. Vocês, á noite, ao terem ainda de fazer despezas de conversa e de espirito com as senhoras a cujo lado se encontram nos banquetes, devem parecer-lhes a ellas insipidos e espremidos como limões velhos. Tenho uma abundante provisão de asumptos e ditos de sociedade ao vosso dispor, tenho o dom da palestra espirituosa, e offereço-me para vos fornecer cada dia a substancia mental que vos falta e para dar alguma corda ás vossas cabeças paralysadas. »

Pois estes dois figurões (em verdade o confesso), a cujo auxilio me arrependo ainda hoje de não ter recorrido, foram os unicos que viram claro na nossa situação. Um perfeitamente comprehendeu o nosso estado de corpo; o outro diagnosticou á risca o nosso estado de alma!

CXVII

Noto que o *sport* da aviação não floresce no Brazil, e noto-o com pena. Eu suppunha que o Brazil se consagraria a essa obra que o destino pareceu querer confiar-lhe. A aviação é a desforra de Icaro. Ora o Brazil tem os seus Icaros, nas pessoas do longinquo Bartholomeu de Gusmão e do infeliz Severo, nosso contemporaneo. Santos-Dumont surgiu como um precursor e um « organisador da victoria », uma especie de pequenino infante D. Henrique da navegação aerea. Elle proprio mostrou ter consciencia disso ao adoptar para sua divisa o verso de Camões *Por mares nunca de antes navegados,* a que só falta tirar a primeira letra da segunda palavra, para definir com elle, exactamente, a novidade e a grandeza desta inaudita proeza humana.

Pois não é justo que o Brazil, filho de navegadores, persevere na empreza a que já estão ligados os nomes, hoje historicos, de tres Brazileiros? Nós exploramos o Mar tenebroso. Á nação transatlantica compete agora explorar o Ar luminoso e vaporoso,

transpondo rapidamente por meio delle as distancias immensas do seu territorio. O Brazil é grande demais para ser viajado por terra. As suas estradas futuras teem de ser, não ferreas, mas aereas. O seu ceu que tem luz a jorros, o seu clima paradisiaco, onde decerto são raras as tormentas e as ventanias, prestam-se como nenhuns outros á navegação nova. Eu quizera que, já agora, esquadras de dirigiveis e aeroplanos, levando nas suas azas a civilisação e o commercio, cruzassem em todos os sentidos o ceu brazileiro, pairando por cima dos seus sertões como aves de novo e mais raro esplendor. Na minha imaginação vejo essas naus, rutilantes de cores, baptisadas com os nomes dos nossos communs antepassados, descobrindo cada dia occultas e inexploradas riquezas, voltando carregadas da leve e preciosa carga do oiro e dos diamantes do interior. Vejo-as de noite, luzindo como novos Cruzeiros, illuminando as cidades com os seus holophotes e cobrindo-as de um luar perpetuo. Vejo-as diligentes e pontuaes como pombos-correios, poisando de morro em morro para levar a toda a parte as cartas e as noticias. E até as oiço, a essas naus do meu sonho, tendo desde muito abolido o ruido inesthetico dos seus motores, ou tendo-o abafado sob o canto das mil aves equatoriaes, que se hospe-

dam a seu bordo, e das que lhe fazem admirativa e rumorejante escolta.

Eis o esboço de epopeia que eu apenas sou capaz de balbuciar confusamente, mas que o Brazil realisaria com grandiosa eloquencia. De resto tamanha empreza reclamaria um poeta digno de celebral-a, o novo Camões desse novo avatar dos *Lusiadas* — filhos de peixe que souberam, não só nadar, mas voar...

CXVIII

Leio num jornal allemão de hontem um lindo artigo celebrando a belleza e o encanto de Macau. Como os grandes artistas, cujo estylo é inconfundivel, e cujas obras se reconhecem ainda quando não trazem assignatura, o genio colonisador dos Portuguezes teve a sua feição propria, e pode dizer-se que a sua originalidade não foi menor do que a sua vitalidade. Portugal projectou ao longe, não só a sua força ephemera, como a sua alma indestructivel. Não nos limitamos a crescer: multiplicamo-nos, communicando a nossa physionomia e a nossa personalidade aos nossos filhos e assegurando assim á raça portugueza

uma immortalidade que já se tornou independente dos proprios destinos da mãe patria.

O Brazil foi a nossa obra-prima. Démos-lhe o melhor de nós mesmos. Transmittimos-lhe o facho luminoso, como nos torneios de Athenas. Mas da nossa força creadora e genesiaca, menos humana que divina, restam pelo mundo inteiro vestigios indeleveis. Os povos da Africa e da Asia encorporaram desde seculos, nos seus idiomas e dialectos, palavras, e portanto ideias e imagens, que colheram dos nossos labios. Ainda ha pouco folheei todo um glossario de termos portuguezes que são de uso corrente na ilha de Java. Ha tribus do interior africano que souberam como falávamos antes de saberem como éramos.

Vejam agora essa longinqua Macau, velha de quasi cinco seculos mas tão bem conservada, que enfeitiçou o jornalista germanico. Através da sua descripção sentimos bem que a pequenina colonia, perdida nas vastidões do Extremo-Oriente, se não deixou contaminar pela influencia das suas rivaes e successoras e ficou, de corpo e alma, portugueza. O seu aspecto exterior é o de qualquer cidadesinha da metropole, de uma Braga ou de uma Evora, com as suas egrejas e as suas arcadas, as suas fortalezas e os seus jardins. Um de nós a quem, de olhos vendados, desembar-

cassem em Macau, descobriria logo, apesar das longas semanas de navegação, que estava outra vez em Portugal. As senhoras macaistas, mais tradicionalistas que as nossas, continuam, como ha um seculo, a ir á missa envoltas nas longas dobras das suas mantilhas, a que chamam os seus *dós*. Camões, que viu nascer Macau, podia lá resuscitar sem anachronismo...

Ahi está a moribunda Turquia a mostrar-nos que conquistar e assimilar são dois verbos que raras nações souberam conjugar simultaneamente. O Imperio turco foi sempre, é ainda hoje, um simples acampamento militar. O nosso, apesar da sua curta vida, deitou raizes. Estamos em 1912, num mundo que os seculos incansavelmente revolveram, e no entanto a Macau do seculo XX é a mesma cidade do Santo Nome de Deus de Macau, fundada no meado do seculo XVI, a distancia tão immensa da metropole, e apesar disso com taes alicerces, que Fernão Mendes Pinto, seu contemporaneo, della e dos seus habitantes poude escrever que « sendo antes ilha deserta, ali fizeram os nossos uma nobre povoação de casas de tres e quatro mil cruzados, e com egreja matriz, em que ha vigario e beneficiados, e tem capitão, ouvidor e officiaes de justiça, e *tão confiados e seguros*

estão nella com cuidarem que é nossa, como se ella estivera situada na mais segura parte de Portugal... »

Macau, com effeito, foi uma colonia unica no seu genero, uma colonia que podemos chamar de geração espontanea. Um imperador da China deu de emprestimo esse pedaço de terra nua a alguns Portuguezes, em signal de agradecimento e de estimulo pela bravura com que elles defendiam as costas do Imperio, infestadas de piratas. O presente não era sequer desinteressado. Os nossos maiores desbravaram a terra, construiram-na, povoaram-na, abriram-na ao commercio, e só depois é que pediram ao governo do Reino, até então alheio a tudo, a sua consagração, melhor diriamos o seu baptismo, como possessão portugueza. Quando Portugal annexou a terra de Macau aos seus dominios, já a encontrou nada e creada por esforço e vocação proprias. Foi ganha pelo nosso amor e não pelas nossas armas.

E a segurança e confiança dos que a fundaram não eram excessivas. Macau não tardou a ser o maior centro de commercio do Extremo-Oriente. Da mesma forma que o seu pharol da Guia, ainda hoje acceso, foi o primeiro que illuminou o mar da China, Macau foi o primeiro ponto de intersecção entre a Europa

e o Celeste Imperio. Ali fizeram os nossos intensa e fructuosa *veniaga* (como a lingua malaia nos ensinou a dizer) com todas as riquezas orientaes. No seu porto abrigado e activo reuniam-se todas as naus da Christandade. Para em tudo ser nossa digna filha, até o seu clima e o seu solo eram ferteis e salubres como os da Patria longinqua.

Hoje Macau decahiu da sua grandeza, mas não cahiu em ruina. A sua historia não degenerou; parou. A cidade mantem-se viçosa e bella, fiel a si mesma, mas paralysada como as princezas das lendas a quem um sortilegio encantou. Nem só o seu pharol precursor é symbolico e representa bem a nossa historia. Tambem o é esse porto, outrora cheio de vida e agora assoreado pelas areias que cada dia o invadem e o afogam, e onde já não cabem senão os pequenos navios, como na nossa alma parece tambem que já não encontram refugio as grandes emprezas...

CXIX

Como é que a Hespanha ensina e explica a historia de Portugal aos seus estudantes? Até que ponto o seu desdem historico por nós se reflecte nessas lições? Como concilia ella o seu inteiriço orgulho com a necessidade de expor veridicamente que os pequenos e fracos Portuguezes quasi sempre a venceram? Conta-se que um embaixador de Hespanha, a quem alguem perguntava que differença havia entre um hespanhol e um portuguez, respondia com rude sarcasmo: — Tirem a um hespanhol tudo o que elle tem de bom: o que fica é um portuguez! Seria a historia da Peninsula escripta em Hespanha segundo o mesmo ponto de vista?

Para satisfazer esta minha curiosidade mandei vir de Madrid os livros de historia adoptados nas escolas primarias e secundarias. Visto que nos nossos se faz a apotheose legitima dos triumphos nacionaes, e se põe em constante relevo a sua importancia, calculava eu que os compendios hespanhoes, em exagerada defeza propria, diminuissem ou occultassem a nossa porção de gloria, cada vez que

assim conviesse á preservação do prestigio da Hespanha e á cultura do patriotismo nos cerebros juvenis dos seus filhos.

Tenho de confessar que os meus receios eram injustos. Portugal sae das escolas hespanholas tão louvado e respeitado como a propria Hespanha. As derrotas de que fomos autores contra Castella ali são referidas com serena imparcialidade. As qualidades que nos caracterisam, os homens illustres que nos ensinaram a tirar partido dellas, encontram nos professores hespanhoes interpretes informados e panegyristas ardentes. Os erros commettidos pela Hespanha durante os sessenta annos da dominação philippina, a sua incapacidade de se fazer amar ou temer pelo povo conquistado, são expostas a toda a luz. Emfim leem-se esses livros sem que os melindres de um portuguez se sintam, nem de leve, molestados. Pelo contrario, reconhece-se o proposito de realçar a obra heroica de dois povos irmãos de raça, desenvolvendo-se independente, mas parallelamente, num territorio e num campo de acção onde havia espaço e gloria para ambos.

Seria curioso estudar agora a velha rivalidade luso-hespanhola em cada uma das suas phases; examinar até que ponto ella foi um sentimento espontaneo, ou, ora de cá ora de

lá, um artificio politico; ir até ao miolo psycologico da questão e decidir se foi o receio e o odio de Portugal que deram occasião ao desdem e arreganho hespanhoes, ou vice-versa. Havia um livro difficilimo, mas interessantissimo, a escrever sobre este assumpto. A bem dizer precisavam-se dois livros, um portuguez e outro hespanhol, por ambos os quaes, como pelos nossos dois olhos, conseguissemos ter uma visão coordenada e completa. Falando de obras escolares não posso deixar de lembrar, em auxilio da minha these, que a *Historia da Civilisação Iberica* de Oliveira Martins é compendio official em algumas universidades hespanholas. Oliveira Martins era sem duvida um peninsular enthusiastico; mas era tambem um portuguez orgulhoso de sel-o e o maior poeta moderno da nossa historia.

E emfim não nos esqueçamos da homenagem que o proprio rei de Castella prestou á bravura portugueza, depois de Aljubarrota. Elle voltou envergonhado e vestido de lucto aos seus dominios, fugindo de apresentar-se ao seu povo e recebendo de má sombra as consolações que os seus aulicos lhe prodigalisavam. A imagem de um tão poderoso exercito, dizimado por uma mancheia de audazes Portuguezes, enchia-o de humilhação e de pejo. Entretanto, ao chegar aos paços de Sevilha,

encontrou alguns captivos nossos varrendo as salas por ordem dos seus creados, que os cobriam de injurias. Um escudeiro, que achava o trabalho lento, deu um pontapé raivoso a um portuguez. E o rei castelhano, intervindo logo com indignação, soube dizer:

— « Deixae os Portuguezes, que são bons e leaes, nem tendes razão para lhes fazer mal. Vêde bem que quantos delles foram em minha companhia, a todos vi morrer deante dos meus olhos; ao passo que os meus hespanhoes só souberam deixar roubar a corôa real da minha cabeça ».

Assim o refere Fernão Lopes.

CXX

Pagina de memorias.

Um dos homens de Estado que mais activamente contribuiram para a conclusão da alliança balkanica foi o sr. Milovanovitch, fallecido ha poucos mezes no seu posto de chefe do governo e ministro dos negocios estrangeiros da Servia. Morreu na flor da edade e sem ter podido assistir á realisação, superior a qualquer espectativa, dos seus

reflectidos e bem preparados projectos politicos. Parece apurado que as primeiras bases da alliança servo-bulgara foram combinadas entre elle e o sr. Guechoff, presidente do conselho da Bulgaria, no outomno de 1911, tendo-se essa entrevista effectuado durante uma viagem, num wagon do caminho de ferro que liga os dois paizes.

Conheci muito de perto o sr. Milovanovitch na segunda Conferencia da Haya, onde elle representou, com grande brilho, o seu paiz. A esse tempo a Servia era uma nação desconceituada e sem prestigio. Isso não impediu o sr. Milovanovitch de se fazer ouvir e apreciar dos seu collegas das Grandes Potencias, de ser nomeado para as commissões mais importantes, de tomar a palavra em todos os grandes debates, creando rapidamente a justa reputação de ser um jurisconsulto eminente, um negociador engenhoso e malleavel, e até um ironista mordaz quando as circumstancias o pediam. Foi na Haya que o sr. Milovanovitch estreitou, com muitos homens de Estado e diplomatas europeus, as relações que posteriormente lhe foram tão uteis na direcção da politica externa do seu paiz. Foram os seus triumphos da Haya que tão rapidamente o levaram a occupar na Servia uma situação preponderante e que fizeram

delle, até ha poucos mezes, o unico servio de quem se sabia o nome, e de quem se fazia caso, nas chancellarias e na grande imprensa da Europa.

Quando a Austria annexou por sua conta e risco a Bosnia e a Herzegovina, levantando entre os povos de raça servia uma colera que quasi os levou á guerra, o sr. Milovanovitch não se poupou a esforços para manter a paz no seu paiz. Mas logo depois percorreu as principaes capitaes, e em todas ellas advogou, com uma eloquencia impressionante, as aspirações da Servia, conseguindo fazer comprehender que essa questão, como todas as dos Balkans, era de alcance internacional, e teria uma repercussão inevitavel sobre as posições e as forças respectivas das amisades e allianças em que se divide a Europa. Longe estava no entanto, a esse tempo, o sr. Milovanovitch de suppor que a união balkanica realisaria, em poucos annos, tantas das ambições nacionaes que elle mal se atrevia então a confessar, ou de que só falava como de um sonho vago, chamando-lhes melancolicamente *des princesses lointaines*...

Durante as sessões da Haya o sr. Milovanovitch divertira-se tanto a discutir com os seus collegas como a observal-os. Na bocca de cada um dos mais salientes puzera um

dito, uma phrase, que os definia nas suas qualidades, nos seus defeitos, na sua attitude politica ou na dos governos que representavam. E com esses ditos formou um album, que não só julgo inedito, mas cujo unico exemplar se encontra nas minhas mãos, por graciosa e amavel offerta do seu espirituoso autor. Ninguem soube, melhor do que elle, discernir o que havia de particularmente ironico e vão na obra de um congresso em que se discutia talvez com immensa boa-fé, mas sem fé alguma...

Não poderia eu tornar publicas, sem indiscrição, as mais penetrantes apreciações do sr. Milovanovitch, sobretudo as que teem feição accentuadamente pessoal. Mas não resisto á tentação de reproduzir algumas das mais leves, prestando assim homenagem ao talento do homem illustre a quem a Servia renascida não se esquecerá de ser grata, pelo muito que lhe deveu em horas mais difficeis que as de hoje, e cujos esforços foram tão depressa consagrados pelo mais prodigioso e vertiginoso dos triumphos.

O primeiro plenipotenciario da Inglaterra era um venerando magistrado, inglez sem mistura, não vendo nem entendendo no mundo senão o seu proprio paiz. O sr. Milovanovitch fazia-o dizer, com graça e verdade:

« J'ai constaté dans la Conférence, qu'entre nos alliés, nos amis et nos adversaires, il y a cette ressemblance frappante, qu'ils ne sont pas Anglais ! »

O Japão, o imperialista e ambicioso Japão, ainda cheio do appetite voraz das nações moças, só por picante paradoxo se encontrava representado num congresso da Paz. O seu delegado perfeitamente encarnava o Japão futuro, pois não só era intelligente e altivo, mas até era bonito, sociavel, malicioso, fazendo o encanto das senhoras como dos homens. O sr. Milovanovitch punha-lhe na bocca estas palavras, que um Anatole France nipponico não desdenharia assignar :

« Les grandes nations européennes nous ont appris comment on fait les guerres et comment on profite des victoires. S'il s'agit maintenant, à la Conférence, d'organiser la Paix, sans toucher aux acquisitions dues à la guerre, et sans empêcher la satisfaction des nouveaux besoins des nations fortes, le Japon, sans s'opposer au principe, désirerait voir, avant de s'engager, comment les autres y réussissent ».

Um delegado, excessivamente penetrado da sua propria importancia, exprimia-se deste modo :

« Sans vouloir déprécier l'œuvre de la Conférence, je suis persuadé qu'elle occupera une

place dans l'Histoire, avant tout pour avoir donné l'occasion, *à moi et à mon ami F.,* de nous produire devant l'Univers. »

Ao que o seu amigo F., amigo e rival na prosapia, se apressava a replicar:

« D'accord, comme toujours, avec mon ami X., que le mérite principal de cette Conférence a eté de nous avoir exhibé, *moi et lui,* à l'admiration de l'Humanité, je fais toutefois mes réserves les plus formelles au sujet de la paternité de l'idée qu'il vient de vous exprimer si éloquemment, en la revendiquant pour moi et pour mon Gouvernement, dont j'attends, du reste, encore les instructions. — P. S. L'original porte le sceau de S. Exc. M. F., avec la légende: *Jamais se rendre — pas même à l'évidence!* »

Ao plenipotenciario de um paiz minusculo, que dispunha da voz mais volumosa e tonitroante da Conferencia, fazia-se dizer:

« La voix du pays que je représente s'est fait entendre bien fort à la Conférence, et j'y suis pour quelque chose! Autre question est si elle a eté prise au sérieux, mais je n'y suis pour rien! »

Emfim, e para terminar, reproduzirei o commentario que o sr. Milovanovitch formulava por conta propria, e que tão finamente sublinha a incongruencia de um programma de paz

em que as nações eram classificadas segundo a importancia dos seus exercitos ou das suas marinhas de guerra :

« J'ai vu que dans cette Conférence de la Paix les voix sont classées et les honneurs décernés, non pas à raison des services rendus à la cause de la Paix, mais à raison des capacités guerrières. J'ai aussi entendu cette même Conférence exprimer, à l'unanimité, le voeu de désarmement. Et je me casse la tête pour pénétrer l'énygme de ce voeu, sans que l'idée me vienne, d'ailleurs, de mettre en doute sa sincérité ! »

E creio que depois destas transcripções o meu leitor concordará commigo que não só a força e a prosperidade, mas tambem o *sal attico,* surgiram de novo, e com renovado brilho e sabor, na velha e illustre peninsula dos Balkans !

CXXI

Os bailados russos, acolhidos com tão enthusiastica surpreza em todos os grandes theatros da Europa, constituem na verdade uma pequenina revolução artistica, revolução requintada e fecunda que por um momento

absolve a Russia de não produzir, ha tanto tempo, senão as duas esterilidades eguaes e contrarias do despotismo e do nihilismo.

Wagner alliou a poesia á musica. Pois a dança vae agora formar com ellas a mais solida das triplices allianças. Nos dramas wagnerianos ouve-se a vida nascer da musica com todas as suas paixões e emoções. O amor e o odio, a alegria e a dor, o bem e o mal, são-nos expressos, melhor que por palavras, por accordes e melodias. Dir-se-ia, perante essa arte formada pela penetração reciproca de todas as artes, que o homem descobriu emfim a linguagem capaz de pôl-o em communicação e em intelligencia com Deus.

Os creadores do bailado russo parecem ter-se inspirado de uma concepção identica. Até agora a dança era apenas uma arte plastica accessoria, exclusivamente consagrada a deleitar os sentidos pela combinação de formas e movimentos graciosamente equilibrados. Um bailado não tinha sentido nem assumpto. Exigiamos-lhe unicamente que as suas figuras fossem bellas e que os seus gestos e requebros obedecessem a um rythmo.

Mas porque não havia a dança de exprimir pensamentos e sentimentos? Pois não é natural que os movimentos do corpo interpretem e prolonguem os da alma? A dança não é

apenas uma gymnastica musical; é tambem uma mimica fortemente expressiva. Até hoje o seu valor mimico fôra sacrificado ao seu encanto plastico, pelo mesmo erro que fizera da musica um simples entretenimento e caricia dos ouvidos. A exemplo do drama musical de Wagner, porque não teremos tambem dramas, tragedias, comedias e poemas choreographicos, cuja interpretação seja confiada á musica e á dança?

Eis o ponto de partida, ambicioso mas bem norteado, da nova arte que nos offerece a Russia. Os resultados até agora obtidos são completos. Os melhores compositores, associados aos melhores bailarinos, crearam pequenas obras-primas que irresistivelmente nos empolgam. Consinto perfeitamente em habitar um mundo onde a linguagem seja para sempre substituida pela musica e pela dança. O bailado suggere-nos, segreda-nos, tudo quanto quer. Rimos e choramos com elle. Os seus meios de expressão, condensados e syntheticos, desdenham a precisão anecdotica, para encaminharem suavemente a nossa attenção para a essencia poetica ou dramatica da obra. Os seus movimentos são como generalisações rythmadas, que cada um de nós completa e localisa segundo a inspiração propria. E nenhum requinte lhes escapa. Basta dizer que

foi possivel « pôr em dança » o *Après-midi d'un faune* de Stéphane Mallarmé, com musica de Debussy. Vi dançar uma ballada oriental e uma poesia de Théophile Gautier, com tal perfeição expressiva, que me julguei capaz de adivinhar, uma a uma, as estrophes e as rimas reflectidas no enlace dos grupos e na conjuncção das attitudes. Os meus sentidos fundiram-se tão profundamente, que já não saberia dizer se era a musica que me entrava pelos olhos, ou a dança pelos ouvidos. Uma tragedia de amor na côrte de Cleopatra, sumptuosamente posta em scena, um conto das *Mil e uma noites,* resuscitado como por milagre, foram um tal deslumbramento de cores, de sons e de formas, que só por outras formas, sons e cores — e não por estas surdas palavras — poderia a meu turno explical-o.

Falta dizer que a companhia russa dispõe de alguns bailarinos de ambos os sexos que são authenticos grandes artistas. A bailarina Anna Pawlowa, que neste momento estonteia Berlim, não é apenas uma artista. Evidentemente é uma das nove Musas. Ninguem me convence de que ella não seja a resurreição, não só em carne e osso mas tambem em sonho e nuvem, da propria Terpsychore.

CXXII

Foi o *Jornal do Commercio* que teve o privilegio de publicar, em primeira mão, a serie de retratos historicos, agora reunidos em volume, pelo Conde de Sabugosa, sob o titulo evocadoramente melancolico de *Donas de tempos idos.* Acabo de ler o delicioso livro, ou, mais expressivamente, acabo de percorrer a sala nova de museu onde se expõem, na mais suave e bem achada das luzes, aquelles bellos quadros femininos. A pintura é viva e intensa de relevo como se tivesse sido feita do natural. As figuras saem das suas telas, com olhos que brilham e boccas que sorriem e falam. Não se nota a menor rigidez nos seus gestos, como não accusam o mais ligeiro erro de data as joias e alfaias que as guarnecem e os vestidos que lhes modelam as formas. A sua antiguidade é cheia de frescura e exhala um aroma a que o tempo não diminuiu a fragancia. E não é porque o pintor receasse ou ladeasse as difficuldades. O seu pincel como que as procurou, só para ter o gozo e o orgulho de resolvel-as. A sua galeria vae quasi de um extremo ao outro da nossa Historia. A Edade-

Media ou a Renascença são-lhe egualmente familiares. O Conde de Sabugosa — ou elle não fosse o digno herdeiro e continuador de illustres antepassados — move-se dentro da historia portugueza como na sua propria casa. Conhece-lhe todos os recantos e sabe conduzir-nos, com mão doce e firme, quer ás camaras obscuras onde decorreram dramas de amor e soffrimento, quer aos terraços luminosos de onde a vista descortina os mais vastos panoramas.

O retrato da *Ribeirinha,* a famosa amante de D. Sancho I, a Musa inspiradora do nosso primeiro Rei poeta, acolhe-nos logo de entrada, na sua brutal e capitosa belleza que nenhum dom de alma espiritualisa. Já é outro o encanto dessa D. Beatriz, irmã do primeiro Duque de Bragança, nascida nos primeiros alvores da gloria portugueza, e casada tão curiosamente em Inglaterra com um membro da illustre casa, que ainda hoje é a primeira da aristocracia ingleza, e tem como chefe o Duque de Norfolk. Mas, depois do rude idyllio medieval e da novella indecisa do seculo XV, eis que entramos nos esplendores da Renascença e fazemos intimo conhecimento com a Rainha D. Leonor, irmã de Carlos V, successivamente mulher do nosso rei D. Manuel e de Francisco I rei de França. Basta o encon-

tro destes grandes nomes nos nossos labios para evocarmos o victorioso Portugal dessa epocha, cuja historia se enlaça quotidianamente á das maiores nações da Europa. Carlos V sentou duas irmãs no throno portuguez e sentou uma princeza portugueza no seu proprio throno. Uma das suas filhas foi a mãe do nosso rei D. Sebastião...

O Conde de Sabugosa detem-se com prazer visivel no reinado do Rei venturoso e na convivencia da sua culta e sumptuosa côrte. Lendo estas paginas, em verdade, não só temos a visão dos gloriosos *tempos idos,* como chegamos a esquecer que entre o que fomos e o que somos ha um abysmo só transposto pela nossa saudade. Sente-se que se o autor deste livro, em vez de ter nascido no fim de um seculo que nos foi cruel, tivesse occupado, na guerra, na côrte, nas emprezas de Africa ou das Indias, ou *da Ribeira nos reaes serões,* o logar de qualquer dos seus avós, elle seria então, como hoje (mas com mais justo desvanecimento), *da fina flor da gente portugueza.* Homem de côrte ou de guerra, illustrar-se-ia ao lado dos que então mais se illustraram. Letrado e trovador, os seus epigrammas e madrigaes, as suas consultas nas *côrtes de amor,* brilhariam hoje entre as mais finas dos velhos cancioneiros. Assim, ao vel-o agora

retratar com tão fiel nitidez as filhas de El-Rei D. Manuel, tem-se a illusão de que elle as conheceu e tratou de perto. Encanta-nos a figura da Infanta D. Beatriz, futura duqueza de Saboya, a lendaria inspiradora dos versos de Bernardim Ribeiro. Seduz-nos a da Infanta D. Maria, uma das mais notaveis mulheres da sua epocha, flor de civilisação e de elegancia cujo perfume impregnou toda a vida mundana e intellectual portugueza. E logo encontramos, já na côrte de D. João III, a linda fidalga D. Francisca de Aragão, a quem Camões e Andrade Caminha consagraram alguns dos seus mais apaixonados versos, e que veiu a casar com um filho de S. Francisco de Borja.

Os tres ultimos capitulos do livro occupam-se de El-Rei D. Sebastião e das princezas com quem se projectou casal-o, da Infanta D. Catharina, que foi Rainha de Inglaterra, levando em dote Bombaim e Tanger, e da Infanta D. Isabel, filha de D. Pedro II, a *Sempre-Noiva,* a cuja mão todos os Principes da Europa aspiraram, emquanto ella foi a herdeira do throno, e que afinal morreu moça e solteira. São talvez, para mim, as melhores paginas das *Donas de tempos idos,* as que encerram mais pontos de vistas novos e assumem proporções de importantes quadros da nossa historia. Ao

lel-as mais de uma vez pensei na obra do eminente escriptor francez G. Lenôtre, na sua interessantissima serie das *Vieilles maisons, vieux papiers.* Tambem elle, como o Conde de Sabugosa, conta e revive a Historia com a despretenção de quem conta ligeiras historias. Ambos são mestres na sua arte, com a vantagem, para o nosso illustre compatriota, de ter creado na nossa moderna litteratura um genero novo e encontrado um filão de que espero continue a extrahir, para sua gloria e nosso deleite, as mais ineditas preciosidades.

CXXIII

O general Lyautey compareceu ha dias perante a commissão dos negocios estrangeiros do Palais-Bourbon, afim de lhe expor o seu programma de organisação do protectorado francez em Marrocos. Lendo esse magistral relatorio, mais uma vez me persuado de que a França governa com muito mais acerto as suas colonias do que a propria metropole. A politica interna da grande Republica adopta

e recommenda theorias que a sua politica colonial não hesita em pôr de lado.

Por exemplo:

O general Lyautey reconhece que um dos meios mais efficazes de attrahir a população marroquina, e de obter a sua indispensavel collaboração, consiste em respeitar escrupulosamente as suas crenças religiosas. Os dois sultões depostos, Muley Abdel Aziz e Muley Hafid, perderam todo o prestigio, desde que se mostraram seduzidos pelos costumes da Europa e cumpriram com negligencia os preceitos da sua fé. Por isso a França quiz agora que a proclamação do novo sultão Muley Yusef fosse rodeada de todas as ceremonias prescriptas pelo rito mussulmano, e particularmente recommendou a Sua Majestade Cherifiana que seja um soberano orthodoxo, temente a Allah, insuspeito de predilecções europeias, respeitador das tradições e até dos preconceitos do seu povo. Se o bravo Muley se deixasse deslumbrar, como os seus predecessores, pelas maravilhas da civilisação franceza, e trocasse o seu velho Alcorão pela Declaração dos Direitos do Homem, ou simplesmente pela leitura dos discursos do sr. Jaurès, a França não hesitaria em chamal-o á ordem, explicando-lhe que livre-pensamento e socialismo não são artigos de exportação.

Em summa, a França radicalissima deseja ter no Moghreb um Sultão impeccavelmente reaccionario. Portanto a França reconhece que a efficacia das demolições revolucionarias não é universal, e que a religião e a tradição são forças sociaes poderosas e instrumentos de influencia inapreciaveis. Julga perfeitamente possivel (e só o contrario lhe parece absurdo) encaminhar um povo para o progresso e para a prosperidade, sem alterar as bases seculares da sua estructura moral. Admitte que o commercio e a industria, a paz e o trabalho, não são incompativeis com quaesquer crenças, e que a directriz no governo de um povo é traçada, antes de tudo, pela sua propria historia.

Porque será então que o mesmo governo, que em Marrocos se associa a Allah para melhor governar, em França se sujeita tantas vezes a passar por um Anti-Christo e procura destruir e desprestigiar, em vez de attrahil-as, as forças tradicionalistas da nação? Porque motivo são os nacionaes tratados, neste ponto, com menos tacto e respeito do que os estrangeiros? Os governos de outr'ora eram mais logicos. Impunham a sua fé dentro de fronteiras, mas impunham-na com maior energia ainda, pelo ferro e pelo fogo, aos povos que conquistavam. Mas agora podemos nós ver o general Lyautey, que em França se absteria

decerto officialmente de entrar em contacto com os representantes da fé christã (apesar della ser a da grande maioria dos seus compatriotas) constituir-se em Marrocos o protector zeloso do islamismo e uma especie de Espirito-Santo da trindade formada por Allah-Pae e Mahomet-Filho.

Não encontro senão uma explicação para este apparente enygma. É que o doutrinarismo politico da França é uma religião nova, de que os seus governos são pontifices militantes. Portanto a fé oppõe-se á fé e vê na fé alheia a fé inimiga. Governar deixa assim de ser irradiar imparcialmente, como luz solar, sobre a nação inteira, utilisando e fecundando todas as suas forças. O poder encontra-se permanentemente em pé de combate. Attrahir, agradar, conciliar, tolerar, são signaes de fraqueza perante o inimigo. Em resumo: a França encontra-se habitualmente em guerra comsigo mesma e apenas em paz... com as suas colonias!

CXXIV

A Suissa, paiz de trabalho incessante, é tambem um paiz de muitas festas. É legitimo que cada semana laboriosa dê direito a um dia de distracção e descanso. Mas é coisa interessante como o divertimento dos que bem trabalham se parece pouco com o dos vadios. A Suissa, que é uma nação essencialmente didactica, até com as suas festas se propõe ensinar. Todas ellas teem um objectivo util, todas se filiam numa sã tradição, todas são organisadas com escrupuloso methodo. Estamos muito longe das romarias e folias, aliás tão pittorescas, de Portugal, de onde cada qual volta a casa mais inimigo de trabalhar e com a noção do dever mais obscurecida. O Estado helvetico, penetrado da sua missão educadora, soube canalisar e nortear os instinctos populares, torrente sempre perdularia, dando-lhes emprego que, nem por ser agradavel, deixa de ser fecundo.

Pode assim dizer-se que todos os divertimentos populares na Suissa teem um caracter espontaneamente patriotico. E isso não lhes tira a originalidade nem o encanto. O bom

suisso, quando outras distracções o não sollicitam, passa o seu domingo exercitando-se no tiro ao alvo. É o *sport* nacional. Pelas aldeias ouve-se, em todas as direcções, essa fuzilaria de paz, graças á qual cada cidadão se transforma num soldado sem custar um real ao thesoiro. As festas publicas são organisadas por sociedades fiscalisadas e ás vezes subsidiadas pelo Estado. Ha festas *cantonaes* e festas *federaes*. Sabendo-se que a Suissa tem vinte e dois cantões, não é preciso accrescentar que raro é o domingo de verão sem festa.

Concursos de tiro, de canto coral, de lucta athletica e de gymnastica, grandes concertos populares, commemorações, cortejos ou representações dramaticas de reconstituição historica *(festspiele)*, eis o programma habitual das festas suissas. Assim enunciadas, parecem semsabores. Mas a verdade é que todas ellas tomam o aspecto e teem a animação de alegres romarias. Em vez das tendas e *retiros* desordenados das nossas feiras, levanta-se no local da festa um immenso barracão, onde alguns milhares de pessoas se banqueteiam a um tempo, com tanto enthusiasmo e appetite como ordem, representando essa cantina monstro a solução de um problema complexo como o do abastecimento de um exercito em campa-

nha. Os luctadores que voltam victoriosos do concurso, com a corôa de loiros cingindo-lhes a copa do chapeu de palha, rodeados de amigos e visinhos, entoando córos patrioticos ao longo das estradas, não parecem divertir-se menos que os nossos romeiros, embora falte á sua viril alegria a languidez moira das banzas e descantes da nossa terra.

Cada festa se apoia numa tradição e representa um velho habito collectivo. O Tempo é o seu principal autor. Foi porisso facil enlaçal-as á propria historia nacional, quando della expressamente não derivassem, e encaminhar os passos cegos da multidão por tal maneira, que hoje a ideia da Patria sobrepõe-se naturalmente a quaesquer outras, e é ella que enthusiasma e excita cantores e gymnastas, conscientes de que collaboram numa obra maior do que elles, e sentindo-se todos naquelle estado ideal de espirito em que o prazer e o dever se não distinguem um do outro.

Os *festspiele* são verdadeiras lições de historia suissa para proveito do povo. Os cortejos ou as peças dramaticas são organisados a rigor, com fidelidade. Não se olha a despezas para lhes dar o maior brilho e realce. É profunda a influencia destas grandiosas commemorações na educação da alma popular. Basta

pensar na attenção que a Egreja catholica, que conhece todos os cantos do coração humano, consagrou sempre ás celebrações e festas religiosas. O patriotismo suisso, grave e ardente, é um dos resultados desta sabia cultura.

As festas *federaes,* que nasceram com a actual organisação politica do paiz, teem ainda outro proveito. Ajudam ellas a corrigir os excessos do espirito particularista dos cantões, ao quaes um passado de independencia ciosa e de descentralisação illimitada preparou mal para a acceitação dos sacrificios impostos pela solidariedade federal. A *patria chica* dos hespanhoes é ainda a predilecta de muitos corações. Não é pois inutil que o povo, sem perder o amor das suas regalias, adquira a noção intensa e concreta da Patria suissa a que hoje pertence. E as festas federaes, misturando, numa convivencia estreita de alguns dias, cidadãos de todos os pontos do paiz, como liquidos differentes no mesmo vaso, facilitam e apuram a progressiva fusão. No *tiro federal,* que é hoje a grande festa nacional da Suissa, e que se celebra todos os tres annos, cada vez num cantão differente, é de uso que o presidente da Confederação, que tão raras occasiões tem de *se mostrar,* em carne e osso, á nação, suba á tribuna da colossal « cantina de festa » e de ali se dirija ao seu

immenso auditorio, submettendo-lhe o programma politico e administrativo do governo federal. Assisti ha annos a essa scena grandiosa, no tiro de S. Gall. E quando, ao terminar o seu discurso, o Presidente, levantando a taça de prata, exclamou: *A la Patrie Suisse, qu'elle vive!* o grito prodigioso que lhe respondeu, feito de milhares de gritos, penetrou-me até ao fundo da alma. Mais uma vez o patriotismo suisso me pareceu ter a uncção e o mysticismo de uma fé.

CXXV

A grande Rainha D. Philippa de Lencastre, mulher de D. João I, estava a morrer de um ataque de peste quando o Rei de boa memoria e os « altos Infantes » iam partir para a conquista de Ceuta. Mas nem por isso a Rainha consentiu que se addiasse a expedição. Desejou apenas entregar em pessoa a seus filhos as tres espadas, ricamente guarnecidas de oiro, aljofares e pedras preciosas, que tempos antes para elles encommendára, e com as quaes pedira a seu marido que os armasse cavalleiros.

O quadro da entrega das espadas já não é infelizmente Fernão Lopes quem nol-o pinta. Mas mesmo a linguagem fria de Azurara não consegue encobrir-nos o encanto da scena, que sempre se me affigurou uma das mais poeticas e evocadoras da incomparavel historia portugueza. Não entendo que ella não inspirasse ainda, que eu saiba, nenhum dos nossos poetas. E confesso que a minha lyra enferrujada não renunciou á esperança de a pôr em verso. Por agora resumil-a-ei aqui em desmaiada prosa, já que o acaso me collocou hoje mais uma vez debaixo dos olhos o capitulo, tantas vezes relido, da chronica de Azurara.

Estava D. Philippa no seu leito, que poucos dias depois seria de morte. Rodeavam-na os tres Infantes: D. Duarte, o futuro Rei, D. Pedro, a futura victima de Alfarrobeira, e D. Henrique, o futuro inspirador das navegações e dos descobrimentos. Tres grandes homens authenticos, dos quaes o ultimo é uma das figuras universaes da nossa historia. A Rainha recebeu das mãos de João Vasques de Almada as tres espadas, e fazendo signal aos filhos para que se acercassem, tomou a maior dellas e entregou-a a D. Duarte, a quem disse:

— « Meu filho, eu vos dou esta espada e vos encommendo que vos seja espada de jus-

tiça, para regerdes os grandes e os pequenos destes reinos, depois que a Deus prouver que sejam em vosso poder, por fallecimento de el-rei vosso padre. Eu vos encommendo seus povos e vos rogo que com toda a fortaleza sejaes sempre a elles defensão, não consentindo que lhes seja feito aggravo, mas a todos cumprimento de direito e justiça. E vêdes, filho, como digo justiça, justiça com piedade... Eu vos rogo e encommendo que queiraes ser cavalleiro com esta espada, a qual eu vos dou com a minha benção e de vossos avós de onde eu descendo... E como quer que seja coisa embaraçosa, os cavalleiros tomarem armas das mãos das mulheres, não queiraes ter acerca desta qualquer escrupulo, porque della vos não virá nenhum damno... »

O infante D. Duarte, com grande obediencia, poz os joelhos em terra e beijou a mão a sua mãe, promettendo cumprir o que ella assim lhe mandava. E a Rainha, depois de ter alçado a mão para lhe deitar a benção, tomou a outra espada, chamou o infante D. Pedro e disse-lhe:

— « Meu filho, por que sempre desde a meninice vos vi muito chegado á honra e serviço das donas e donzellas, e porque a vosso irmão encommendei os povos, encommendo-as a ellas a vós, como coisa que especialmente deve ser encommendada aos cavalleiros... »

Emfim chegou a vez do infante D. Henrique, o favorito da Rainha, aquelle em cujas veias decerto correu a melhor parte do seu sangue inglez. D. Philippa sorriu de satisfação ao dizer-lhe:

— « Meu filho, chegae-vos para cá. Bem vistes a repartição que fiz das outras espadas que dei a vossos irmãos, e esta terceira guardei para vós, a qual eu tenho que assim como vós sois forte, assim é ella, e porque a um de vossos irmãos encommendei os povos, e a outro as donas e donzellas, a vós quero eu encommendar todos os senhores cavalleiros, fidalgos e escudeiros deste reino, os quaes, posto sejam todos de el-rei, haverão mister da vossa ajuda, pois muitas vezes acontece que por informações falsas e requerimentos sobejos dos povos, os reis fazem contra elles o que não devem... »

Não perca de vista o leitor que em toda esta historia, se o gesto é de D. Philippa, a linguagem e o arranjo são apenas do chronista Azurara, cuja imaginação não ia longe. Fernão Lopes teria dado outro relevo ao dialogo. Entretanto é interessante notar que, na repartição dos encargos, coube ao futuro Rei a justiça dos povos e se guardou para o fim a dos fidalgos e cavalleiros. Uma rainha dos nossos dias democraticos não teria mais escrupulosa e acertada consciencia dos seus deveres.

Quem poderá affirmar, em face destas palavras, que « o povo », no sentido moderno, não existia na Edade-Media, se até pareceu preciso proteger os fidalgos contra o exagero das queixas populares?

De toda a maneira, as tres espadas da egregia Rainha, protectoras do villão, da mulher e do cavalleiro, são profundamente symbolicas. Não são espadas de martyrio e dor, como as sete que atravessam o coração da Virgem. De espadas de guerra que eram, bastou a benção de aquella Mãe na agonia para transformal-as em espadas de amor, de civilisação e de justiça. Por isso os seus golpes não fizeram sangue, fizeram luz. E uma dellas sobre todas, empunhada pela mão firme do Infante navegador, rasgou as trevas que nos encobriam metade do Mundo, e inundou toda a historia humana de um clarão que ainda hoje deslumbra os nossos olhos!

FIM

INDICE

	Pag.
Prologo	5
I — Pombo de abertura	9
II — Julio Diniz	12
III — A neve e a areia	15
IV — Arvores de Natal	16
V — A guerra europeia	18
VI — Curas de juizo na Suissa	22
VII — « Bitte Füsse reinigen ! »	26
VIII — Vida e morte de um ministro suisso	29
IX — Em defeza da Italia	33
X — O Imperador da India	37
XI — Anno novo em Berlim	40
XII — A musica de Wagner	43
XIII — Os Algarves de alem-mar	47
XIV — A revolução chineza	50
XV — « Les Folies-Bourbon »	55
XVI — Theoria do feminismo	59
XVII — Conde de Penha Garcia	63
XXIII — Amos e creados	67
XIX — Rehabilitação de D. João VI	74
XX — O calor e o frio	78

Pag.
XXI — Bilhetes postaes illustrados . . . 83
XXII — Museus do mau gosto 86
XXIII — Terreiro do Paço... suisso . . . 90
XXIV — Fórmas de governo e fôrmas de governo 93
XXV — Quem acode ao parlamentarismo?. . 97
XXVI — As *landsgemeinden* suissas 100
XXVII — O rei da Bulgaria. 104
XXVIII — Sua Majestade a Imprensa . . . 107
XXIX — « Les Portugais... ne sont pas gais! ». 110
XXX — Uma exposição de pombos-correios . 114
XXXI — Uma barbeira em Berlim 118
XXXII — A Celeste Republica 121
XXXIII — Fé e boa-fé 125
XXXIV — A exposição da « Meza posta » . . 127
XXXV — Anecdotas japonezas 132
XXXVI — Anthero de Quental em versos francezes. 135
XXXVII — « Rabichotomia » chineza . . . 141
XXXVIII — A aguia romana na Libya. . . 144
XXXIX — A musica na Allemanha. . . . 148
XL — As milicias suissas 150
XLI — A ilha de Creta 156
XLII — A greve negra 160
XLIII — Barão do Rio Branco 165
XLIV — Sentenças de Confucio. 168
XLV — Emile Verhaeren 173
XLVI — Religião e atheismo de Estado . . 177
XLVII — Declaração... dos Deveres do Homem 181
XLVIII — Inglezes e francezes. 184
XLIX — Portugal-Brazil. 187
L — Martens e Ruy Barbosa 189
LI — Um poema a escrever. 193
LII — Coimbra ha vinte annos 196

Pag.
LIII — O missionario Roosevelt 199
LIV — Domingo de Paschoa 204
LV — Juizo demais 206
LVI — Dois poetas 209
LVII — Um Messias grego 212
LVIII — Philosophia de um naufragio . . . 216
LIX — O « deficit » na Suissa 219
LX — Uma hora com Dreyfus 222
LXI — Antonio Nobre 228
LXII — Duas linguas nacionaes 231
LXIII — O futuro do cinematographo . . . 233
LXIV — Portugal baratissimo 235
LXV — Psycologia do anarchismo 239
LXVI — Vão-se os doutores! 242
LXVII — Anatole France em Marrocos . . 245
LXVIII — O que é a diplomacia? 248
LXIX — Antonio Feijó 251
LXX — A minha gata 254
LXXI — Um pingo de tocha! 256
LXXII — Contra a lingua universal . . . 259
LXXIII — Na conferencia da Haya. . . . 263
LXXIV — Cesar e João Fernandes. . . . 265
LXXV — O celibato do clero 268
LXXVI — Gaiolas doiradas. 271
LXXVII — A Convenção de Chicago . . . 273
LXXVIII — O que é a felicidade? 276
LXXIX — Para a historia de Tanger . . . 278
LXXX — O perigo allemão no Brazil . . . 282
LXXXI — A Vida e a Morte 284
LXXXII — Hymno ao Mar 287
LXXXIII — Cosinha nacional 291
LXXXIV — Os nomes das ruas. 294
LXXXV — Prosperidade e dinheiro . . . 297
LXXXVI — As condecorações em França . . 300

Pag.
LXXXVII — A constituição sueca 304
LXXXVIII — O grande Mikado. 307
LXXXIX — Palavras loucas... 311
XC — A centralisação, eis o inimigo! . . . 314
XCI — Oliveira Martins. 316
XCII — O chiar dos eixos 319
XCIII — O chapeu alto na China 321
XCIV — De billionario a mendigo 323
XCV — A conquista da Galliza 326
XCVI — A dynastia dos Rothschild . . . 330
XCVII — Anthero de Figueiredo 336
XCVIII — Ler e tresler 340
XCIX — Guilherme II na Suissa 342
C — O dia de annos do *Times*. 344
CI — Arvore e meia-arvore 348
CII — Em viagem com Anatole France. . . 350
CIII — O Barão Marschall 354
CIV — Ainda o Barão Marschall. 357
CV — A edade da Suissa 360
CVI — As creanças no norte 363
CVII — A nona cruzada. 365
CVIII — O livro de um Principe brazileiro . . 369
CIX — Um livro de Anatole France . . . 373
CX — A derrota dos Turcos. 379
CXI — Uma lição helvetica. 383
CXII — Apostas e promessas 385
CXIII — Pobres e ricos na Suissa 388
CXIV — A profissão politica 391
CXV — A Montanha e o Mar 393
CXVI — Na conferencia da Haya 397
CXVII — Por ares nunca de antes navegados... 400
CXVIII — Macau antiga e moderna. . . . 402
CXIX — Portugal em Hespanha. 407

Pag.
CXX — Na conferencia da Haya 410
CXXI — Os bailados russos. 416
CXXII — Conde de Sabugosa 420
CXXIII — Allah e o general Lyautey . . . 424
CXXIV — Festas na Suissa 428
CXXV — As tres espadas 432

INDICE ALPHABETICO

DOS NOMES DE PESSOAS A QUE SE FAZ REFERENCIA NESTE VOLUME

A

Adam (Paul), 198.
Affonso de Albuquerque, 38, 188, 194.
D. Affonso Henriques, 105, 266.
Affonso Lopes Vieira, 209, 211, 212.
Agostinho de Campos, 5.
Andrade Caminha, 423.
D'Annunzio (Gabriele), 198.
Anthero de Figueiredo, 337, 338, 339.
Anthero de Quental, 137, 138, 139, 140.
Antonio, 115.
Antonio Correia d'Oliveira, 209, 210, 211, 212.
Antonio Feijó, 251, 252, 253.
Antonio Ferreira, 339.
Antonio Nobre, 197, 199, 228, 229, 230, 258.
Antonio Vieira (Padre), 167.
Apelles, 260.
Asquith, 161.
Azurara, 433, 435.

B

Balzac (Honoré de) 194, 324.
Barrés (Maurice), 198, 199, 337.
Bartholomeu de Gusmão, 400.

Bartet (Madame), 56.
Baudelaire (Charles), 141.
Baudin (Pierre), 97.
Beatriz (D.), 421.
Bédier (Joseph), 337.
Beethoven, 290, 320.
Bernardim Ribeiro, 111, 423.
Bertillon, 267.
Bethmann-Hollweg, 22.
Bismarck (Principe de), 21, 93, 95, 354, 355, 356, 366.
Bluntschli, 359, 360.
Boabdil, 367.
Bonnot, 239, 241.
Bourgeois (Léon), 55.
Briand (Aristide), 55, 57.
Bruto, 115.
Bryan, 386.
Bülow (Principe de), 64, 98, 99.
Burns (John), 39.

C

Caillaux (Joseph), 57.
Camillo Castello Branco, 278.
Camões, 66, 111, 166, 167, 188, 194, 400, 404, 423.
Cardeal Mathieu, 268, 269, 271.
Carlos II de Inglaterra, 280.
Carlos V, 421, 422.
Caruso, 57.
Castilho, 79.
Cleopatra, 419.
Clemenceau (Georges), 159, 225.
Comtesse (Robert), 179.
Conde d'Arnoso, 131.
Conde de Castello Melhor, 328, 329.
Conde da Ericeira, 48.

Conde de Penha Garcia, 63, 64, 65, 66.
Conde de Sabugosa, 325, 420, 421, 422, 424.
Confucio, 123, 169, 170.
Creso, 331.

D

Dante, 46, 164.
Debussy, 419.
Delcassé (Th.), 55.
Demolins (Edouard), 243.
Dernburg, 64.
Descartes, 12.
Deschanel (Paul), 56.
Dickens (Charles), 12, 13.
Dreyfus (Alfred), 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228.
Droz (Numa), 275, 276.
D. Duarte, 433, 434.
Duque de Alba, 195.
Duque de Aosta, 146.
Duque de Bragança, 421.
Duque de Genova, 146.
Duque de Norfolk, 421.

E

Eça de Queiroz, 59, 105, 131, 138, 197, 353, 354.
Eduardo VII, 39, 335.
Esterhazy, 226, 227.
Eugenio de Castro, 197, 257, 339.

F

Fallières (Presidente), 108.
Fernando I da Bulgaria, 104, 105, 107, 367.
Fernão Lopes, 410, 433, 435.
Fernão Mendes Pinto, 321, 404.
Ferrero (Guglielmo), 318.
Forain, 158.

Forrer (Presidente), 154.
France (Anatole), 245, 246, 247, 350, 351, 352, 353, 354, 373, 374, 375, 377, 414, 415.
Francisco I, 421.
D. Francisca de Aragão, 423.
S. Francisco de Borja, 423.

G

Casa Garnier, 137.
Garnier, 239, 241.
Garrett, 295, 296.
Gautier (Théophile), 419.
General Lyautey, 424, 425, 426.
Gil Vicente, 209, 319.
Giolitti, 147.
Godofredo de Bouillon, 367.
Guechoff, 411.
Grey (Sir Edward), 22.
Guerra Junqueiro, 138, 197, 259.
Guilherme II, 153, 342, 343, 344, 354, 360, 361, 362.
Guitry, 56.
Gustavo IV, 305.

H

Hegel, 149.
Heine (Heinrich), 212.
Henrique IV, 385.
Hintze Ribeiro, 167.
Huber (Prof.), 137.

I

D. Ignez de Castro, 199, 337, 338, 339.
Imperador D. Pedro I do Brazil, 187.
Imperador D. Pedro II do Brazil, 372.
Imperador da China, 51.
Imperador Constantino, 367.

Imperatriz da China, 51.
Imperatriz da Russia, 271.
Infanta D. Beatriz, 423.
Infanta D. Isabel, 423.
Infanta D. Maria, 423.
Infante D. Henrique, 49, 116, 194, 318, 433, 435, 436.
Infante D. Pedro, 433, 434.

J

Jaurés (Jean), 185, 361, 363, 425.
Jayme II de Inglaterra, 281.
Jayme de Séguier, 346.
D. João I, 105, 194, 195, 432.
D. João II, 195, 318.
D. João III, 423.
D. João VI, 77.
João Vasques de Almada, 433.
Joaquim Nabuco, 165, 166, 202.
Jorge V, 38, 108.
Julio Diniz, 13, 14.

K

Kant, 149.
Dr. Kriege, 358.

L

Lenôtre (G.), 424.
Lloyd George, 20.
Loebel (von), 64.
Loti (Pierre), 33, 247, 371.
Louis (George), 249.
Lucrecio, 212.
Luiz Philippe, 333.
Frei Luiz de Sousa, 167.
Luzzati, 186.

M

Maeterlinck (Maurice), 173, 198.
Mahomet V, 366, 367, 381.
Mallarmé (Stéphane), 198, 419.
D. Manuel I, 194, 421, 423.
Manuel Bernardes, 167, 253.
Marquez de Pombal, 239.
Marquez de Soveral, 265.
Marschall (barão de), 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360.
S. Matheus, 270.
Merimée (Prosper), 248.
Metternich, 333.
Millerand, 55.
Michelet, 194.
Milovanovitch, 410, 411, 412, 413, 414, 415.
Rei Minos, 158.
Montaigne, 375.
Montesquieu, 169.
Marvaud (Angel), 111.
Moysés, 184.
Muley Abdel Aziz, 425.
Muley Hafid, 425.
Muley Jusef, 425.
Murillo, 83.
Mutsu Hito Imperador do Japão, 307, 310.

N

Napoleão, 95, 240, 310, 314, 330, 332, 365, 378.
Nelidoff, 191, 263.
Nicolau II, 191, 271, 272, 334.
Nun'Alvares, 194.

O

Oliveira Lima, 74, 75, 77.
Oliveira Martins, 64, 197, 316, 317, 318, 366, 409.

P

Pawlowa (Anna), 419.
D. Pedro I, 337, 339.
D. Pedro II, 280, 423.
D. Pedro IV, 296.
Pedro o Ermita, 367.
Pelayo, 366.
Perrier (Louis), 179, 180.
D. Philippa de Lencastre, 432, 433, 434, 435, 436.
Philippe II, 195.
Pico de Mirandola, 252.
Picquart (coronel) 225.
Pio X, 268.
Poincaré (Raymond), 55, 58, 95.
Pompeu, 151.
Presidente Melgarejo, 371.
Principe D. Luiz d'Orléans-Bragança, 369, 371.

R

Rabelais, 375.
Rainha Alexandra de Inglaterra, 262.
Rainha D. Catharina, 423.
Rainha D. Leonor, 421.
Rainha Santa, 258.
Raul Lino, 212.
Rei da Grecia, 367.
Rei do Montenegro, 393, 394.
Renan (Ernest), 145, 247.
Rio Branco (Barão do), 137, 165, 166, 167, 168.
Robespierre, 378.
Rodenbach, 198.
Lord Rosebery, 37.

Roosevelt (Théodore), 199, 200, 201, 202, 203, 274, 341, 385, 386, 387.
Rossel (Virgile), 135, 136, 137, 138, 139. 140, 141.
Rostand (Edmond), 198.
Rothschild, 115, 330, 332, 334
Rothschild (Barão Affonso), 334.
» *(Anselmo),* 332, 333.
» *(Carlos),* 332, 333.
» *(Nathan),* 332, 333.
» *(Salomão),* 332, 333.
Roty, 158.
Roujon (Henri), 126.
Rubens, 83.
Ruskin, 84.
Ruy Barbosa, 165, 166, 190, 191, 192, 193, 227, 264.

S

Sá de Miranda, 253.
Salomão, 126, 330.
D. Sancho I, 421.
Santo Antonio, 388.
Santos Dumont, 400.
Scott, 264.
Schobinger (Joseph), 29, 30, 31.
D. Sebastião, 194, 422, 423.
Selves (De), 57.
Seippel (Paul), 94.
Severo, 400.
Shakespeare, 46, 99.
Dr. Solf, 64.
Stead, 356.
Steinlein, 158.
Storck (Wilhelm), 139.
Sully Prudhomme, 157.

T

Taft, 386, 387.
Taine (H.) 372, 374, 379.
Torquemada, 378.
Tcharykoff, 189, 190, 191, 192, 193.

V

Vasco da Gama, 38, 194.
Venizelos, 156, 213, 215, 368.
Verhaeren (Emile), 173, 174, 175, 176.
Verlaine (Paul) 198.
Verne (Jules), 308.
Victor Emanuel III. 147.
Voltaire, 375.

W

Wagner (Richard), 43, 44, 45, 46, 290, 337, 417, 418.
Wilson (Presidente), 386, 387.
Wood, 215.

Y

Yuan Chi Kai, 52, 121, 122, 124.

Z

Prof. Zorn, 358.

ERRATAS

Pagina	Linha	Onde se lê :	Leia-se :
45	14	*no nosso ser*	*do nosso ser*
58	16	*modelos typicos*	*modelos topicos*
83	3	*a que ponto*	*até que ponto*
100	6 e 18	*landsgemeinde*	*landsgemeinden*
108	12	*capaz de*	*propria para*
110	8	*exprobando-se*	*exprobrando-se*
125	4	*psycologia humana*	*psycologia politica*
139	14	*é o da sinceridade*	*é a da sinceridade*
249	28	*uma estrella.*	*uma boa estrella.*
»	»	*Nem ter ideias*	*Nem o ter ideias*
285	24	*assassinatos*	*assassinios*
288	18	*marinho*	*maninho*
290	22	*de mar*	*do mar*
306	11	*das horas*	*das honras*
328	14	*de França*	*da França*
340	12	*pertenceu*	*pertenceram*
344	5	*e cortezãos*	*a cortezãos*
368	7	*balkanica*	*balkanicas*
373	7	*um como chumaço*	*um como que chumaço*
380	6	*fonte de vida*	*fontes de vida*
381	25	*em defeza das.*	*a defender as.*

N. B. — Alem destes lapsos seria facil encontrar desharmonias de pontuação, de ortographia, e até de linguagem, a que só uma cuidadosa revisão teria podido dar remedio. A distancia a que o autor se achava de Coimbra, onde o volume foi impresso, obrigou-o a contentar-se com uma revisão precipitada e summaria. E porisso mais uma vez se appella para a indulgencia do leitor.

BINDING SECT. FEB 28 1968

PQ
9261
O45P6

Oliveira, Alberto de
Pombos-correios

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 08 13 012 0